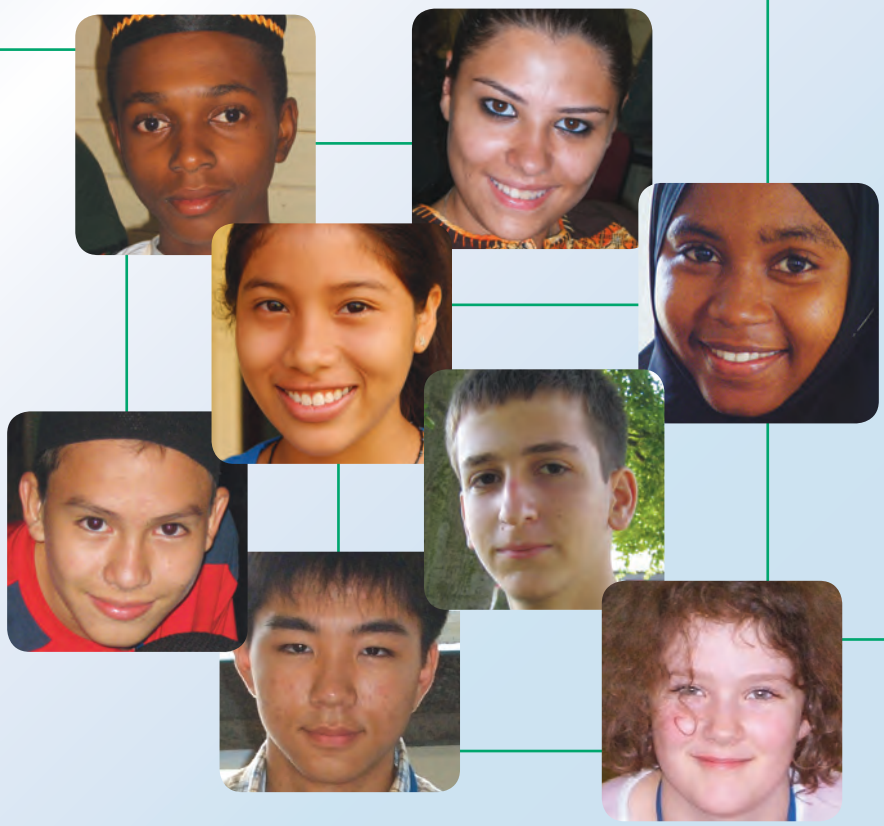
Arigatou Foundation
G N R C

Interfaith Council on Ethics Education for Children

Aprender a Viver Juntos

Um Programa Intercultural e Inter-religioso para a Educação Ética



-> Indice

United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization

unicef

Aprender a Viver Juntos

Um Programa Intercultural e Inter-religioso para a Educação Ética

Conselho Inter-religioso de Educação Ética para as Crianças

Rede Global de Religiões pelas Crianças

Fundação Arigatou

Com a colaboração e o aval da UNESCO e do UNICEF

A Secretaria do Conselho Inter-religioso aceita solicitações de permissão para reproduzir e traduzir este livro, em parte ou na sua totalidade. Solicitações e perguntas devem ser dirigidas à Arigatou Internacional, 1 rue de Varembé, 1202, Genebra, Suíça, que poderá fornecer informações atualizadas sobre eventuais alterações feitas no texto.

Concepção, diagramação e ilustrações por services-concept.ch e a Secretaria do Conselho Inter-religioso (Genebra).

Manifestamos nossa apreciação e nossos agradecimentos à Pastoral da Criança e seus parceiros, sob a liderança da Dra. Zilda Arns Neumann, por sua contribuição para a tradução e produção dos CDs da versão em português.

Este livro também pode ser consultado e obtido por download no seguinte site:
http://www.ethicseducationforchildren.org

© Fundação Arigatou 2009. Versão original em inglês 2008. ISBN: 978-92-806-4463-0

Índice

Aprender a Viver Juntos

A infância e a educação ética **1**
Como *Aprender a Viver Juntos* foi desenvolvido 1
Onde *Aprender a Viver Juntos* pode ser usado 2
A infância como obrigação ética coletiva 3
Crianças: um presente e uma responsabilidade 4
As crianças aprendem o que vivem 5
Educação ética e direitos humanos 6
Ética e educação ética **7**
Ética, valores e moral 8
A ética trata das relações 8
Existem valores perenes? 9
Princípios éticos e valores fundamentais para a educação ética 10
A capacidade de escolher: o melhor presente e a responsabilidade mais difícil 10
Salvaguardar e defender a dignidade humana 11
Respeito e compreensão mútua 11
Empatia e a capacidade de "se colocar no lugar do outro" 12
Responsabilidade individual e coletiva 13
Reconciliação e a abordagem de construção de pontes 13
A educação ética 14
Uma mesma natureza humana **15**
Expressões concretas da nossa natureza humana comum 15
Um mundo religiosamente plural **16**
Recursos religiosos para uma vida ética 16
Quatro dimensões da responsabilidade 16
O religioso e o leigo 17
Aprender em relação aos outros 17
Rezar juntos ou juntar-se para rezar 18
Espiritualidade **19**

Seção 1 Guia do Usuário 21

Alcance e objetivo **21**
Os Módulos de Aprendizagem **21**
Quatro valores 22
Os módulos 23
Nutrir os jovens para que desenvolvam sua espiritualidade inata 24
Educadores e facilitadores – o centro do processo de aprendizagem 24
Processo e diretrizes para a aprendizagem **25**
Metodologias **27**
Metodologias sugeridas 28
Técnicas sugeridas 29

Criar o ambiente apropriado **32**
Ser um modelo de conduta 32
Primeiros passos aos Módulos de Aprendizagem **33**
Com quem *Aprender a Viver Juntos* deve ser utilizado? **35**
Onde *Aprender a Viver Juntos* pode ser utilizado? **35**
Quem pode utilizar *Aprender a Viver Juntos*? **36**
Folheto para os participantes **37**
O que posso fazer se… **38**
Não tenho um grupo religiosamente diverso 38
Quero abordar questões sociais em vez de questões religiosas 38
Há tensões no grupo devido às diferenças religiosas 39
Os participantes foram expostos a situações violentas 40
Os temas da oficina provocam dificuldades emocionais entre os participantes 41

Seção 2 Os Módulos de Aprendizagem **43**

Módulo 1: Compreensão de si mesmo e dos outros **44**
Valorizar a diversidade 45
Reconhecer a si mesmo em relação aos outros 45
Uma mesma natureza humana 46
Podemos nos relacionar bem? 46
Colocar-se no lugar dos outros 47
Responder às necessidades de compreensão mútua 47
Módulo 2: Transformar o mundo juntos **48**
O que acontece quando não conseguimos nos respeitar mutuamente? 49
Compreender os conflitos, a violência e as injustiças que me rodeiam 49
A paz começa comigo mesmo 50
Alternativas não violentas 50
Caminho da reconciliação 51
Construir pontes de confiança 51
Trabalhar juntos para transformar o mundo 52

Seção 3 Monitoração dos progressos **53**

Caderno de aprendizagem **53**
Métodos para avaliar a aprendizagem dos participantes **54**
Modelo “Entre Pares” 55
Modelo de “Compartilhamento com o Grupo” 56
Modelo “O Mundo e Eu” 57
Modelo do “Mentor” 58
Modelo do “Quadro de Verificação” 59
Modelos de avaliação rápida para “medir a temperatura” **60**
Avaliação do impacto **61**

Seção 4 Atividades 63

Tabela de atividades **63**

Seção 5 Recursos 123

Histórias **123**
Estudos de casos **138**
Dilemas morais **143**
Filmes e vídeos **149**
Músicas **156**
Poemas **159**
Orações pela paz **167**
Dramatização **175**
Cartões de notícias de paz **177**
Resumo da Convenção dos Direitos da Criança **179**
Resumo da Declaração Universal dos Direitos Humanos **182**
Como dobrar um grou de papel **183**

Seção 6 Assim fizemos 187

Seção 7 Referências 219

Recursos **219**
- História 219
- Poemas 219
- Orações pela paz 220
- Estudos de casos 220
- Dilemas morais 220
- Material de apoio para as atividades 220
- Reconheciminetos e referências para as atividades 221

Glossário **222**
Acrônimos **224**
Lista dos membros do Conselho Inter-religioso **225**
Lista dos membros do Comitê do Conselho Inter-religioso **226**
Coordenadores da GNRC **227**

Anexos **228**
- Formulário de avaliação 228
- Matrizes para a avaliação do impacto 230

Agradecimentos

Aprender a Viver Juntos beneficiou-se do apoio de muitas instituições e amigos. Agradecemos às muitas organizações, especialistas, autores, revisores informais, assessores, consultores, voluntários, funcionários e à Secretaria do Conselho Inter-religioso, cujo compromisso e dedicação tornaram esta publicação possível.

O Conselho Inter-religioso de Educação Ética para as Crianças

Assessor honorário: Sua Alteza Príncipe El Hassan bin Talal.

Membros do Conselho: A. T. Ariyaratne, Adolfo Perez Esquivel, Kul Gautam, Hans Küng, Bibifatemeh Mousavi Nezhad, Alice Shalvi, Didi Athavale Talwalkar, Anastasios Yannoulatos, Nour Ammari e Emanuel Mathias.

Membros do Comitê: Hasan Abu Nimah, Swami Agnivesh, Charanjit AjitSingh, Farida Ali, Ibrahim Al-Sheddi, Kezevino Aram, Wesley Ariarajah, Alicia Cabezudo, Meg Gardinier, Andres Guerrero, Magnus Haavelsrud, Heidi Hadsell, Vinod Hallan, Stuart Hart, Azza Karam, Method Kilaini, Marlene Silbert, Hans Ucko, Deborah Weissman e Sunil Wijesiriwardhana.

Rede Global de Religiões pelas Crianças (GNRC)

Coordenadores: Mustafa Ali, Vinya Ariyaratne, Razia Ismail, Marta Palma, Mercedes Roman, Qais Sadiq, Dorit Shippin e seus colaboradores nas regiões.

Membros da GNRC nas regiões.

Secretário-Geral Atsushi Iwasaki e colegas na Secretaria da GNRC em Tóquio.

Crianças e adolescentes

Todas as crianças, adolescentes e facilitadores jovens que estiveram envolvidos no desenvolvimento do material através de várias oficinas-piloto e de formação em muitos lugares do mundo.

Nações Unidas e organizações internacionais

Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), em particular Tanya Turkovich e colegas, além dos mencionados anteriormente.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em particular Hélène Gosselin e Linda King.

Colaboradores convidados

Gana Dash, Mahal Da Costa Soto e David Arond.

Leitores convidados

Soho Machida, Adib Saab, Halim Nujaim, May Sadiq, Amada Benavides, Jenny Nemko, Heather Jarvis e Leilah Omar.

Desenvolvimento da Publicação

Arnaud Dubouchet e colegas da Services Concept, concepção, diagramação e ilustrações.

Henri Schweickhardt e colegas da ATAR Roto Presse SA, impressão.

Fotos

Fotos da capa e das páginas 189–191, 195, 204–207 e 209 por Mustafa Ali

Fotos das páginas 210 e 212 por Rolando Calle

Fotos das páginas 198–200 por Satish Kanna

Fotos da capa e das páginas 216–218 por Peter Williams

Fotos da capa e das páginas 192–197, 200–203, 207–216 e 218 por Maria Lucia Uribe

Fundação Arigatou

Secretário-Geral Shozo Fujita e colegas do escritório principal em Tóquio.

Peter Billings, editor e relator.

Secretaria do Conselho Inter-religioso

Secretária Geral Agneta Ucko e colegas, Maria Lucia Uribe Torres e Djénane Tosbath de los Cobos, juntamente com outros consultores e estagiários.

Prefácio

Aprender a Viver Juntos é o primeiro fruto da iniciativa sobre educação ética colocada em prática pela Fundação Arigatou e sua Rede Global de Religiões pelas Crianças (GNRC, na sigla em inglês).

O Conselho Inter-religioso de Educação Ética para as Crianças, estabelecido pela Fundação Arigatou, atua como um centro internacional de recursos e um ponto de conexão para o diálogo, a formação de alianças e a ação em prol da educação ética da infância e a aprendizagem inter-religiosa.

Desde a sua fundação, o Conselho Inter-religioso de Educação Ética para as Crianças concentrou seus esforços no desenvolvimento deste material de referência para ser lançado durante o Terceiro Fórum da GNRC, realizado em Hiroshima em maio de 2008. A promoção da educação ética é realizada em colaboração com todos os que compartilhem a visão da iniciativa de educação ética – comunidades religiosas, órgãos das Nações Unidas, organizações não-governamentais (ONGs) e muitos outros aliados – em um esforço para que seja respeitado o direito das crianças ao pleno desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral e social, assim como o direito das crianças à educação, conforme estipulado na Convenção sobre os Direitos da Criança.

O processo coletivo de criação do material de referência é resultado da soma de experiências de educadores e acadêmicos de diferentes tradições religiosas, espirituais e seculares, organizações internacionais, ONGs, instituições educacionais e crianças. Somos particularmente gratos pelo tempo e energia dedicados por nossos companheiros do UNICEF e da UNESCO ao desenvolvimento e difusão deste material de referência.

Aprender a Viver Juntos trata da questão da educação ética do ponto de vista da aprendizagem intercultural e inter-religiosa, dos direitos humanos, e de uma educação de qualidade em que se nutram a ética e os valores e as crianças gozem de espaço suficiente para desenvolver seu potencial inato de espiritualidade. É nossa esperança que este novo recurso nos proporcione as ferramentas necessárias para aprofundar a promoção da ética e dos valores na infância, ajudando a construir um mundo melhor.

A responsabilidade de colocá-lo em prática é de todos nós.

Takeyasu Miyamoto
Presidente da Fundação Arigatou
Fundador da GNRC

Keishi Miyamoto
Representante da Fundação Arigatou

A Fundação Arigatou é uma organização não-governamental de base religiosa cuja missão consiste em criar um ambiente mais favorável para todas as crianças do mundo.

A Rede Global de Religiões pelas Crianças (**GNRC**) é uma das iniciativas mais importantes da Fundação em prol da cooperação inter-religiosa.

O Conselho Inter-religioso de Educação Ética para as Crianças atua como centro internacional de recursos e ponto de conexão para o diálogo, a formação de alianças e a ação em prol da educação ética da infância.

Aprender a Viver Juntos é um programa intercultural e inter-religioso de educação ética concebido com a finalidade de contribuir para tornar realidade o direito da criança a um desenvolvimento físico, psíquico, espiritual, moral e social pleno e saudável, bem como seu direito à educação, conforme estipulam a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, o Artigo 26.1 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a Declaração Mundial sobre Educação para Todos e os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. Trata-se de um recurso para educadores e dirigentes envolvidos com crianças e adolescentes.

Objetivos

Os objetivos de ***Aprender a Viver Juntos*** são:

1. Fortalecer a capacidade das crianças e adolescentes de tomar decisões éticas fundamentadas em valores que promovam o respeito por outras culturas e crenças.
2. Dotar as crianças e jovens dos meios adequados para estabelecer um diálogo – escutando e falando – que lhes permita desenvolver uma maior sensibilidade às diferenças e uma melhor compreensão dos outros.
3. Nutrir a capacidade das crianças e adolescentes de responder às necessidades de sua sociedade com uma atitude de reconciliação e de respeito pela diversidade, contribuindo assim para uma cultura da paz.
4. Permitir que as crianças e adolescentes valorizem e nutram sua espiritualidade.
5. Afirmar a dignidade humana, conforme é expressa na Declaração Universal dos Direitos Humanos, na Convenção sobre os Direitos da Criança e nos ensinamentos de todas as tradições religiosas.
6. Afirmar a possibilidade de viver juntos, respeitando-se uns aos outros, em um mundo de diferentes tradições religiosas, étnicas e culturais.
7. Dotar os educadores de ferramentas que facilitem a aprendizagem intercultural e inter-religiosa em regiões diferentes e em ambientes variados.
8. Criar e promover práticas frutíferas que possibilitem a convivência de pessoas de culturas, raças, crenças e religiões diferentes.

A infância e a educação ética

Em maio de 2000, a Fundação Arigatou inaugurou a **Rede Global de Religiões pelas Crianças** (**GNRC**, na sigla em inglês) com o propósito de promover a cooperação entre pessoas de diferentes religiões envolvidas com atividades destinadas a contribuir para o bem-estar das crianças e a defesa de seus direitos.

A GNRC colabora estreitamente com pessoas de fé, bem como com organismos internacionais, governos, ONGs, acadêmicos, dirigentes empresariais e homens, mulheres e crianças de ambientes muito diversos. Mediante a conscientização e a colaboração, a GNRC promove um movimento em escala mundial voltado para a criação de um ambiente melhor para a infância no século XXI.

A comunidade internacional tem acolhido muito favoravelmente as iniciativas inter-religiosas voltadas especificamente para a infância, e a Fundação Arigatou colabora estreitamente com as Nações Unidas em seu trabalho em prol dos direitos das crianças. Por ocasião da Sessão Especial das Nações Unidas a favor da Infância, realizada em maio de 2002, o Reverendo Takeyasu Miyamoto, dirigente do Myochikai, presidente da Fundação Arigatou e fundador da GNRC, dirigiu-se em nome desta à sessão plenária da Assembleia Geral. Em sua exposição, o Reverendo Miyamoto propôs a criação do **Conselho Inter-religioso de Educação Ética para as Crianças**. Esse Conselho seria integrado por pessoas de fé, educadores e outras pessoas que, junto com as Nações Unidas, colaborariam para tornar o desenvolvimento espiritual da infância – seus valores éticos e sua estima pelas pessoas de religiões e civilizações diferentes – um componente essencial da "educação de qualidade" prometida no documento final da Sessão Especial, "*Um mundo apropriado para as crianças*".

Para examinar a ideia de criar um conselho desse tipo, a GNRC manteve reuniões periódicas, para as quais foram convidados especialistas em ética e educação, representantes do UNICEF e da UNESCO e outros dirigentes e acadêmicos interessados. O Conselho Inter-religioso de Educação Ética para as Crianças foi formalmente constituído, com o respaldo do Reverendo Miyamoto, no Segundo Fórum da GNRC, realizado em Genebra, Suíça, em maio de 2004.

Como Aprender a Viver Juntos foi desenvolvido

O Conselho Inter-religioso de Educação Ética para as Crianças promove a educação ética por meio de uma aprendizagem intercultural e inter-religiosa que ajude as comunidades e as sociedades a conviverem em paz, em um ambiente de respeito aos outros e de dignidade para todos os seres humanos. Foi com esse ânimo que *Aprender a Viver Juntos* foi criado.

Em seu desejo de promover uma cooperação genuína entre pessoas de diferentes religiões, o Conselho Inter-religioso de Educação Ética para as Crianças convidou um grupo de especialistas, pedagogos e educadores pertencentes a diferentes tradições religiosas e leigas a se unirem para criar este recurso. O grupo se inspirou na concepção da diversidade como algo que nos enriquece e que nos permite aprender mais não apenas sobre os outros, mas também sobre nós mesmos.

Aprender a Viver Juntos se guia pelo compromisso geral de salvaguardar a dignidade humana. Seus objetivos são fortalecer na infância o compromisso com a justiça, o respeito aos direitos humanos e a criação de relações harmoniosas entre as pessoas e no seio das sociedades. Aprender a Viver Juntos dota os dirigentes e educadores de jovens em todo o mundo de ferramentas para o estabelecimento de um programa intercultural e inter-religioso que permita às crianças e aos adolescentes desenvolver um sólido senso de ética. Foi concebido com a finalidade de ajudar os jovens a compreenderem e respeitarem as pessoas de outras culturas e religiões, estimulando neles um sentimento de que pertencem a uma comunidade mundial. A criação deste recurso é fruto de uma estreita colaboração com o UNICEF e a UNESCO.

-> Indice

O título *Aprender a Viver Juntos* foi escolhido como referência a um dos quatro pilares de *Educação: um tesouro a descobrir*, o relatório da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI apresentado à UNESCO por Jacques Delors.[1]

Onde *Aprender a Viver Juntos* pode ser usado

Aprender a Viver Juntos foi concebido para utilização em diferentes contextos religiosos e seculares por todos aqueles que se interessem pela promoção da ética e dos valores. O objetivo foi criar um recurso que fosse relevante em nível mundial e, ao mesmo tempo, suficientemente flexível para ser interpretado em diferentes contextos culturais e sociais.

Este recurso foi testado em muitas regiões e contextos culturais diferentes para garantir sua relevância em contextos regionais e locais (vide a Seção 'Como fizemos', pág. 187). Oficinas-piloto foram realizadas em dez países, nos quais a GNRC conseguiu congregar diversas organizações religiosas e leigas que trabalham com a infância. Nessas oficinas-piloto, este manual de referência foi usado para beneficiar mais de 300 crianças e adolescentes representando as religiões tradicionais africanas, a Fé Bahá'í, o budismo, o cristianismo, o hinduísmo, o islamismo e o judaísmo, bem como praticantes do Brahma Kumaris e algumas pessoas leigas. As oficinas-piloto, assim como as opiniões e comentários de especialistas no âmbito da educação, ética, espiritualidade, formação intercultural e inter-religiosa e direitos da criança, proporcionaram importantes experiências e oportunidades de aprendizagem para o desenvolvimento deste recurso.

O impacto de *Aprender a Viver Juntos* já se faz notar. Em um programa da GNRC implantado em Israel, o material foi empregado durante uma viagem de seis dias realizada por um grupo de jovens judeus, cristãos e muçulmanos a lugares históricos em Israel e na Palestina, todos de grande importância simbólica para o conflito nessa região. A cada parada, os participantes discutiam seus valores e pontos de vista divergentes sobre sua história compartilhada. Este é seu resumo da experiência:

> *"Juntos participamos em uma experiência de profunda aprendizagem que nos permitiu conhecer melhor a história, a cultura e as crenças uns dos outros, fortalecendo ao mesmo tempo nossa própria identidade e formando opiniões mais firmes e mais bem fundamentadas. Tratamos as questões espinhosas e difíceis sem prejudicar as relações dentro do grupo e sem recorrer a argumentos ofensivos ou a enfrentamentos. Talvez tenha sido apenas um pequeno passo no esforço para derrubar os muros fortificados de isolamento que separam os diferentes grupos nacionais e religiosos em nosso país, mas foi um passo importante e proveitoso. No clima atual de desesperança, pequenos passos como esses são raros e preciosos. Todos deveríamos nos sentir orgulhosos por termos tido o privilégio de participar."*

Kalpana, de 15 anos, de Nova Delhi, Índia, que participou de um seminário de educação ética com uma semana de duração realizado na Índia em que o material de referência foi utilizado, expressou a seguinte opinião:

> *"Eu já sabia o que era o respeito aos outros quando cheguei aqui, mas agora começo a aprender o que realmente significa e o que, em termos de atitudes e ações, exige de nós, adolescentes hindus, muçulmanos e cristãos, se desejamos trabalhar unidos para melhorar nossas comunidades."*

Mohammed, queniano de 16 anos, colocou em prática o que aprendeu em uma oficina-piloto de educação ética para formar um Clube da Paz no norte do Quênia. Nele reuniu os jovens de sua aldeia com a finalidade de encontrar alternativas não violentas aos diversos problemas que ameaçam a aldeia, mobilizando um ativo movimento de jovens com o objetivo de realizar mudanças em prol da paz.

1 Delors, Jacques, Al Mufti, In'am; Amagi, Isao; Carneiro, Roberto; Chung, Fay; Geremek, Bronislaw; Gorham, William; Kornhauser, Aleksandra; Manley, Michael; Padrón Quero, Marisela; Savané, Marie Angélique; Singh, Karan; Stavenhagen, Roberto; Myong Won Suhr; Zhou Nanzhao. Educação: um tesouro a descobrir; relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Publ: 1998; 288 p. www.dominiopublico.gov.br

-> Indice

Na instável região fronteiriça que separa a Colômbia do Equador, foi realizada uma oficina de educação ética voltada para professores, pais e crianças. Usando estudos de casos, dramatizações e debates, os participantes analisaram questões controvertidas, exploraram alternativas não-violentas e se comprometeram pessoalmente a contribuir com a paz. Uma das facilitadoras colombianas fez os seguintes comentários sobre o resultado dessa oficina:

> *"Infelizmente, os efeitos do violento conflito que afeta a Colômbia estão profundamente enraizados na conduta e nas atitudes de algumas das crianças diretamente afetadas pela situação. Isso pode torná-las rancorosas e intolerantes. Foi muito satisfatório ver como crianças deslocadas da Colômbia que viviam no Equador compartilharam suas experiências e temores e fizeram propostas sobre como serem mais respeitosas com os outros, aceitando as diferenças e respondendo de forma não violenta mesmo quando seus direitos são desrespeitados. Elas descobriram que podem ser parte da solução e não do problema."*

Aprender a Viver Juntos é um recurso adaptável que pode ser usado com crianças provenientes de diferentes contextos culturais, religiosos e sociais para desenvolver valores comuns e o respeito mútuo pelas diferentes tradições e culturas. Este recurso permite criar o espaço necessário para estimular o potencial de espiritualidade inerente às crianças e a esperança em um mundo melhor, como uma contribuição para melhorar a situação das crianças em todo o mundo. O Guia do Usuário na Seção 1 contém todas as informações necessárias para o seu uso.

A UNESCO e o UNICEF participaram em regime de estreita colaboração no desenvolvimento de Aprender a Viver Juntos e deram seu aval ao material como uma contribuição importante para uma educação de qualidade que leve em consideração o caráter multicultural e multirreligioso da sociedade.[2] As Diretrizes para a Educação Intercultural da UNESCO respaldam a filosofia e o conceito deste recurso:

> *"A educação religiosa pode ser descrita como a aprendizagem sobre a religião ou práticas espirituais próprias ou a aprendizagem sobre as religiões ou crenças de outros. A educação inter-religiosa, ao contrário, tem por objetivo o desenvolvimento ativo das relações entre pessoas de religiões diferentes."*[3]

A infância como obrigação ética coletiva

> *"A qualquer momento, existem no mundo todo aproximadamente dois bilhões de crianças vivendo entre nós. Dois bilhões de corpos e mentes jovens que guardam um enorme potencial humano e que consideramos, em seu conjunto, merecedores de nossa atenção."*[4]

Vivemos rodeados da beleza e das maravilhas da criação, do milagre da existência e do enorme potencial dos seres humanos para enriquecer a vida, tornando-a uma benção para todos. Entretanto, vivemos também em um mundo no qual a violência e a guerra, a pobreza e a injustiça são endêmicas.

O crescimento e desenvolvimento das crianças abrange dimensões físicas, psíquicas, sociais, culturais, espirituais, religiosas e ambientais. Infelizmente, a pobreza, a falta de acesso aos serviços básicos e à educação, a doença e a desnutrição ainda afetam muitas de nossas crianças.

A Convenção sobre os Direitos da Criança estabelece os direitos de manifestar-se e ser ouvida sobre as questões que a afetam (artigo 12), afirmando o seguinte:

> *"A criança deve estar plenamente preparada para uma vida independente na sociedade e deve ser educada de acordo com os ideais proclamados na Carta das Nações Unidas, especialmente com espírito de paz, dignidade, tolerância, liberdade, igualdade e solidariedade."*

2 www.unesco.org/education e http://unesdoc.unesco.org/images/0016/001610/161059E.pdf

3 *Guidelines for Intercultural Education*, UNESCO, pág. 14

4 Kul Gautam, *Towards a World Fit for Children*, WCC Journal on Health and Healing, Edição N° 179, janeiro de 2005, pág. 5

-> Indice

Afirma também:

> *"Tendo devidamente em conta a importância das tradições e valores culturais de cada povo para a protecção e o desenvolvimento harmonioso da criança";* [5]

Cada criança é em si mesma uma promessa, um presente sagrado, uma manifestação viva do futuro. Em consequência, nosso desafio é como empoderar a criança e aprimorar sua habilidade inata de levar uma vida positiva e cheia de esperança.

A iniciativa de Educação Ética Inter-religiosa aborda este desafio guiada por sua visão particular:

> *"Temos a visão de um mundo onde todas as crianças tenham a possibilidade de desenvolver sua espiritualidade, abraçando valores éticos, aprendendo a viver em solidariedade com gente de diferentes religiões e civilizações e fortalecendo sua fé naquilo que as pessoas conhecem como Deus, a Realidade Última ou a Presença Divina."* [6]

A iniciativa de Educação Ética Inter-religiosa sustenta ainda a seguinte crença:

> *"A educação ética fortalecerá a habilidade inata das crianças para contribuir de forma positiva para o bem-estar de seus companheiros, suas famílias e suas comunidades, o que, por sua vez, ajudará toda a família humana a prosperar em um ambiente de mais justiça, paz, compaixão, esperança e dignidade."* [7]

O cuidado de todas as crianças é não apenas um ideal, mas também uma obrigação ética coletiva.

Crianças: um presente e uma responsabilidade

Em certo sentido, nossas crianças "nos pertencem". Nós as trazemos ao mundo; elas se encontram sob nossos cuidados. Entretanto, não são nossas; são pessoas por direito próprio, prontas para desabrochar naquilo que virão a ser. Assim expressou Khalil Gibran em *O Profeta*:

> *E uma mulher que acalentava um bebê disse: "Fale-nos de crianças..."*

E ele disse:

> *Tuas crianças não são tuas crianças.*
> *Elas são os filhos os e filhas da Vida que anseia por si mesma.*
> *Elas vieram através de ti mas não de ti,*
> *e a despeito de estarem contigo, elas não te pertencem.*
> *Tu podes dar-lhes teu amor mas não teus pensamentos,*
> *pois elas têm seus próprios pensamentos.*
> *Tu podes hospedar seus corpos mas não suas almas,*
> *pois suas almas habitam na casa do amanhã,*
> *que não podes visitar, mesmo em teus sonhos.*
> *Tu podes empenhar-te para seres como elas,*
> *mas não tentes fazê-las serem como tu,*
> *pois a vida não caminha para trás nem coabita com o ontem. (...)* [8]

5 Prefácio da *Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança.*
6 Documento da Visão do Conselho Inter-religioso de Educação Ética para as Crianças
7 Ibid.
8 Khalil Gibran, *The Prophet*, Capítulo: As crianças. Arrow Books Ltd., Nova York, 1991

-> Indice

Cada pai e mãe, cada adulto, enfrenta um dilema. Por um lado, as crianças nos são dadas como um presente; encontram-se sob nosso cuidado e temos a responsabilidade e a oportunidade de orientá-las em seu percurso até a idade adulta. Ao mesmo tempo, não desejamos impor-lhes nossos pontos de vista, já que isso poderia restringir sua liberdade para fazer frente à vida tal como lhes é apresentada, aprender dela e construir seus próprios valores. Devemos criar e educar as crianças inculcando-lhes o sentido da responsabilidade, discernimento e humildade, porque devemos isso a elas e ao mundo.

As crianças aprendem o que vivem

O processo de aprendizagem das crianças começa desde que nascem: o ambiente em que vivem, as experiências por que passam e os exemplos de comportamento que lhes proporcionamos contribuem para formar a imagem que têm de si mesmas e do mundo. O conhecido poema *As crianças aprendem o que vivem* reflete essa realidade:

Se a criança vive com críticas,
Ela aprende a condenar.
Se a criança vive com hostilidade,
Ela aprende a agredir.
Se a criança vive com zombarias,
Ela aprende a ser tímida.
Se a criança vive com humilhação,
Ela aprende a se sentir culpada.

(Mas,)

Se a criança vive com tolerância,
Ela aprende a ser paciente,
Se a criança vive com incentivo,
Ela aprende a ser confiante.
Se a criança vive com elogios,
Ela aprende a apreciar.
Se a criança vive com retidão,
Ela aprende a ser justa.
Se a criança vive com segurança,
Ela aprende a ter fé.
Se a criança vive com aprovação,
Ela aprende a gostar de si mesma.
Se a criança vive com aceitação e amizade,
Ela aprende a encontrar amor no mundo.[9]

O segredo de toda aprendizagem é a experiência, nossa melhor professora. Essa é uma verdade que não deve ser esquecida. As crianças não nascem em um mundo ideal, e seu processo de aprendizagem consiste em observar, experimentar, avaliar, integrar e responder a muitas forças sobre as quais elas ou seus pais possuem quase nenhum controle. Realidades complexas, valores conflitantes, afirmações antagônicas oferecidas como verdades e alternativas confusas competem por sua lealdade. Essa realidade acarreta uma profunda necessidade de meios que permitam educar e empoderar as crianças, dotando-as de valores que as ajudem a tomar as decisões certas.

9 Dorothy Law Nolte, *Children Learn What They Live*, ("As Crianças Aprendem O Que Vivem") Workman Publishing Company, Nova York, 1998.

-> Indice

Educação ética e direitos humanos

A visão e a missão do Conselho Inter-religioso concordam em particular com aqueles artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos que abordam: o direito à liberdade de pensamento e credo, opinião e expressão; à educação, ao descanso e ao lazer; a um nível de vida adequado e à atenção médica; e à participação na vida cultural da comunidade. O Conselho Inter-religioso também apoia integralmente a Convenção sobre os Direitos da Criança. *Aprender a Viver Juntos* responde de maneira específica ao artigo 29, no qual se estipula que a educação da infância deverá ter como objetivos:

a) *Promover o desenvolvimento da pessoalidade da criança, dos seus dons e aptidões mentais e físicos na medida das suas potencialidades;*

b) *Inculcar na criança o respeito pelos direitos do homem e liberdades fundamentais e pelos princípios consagrados na Carta das Nações Unidas;*

c) *Inculcar na criança o respeito pelos pais, pela sua identidade cultural, língua e valores, pelos valores nacionais do país em que vive, do país de origem e pelas civilizações diferentes da sua;*

d) *Preparar a criança para assumir as responsabilidades da vida numa sociedade livre, num espírito de compreensão, paz, tolerância, igualdade entre os sexos e de amizade entre todos os povos, grupos étnicos, nacionais e religiosos e com pessoas de origem indígena;*

e) *Promover o respeito da criança pelo meio ambiente.*

A Convenção sobre os Direitos da Criança constitui um guia para nos aproximar da infância de um modo responsável. Na Convenção sobre os Direitos da Criança, apoiada por todas as Nações e ratificada por todas menos duas, destacam-se três âmbitos relacionados aos direitos da infância. Todas as crianças têm direito:

> à vida, à saúde, à educação e ao desenvolvimento
> à segurança e à proteção
> à participação

A Convenção sobre os Direitos da Criança contém quatro princípios gerais cuja finalidade primordial é salvaguardar os direitos da infância:

> o direito à sobrevivência e ao desenvolvimento
> o direito à não discriminação
> o direito a ser escutado
> o interesse prioritário da criança

Aprender a Viver Juntos foi criado com a finalidade de contribuir para a concretização do direito das crianças à educação e ao desenvolvimento físico, psíquico, espiritual, moral e social pleno e saudável, como estipula a Convenção sobre os Direitos da Criança.

-> Indice

Ética e educação ética

Desde que as pessoas começaram a viver juntas em comunidades, tornou-se necessária a regulação moral do comportamento em nome do bem-estar da comunidade; isso é o que conhecemos como ética. É importante que os usuários de *Aprender a Viver Juntos* cheguem a um consenso sobre o que são e o que significam a ética, os valores e a educação moral.

Quando perguntamos: "O que a ética significa para você?", as respostas podem ser muito variadas:

"A ética tem a ver com o que meus sentimentos me dizem que está certo ou errado."

"A ética se refere a minhas crenças religiosas."

"Ser ético é fazer o que a lei exige."

"Ética são as normas de comportamento que nossa sociedade aceita."

Muitas pessoas tendem a equiparar a ética aos seus sentimentos. Mas ser ético não é simplesmente uma questão de atuar conforme o que você sente, dado que os sentimentos não constituem uma base adequada para determinar o que é ético.

A ética também não pode ser equiparada por completo com a religião. A maioria das religiões defende princípios éticos elevados. Entretanto, se a ética se limitasse à religião, seria aplicável unicamente às pessoas de fé. E a ética se refere ao comportamento tanto da pessoa crente quanto da não crente.

Ser ético também é mais do que simplesmente cumprir a lei. Frequentemente a lei incorpora princípios éticos adotados pela maioria dos cidadãos. Mas as leis, assim como os sentimentos, podem se desviar do que é ético. A história nos fala de sociedades cujas leis sancionavam a escravidão. Em várias sociedades, o papel secundário da mulher está consagrado na lei. Provavelmente ainda existem mulheres que se lembram do tempo em que a lei lhes proibia votar.

Da mesma forma, ser ético não consiste em fazer "aquilo que a sociedade aceita". Os padrões de comportamento da sociedade podem se desviar do que é ético.

Além disso, se agir de forma ética consistisse em fazer "aquilo que a sociedade aceita", em primeiro lugar seria necessário determinar qual é a norma. Nas questões polêmicas – aquelas que mais nos confundem – a única forma de fazer isto seria realizar uma pesquisa de opinião. Mesmo assim, a falta de consenso na sociedade impediria uma articulação clara do que é o comportamento ético.

Então, o que é ética? Em primeiro lugar, a ética se refere a normas cuidadosamente ponderadas sobre certo e errado que ditam o que os seres humanos devem fazer, normalmente em termos de direitos, obrigações, benefícios à sociedade, justiça ou virtudes específicas. A ética está relacionada às normas que impõem obrigações razoáveis quanto à abstenção de estupro, roubo, assassinato, agressão, ofensa e fraude. Os princípios éticos também estimulam virtudes como a honestidade, a compaixão e a lealdade e a satisfação das necessidades humanas básicas. O sociólogo Johan Galtung perguntou a pessoas de cerca de 50 países o que consideravam essencial para viver, deduzindo do resultado dessa pesquisa as necessidades humanas básicas, como bem-estar, identidade e liberdade.[10]

Em segundo lugar, a ética se refere ao estudo e ao desenvolvimento de padrões éticos. Dado que os sentimentos, as leis e as normas sociais podem se desviar do que é ético, é necessário examinar os próprios padrões para determinar se são razoáveis. E ética também consiste em um esforço contínuo de avaliar nossas crenças e nossa conduta moral e no empenho de garantir a adesão – tanto de nossa parte quanto da parte das nações e instituições que ajudamos a construir – a princípios razoáveis e bem fundamentados, seja em sistemas de crenças religiosas ou culturais ou em instrumentos internacionais.[11]

10 Johan Galtung, *Human Needs, Humanitarian Intervention, Human Security and the War in Iraq*, discurso inaugural, Universidade Sophia, Tóquio, 2004. http://www.transnational.org/SAJT/forum/meet/2004/Galtung_HumanNeeds.html

11 Adaptado de Hans Ucko, '*Ethics, law and commitment*', Current Dialogue, Edição 46, dezembro de 2005, http://www.wcc-coe.org/wcc/what/interreligious/cd46-09.html

-> Indice

Ética, valores e moral

A dificuldade de distinguir entre os conceitos de "ética", "valores" e "moral" logo se torna evidente.

As seguintes definições aparecem no Dicionário da Língua Portuguesa:[12]

> Ética: Parte da Filosofia que estuda os fundamentos da moral e conjunto de regras de conduta.
>
> Valores: Princípios ideológicos ou morais pelos quais se guia uma sociedade.
>
> Moral: Ciência dos deveres do homem. Bons costumes.

A ética consiste em crenças, ideias e teorias que permitem estabelecer princípios. A moral está relacionada mais diretamente ao comportamento. Valores são aquilo que é aceito por um grupo, comunidade ou sociedade. Todos estes aspectos são importantes e estão inter-relacionados. Uma pessoa pode ter princípios elevados mas não viver de acordo com eles, o que equivale a ter uma ética firme mas uma moral fraca. Os valores de um grupo específico podem ser inaceitáveis para outro.

Os filósofos franceses Paul Ricoeur[13] e Guy Bourgeault,[14] por exemplo, geralmente reservam o termo "ética" para aludir à reflexão fundamental sobre questões essenciais da conduta humana (por exemplo, o propósito e significado da vida, o fundamento da obrigação e da responsabilidade, a natureza do bem e do mal, o valor da consciência moral) e reservam o termo 'moral' para se referir à aplicação, ao concreto, à ação. Além disso, o termo "ética" geralmente sugere um questionamento e uma mente ou espírito aberto, enquanto 'moral' via de regra refere-se a sistemas definidos de preceitos, à expressão normativa de regras cujo propósito é orientar a ação.

A ética trata das relações

As exigências éticas, como quer que as concebamos, têm a ver com as relações. O teólogo dinamarquês K. E. Loegstrup introduz a ideia de que a exigência ética que pesa sobre os seres humanos se refrata como a luz através de um prisma, revelando todas as diferentes formas em que estabelecemos relações uns com os outros.[15]

O tipo de relação que uma pessoa escolhe ter consigo mesma, com os outros e com a Terra, que sustenta todas as formas de vida, constitui a principal manifestação de ética e valores. A fonte das normas e dos comportamentos éticos pode ser atribuída a uma presença divina, como uma revelação por parte de uma Divindade ou mestre espiritual dotado de sabedoria infinita, ou ao conhecimento dos princípios que regem os direitos humanos.

As fontes do comportamento ético podem ser muito variadas, de modo que a questão primordial é em que medida a ética nos ajuda a discernir e responder à interconexão que existe entre todas as formas de vida, a promover valores humanitários e a forjar e estimular um sentido de comunidade.

12 Dicionário PRIBERAM da Língua Portuguesa. www.priberam.pt

13 Paul Ricoeur, *Soi-même comme un autre*, Paris, Seuil, 1990.

14 Guy Bourgeault, *L'éthique et le droit face aux nouvelles technologies médicales*, Les Presses de l'Université de Montréal, Montreal, 1990.

15 K.E. Loegstrup, *Ethical Demand*, University of Notre Dame Press, Notre Dame e Londres, 1997.

-> Indice

Todas as comunidades religiosas consideram a ética não como uma parcela limitada da existência, mas como algo que se aplica a todos os âmbitos da vida: ao indivíduo, à família, ao trabalho e à sociedade. A ética islâmica, por exemplo, engloba todas as virtudes morais comumente conhecidas. Ela se ocupa de todos os aspectos da vida individual e coletiva da pessoa: suas relações no lar, sua conduta cívica e suas atividades nas esferas política, econômica, jurídica, educacional e social. Ela abrange toda a vida de uma pessoa, do lar à sociedade, da mesa ao campo de batalha e às conferências de paz – literalmente, do berço à sepultura.

De acordo com esta ênfase tanto no indivíduo como na comunidade, na maioria das religiões tradicionais da África há um dito que reza: "A pessoa é pessoa apenas em relação às outras".

Em razão desta interconexão, buscamos valores éticos que ajudem as crianças a desenvolver um sentimento de comunidade não apenas com aqueles que estão em seu círculo mais imediato, mas também por cima de barreiras étnicas, nacionais, raciais, culturais e religiosas. Perseguimos e estimulamos valores que promovam um sentimento de responsabilidade mútua em um mundo interdependente.

Existem valores perenes?

Muitas comunidades expressam os valores éticos em termos concretos que determinam atitudes e padrões de conduta, como amor e compaixão, justiça e igualdade, honestidade e generosidade, não-violência e autocontrole. Essas comunidades podem dar ênfase a máximas éticas de caráter universal, como "Amarás ao próximo como a ti mesmo" ou "Não faças com os outros o que não queres que façam a ti", na crença de que viver de acordo com estes princípios resulta em uma conduta ética. Uma insistência deliberada no desenvolvimento de atitudes e capacidades concretas na infância pode promover naturalmente um comportamento ético.

A UNESCO identificou alguns valores universais relacionados ao crescimento pessoal que tornam a a criança capaz de se relacionar de forma criativa com o mundo que a rodeia: alimentar a autoestima da criança; fomentar sua capacidade de escolher e de assumir a responsabilidade por suas escolhas, sua capacidade de tomar decisões justas, sua disposição para respeitar os outros e seus pontos de vista, sua vontade de assumir compromissos e mantê-los. Estes são exemplos das muitas qualidades que definimos como valores e que devemos cultivar nas crianças para ajudá-las a pensar e agir de maneira ética.[16]

Frequentemente são as relações que forjam a identidade da pessoa. Filhas e filhos têm diferentes tipos de relações com a mãe ou o pai; ser aluno em uma escola determina outro aspecto da identidade, assim como o fazem a família e o ambiente cultural. As tradições – familiares, locais e nacionais – forjam a identidade, as crenças e os valores de uma pessoa. Os acontecimentos – pessoais, nacionais, regionais, globais – também contribuem para o processo de formação da identidade.

A identidade religiosa, espiritual e cultural é formada de modo similar. A exposição a diferentes costumes e crenças religiosas e culturais, à singularidade de cada religião e cultura, não diminui a fidelidade à própria tradição religiosa, espiritual ou cultural. Se a realidade, com sua pluralidade religiosa e cultural, é transmitida com uma atitude aberta, afetuosa e harmônica, na qual as figuras de autoridade suscitam respeito e afeto no lugar de temor, não existe ameaça alguma para as próprias tradições. Todo o ambiente educativo deve estar imbuído da noção de aceitação e conhecimento mútuos, assim como da ideia de igualdade em termos de legitimidade, o que significa que todas as crenças ou práticas têm o mesmo valor e nenhuma é considerada superior. Imersos nessa diversidade, devemos salientar o que é comum a todos – nossa natureza humana. A imagem não é a de um caldeirão de culturas onde tudo é mesclado, mas a de um mosaico em que cada identidade cultural tem sua própria importância e reconhecimento, em uma afirmação da riqueza contida na diversidade.

16 A UNESCO enumera estes e muitos outros "valores humanos" em *Eliminating Corporal Punishment: The Way forward to constructive Child Discipline*, Stuart N. Hart (Ed), Paris, UNESCO, 2005. A lista de valores foi elaborada por um painel de cinco especialistas internacionais na esperança de que reflitam valores éticos/morais que transcendam as fronteiras culturais.

-> Indice

Ter um sentido da própria identidade exige autonomia: independência, liberdade de pensamento, de expressão e de ação e ausência de temor à censura ou ao castigo caso nossas crenças conflitem com as da maioria ou das autoridades governantes. O respeito por si mesmo e a autoestima são essenciais não só porque nos fazem merecedores do respeito dos outros, mas também porque constituem a base do respeito pelos outros.

É comum que a ética seja entendida como uma série de valores pessoais que colocamos em prática em nossa vida cotidiana. Mas o mundo em que vivemos nos obriga cada vez mais a pensar e atuar também em termos globais. A pobreza e a privação de que padecem milhões de pessoas, a exploração abusiva dos recursos do planeta, as crises ecológicas, a escalada da violência e de conflitos bélicos e a cultura da ambição e da acumulação exercem um novo tipo de pressão, obrigando-nos a praticar nossos valores éticos também em nossa vida dentro da comunidade mundial. Nós – e nossos filhos – precisamos de uma sensibilidade ética que nos ajude a estabelecer relações com outras culturas e civilizações, por cima de barreiras nacionais e étnicas e além de identidades e compromissos religiosos. Muitos estão começando a buscar respostas que os ajudem a lidar com o presente e a se preparar para o futuro.

Princípios éticos e valores fundamentais para a educação ética

Já houve várias tentativas de chegar a um consenso sobre valores éticos comuns que todos os grupos religiosos pudessem afirmar e praticar. Uma dessas tentativas foi um documento divulgado em 1993, por ocasião do Centenário do Parlamento das Religiões do Mundo, celebrado em Chicago em 1993 sob a direção de Hans Küng. Este documento, sob o título Rumo a uma Ética Global (*Towards a Global Ethic*), atualmente é conhecido e aceito em todo mundo e constitui uma fonte de inspiração para um eventual acordo entre povos que possuem pontos de vista diferentes acerca dos valores comuns que deveriam guiar a comunidade humana em seu conjunto.[17]

Desde 1993, foram feitas outras tentativas de elaborar um esboço dos critérios éticos para diversas esferas sociais que possam ser ratificados pela comunidade mundial. Devido à enorme diversidade de religiões, culturas e maneiras de viver existentes no mundo, elaborar e implementar acordos comuns é uma tarefa difícil. Contudo, parece haver um consenso quanto à ideia de que, como uma comunidade humana, devemos tentar chegar a um consenso sobre princípios éticos pelo bem das gerações futuras.

Um aspecto fundamental da criação de um futuro melhor é ajudar as crianças a desenvolverem valores éticos. Contudo, os valores estabelecidos em escala mundial também devem ser aplicáveis em escala local, já que as comunidades de diferentes lugares e culturas, evidentemente, estão em melhor posição para decidir quais valores consideram fundamentais e desejam fomentar em suas crianças. De qualquer maneira, talvez nos surpreendesse descobrir a quantidade de aspectos coincidentes que existem entre códigos éticos desenvolvidos de maneira independente.

A capacidade de escolher: o melhor presente e a responsabilidade mais difícil

A capacidade de escolher entre diferentes alternativas é um dos grandes dons da vida humana. Evidentemente, nem sempre obtemos aquilo que escolhemos, mas possuímos a capacidade e o direito de distinguir, rejeitar e escolher. Segundo uma interpretação da tradição judaica, no relato da criação do ser humano, Adão e Eva, o primeiro homem e a primeira mulher, foram colocados no Jardim do Éden, onde havia duas árvores: a Árvore da Vida e a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Adão e Eva foram informados das consequências de comer os frutos destas árvores. Eles provaram o fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Foi um erro ou uma escolha deliberada?

17 Declaração Rumo a uma Ética Global. Conselho do Parlamento das Religiões do Mundo, em: http://www.parliamentofreligions.org/_includes/FCKcontent/File/TowardsAGlobalEthic.pdf

-> Indice

Harold Kushner sugere que esta escolha é o que nos faz humanos:

> *"Nossos primeiros antepassados escolheram ser humanos em vez de viver para sempre. Escolheram o sentido da moral, o "conhecimento do bem e do mal", em vez da imortalidade. Rejeitaram a Árvore da Vida, que lhes teria dado a vida eterna, em favor da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, que lhes deu uma consciência. Em compensação, Deus concedeu aos humanos – que agora compartilham com Ele a capacidade de distinguir o bem do mal – o dom do Seu próprio poder divino de criar vida. Escapamos da morte não vivendo para sempre, mas trazendo ao mundo, criando e educando as crianças como continuadoras de nossas almas, de nossos valores e até de nossos nomes."*[18]

A capacidade humana de escolher entre diferentes alternativas é reconhecida e afirmada em todas as religiões. Ao mesmo tempo, a capacidade de escolher é uma responsabilidade altamente complexa e desafiadora. Ela requer a habilidade de discriminar, discernir e tomar decisões, enfrentando ao mesmo tempo o dilema da incapacidade de prever e avaliar plenamente o efeito de nossas decisões, que afetam não só a nós mas também ao mundo que nos rodeia. Os princípios e valores éticos desempenham um papel fundamental ao nos ajudar a fazer essas escolhas.

Salvaguardar e defender a dignidade humana

O conceito da dignidade humana sintetiza aquilo que a educação ética persegue ao promover valores e princípios éticos. A humanidade de uma pessoa é negada quando sua dignidade é conspurcada. A dignidade humana pode ser ameaçada de diferentes maneiras.

A negação das necessidades básicas para a sobrevivência é uma afronta à própria dignidade. Segundo um provérbio Sique, "a boca do pobre é o cofre onde Deus guarda seus tesouros". Esta frase expressa um dos valores fundamentais comuns a todas as religiões: a dignidade humana. O provérbio afirma que a pobreza, a fome e a privação são uma afronta a Deus. Todas as cerimônias do culto Sique terminam com um *langar*, uma refeição comunitária aberta a todos, independentemente de casta, nível social, filiação religiosa ou nacionalidade. De fato, nos Gurdwaras, os lugares de culto Sique, há uma cozinha aberta o dia todo para atender não só aos crentes, mas a qualquer pessoa em busca de uma refeição.

Para o islamismo, atender às necessidades dos pobres constitui um dos cinco pilares da fé; todos os crentes devem destinar uma porcentagem de sua renda para ajudar os necessitados. Amar a Deus e amar o próximo como a si mesmo são mandamentos do judaísmo e do cristianismo. Além disso, a tradição judaica afirma que os seres humanos foram criados à imagem e semelhança de Deus; a tradição veda do hinduísmo considera que Brama, a Realidade Última, e Atman, a Realidade no ser humano, são uma mesma coisa e não duas diferentes. Os ensinamentos de Buda também questionam a discriminação de casta e promovem a igualdade entre mulheres e homens.

As tradições religiosas nem sempre foram fiéis a estes ensinamentos, gerando ocasionalmente estruturas e práticas prejudiciais à dignidade das pessoas tanto dentro como fora de suas próprias comunidades. Entretanto, todas as tradições religiosas consideram a negação da dignidade humana como uma aberração. A dignidade faz parte do que significa ser humano.

Respeito e compreensão mútua

O direito das pessoas à dignidade e ao respeito é básico nos documentos que se ocupam dos direitos humanos, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos e a Convenção sobre os Direitos da Criança.

18 Harold S. Kushner, *The Lord is My Shepherd*, Nova York, EUA, First Anchor Books Edition, 2004, pp. 23-24

-> Indice

A maioria das nações reconhece os direitos universais à sobrevivência, desenvolvimento, proteção e participação para todas as pessoas, sem distinção de idade, gênero, raça ou religião. Um comitê internacional monitora o respeito aos direitos dos menores de 18 anos, que tanto dependem das ações e decisões dos adultos, e apresenta suas observações e críticas a cada país em um documento detalhado. Os direitos compreendidos nestes e outros documentos das Nações Unidas relativos aos direitos humanos são inalienáveis e universais, devendo ser ensinados a todos, de qualquer cultura ou credo. Estes direitos constituem o que a comunidade mundial reconhece como os princípios fundamentais para a natureza humana, não podendo ser objeto de menosprezo, alienação ou modificação por parte de qualquer pessoa ou organização.

Muitas tradições religiosas e leigas estão convencidas da verdade de suas próprias crenças e algumas podem se sentir impelidas a compartilhá-las com os outros. Entretanto, hoje em dia a maioria das tradições reconhece o respeito mútuo como um valor indispensável que deve caracterizar todos os nossos relacionamentos. O conceito de respeito mútuo é importante na medida em que afirma as diferenças e não confunde "diferente" com "errado" nem permite que diferenças naturais e legítimas se convertam em cisões. O respeito mútuo aumenta conforme adquirimos uma maior compreensão e apreciação das diferenças e semelhanças. Ajuda-nos a estabelecer relações apesar de nossas diferenças e contribui para que possamos nos corrigir e nos enriquecer mutuamente e exercer a autocrítica.

O respeito à dignidade de todas as pessoas pode, indubitavelmente, constituir o valor fundamental e o princípio básico da educação ética da infância. A salvaguarda e defesa da dignidade humana implica uma série de valores que ajudam crianças e adolescentes a respeitarem e valorizarem os outros e a si mesmos como seres humanos, fazendo uso de atitudes e de uma mentalidade que contribuem para forjar relações plenas com os outros.

A dignidade é importante no contexto de contínua pluralidade porque, ao longo da história, algumas tradições religiosas adotaram uma atitude de "tudo ou nada" com relação às outras, o que se reflete em posições como: se nossa doutrina é certa, a sua é errada; se temos a verdade, os outros não a têm; se nossos costumes conduzem à realização do destino humano, os dos outros são enganadores.

Empatia e a capacidade de "se colocar no lugar do outro"

Toda relação de afeto é centrada na empatia – a capacidade de penetrar na experiência do outro, compreendendo e compartilhando sua alegria e sua tristeza, sua felicidade e sua angústia.

A empatia combina duas capacidades importantes dos seres humanos, a de analisar e a de compadecer-se, usando ao mesmo tempo a cabeça e o coração. Analisar significa coletar dados sobre um problema, observar as condições, encontrar as causas subjacentes e propor soluções. Compadecer-se significa sentir o que o outro sente, a dor de quem sofre ou a raiva de quem está furioso.

Uma antiga oração dos índios sioux reza: "Oh, Grande Espírito, conceda-me a sabedoria para caminhar nos sapatos do outro antes de criticar ou julgar." Quando sentimos empatia por alguém, deixamos de lado nossa expectativa de que o outro seja como nós; aceitamos o fato de que ele contribui com algo único para a relação. Ao mesmo tempo, é também a empatia que nos ajuda a ver e reconhecer as injustiças perpetradas contra os outros e a adquirir a determinação de combater essas injustiças.

As tradições religiosas exortam à empatia com os pobres, os marginalizados e os oprimidos. A tradição judaica o confirma dizendo: "[…] porque vocês foram escravos no Egito". A tradição cristã pede aos discípulos para "recordar aqueles que estão presos como se fossem seus companheiros na prisão e aqueles que são maltratados como se fossem vocês que sofressem". A tradição islâmica se refere ao mês do Ramadã como o mês da paciência, da empatia e da autopurificação. Para os budistas, o equivalente da empatia é a bondade afetuosa, que para eles vai muito além da compaixão – uma mera forma de pena pelo outro – e aponta para a absoluta e imediata identificação com o outro que conhecemos como empatia. Os direitos humanos são construídos sobre a base da igualdade absoluta: os direitos são universais e algumas pessoas têm a responsabilidade concreta de fazer com que os

-> Indice

direitos dos outros sejam respeitados, como exemplifica a Convenção sobre os Direitos da Criança. Cuidar do cumprimento dos direitos dos outros é fundamental tanto nas tradições religiosas quanto nas seculares.

O chamado à empatia pela experiência do outro talvez seja um dos valores mais extraordinários que podemos legar às nossas crianças.

Responsabilidade individual e coletiva

Estamos, cada vez mais, descobrindo o significado da palavra "responsabilidade" quando nos defrontamos com os problemas do mundo. Muitos são os que se apressam a exigir seus "direitos", mas esquecem as responsabilidades que acompanham esses privilégios. Somos responsáveis pela maneira como criamos nossos filhos; se negligenciamos essa responsabilidade, eles podem se desencaminhar. Os governos são responsáveis pela manutenção da coesão e da paz social; quando ignoram esta responsabilidade, o resultado pode ser o caos social. É responsabilidade e obrigação da sociedade garantir a distribuição justa dos recursos e a satisfação das necessidades básicas; a negligência pode resultar em conflitos e violência. Todas as pessoas têm a responsabilidade de cuidar da Terra; o descaso com essa responsabilidade nos colocou à beira do desastre ecológico.

A lista pode ser ampliada para abranger praticamente todas as relações pessoais, sociais e globais. Todas as relações dependem da responsabilidade mútua e do cumprimento, por cada um, de suas obrigações para com a sociedade. Uma responsabilidade coletiva de cuidar uns dos outros poderia permitir que vivêssemos em um mundo mais justo e pacífico.

A responsabilidade não é uma escolha: é um valor ético fundamental que deve ser consagrado nos corações e mentes das crianças desde o momento em que começam a estabelecer relações com os outros e com o mundo à sua volta.

Reconciliação e a abordagem de construção de pontes

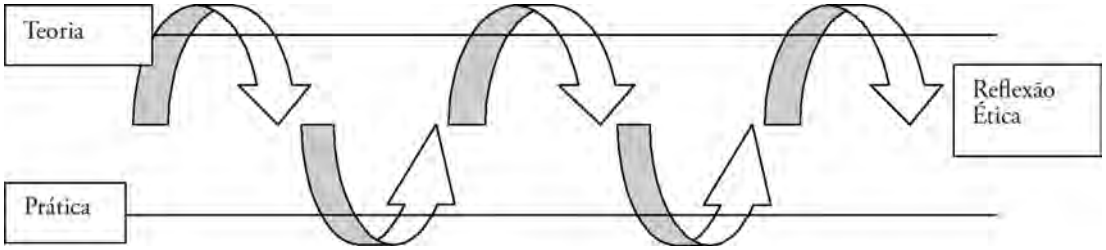
Muitos encaram a reconciliação como um dos passos para implantar a paz e reparar relações no âmbito pessoal e comunitário. Hoje em dia, é cada vez mais óbvio que a reconciliação não é só uma ação prática, mas também um projeto de vida. Em outras palavras, a reconciliação não só é um remédio; é uma orientação para lidar com os problemas inevitáveis, as profundas divergências e conflitos que ocorrem na vida comunitária. A reconciliação passou a ocupar o primeiro plano como valor ético devido à tendência humana de solucionar diferenças e desavenças recorrendo à violência. A violência parece ser concebida como um meio fácil e rápido de resolver conflitos, mas não oferece uma solução duradoura. Ao contrário, tudo o que faz é exacerbar a inimizade e a insatisfação. O ânimo conciliador deve ser enfatizado como um valor ético imprescindível em nossos dias.

Aprender a Viver Juntos se concentra em quatro valores éticos que devem fazer parte da educação ética das crianças em uma sociedade globalizada caracterizada pela pluralidade religiosa e cultural. Esses quatro valores – respeito, empatia, reconciliação e responsabilidade – não constituem uma lista exaustiva nem excluem outros valores. A educação ética para a infância não pretende implantar uma lista de valores nas crianças, mas alimentar nelas a espiritualidade necessária para viver em um mundo plural. É necessário ressaltar que os valores éticos e a espiritualidade não constituem duas vias diferentes de comportamento, mas estão relacionados e enriquecem-se mutuamente. Uma pessoa espiritual será também uma pessoa eticamente correta; e uma pessoa eticamente correta exibe uma espiritualidade que outros procuram imitar.

-> Indice

A educação ética

O Conselho Inter-religioso de Educação Ética para as Crianças promove uma abordagem e uma atitude com relação ao outro que se refletem na própria pessoa.



Esta imagem ilustra um processo de aprendizagem que evolui como uma espiral. A aprendizagem, com espaço para o pensamento crítico, é o que permitirá às crianças e aos adolescentes forjar e praticar uma *relação positiva* consigo mesmos, com os outros, com o meio ambiente e com aquilo que conhecemos como Deus, Realidade Última ou Presença Divina. O estabelecimento dessas relações positivas enriquecerá sua espiritualidade inata, abrindo caminho para o crescimento, a compreensão mútua e o respeito às pessoas de diferentes religiões e civilizações. Isso, por sua vez, permitirá que as crianças e adolescentes formem alianças com os outros para construir um mundo baseado em valores e práticas que salvaguardem a dignidade humana e promovam a solidariedade, a responsabilidade individual e coletiva e a reconciliação. A aprendizagem implica que as crianças e os adolescentes adquiram e pratiquem uma visão da vida fundamentada na ética e nos valores, que deixe espaço para o livre pensamento crítico e nutra a espiritualidade.

O Conselho Inter-religioso promove um modo novo e dinâmico de conceber a ética em uma sociedade globalizada e plural. É algo que todas as religiões e sociedades podem fazer de maneira independente; o que é único nesta iniciativa é seu caráter inter-religioso. O Conselho Inter-religioso não promove uma nova religião, mas reconhece e afirma a diversidade. Não se trata de um novo "ensinamento", mas de uma forma nova de enfatizar a necessidade de estabelecer relações positivas. Trata-se de um enfoque:

> intercultural
> inter-religioso
> que afirma a diversidade, e
> que afirma o diálogo e a comunicação consigo mesmo e com os outros em um processo contínuo de aprendizagem individual e coletiva.

Ao longo deste processo de aprendizagem vai se criando o espaço necessário para o intercâmbio, a interação e o entendimento. Ao promover o pensamento crítico, o entendimento e a abertura mental em relação ao outro, este processo capacita as crianças, jovens e adultos para descobrir sua própria tradição, seus próprios valores e os valores e tradições alheios. Assim, a interação com os outros gera possibilidades de enriquecimento mútuo em um contínuo 'dar e receber' que faz parte de uma natureza humana conjunta.

-> Indice

Uma mesma natureza humana

Em quase todas as sociedades, as pessoas pertencem a uma ampla variedade de tradições religiosas e a conduta ética da sociedade geralmente é inspirada nos compromissos religiosos predominantes. De fato, os ideais e explicações morais ou éticas frequentemente estão intimamente relacionados às crenças religiosas. Se perguntarmos a uma pessoa por que realiza trabalho humanitário, ela poderá responder: "Porque amo a Deus, e portanto ao próximo." Nas tradições judaica e cristã, amar ao próximo, atender às suas necessidades básicas, é visto como a verdadeira prova de fidelidade para com Deus. Na tradição islâmica, ocupar-se dos que sofrem necessidade é inerente à obrigação religiosa. No budismo, a relação da pessoa com seu ambiente se inspira na compaixão por todos os seres. Da mesma forma, um hindu, um sique ou qualquer pessoa que pratique uma religião tradicional baseará suas relações com o mundo nos ensinamentos de seu credo. Hoje em dia, muitas pessoas recorrem a fontes espirituais não inscritas em nenhuma religião em busca de uma inspiração ética que guie seus atos.

O que todas essas explicações para a ação têm em comum é o conteúdo moral ou ético. Os valores subjacentes nos ditam o que fazer e o que evitar na relação com os outros e com a natureza. Ajudam-nos também a forjar ideias e visões de como o mundo deveria ou poderia ser, permitindo que nossa imaginação vá além da realidade que vivemos. Esses valores, portanto, nos ajudam a trabalhar juntos para fazer do mundo um lugar melhor.

Expressões concretas de nossa natureza humana comum

A convicção de que realmente podemos afirmar nossa natureza humana compartilhada e buscar ideais comuns em nossas relações com os outros já foi demonstrada em diversas áreas.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi adotada em 1948. Os direitos que ela define são interpretados em um sentido amplo. A noção de necessidades básicas, por exemplo, não está limitada ao alimento, à água, ao vestuário e ao abrigo, mas abrange também nossas necessidades físicas, psíquicas, culturais e espirituais, o direito a uma identidade e a capacidade e liberdade de escolha. Outro documento mais recente é a "Carta da Terra", que se refere à proteção da natureza e orienta nossa conduta em relação ao meio ambiente.

As necessidades específicas da infância receberam menos atenção ao longo da história, mas vêm sendo crescentemente reconhecidas. A Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança – uma declaração de direitos paras menores de 18 anos – só foi promulgada em 1989, mas desde então foi ratificada por um grande número de países com diferentes crenças religiosas e culturais, tornando-se o tratado sobre direitos humanos mais ratificado do mundo. O compromisso de criar um mundo melhor para a infância vem colocando os direitos das crianças em primeiro plano na luta mundial para consagrar os direitos humanos como obrigações morais e legais. Nos anos transcorridos desde a adoção da Convenção sobre os Direitos da Criança, cada vez mais governos reconheceram a importância da sobrevivência, desenvolvimento, proteção e participação das crianças.

Em outras palavras, já temos provas suficientes de que os membros da comunidade humana são capazes de se unir, apesar de suas diferenças, em favor de objetivos éticos e morais que regulem, facilitem e inspirem sua vida em comum.

-> Indice

Um mundo religiosamente plural

Recursos religiosos para uma vida ética

Ao longo dos séculos, as tradições religiosas ensinaram e inculcaram valores éticos em seus fiéis. Há quem sustente que é através da vida religiosa que as crianças aprendem o valor da vida. Este entendimento implica que as religiões, por si sós e como expressões culturais, são os veículos de valores éticos e morais ensinados por meio de textos, parábolas, provérbios, exemplos e práticas. Significa, além disso, que sem os vínculos básicos da família e da comunidade, o desenvolvimento de seres humanos morais, formados pela sociedade nas normas do comportamento humano, é improvável.

O sociólogo Michael Walzer disse:

> *"As sociedades são necessariamente particulares, porque têm membros e memórias – membros que possuem não apenas suas próprias memórias, mas também de sua vida em comum. A humanidade, em contraste, tem membros mas não tem memória e, portanto, não tem história nem cultura, nem práticas habituais, nem modos de vida familiares, nem festivais, nem uma compreensão comum do que é bom para a sociedade. É humano possuir essas coisas, mas não existe uma única forma de possuí-las".*[19]

Um excesso de singularidade pode conduzir à exclusividade e ao chauvinismo. Não devemos subestimar o imenso perigo que representa para a paz e a estabilidade do mundo o extremismo de muitas pessoas que alegam atuar em prol de causas éticas ou em nome de sua religião. No mundo todo, encontramos exemplos de crianças que são ensinadas a encarar os outros como inimigos, incitadas a participar de atos violentos como parte de seu compromisso religioso ou socializadas de modo a se tornarem insensíveis às necessidades e direitos dos outros. Portanto, nos processos de aprendizagem de todas as tradições religiosas, especialmente em relação à infância, é preciso prestar atenção a quatro dimensões da responsabilidade.

Quatro dimensões da responsabilidade

Primeira: Todas as tradições religiosas, ao promover em suas crianças a fé e os valores de sua própria comunidade, devem assegurar que os valores e a fé serão ensinados e aprendidos em um contexto de respeito aos outros e à sua 'alteridade'. Uma criança que não aprendeu a se relacionar com aqueles que pensam e atuam de forma diferente não está equipada para viver em um mundo caracterizado pela pluralidade religiosa e cultural.

Segunda: Em suas práticas de ensino, as tradições religiosas devem realizar um esforço consciente para defender os valores religiosos e culturais de seu credo que promovem a tolerância, a honestidade e uma atitude compassiva com outros seres humanos. Esses valores devem ser estimulados desde a mais tenra idade.

Terceira: Embora reconhecendo que as tradições religiosas diferem umas das outras, é necessário buscar aspectos comuns e valores coincidentes que sirvam de base para que as pessoas possam trabalhar juntas em questões de interesse comum. Devemos ensinar e praticar nossa fé de maneiras que demonstrem nossa natureza humana comum e nossa interdependência.

Quarta: Atualmente, enfatizamos também o conceito de 'educação inter-religiosa', uma aprendizagem que se produz não de forma isolada mas em relação aos outros. É importante que as crianças valorizem não só sua própria fé, mas que possuam também uma compreensão fundamentada das crenças alheias, bem como dos aspectos comuns que compartilhamos como comunidade humana e em relação a desafios específicos.

19 Michael Walzer, *Thick and Thin: Moral Argument at Home and Abroad*, Notre Dame, University of Notre Dame Press, 1994, pág. 8.

-> Indice

A vida não discrimina por razões de fé. Seja qual for nosso credo, todos compartilhamos algumas experiências comuns: o nascimento, a morte, a alegria e a dor. Todos buscamos respostas para certas perguntas existenciais. Frente a estes desafios, os ensinamentos religiosos buscam promover códigos éticos baseados em valores e cada tradição busca transmitir esses valores e essa ética por meio da instrução religiosa, encarnada na vida piedosa.

Na Sessão Especial das Nações Unidas em favor da Infância em 2002, as crianças participantes declararam:

> *"Prometemos tratar-nos uns aos outros com dignidade e respeito.*
> *Prometemos ser abertos e sensíveis a nossas diferenças.*
>
> *Somos as crianças do mundo, e apesar de nossas experiências diferentes, compartilhamos uma realidade comum.*
>
> *Estamos unidas em nossa luta para tornar o mundo um lugar melhor para todos.*
> *Vocês nos chamam de futuro, mas somos também o presente."*[20]

Atualmente são muitos os adolescentes e crianças que não só entendem este mundo plural como uma realidade, mas também o empregam como um recurso comum: sua compreensão do mundo, suas interações, colaborações e experiências de vida comuns, suas identidades compostas e seus fundamentos éticos são modelados e baseados nessa diversidade recém-descoberta. Lutam unidos para fazer deste mundo um lugar melhor e estão dispostos a ir além das tradições particulares em busca de um código de ética baseado em valores.

O religioso e o leigo

Embora haja uma conexão estreita entre a educação ética e a instrução religiosa, trata-se de coisas distintas. A educação ética transcende as crenças religiosas.

Wilfred Cantwell Smith argumenta:

> *"Na minha opinião, fé é toda apreciação da beleza, todo anseio de verdade, todo desejo de justiça, todo reconhecimento de que algumas coisas são boas e outras más e de que essa distinção é importante. Qualquer sentimento ou comportamento amoroso, qualquer amor por aquele que os teístas conhecem como 'Deus', todos esses e mais são exemplos de fé pessoal e comunitária."*[21]

Para Wilfred Cantwell Smith, ser uma pessoa de fé consiste, em parte, em saber distinguir entre o que é bom, aceitável ou mau e em crer que tais distinções são importantes. Pessoas que vivem conforme estes princípios talvez não façam parte de nenhuma religião concreta, mas abraçam uma espiritualidade que é sensível à importância das relações positivas na vida comunitária. Às vezes as chamamos de pessoas 'leigas' porque não pertencem a nenhuma tradição religiosa específica. Na realidade, são importantes parceiros na construção de um mundo adequado para nossas crianças.

Aprender em relação aos outros

Embora possam ser baseadas em uma tradição religiosa, a fé e a vida ética transcendem as particularidades de qualquer religião. A ética que o Conselho Inter-religioso busca promover se inscreve em um contexto inter-religioso e é centrada principalmente nas relações com os outros. Mais que um sistema de dogmas ou ensinamentos, a ética é uma questão de atitude: uma forma de se relacionar com o próximo, com a natureza e com a própria vida. É através desta atitude e da conduta que provém dela, e não da teoria, que compreendemos nossas próprias tradições e as daqueles que nos rodeiam.

20 UNICEF, *A world Fit for Children*, setembro de 2005, pág. 12.

21 Wilfred Cantwell Smith, *Patterns of Faith Around the World*, Oneworld, Oxford, 1962

-> Indice

Não podemos continuar vivendo como se cada religião fosse uma ilha. No mundo atual, pessoas de diferentes religiões e pessoas que não professam nenhuma religião irão inevitavelmente se encontrar. Em nossas sociedades e comunidades, que se tornaram cultural e religiosamente plurais, a crença do outro passou a ser importante. Assim, o aspecto inter-religioso, em termos tanto de relacionamentos como de abordagem da vida religiosa, tornou-se parte integrante da vida de uma pessoa de fé.

A aprendizagem inter-religiosa deve ser entendida também no contexto da educação de qualidade, como é expressa no objetivo 6 da Declaração sobre Educação para Todos e nos quatro pilares básicos da educação propostos pela UNESCO: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Segundo a UNESCO, uma educação de alta qualidade consiste em criar ferramentas para a vida que os estudantes se sintam aptos e motivados para usar. Inclui também a promoção de um comportamento baseado em valores positivos: compreensão e respeito por todas as pessoas e seus direitos, bem como respeito pela natureza, pelo passado e pelo futuro.

Para o UNICEF, a educação de qualidade prepara os indivíduos para terem vidas bem-sucedidas e cria sociedades saudáveis através do desenvolvimento de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores necessários para proporcionar mudanças comportamentais que permitam às crianças, jovens e adultos evitar os conflitos e a violência tanto direta quanto estrutural; solucionar conflitos pacificamente; e criar as condições propícias para a paz, seja em nível intrapessoal, interpessoal, intergrupal, nacional ou internacional. O UNICEF apoia a educação baseada em habilidades para a vida e voltada para a prevenção da violência e a construção da paz, promovendo uma aprendizagem reflexiva, emocional e social alinhada aos quatro pilares da educação.

Rezar juntos ou juntar-se para rezar

Por ocasião do Dia Mundial da Oração pela Paz, celebrado em Assis em 1986, uma clara distinção foi estabelecida: os participantes não estavam ali para rezar juntos, eles se juntaram para rezar.

Isto suscita a questão da oração conjunta. Hoje em dia, pessoas de diferentes religiões se encontram, estabelecem relações e trabalham juntas. As pessoas que convivem em diálogo com os vizinhos de diferentes religiões, tendo experimentando a espiritualidade de outros, talvez desejem que esse processo de crescimento conjunto seja expresso na oração e no culto. Há quem se pergunta se o culto, a oração e a meditação não deveriam ser, de fato, o ponto de partida de uma peregrinação espiritual inter-religiosa; se essa busca comum não serviria, muito mais que as palavras, para promover o diálogo e a cooperação nas sociedades plurais.

O desejo de compartilhar o culto e a oração surge frequentemente como consequência da preocupação compartilhada por uma comunidade ou em resposta a uma crise ou a uma catástrofe. Os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 e o tsunami que afetou a Ásia meridional foram ocasiões em que pessoas de diferentes religiões se congregaram em um ato espontâneo de culto e oração. A primeira Guerra do Golfo fez com que judeus, cristãos e muçulmanos se congregassem em diversos países do mundo, no que se poderia considerar um exercício de oração inter-religiosa. Em algumas partes do mundo, a oração inter-religiosa pode ser uma expressão de coesão nacional, como é o caso de determinadas festas cívicas e celebrações comunitárias. São demonstrações de unidade que vão além das diferenças religiosas. Eventos desse tipo podem ser fortuitos e mais ou menos impessoais, mas outros momentos de oração inter-religiosa são mais deliberados: casamentos, celebrações, eventos familiares.

O envolvimento e inclusão das crianças na oração inter-religiosa deve ser feito com grande sensibilidade e respeito por todas as tradições religiosas. O culto e a oração se inscrevem na dimensão espiritual de cada tradição, constituindo o seu próprio núcleo. O ensino inter-religioso promovido pelo Conselho Inter-religioso de Educação Ética para as Crianças é um caminho de aprendizagem delicado e respeitoso que deve ser empreendido em conjunto e com plena consciência de que estamos visitando o sagrado em cada tradição.

-> Indice

Espiritualidade

As crianças possuem capacidades espirituais significativas. Em primeiro lugar, possuem um sentido especial do tempo. São capazes de permanecer completamente quietas observando uma fila de formigas, absortas em seu ir e vir. De um ponto de vista espiritual, as crianças têm essa habilidade de submergir no momento, o que muitos adultos passam horas tentando reaprender. Essa habilidade inclui ao mesmo tempo uma consciência absoluta da realidade em que se encontram e um senso de intemporalidade.

Outro dom espiritual que ocorre de forma natural nas crianças menores é a capacidade de se maravilhar; não como uma forma de evasão fantástica ou onírica da realidade, mas como uma experiência que impregna todo o seu ser. É algo que se apodera de seu corpo e de seus sentidos, além de sua mente. A criança desejará cheirar repetidamente a massa do pão quando este for posto no forno, ou ficará escutando o barulho da chuva que cai sobre o telhado, ou permanecerá sentada em silêncio contemplando a chama de uma vela acesa. Essa capacidade de assombro conduz à alegria, mantém viva a emoção e o entusiasmo e traz energia e esperança.

O amor constitui a terceira característica da capacidade espiritual das crianças. Dar e receber é inerente à infância. Quem não experimentou esse momento extraordinário no qual uma criança nos oferece seu brinquedo preferido, confiando que não vamos tirá-lo, mas que o compartilharemos e o devolveremos depois? Entretanto, também sabemos quão rápido uma criança aprende a não confiar.

Consagrado à criação de uma rede de pessoas dedicadas à infância, o Reverendo Takeyasu Miyamoto estabeleceu o Conselho Inter-religioso de Educação Ética para as Crianças, declarando:

> *"Estou firmemente convencido de que o processo de decadência espiritual e a falta de atenção a uma ética básica é a raiz da crescente violência e injustiça que atualmente presenciamos a nosso redor. Um passo fundamental no caminho rumo à paz é assegurar que todas as crianças cresçam com plena consciência de sua capacidade inata para o desenvolvimento espiritual, e é por isso que a implementação de uma educação ética inter-religiosa – tanto nas escolas quanto em outros ambientes 'educativos' – é crucial para alcançar o objetivo de construir um mundo pacífico em que reine a dignidade humana, um mundo apropriado para as crianças e os adolescentes no sentido mais autêntico."*

Esta frase fundacional fala de permitir que as crianças descubram sua "capacidade inata para o desenvolvimento espiritual". Isso significa que a espiritualidade não é algo que alguém possa impor ou sequer dar a sua criança; a educação ética tem como propósito dotar as crianças dos meios necessários para descobrir a plenitude de sua espiritualidade e empregá-la em benefício de seu próprio bem-estar e o da sociedade como um todo. É importante reconhecer que essa capacidade espiritual inata na criança deve ser alimentada e desenvolvida. A essas crianças que nos revelam o intemporal, a capacidade de assombro e o amor, podemos oferecer as palavras e imagens que concebemos como veículos do eterno, do maravilhoso e do infinitamente amoroso. É importante desenvolver esta espiritualidade dentro do contexto concreto da tradição religiosa ou espiritual da criança, de modo a fornecer uma estrutura e fundamentos específicos para o seu crescimento e desenvolvimento. Esse crescimento ocorre por meio de um processo que engloba o ensino, a reflexão crítica, a integração e o estabelecimento e prática de relacionamentos positivos.

Espiritualidade e religião não são o mesmo e às vezes estão em campos opostos. Algumas pessoas podem se inclinar pela espiritualidade em busca de uma maior abertura, de modo que nem tudo esteja confinado pelas fronteiras religiosas existentes. Entretanto, existem também as falsas espiritualidades que levam a pessoa a uma preocupação egocêntrica consigo ou a mantêm afastada da realidade do mundo em que vive. Há quem acredite que a espiritualidade está relacionada aos sentimentos e emoções. Mas a espiritualidade é uma forma de canalizar as emoções, os sentimentos e a compaixão, transformando-os em compromisso. E o compromisso, por sua vez, é a força motriz da liberação e do empoderamento.

-> Indice

A espiritualidade é uma atitude, uma maneira de ser, de se situar no universo. É algo que nos leva além do que somos, além do que experimentamos normalmente.

Em primeiro lugar, uma espiritualidade que consiste em 'ir além' se interessará pelo eterno, não pelo imediato. Por exemplo, se consideramos situações em que adultos recorrem à violência contra as crianças, quase sempre isso é devido ao fato de que estão presos ao imediato e não são capazes de ver o eterno. Em muitos casos, é essa preocupação com o imediato que faz o adulto recorrer à violência. Castigar uma criança sugere uma preocupação com o imediato, um desejo imediato de calar uma criança sem se perguntar o que esse castigo poderá significar para ela a longo prazo. Uma espiritualidade que consiste em 'ir além' – a espiritualidade transcendente – não se satisfaz com o imediato, mas está em busca do fim último.

Em segundo lugar, a espiritualidade que vai além não se satisfaz com respostas. Ir além é formular perguntas. A maioria das pessoas busca uma resposta rápida. Quanto mais perguntas fazemos, mais avançamos. Algumas vezes, estamos tão certos de conhecer as respostas que deixamos de fazer perguntas. A atitude espiritual não se satisfaz apenas com respostas.

Em terceiro lugar, a espiritualidade que vai além não pode ser restringida por limites; ao contrário, o que ela busca são as possibilidades. As pessoas podem viver e trabalhar juntas pelo bem da comunidade. O imperativo de amar o próximo como a si mesmo é um desafio de ir além, de tentar experimentar o que em aparência é uma contradição. É possível amar nossos inimigos? Quando nos perguntarmos se esse propósito é realista, estamos nos abrindo para a própria possibilidade.

A espiritualidade constitui um chamado para ir além de si mesmo: do imediato ao eterno, das respostas às perguntas, das fronteiras às possibilidades. Desenvolver o potencial espiritual inato das crianças contribui para construir um mundo apropriado para a infância.

As próximas seções de *Aprender a Viver Juntos* contêm diretrizes práticas para a criação de um programa intercultural e inter-religioso de educação ética.

O processo é dividido em dois Módulos de Aprendizagem, que sugerem atividades e incluem recursos originários de diferentes tradições e regiões que favorecem o processo de aprendizagem.

Esperamos que este recurso lhe seja útil.

-> Indice

Seção 1
Guia do usuário

Alcance e objetivo

A aprendizagem intercultural e inter-religiosa para a educação ética afirma a diversidade e promove o diálogo e a comunicação do participante com os outros e consigo próprio. É um processo contínuo de aprendizagem individual e coletiva que promove uma maneira construtiva de viver em comunidade em um mundo globalizado e plural. Sua ênfase está na defesa, desenvolvimento e estímulo ao crescimento de valores compartilhados em crianças e adolescentes.

Os princípios e valores éticos que Aprender a Viver Juntos promove estão expressos na missão do Conselho Inter-religioso de Educação Ética para as Crianças, cujo objetivo é fomentar o respeito às pessoas de religiões e civilizações diferentes, mediante:

> A promoção de sistemas de valores que enfatizem a coexistência digna e harmoniosa e a solidariedade entre pessoas de diferentes procedências sociais, étnicas, religiosas, culturais e ideológicas;
> A promoção da prática de valores universais positivos, como o compromisso com os direitos humanos estabelecidos e adotados pela comunidade internacional;
> O fomento de uma espiritualidade que conduza naturalmente ao respeito por outras religiões e busque a compreensão mútua e a interação entre diferentes credos, resultando no enriquecimento da cultura religiosa enraizada na tradição de cada fé;
> O cultivo de uma cultura da paz que prepare as crianças e os adolescentes para serem agentes de mudança e construtores da paz.

Os Módulos de Aprendizagem

Aprender a Viver Juntos possui dois Módulos de Aprendizagem: ***Compreensão de si mesmo e dos outros*** e ***Transformar o mundo juntos***, encontrados na Seção 2. Esses dois módulos são interligados e mutuamente complementares.

Os módulos consistem em uma série de **quiosques** concebidos para permitir que os participantes embarquem em uma jornada de aprendizagem, na qual os diferentes caminhos os prepararão para responder a desafios éticos e os ajudarão a descobrir como podem ser agentes de mudança. Os módulos são acompanhados de uma série de métodos de avaliação, encontrados na Seção 3, cujo objetivo é ajudar o facilitador e os participantes a avaliarem o progresso obtido. A Seção 4 contém uma seleção de atividades a que você pode recorrer quando estiver elaborando sua rota específica através dos módulos. Sugestões de atividades apropriadas são fornecidas em cada módulo.

Os dois módulos estão ilustrados em mapas dos povoados. Não há uma rota única a seguir: você pode decidir seu próprio caminho juntamente com os participantes. Um cartaz é incluído para ajudar a visualizar cada módulo.

Um quiosque é um lugar protegido e com sombra onde o facilitador pode parar para realizar atividades de motivação, descoberta, exploração, reflexão e diálogo. A visita aos diferentes quiosques conduzirá os participantes a uma jornada de autoconhecimento.

A palavra "quiosque" é de origem persa e se refere a uma entidade que age como uma sombra ou que oferece sombra. Originalmente, na arquitetura islâmica, tratava-se de um pavilhão aberto circular consistindo em um teto apoiado em pilares - um espaço aberto mas protegido. Os quiosques eram comuns na Pérsia, Índia, Paquistão e no Império Otomano desde o século XIII.

kiosc (Persa کوشک Kushk; Arabe كشك Koshk; Turco Köşk; Francês Kiosque; Alemão Kiosk; Polonês Kiosk; Espanhol Kiosco ou Quiosco; Romeno Chiosc; e Inglês Kiosk)

Não há limite de tempo. Os programas podem ser ajustados às necessidades específicas do grupo, proporcionando aos participantes espaço suficiente para reflexão e descoberta de conexões dentro de cada quiosque e entre eles. Também é possível adaptar os módulos a diferentes situações e contextos. Os mapas dos povoados indicam zonas, ou paradas de descanso, onde o facilitador pode fazer uma pausa para avaliar o processo de aprendizagem dos participantes. Para obter mais informações, consulte as placas indicativas de paradas de descanso na Seção de Avaliação do progresso.

O caminho de aprendizagem que você escolher deverá permitir que os participantes estabeleçam conexões entre os sucessivos quiosques. Esse enfoque ajudará os participantes a desenvolverem os valores promovidos em cada módulo e associarem o exercício às suas próprias vidas. O caminho de aprendizagem também deve conduzir a um processo de descobrimento que incentive atitudes e comportamentos positivos propícios à coexistência, ao respeito por diferentes culturas e religiões e à transformação coletiva do nosso mundo compartilhado e plural.

Quatro valores

Aprender a Viver Juntos promove quatro valores éticos principais:

> Respeito
> Empatia
> Responsabilidade
> Reconciliação

Esses valores são integrados aos dois módulos e aplicados a diferentes contextos e situações com a intenção de facilitar um processo de aprendizagem inter-religiosa e de construção da paz.

Por meio dos módulos, o participante será estimulado a aprender:

> Como se respeitar e a compreender a si mesmo e aos outros;
> Como agir munido de uma atitude de reconciliação consigo próprio e com os outros; e
> Como responder às necessidades do mundo e proteger os direitos humanos.

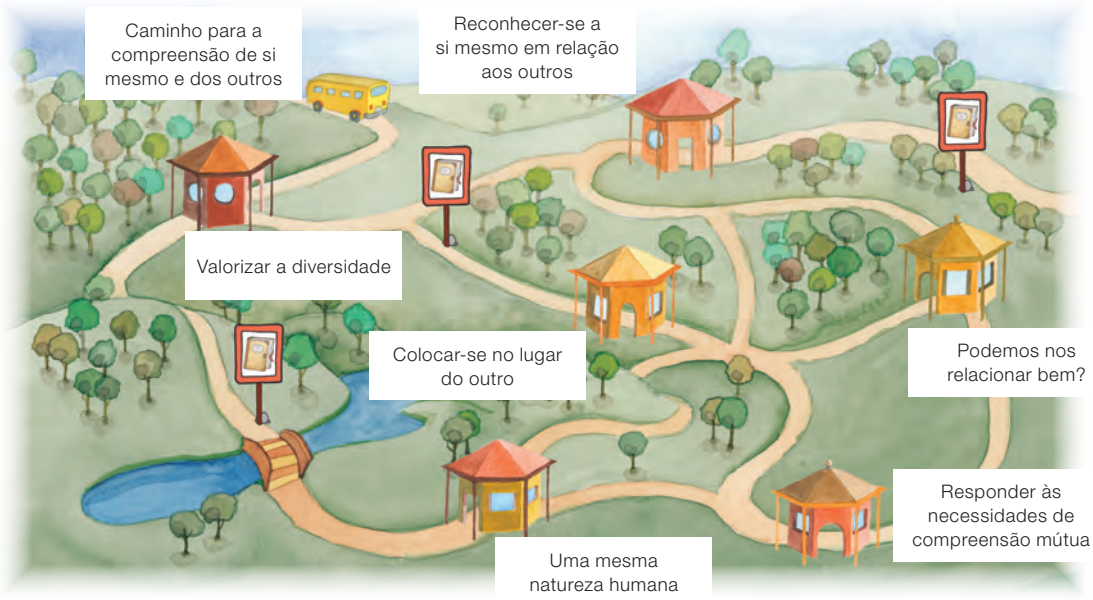
O **respeito** pelas pessoas de religiões, culturas e civilizações diferentes se desenvolve e se amplia colocando-se no lugar do outro para aprender o que significa **empatia**. O respeito e a empatia conduzem a uma maior conscientização sobre a **responsabilidade** individual e coletiva e à atuação responsável, levando a uma atitude de abertura à **reconciliação**. A dignidade humana é protegida e defendida quando estamos conscientes das numerosas experiências e realidades, histórias e recordações que os seres humanos acumulam e quando trabalhamos em favor da paz, da justiça, da igualdade, dos direitos humanos e da coexistência harmoniosa.

-> Indice

Os módulos

Módulo 1: Compreensão de si mesmo e dos outros

Neste módulo, os participantes aprendem a conhecer a si mesmos em relação aos outros. Aprendem a valorizar as diferenças e as semelhanças, a escutar e valorizar o ponto de vista de outras pessoas e a compreender e respeitar aqueles que são diferentes e pensam de modo diferente.



Módulo 2: Transformar o mundo juntos

Neste módulo, os participantes descobrem um mundo necessitado de uma transformação social. As atividades lhes servem de guia para assumirem uma atitude aberta à reconciliação e para desenvolverem sua capacidade de se conectar com os outros. O módulo foi projetado para oferecer aos participantes os meios para trabalhar com pessoas de diferentes culturas e religiões, ajudando a transformar suas próprias sociedades e o mundo em geral, juntos e dentro do seu próprio círculo de influência.

Nutrir os jovens para que desenvolvam sua espiritualidade inata

Aprender a Viver Juntos foi concebido para iniciar as crianças e os adolescentes nas dimensões espirituais da vida, com o objetivo de contribuir a favor de seu direito a um desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral e social pleno e saudável, conforme a Convenção sobre os Direitos da Criança. A intenção é capacitar cada participante para estabelecer uma relação positiva consigo mesmo, com os outros, com o meio ambiente e com aquilo a que as pessoas se referem como Deus, Realidade Última ou Presença Divina, intensificando assim sua qualidade de vida como membro da comunidade local e mundial. Com um conhecimento mais profundo, uma inteligência moral cultivada e um pensamento crítico, as crianças e os adolescentes estarão mais bem preparados para enfrentar os desafios de tomar as decisões mais adequadas em um mundo caracterizado por uma ampla gama de influências e possibilidades.

Educadores e facilitadores – o centro do processo de aprendizagem

Aprender a Viver Juntos exige dos facilitadores um estilo democrático que fomente a participação. A ideia não é que os adultos/professores possuam conhecimentos sobre a ética e os valores e que as crianças/adolescentes não os possuam. O educador/facilitador não instrui, mas orienta e estrutura o processo de aprendizagem mediante a organização das atividades de aprendizagem; esse processo ajuda a todos, estudantes e professores, a se desenvolverem juntos e questionarem seus conhecimentos, atitudes e comportamentos.

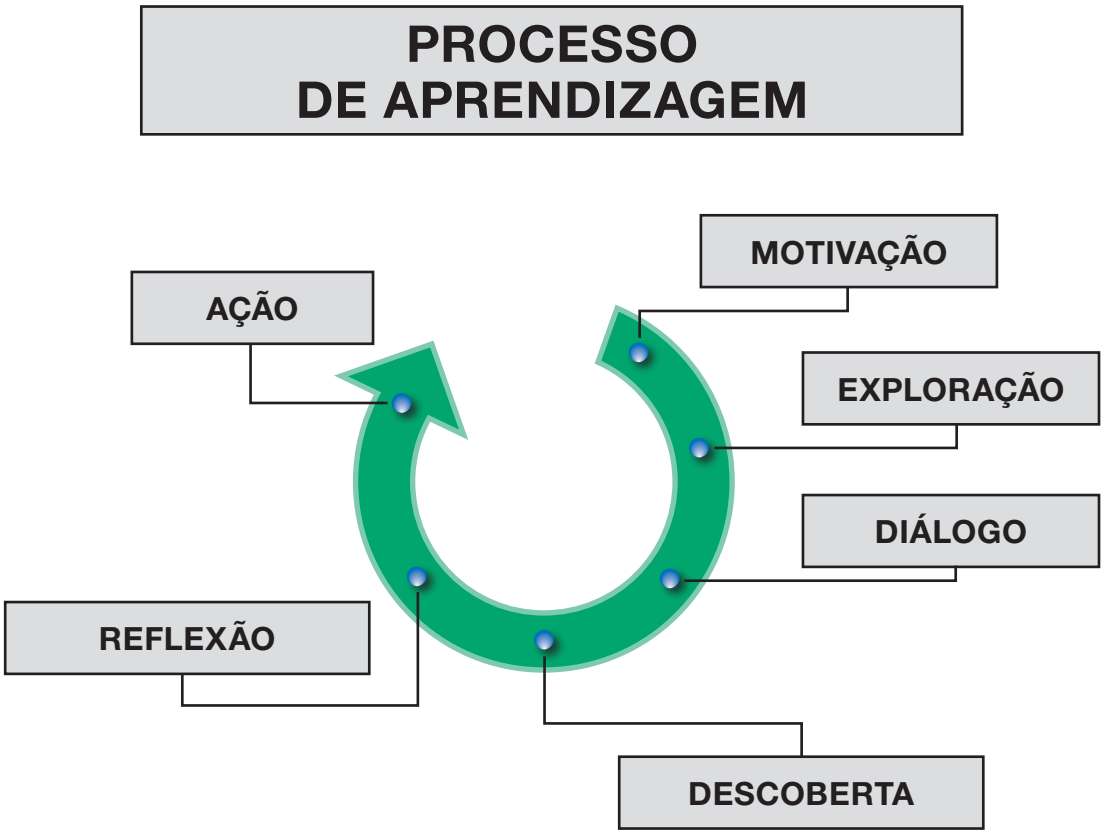
A "qualidade" do educador/facilitador é fundamental na experiência de aprendizagem. Os participantes dependem de você como facilitador para orientá-los de forma segura nessa jornada. Querem ter a confiança de que você não vai zombar deles, mas apoiá-los nos momentos difíceis ou embaraçosos. Os facilitadores que demonstrem ser organizados, justos e honestos ganharão a confiança dos participantes, que se envolverão com prazer na jornada que você lhes preparou.

Algumas diretrizes importantes para um facilitador:

1. Esteja preparado para cada sessão; ensaie mentalmente com antecedência e pense nas discussões e acontecimentos que possam surgir em cada etapa. Prepare-se para enfrentar problemas, dificuldades e perguntas. Certifique-se de que tem todos os materiais necessários e tente iniciar e finalizar as atividades selecionadas de maneira fluente.
2. O tempo é essencial. Tente completar as atividades no tempo disponível. Se o tempo for insuficiente, decida quando é possível diminuir a duração de uma atividade ou interrompê-la adequadamente até a próxima vez.
3. Esteja sempre preparado para romper o gelo no começo das sessões, reunir de novo todos os participantes (depois de algum tempo separados) e conseguir que se sintam satisfeitos ao término da sessão.
4. Torne o processo divertido: os participantes se mostrarão mais dispostos a se envolver e a interagir se estiverem se divertindo juntos.
5. Não permita comportamentos ou atitudes negativas entre os participantes. Deixe claro que na sala não se permite nenhuma manifestação racista ou de preconceitos. Caso lhe pareça que isso poderá ser um problema desde o princípio, talvez deva ser o primeiro assunto a ser discutido com os participantes.
6. Trate os participantes com respeito durante todo o tempo, já que o respeito aos outros é aprendido pelo exemplo.

-> Indice

Processo e diretrizes para a aprendizagem



O processo de aprendizagem ilustrado aqui é um guia para ajudar os facilitadores a obter o envolvimento ativo dos participantes na experiência. A espiral conduz os participantes por um processo de descoberta, cujo resultado gera uma nova reflexão e uma aprendizagem contínua. O processo de aprendizagem serve como modelo para preparar as sessões e tornar os participantes mais conscientes de suas próprias experiências de aprendizagem inter-religiosa.

Motivação

Inicie a sessão com histórias, canções, poemas ou ilustrações que despertem a curiosidade dos participantes sobre o tema, questionem suas percepções e os motivem a explorar novas questões éticas. Lembre-se de consultar os participantes sobre músicas e outros meios que considerem relevantes para as atividades e que talvez possam ser incorporados aos recursos fornecidos na Seção 5.

Exploração

Quando começarem a se animar com um assunto, os participantes desejarão explorar as informações pertinentes. Não é o momento para apresentar muitos dados, mas uma oportunidade para que os

-> Indice

participantes explorem ideias e adquiriam novas experiências por meio de exercícios práticos. É um bom momento para estabelecer uma atmosfera na qual os participantes possam se relacionar com franqueza e expressar seus pensamentos, sentimentos e aquilo que lhes vai pela alma.

Diálogo

O diálogo é fundamental em qualquer processo de aprendizagem, especialmente em um processo de aprendizagem inter-religiosa. O diálogo oferece a oportunidade de trocar ideias, compartilhar experiências e descobrir o outro, proporcionando aos participantes uma oportunidade de questionar suas próprias percepções. É preciso estabelecer um espaço apropriado no qual os participantes se sintam à vontade para intervir plenamente sem serem julgados.

Descoberta

Por meio do processo de diálogo, os participantes descobrirão novas interpretações e ideias. Entretanto, as descobertas não ocorrem imediatamente ou ao mesmo tempo. É necessário estabelecer um espaço para compartilhar os resultados mais importantes de uma discussão em grupo. Isso proporciona aos participantes uma experiência de descoberta, através da qual eles mesmos encaixam todas as peças e chegam a novas compreensões.

Reflexão

Esse é o momento de encontrar conexões consigo mesmo. Mediante o Caderno de Aprendizagem (ver a pág. 53) é possível oferecer tempo para a reflexão individual, durante a qual os participantes podem analisar sua própria aprendizagem em relação a uma série de situações práticas e examinar seus valores e suas atitudes.

Ação

A ação nem sempre faz parte de uma sessão, mas deve ser sempre o resultado da aprendizagem. No final de todas as sessões, os participantes devem relacionar o que aprenderam à sua própria realidade, o que pode inspirá-los a identificar uma ação apropriada. É necessário que a sessão empodere os participantes para se tornarem agentes de mudança, fortalecendo sua capacidade de responder a situações que exijam compreensão mútua.

A educação ética por meio da aprendizagem intercultural e inter-religiosa não é um fim, mas um meio pedagógico. Desenvolvido a partir de uma perspectiva intercultural e inter-religiosa, o processo de aprendizagem permite que os participantes reflitam sobre diferentes culturas, tradições religiosas, ideias e maneiras de pensar. Também foi concebido para ajudar os participantes a serem receptivos aos outros, desenvolverem seu ser interior e responderem melhor às necessidades de seu ambiente imediato.

-> Indice

Metodologias

Aprender a Viver Juntos incorpora ao mesmo tempo metodologias tradicionais e modernas. Para ajudar a estabelecer um equilíbrio apropriado durante o programa, as atividades foram agrupadas segundo sua metodologia nas páginas 63 e 64. A Seção 5, Recursos, fornece materiais suficientes para todas essas atividades, mas talvez você prefira criar seus próprios materiais.

A ideia central destas metodologias foi estabelecida nos escritos de Janusz Korczak, um escritor e educador de crianças polonês de origem judaica que desempenhou um importante papel ao fornecer novos conhecimentos sobre a psicologia infantil. Em seu diário e em outros escritos, é possível destacar a seguinte atitude e abordagem:

> Estimule todas as crianças a desenvolver um sentimento saudável de autoestima. Elas devem se sentir felizes consigo próprias, mas sem a necessidade de diminuir os outros; este é um pré-requisito para ser um indivíduo ético. É preciso ajudar todas as crianças a desenvolverem um sentimento de orgulho em relação à sua família, sua comunidade, sua cultura e sua religião, valorizando ao mesmo tempo outras famílias, comunidades, culturas e religiões.

> Discuta e reflita sobre situações concretas utilizando estudos de casos práticos, tanto histórias verdadeiras de outros como situações extraídas das experiências dos outros participantes em que decisões e escolhas éticas precisaram ser feitas. A discussão deve se concentrar nas escolhas feitas e no processo de deliberação que precedeu a decisão: o que teve que ser levado em conta e por quê? Quais teriam sido as consequências se outras decisões tivessem sido tomadas?

> Utilize histórias, parábolas, aforismos e canções tradicionais para estruturar e orientar a discussão sobre comportamento ético.

> Em todo momento, os facilitadores devem mostrar um comportamento ético em relação aos estudantes e entre si. Os jovens captam muito rapidamente as tensões e o comportamento rude entre adultos e podem usar isso como desculpa para seu próprio comportamento.

> Estabeleça normas básicas para o comportamento do grupo e, se necessário, realize discussões disciplinares quando essas normas forem infringidas.[1]

Esses enfoques conduzem a metodologias que oferecem um espaço para a troca, a interação, o encontro, a descoberta, o pensamento crítico, a reflexão e a ação. A metodologia de Aprender a Viver Juntos coloca a indivíduo em um processo de aprendizagem automotivado que é conduzido em relação aos outros. Também contribui para o desenvolvimento de aptidões, aumenta os conhecimentos dos participantes e cultiva atitudes que os empoderam para viver e agir em uma sociedade plural.

Cabe a você, como facilitador, selecionar a metodologia mais apropriada para o grupo. Lembre-se que as metodologias sugeridas podem ser combinadas, adaptadas ao contexto e à idade dos participantes e aplicadas a muitas atividades. Os métodos são concebidos para promover a participação ativa, o envolvimento e a conexão com os outros.

1 Janusz Korczak (1878 – 1942), pediatra, autor de livros infantis e pedagogo infantil polonês de origem judaica. Negando-se a aceitar ofertas de ajuda em favor de sua própria segurança, preferiu acompanhar as crianças de seu orfanato a Auschwitz; consta que teria dito: "Não se deve deixar uma criança doente sozinha à noite, e não se deve abandonar as crianças em um momento como este." A pedagogia infantil de Korczak consistia em valorizar a criança como alguém que atua no presente e possui direitos próprios. Foi o criador da ideia de estabelecer "tribunais" nos orfanatos, em que todos – tanto crianças quanto adultos – eram recompensados ou corrigidos em pé de igualdade (ver UNESCO Prospects, Quarterly Review of Education, Volume XVII, 1987).

Metodologias sugeridas

Aprendizagem baseada na experiência

A aprendizagem baseada na experiência utiliza experiências e reflexões sobre temas concretos para aumentar os conhecimentos, desenvolver aptidões e esclarecer valores.[2] As experiências podem se referir a acontecimentos passados da vida do participante, questões atuais ou situações resultantes da participação nas atividades práticas organizadas por professores e facilitadores. Os participantes, individual ou coletivamente, refletem sobre a experiência e a avaliam e analisam.

A aprendizagem baseada na experiência possui três características:

> Participação da pessoa em sua totalidade: intelecto, sentimentos e sentidos,
> Vinculação da aprendizagem às experiências pessoais, e
> Reflexão contínua para a transformação em uma compreensão profunda.

As metodologias baseadas na experiência podem ser desenvolvidas por meio de várias técnicas, como simulações, jogos, dramatização, aprendizagem de serviços e visitas de campo.

Aprendizagem baseada na cooperação

Os participantes são divididos em pequenos grupos que trabalham independentemente para alcançar um objetivo compartilhado. Os participantes buscam apoio mútuo para que todos os membros do grupo se beneficiem dos esforços de cada um. Na aprendizagem baseada na cooperação, há uma interdependência positiva entre os esforços de aprendizagem dos alunos; os participantes percebem que somente conseguirão alcançar o objetivo se todos os membros contribuírem para a tarefa indicada. O método facilita a aprendizagem por meio da interação.

A aprendizagem cooperativa melhora a capacidade da criança de trabalhar com pessoas diferentes. Durante as interações que se produzem em um grupo reduzido, ela descobre muitas oportunidades de refletir e discutir as diferentes respostas que os outros membros do grupo oferecem. Os grupos reduzidos também permitem que as crianças e adolescentes contribuam com suas perspectivas sobre um tema com base em suas diferenças culturais.

Esta troca ajuda os participantes a compreenderem outras culturas e pontos de vista. A aprendizagem baseada na cooperação também melhora a capacidade de comunicação dos participantes e fortalece sua autoestima. As atividades que requerem aprendizagem cooperativa promovem o sucesso de todos os participantes do grupo, contribuindo para a sensação de competência e valor pessoal de cada participante. Entre os exemplos de técnicas de aprendizagem baseada na cooperação, cabe destacar os projetos conjuntos, os jogos e a dramatização.

Aprendizagem baseada em problemas

Nessa metodologia, um problema é usado para ajudar a desenvolver a criatividade, o pensamento crítico e a capacidade da criança de analisar e refletir sobre valores éticos. As metodologias baseadas em problemas incentivam os participantes a fazer e responder perguntas, utilizando sua curiosidade natural. As crianças e adolescentes são confrontados com problemas que não têm respostas absolutas ou soluções fáceis, refletindo a complexidade das situações que ocorrem no mundo real.

A aprendizagem baseada em problemas ajuda os participantes a adotar um enfoque ativo, pragmático e autocontrolado da própria aprendizagem.

2 David Kolb, *Experiential Learning: Experience as the Source of Learning and Development*, Englewood Cliffs, NJ, Prentice Hall, 1984. Association for Experiential Education. http://www.aee.org

Essa metodologia pode ser utilizada em atividades de dramatização, na análise de casos, dilemas e problemas sociais ou com técnicas que utilizem a aprendizagem baseada na experiência.

Aprendizagem baseada na discussão

Discussões são interações verbais entre os participantes com o objetivo de incentivar a troca de ideias. Elas ajudam a desenvolver a capacidade de se comunicar e escutar e promovem a compreensão de questões e pontos de vista diferentes. As discussões podem ser realizadas de diferentes maneiras, incluindo debates, mesas redondas e grupos focais. Podem ser baseadas em estudos de casos práticos, em histórias e dilemas da vida real ou em filmes, imagens e músicas relevantes.

Frequentemente convém que um facilitador dirija as discussões. Recomenda-se que utilize técnicas de participação para resumir as ideias e descobrir relações entre elas. Essas técnicas incluem mapas mentais, esboços conceituais, *metaplans* ou técnicas de cartões.

Aprendizagem baseada na introspecção

É possível considerar a reflexão como parte de todas as metodologias mencionadas anteriormente, que incluem reflexões individuais e coletivas em diferentes etapas. Entretanto, há outro tipo de reflexão que vai além do intelecto, ajudando a criança a examinar seu próprio estado mental e a concentrar sua atenção na aprendizagem. Esse tipo de reflexão está relacionado às metodologias introspectivas que contribuem para o desenvolvimento do ser interior e da dimensão espiritual das crianças.

A introspecção permite aos participantes identificar e avaliar seus pensamentos, sentimentos e desejos íntimos. É especialmente importante nos programas interculturais e inter-religiosos de educação ética, porque permite que as crianças reflitam sobre seus valores e atitudes. Também é útil para avaliar as mudanças e compromissos pessoais.

A introspecção pode ser realizada individualmente ou em grupos. Técnicas como a meditação, os momentos de silêncio ou qualquer outra prática contemplativa ajudam os participantes a criar uma experiência de autorreflexão.

Técnicas sugeridas

- **Arte:** A arte é um excelente veículo para a aprendizagem: impulsiona a criatividade e melhora a capacidade de traduzir ideias em palavras, imagens e sons. A arte complementa o intelecto e ajuda a criança a refletir e a expressar seus pensamentos e ideias de forma criativa. Os exercícios artísticos podem incluir: compor músicas, fazer colagens, pintar camisetas, desenhar, fazer um filme, tirar fotografias ou escrever poemas e histórias. Também é possível explorar uma cultura ou uma sociedade através da arte.
- **Investigação apreciativa**:[3] Trata-se de uma técnica mais complexa que afirma que os problemas são frequentemente o resultado de nossas próprias perspectivas. Baseia-se na exploração de meios para transformar uma situação por meio do reconhecimento do que há de melhor nas pessoas e da descoberta daquilo que é vital nos relacionamentos e sistemas humanos. Supõe descobrir paralelismos no passado, analisar aquilo que deu melhores resultados e conceber o que se deseja no futuro. Exige observar as capacidades das pessoas e basear-se em seus pontos fortes para encontrar maneiras de transformar uma situação específica.

3 Para obter mais informação sobre essa metodologia, consulte http://appreciativeinquiry.case.edu/

-> Indice

- **Debates:** É um método estruturado de argumentação entre duas equipes ou indivíduos. Mais que uma mera capacidade verbal ou de atuação, o debate consagra os ideais da argumentação racional, da tolerância com pontos de vista divergentes e do autoexame rigoroso. O debate é um mecanismo para que aqueles que sustentam pontos de vista opostos discutam assuntos controvertidos sem cair no insulto, nos apelos emocionais ou no preconceito pessoal.[4]
- **Compartilhamento de experiências:** Essa técnica melhora a capacidade das crianças e jovens de escutar, articular seus pensamentos e sentimentos e estabelecer uma conexão com os outros ao oferecer experiências reflexivas que os ajudam a lidar com seus próprios preconceitos. O uso da narração de histórias, círculos de percussão, histórias da vida real, filmes, músicas ou notícias de jornais contribui para criar um ambiente propício ao intercâmbio pessoal.
- **Visitas de campo:** Essa técnica leva a aprendizagem da criança para além das paredes da sala de aula, expandindo-a até a comunidade exterior. Oferece à criança experiências novas e desconhecidas que não poderiam ser reproduzidas no ambiente escolar. As visitas de campo proporcionam uma oportunidade de melhorar a socialização e a cidadania e de aumentar os conhecimentos e a compreensão sobre um assunto específico.
- **Grupos focais:** Neste caso, as discussões são realizadas em grupos de 5 a 10 pessoas com o objetivo de gerar informações e opiniões sobre um assunto específico. Nos grupos focais há um moderador que estabelece um programa de discussão adequado para o grupo e garante que todos os participantes tenham a possibilidade de falar. A interação entre os participantes pode estimular discussões e pontos de vista enriquecedores, gerando dados qualitativos sobre as consequências e a eficácia de um programa. Os grupos focais podem ser usados para examinar os tipos de conceitos e valores que as crianças ou os adultos têm sobre a paz, suas ideias sobre como abordar a violência e suas sugestões sobre a melhor maneira de promover a paz nas escolas e nas comunidades.
- **Jogos:** Por meio de jogos cooperativos, os participantes trabalham juntos para realizar uma tarefa estabelecida ou atingir uma meta. Jogos que melhoram a capacidade dos participantes de trabalhar coletivamente, adquirir confiança em si mesmos, descobrir novas ideias e questionar seus preconceitos são apropriados para a educação ética através da aprendizagem inter-religiosa. Entretanto, é necessário criar um ambiente propício para que se produza uma competição justa e respeitosa e evitar jogos que têm "perdedores" e "vencedores". Os jogos podem ser utilizados também como exercício de aquecimento e para promover a participação e a formação de equipes.
- **Iniciativas conjuntas:** Essa técnica é baseada no trabalho em equipe e consiste na formação de um grupo diversificado para responder a uma situação específica. Incentiva a compreensão mútua e contribui para fortalecer a comunicação e a capacidade de ouvir, bem como o pensamento criativo sobre como conseguir mudanças na sociedade. As iniciativas conjuntas podem incorporar campanhas para promover os direitos da infância, intercâmbios estudantis, semanas temáticas, a realização de um vídeo e projetos para promover a compreensão e o respeito mútuos.
- **Meditação:** A meditação ajuda as crianças a se tranquilizarem, melhora sua concentração e aumenta seu bem-estar físico e mental. As técnicas de meditação incluem práticas contemplativas que propiciam maior consciência das ideias, desejos e sensações, a meditação enquanto se caminha e a meditação de plenitude mental. Por meio da meditação, as crianças podem aprender a controlar a raiva, o estresse e a frustração.
- **Solução de problemas:** É uma técnica tradicional na qual os participantes resolvem problemas e refletem sobre suas experiências trabalhando em conjunto. Sugere-se seguir uma série de etapas: explicar o problema, analisar suas causas, identificar soluções alternativas, avaliar cada alternativa, escolher uma, aplicá-la e verificar se o problema foi resolvido ou não. As atividades propostas neste material não seguem necessariamente uma série de etapas, mas apresentam um problema para ser analisado e subsequentemente resolvido ou transformado.

4 Para obter mais informações sobre debates, visite http://www.idebate.org/debate/what.php (em inglês)

-> Indice

- **Dramatização:** É uma maneira de se envolver na experiência dos outros e de explorar os problemas dos participantes sem se expor pessoalmente. Os participantes assumem o papel dos personagens e, em um processo de colaboração, criam uma situação que pode ser baseada na sua própria realidade. Os participantes podem determinar as ações de seus personagens de acordo com as diretrizes estabelecidas pelo facilitador. A dramatização também pode ajudar a "quebrar o gelo" entre os participantes, incentivar a criatividade e criar sinergias no grupo. É uma técnica útil para melhorar a compreensão de uma determinada situação. A dramatização pode ser baseada em estudos de casos práticos ou situações de curta duração.
- **Mesas redondas:** Essa é uma técnica de debate e troca de ideias que propicia a igualdade e o respeito. Nenhum dos participantes à mesa pode assumir uma posição privilegiada e todos recebem o mesmo tratamento. Em uma mesa redonda, o moderador não dirige; todos os participantes contribuem.
- **Aprender prestando serviços:**[5] Essa técnica consiste em prestar serviço comunitário e refletir sobre esse serviço. Fomenta a responsabilidade social dos participantes e as atitudes altruístas para com a comunidade. A técnica de aprender prestando serviços também pode ser usada para aplicar conhecimentos e habilidades a questões específicas ou para aprender a transformar situações concretas. Entre os exemplos de atividades de aprendizagem pela prestação de serviços, cabe destacar: campanhas de reciclagem, programas ambientais ou aulas de informática para crianças de regiões menos privilegiadas.
- **Simulações:** Os participantes assumem papéis individuais em um grupo social e situação hipotéticos e experimentam a complexidade de implementar novas tarefas e atuar segundo suas novas funções. Esta técnica pode ajudá-los a analisar diferentes modalidades de ação, refletir sobre dilemas éticos e colocar-se no papel dos outros. Julgamentos simulados e entrevistas imaginárias fazem parte desta técnica.
- **Esportes:** Os esportes podem promover a igualdade, a participação e a inclusão e fortalecer as metas e os valores sociais dos indivíduos, como o trabalho duro, o jogo limpo, o desenvolvimento do caráter e o trabalho em equipe. Foi demonstrado que a participação nos esportes aumenta o compromisso com a comunidade, melhora as relações interpessoais e reforça a tendência a assumir funções de liderança.[6] Como, além disso, promovem a coesão social e a compreensão e respeito mútuos, os esportes também podem ser usados para comunicar mensagens de paz e para ajudar a encontrar soluções não violentas para os problemas.
- **Narração de histórias:** É uma arte antiga que consiste em transmitir eventos com palavras e sons, frequentemente por meio da improvisação. As histórias permitem que as crianças entrem em outro mundo que lhes é ao mesmo tempo muito familiar e desconhecido. Quando escutam juntos uma história, os ouvintes estabelecem um vínculo de comunhão e de comunidade. As histórias não são contos de fadas, mas expressões sobre todos os níveis do que realmente significa ser humano. Por meio da narração de histórias, as crianças podem desenvolver sua capacidade de ouvir e colocar-se no lugar dos outros. Também podem desenvolver sua criatividade e a capacidade de refletir sobre seu próprio comportamento ao penetrar no mundo descrito na história.

O processo de aprendizagem e as metodologias sugeridas têm como objetivo incentivar o questionamento e a reflexão entre os participantes, aumentando sua capacidade de tomar decisões baseadas em valores éticos. *Aprender a Viver Juntos* tem como objetivo promover a transformação e levar crianças e adolescentes a observar e aprender a partir de sua própria experiência.

5 Para obter mais informações sobre a técnica de aprender prestando serviços, consulte *Service Learning: Lessons, Plans and Projects, Human Rights Education Program*, Anistia Internacional e Human Rights Education Associates, HREA, março de 2007.

6 Para explorar outras possibilidades de utilização dos esportes como metodologia para a paz e a reconciliação, visite http:// www.toolkitsportdevelopment.org (em inglês)

Criar o ambiente apropriado

O programa exige um ambiente apropriado para o compartilhamento e a expressão de opiniões, ideias e crenças, tanto antes quanto durante o exercício.

> Verifique se o lugar escolhido permite realizar atividades experimentais e práticas.
> Certifique-se de que nas salas utilizadas não há nenhum objeto religioso de uma tradição específica. O espaço deve ser neutro e receptivo a todas as crenças e modos de pensar.
> Informe os participantes sobre a realização da oficina e suas atividades com pelo menos uma semana de antecedência. Entregue-lhes o folheto descrito na página 37, que explica os objetivos do programa, a programação e outras informações práticas relevantes. O folheto os ajudará a se prepararem para o programa e a formarem suas próprias expectativas.
> Reserve algum tempo no início do programa para que os participantes se conheçam. Use técnicas de descontração para estabelecer a confiança entre eles.
> Peça aos participantes que criem suas próprias regras básicas. Estas se referem a acordos estabelecidos em comum sobre procedimentos de trabalho, utilização do tempo ou formas de comunicação que permitam ao grupo interagir como uma equipe. A elaboração dessas regras básicas pode fortalecer a sinergia no grupo e proporcionar uma sensação de envolvimento com o programa. Estabeleça regras básicas por meio de uma troca livre de ideias entre os participantes.
> Avalie continuamente a motivação do grupo e tenha sempre à mão técnicas de descontração destinadas a reestabelecer e manter a concentração e a energia dos participantes.
> Estimule a participação de pessoas que pertençam a grupos minoritários e realize atividades que promovam a inclusão e a interação constante.
> Use as pausas para cafezinho, o tempo das refeições e as tardes após as sessões oficiais para criar oportunidades de interação entre os participantes. Esses momentos melhorarão o processo de compreensão e descoberta mútua.
> Garanta que as ideias, opiniões e sugestões dos participantes sejam levadas em consideração e se reflitam nos resultados e nas atividades do programa. Isso facilitará a tarefa de criação conjunta de conhecimentos e fará com que os participantes se sintam valorizados e reconhecidos.
> Conclua o programa com uma atividade que aumente a motivação e sirva como um encerramento apropriado. Use um poema ou uma oração inter-religiosa para a cerimônia de encerramento e prepare uma apresentação com música e fotografias da oficina.
> Estimule a criação de uma rede de contatos e de amigos entre os participantes e convide-os a continuar o diálogo após a conclusão do programa.

Ser um modelo de conduta

É importante ser um bom modelo de conduta. A maneira com que você trata os participantes será um indício importante de como eles se tratarão mutuamente. Portanto, trate-os sempre com respeito e transparência. As crianças e os adolescentes imitam as pessoas de quem se sentem próximas e aquelas cujas ações e palavras são coerentes e honestas. Portanto, cabe a você demonstrar valores e formas de pensar positivos e a agir de maneira aberta, acolhedora e inclusiva.

Os bons modelos de conduta inspiram os outros a refletirem sobre quem são e quem querem ser e motivam as pessoas a encontrar soluções para situações difíceis. Isso é especialmente importante com crianças e adolescentes, e ainda mais na educação ética, que busca fomentar uma cultura de paz. Bons modelos de conduta, portanto, podem multiplicar o efeito de *Aprender a Viver Juntos*.

-> Indice

Primeiros passos aos Módulos de Aprendizagem

O planejamento e a preparação são fundamentais. Antes de começar a usar os Módulos de aprendizagem, a equipe de facilitadores deve realizar um processo geral de planejamento baseado nos seguintes pontos:

Internalizar o conteúdo dos módulos

Aprender a Viver Juntos é construído em torno a valores éticos essenciais: respeito, empatia, responsabilidade e reconciliação. Estes valores são integrados aos dois Módulos de Aprendizagem: **Compreensão de si mesmo e dos outros** e **Transformar o mundo juntos**.

Leia os módulos e escreva duas ou três frases sobre o que os valores e conceitos sublinhados significam para você e sobre como o programa pode ser adaptado ao seu contexto. Isso ajuda a definir sua própria compreensão e o que deseja comunicar. Depois:

1. Usando os mapas dos "povoados", **prepare seu caminho de aprendizagem**, selecionando os quiosques do módulo, ou módulos, que pretende empregar.
2. **Selecione as atividades** mais apropriadas para o formato de seu programa e verifique se as metodologias mencionadas são adequadas para o ambiente e o grupo.
3. Internalize o processo de aprendizagem e reflita sobre como ele pode ajudá-lo a **alcançar os objetivos dos módulos** por meio das atividades que você selecionou.

Ambiente e participantes

Determine o ambiente educativo no qual você vai trabalhar, tanto em termos gerais quanto de forma mais específica. Trata-se de um acampamento de verão, uma oficina, uma sessão, um programa de longa duração com sessões semanais ou um seminário? O ambiente educacional condicionará a forma de evolução do processo de planejamento. Considere cuidadosamente as seguintes perguntas:

> Quem vai participar?
> Trata-se de um grupo homogêneo ou heterogêneo? Examine a procedência tanto religiosa quanto cultural.
> Como o ambiente e os participantes poderão influenciar o programa e as sessões?

Objetivos

Defina os objetivos de cada sessão do programa. Um objetivo "inteligente" é aquele que tem as características definidas em inglês pelo acrônimo *SMART*:

> e**S**pecífico
> **M**ensurável
> **A**tingível
> **R**ealista
> opor**T**uno

Os objetivos devem ser compartilhados com os participantes e modificados se necessário.

Metodologias

Familiarize-se com as metodologias das páginas 28 e 29. Utilize uma combinação de metodologias que sejam eficazes para o ambiente e os participantes. Identifique possíveis problemas. Todas as metodologias sugeridas são participativas, interativas e promovem um processo de aprendizagem direcionado pelo próprio indivíduo.

Recursos

Aprender a Viver Juntos oferece um banco de recursos de apoio para as atividades que pode estimular o pensamento crítico dos participantes. Os recursos incluem histórias, poemas, estudos de casos, músicas, filmes, dilemas, cartões para representação de papéis e orações pela paz.

Examine os recursos e faça as seguintes perguntas:

> Onde posso encontrar mais materiais de apoio?
> Que materiais de apoio já estão disponíveis no grupo?
> Que materiais de apoio devem ser usados com cada atividade? Que metodologia dará melhores resultados, considerando-se o ambiente e os participantes?
> Há materiais diferentes disponíveis, como música, arte, tradições orais ou histórias?
> Qual é a melhor maneira de utilizar ou apresentar o material de apoio?

Esboço das atividades

Para cada quiosque, revise as atividades propostas e selecione aquelas que se adaptem melhor ao grupo e ao lugar onde se realizará o programa.

Desenhe o fluxo do processo de aprendizagem que será seguido durante as sessões, com começo e fim claramente definidos e permitindo uma grande flexibilidade entre esses dois pontos. Consulte a espiral do processo de aprendizagem, proposta na página 25, que poderá ajudá-lo a colocar os participantes em um processo de aprendizagem mais participativo e reflexivo.

Certifique-se de que o processo de aprendizagem da sua sessão motivará os participantes, deixará espaço para perguntas, ajudará os participantes a realizar descobertas e oferecerá tempo suficiente para que associem o exercício às suas próprias vidas.

Transferência para a ação

Todas as sessões deverão terminar com os participantes associando o que aprenderam às suas próprias vidas e discutindo as ações mais apropriadas nesse contexto. As ações deverão ser contextualizadas e só serão eficazes se forem originárias dos próprios participantes e incorporadas pelo grupo. Dependendo do contexto, as ações poderão ser executadas individualmente, colocadas em prática com a participação da escola ou relacionadas à comunidade.

Avaliação

Na Seção 3, Monitoração do Progresso, você encontrará uma série de métodos para que tanto você quanto os participantes avaliem seu aprendizado. Um desses métodos é o Caderno de Aprendizagem, que todos os participantes deverão preencher. Também são fornecidas descrições de cinco métodos de avaliação que podem ser utilizados, bem como alguns métodos rápidos para "medir a temperatura" das sessões.

-> Indice

Em cada quiosque há uma placa de parada ou de descanso para lembrá-lo de pedir aos participantes que escrevam em seus Cadernos de Aprendizagem e avaliem o progresso obtido. São os participantes que realizam estas avaliações, não os facilitadores. A avaliação do progresso é baseada na autoavaliação e na reflexão; os participantes devem associar a aprendizagem ao seu próprio contexto. Os participantes, portanto, são responsabilizados por sua própria aprendizagem, o que é, por si só, uma forma de empoderação.

Cabe a você, como facilitador, desenvolver uma avaliação do impacto do programa sobre os participantes em termos de mudanças de atitudes, conhecimentos e aptidões nos níveis pessoal, interpessoal e social. Essa avaliação deve levar em conta a internalização dos valores e as associações feitas por cada participante entre a aprendizagem e sua própria realidade. Um modelo de avaliação de impacto é fornecido na página 61.

É importante que a equipe de facilitadores também passe por um processo de autoavaliação após cada sessão, para analisar sua própria aprendizagem e os resultados gerais do exercício.

Use um formato de avaliação para determinar as impressões imediatas dos participantes em termos de logística, conteúdo do programa e aprendizagem (veja a página 228).

Com quem *Aprender a Viver Juntos* deve ser utilizado?

Aprender a Viver Juntos foi criado para ser utilizado com crianças e jovens com mais de 12 anos de idade. Você pode selecionar as metodologias e atividades mais apropriadas com base na faixa etária. Todas foram projetadas para serem adaptáveis a diferentes contextos culturais e sociais.

As metodologias e o processo de aprendizagem ajudam as crianças e adolescentes a desenvolverem compromissos pessoais e um planejamento conjunto com base em suas próprias capacidades, de modo que possam fazer uma diferença em suas sociedades.

Aprender a Viver Juntos foi concebido para ser usado principalmente com grupos inter-religiosos; em condições ideais, representantes de pelo menos duas tradições religiosas deverão estar presentes. Como isso nem sempre será possível, nesses casos torna-se ainda mais importante garantir a tolerância e o respeito às outras religiões, crenças, tradições e culturas.

Onde *Aprender a Viver Juntos* pode ser utilizado?

Este guia pode ser utilizado para diferentes finalidades e em diferentes ambientes:

1. Os módulos de aprendizagem podem ser implementados em *oficinas*, *conferências* ou *seminários*. Os quiosques temáticos de cada módulo devem ser seguidos e adaptados ao tempo disponível, aos participantes e ao ambiente.
2. Os módulos de aprendizagem podem ser adaptados para utilização em um *currículo escolar*. As atividades podem ser introduzidas como parte de cursos de religião ou ética. Por exemplo, você pode selecionar um caminho de aprendizagem para cada módulo e executar uma ou mais atividades de cada quiosque temático ao longo de um período de vários meses. Também é possível adaptar os quiosques temáticos individuais para complementar determinadas disciplinas.
3. Os módulos podem ser utilizados em *acampamentos de verão* para crianças e adolescentes. Os módulos podem contribuir para uma experiência de aprendizagem mais abrangente entre pessoas de diferentes religiões e culturas. Os quiosques de cada módulo podem servir também como temas para as atividades de acampamentos de verão.

Quem pode utilizar *Aprender a Viver Juntos*?

Os usuários primários deste material de referência são todos aqueles que trabalham com crianças e adolescentes em ambientes educacionais formais, não formais e informais.[7] Isso inclui os membros da GNRC, bem como comunidades religiosas e culturais, educadores religiosos, professores e instituições de formação.

Ambientes formais

As escolas podem empoderar as crianças e adolescentes por meio da inclusão de *Aprender a Viver* Juntos em seu currículo e do fornecimento de novas metodologias e atividades que fortaleçam o pensamento crítico dos estudantes.

O emprego de *Aprender a Viver Juntos* nas escolas pode afetar positivamente a comunidade como um todo. A escola foi, e em algumas partes do mundo continua a ser, um centro comunitário onde as pessoas se juntam para atividades, tarefas de planejamento, reuniões e troca de ideias. Portanto, as escolas podem ser um lugar eficaz para fortalecer o sentido de comunidade e o aprendizado, aumentando nossa compreensão e respeito mútuos.

Ambientes não formais

Os espaços de aprendizagem não formais que fornecem educação e qualificação a crianças e adolescentes que se encontram fora do sistema escolar, bem como a outras pessoas marginalizadas e vulneráveis (como refugiados, migrantes e órfãos), podem ser catalisadores de novas formas de aquisição de conhecimentos, atitudes positivas, tolerância e compreensão, podendo também promover mudanças de comportamento.

As organizações de base religiosa, grupos de jovens, clubes para a paz e instituições educacionais similares são importantes para promover a ética por meio da aprendizagem inter-religiosa e intercultural. Os jovens geralmente frequentam estes grupos voluntariamente para propor e discutir temas sociais em um ambiente aberto. Esses fatores tornam esses lugares ideais para ativar a capacidade dos jovens de responder às necessidades de suas sociedades.

Aprender a Viver Juntos pode ser adaptado facilmente aos programas de educação para a paz ou de direitos humanos, especialmente aqueles que enfatizam a aprendizagem intercultural e inter-religiosa e a promoção da dignidade humana. Debates, discussões abertas, cafés inter-religiosos, mesas redondas e iniciativas conjuntas podem se desenvolver mais facilmente em ambientes não formais, que oferecem oportunidades de estímulo ao pensamento crítico e ao diálogo inter-religioso.

Nos lugares onde é difícil organizar uma interação inter-religiosa oficial, seja devido à segregação ou aos conflitos religiosos, os ambientes não formais são necessários para promover a compreensão mútua e oferecer oportunidades de interação e diálogo.

7 A educação oficial ocorre nas escolas e nas instituições de formação; a educação não oficial, nos grupos comunitários, comunidades religiosas e outras organizações; e a educação informal abrange todo o restante – por exemplo, interações com amigos, família e colegas de trabalho. A distinção é basicamente administrativa, mas serve para abranger todos os aspectos da aprendizagem ao longo da vida.

-> Indice

Ambientes informais

A função do lar e da família na promoção do respeito e da compreensão entre diferentes grupos é fundamental. Uma forma de estimular crianças e jovens para que busquem e tentem estabelecer uma melhor maneira de "viver juntos" é atribuir um valor explícito à diversidade religiosa e cultural. As famílias são um ambiente que pode incentivar a valorização das diferenças e o desenvolvimento da identidade própria. Nesse sentido, pais e mães são importantes aliados potenciais para empoderar as crianças e os jovens.

Folheto para os participantes

Prepare um pequeno folheto para os participantes informando o conteúdo do programa, o que se espera deles, o que experimentarão e como devem se preparar para a jornada de aprendizagem.

A distribuição do folheto aos participantes com alguma antecedência facilitará sua preparação, estimulará sua curiosidade e permitirá que articulem suas expectativas.

O que o folheto deve incluir?

1. Mensagem introdutória: Dê as boas-vindas aos participantes do programa e informe a duração, quem são os organizadores, o número de participantes, sua procedência e sua afiliação religiosa. Sublinhe a importância que tem a participação de cada um deles para o sucesso do programa.
2. Objetivos: Descreva o que se espera conseguir ao final do programa. Use objetivos *SMART* (específicos, mensuráveis, atingíveis, realistas e oportunos).
3. Programação: Forneça informações específicas sobre a duração de cada sessão. Lembre-se de incluir intervalos para descanso, refeições, lazer e passeios.
4. Explicação das sessões: Explique o objetivo das sessões e como o participante pode se preparar para elas, incluindo também outras informações logísticas necessárias para cada sessão.
5. Caderno de Aprendizagem: Explique aos participantes que, como parte dessa jornada de aprendizagem, deverão manter um registro – um Caderno de Aprendizagem – sobre suas experiências durante o percurso.
6. Informações práticas: Se é um acampamento de verão ou uma oficina, lembre-se de informar os participantes sobre o local, o clima, os tipos de roupas que deverão trazer e as instalações disponíveis - por exemplo, telefone público, áreas verdes, acesso à Internet. No caso de um programa escolar, lembre-se de fornecer informações sobre possíveis visitas de campo e os tipos de atividades ao ar livre que serão realizadas, caso estejam incluídas.

É importante que o folheto seja atraente para os participantes e as informações sejam apresentadas de maneira clara e concisa.

O que posso fazer se...

Nesta seção você encontrará recomendações sobre o que fazer quando enfrentar problemas específicos na implementação do programa de educação ética. Os casos hipotéticos e as recomendações a seguir são baseados em nossas experiências durante as oficinas-piloto e nos desafios encontrados durante o desenvolvimento de *Aprender a Viver Juntos*.

É provável que ocorram situações problemáticas. Isto exigirá preparação por parte dos facilitadores, que deverão intervir de maneira decidida e, ao mesmo tempo, emocionalmente inteligente. Você está convidado a analisar os seguintes casos e refletir sobre como estas situações poderiam influenciar o seu desempenho como facilitador.

O que posso fazer se...

Não tenho um grupo religiosamente diverso.

Quero aumentar a conscientização sobre a diversidade religiosa e promover valores que facilitem a coexistência de pessoas de religiões diferentes; entretanto, não tenho um grupo religiosamente diversificado e nem há muita diversidade religiosa em minha cidade.

Aprender a Viver Juntos foi concebido para ser utilizado com participantes de diferentes denominações religiosas. Entretanto, mesmo que não disponha de um grupo diversificado em termos religiosos, você poderá usar o material para aumentar a conscientização sobre outras religiões ou para trabalhar com questões culturais. Considere estas recomendações úteis:

> Use atividades vivenciais para expor os participantes a outras crenças religiosas. Você pode usar a atividade de Visitas Inter-religiosas da página 80 para introduzi-los a outras crenças e levá-los a refletir sobre sua compreensão e suas ideias.

> Convide pessoas de outras religiões para um café inter-religioso ou realize discussões nas quais os participantes possam falar com elas e aprender.

> Use filmes que falem sobre o direito de expressar crenças religiosas. Discuta com os participantes suas ideias e reflexões depois do filme.

> Como parte da atividade de autoavaliação, peça aos participantes que se encontrem com alguém que tem crenças religiosas diferentes e se informem sobre essas crenças.

> Use imagens de outros costumes religiosos e explore sua função e seu significado.

> Forme um grupo de facilitadores que tenham diferentes procedências religiosas.

> Explore as diferenças e semelhanças no grupo religioso representado: há mais de uma denominação ou origem étnica? Discuta como essas divergências caracterizam a identidade religiosa dos participantes.

Quero abordar questões sociais em vez de questões religiosas.

Estou interessado em utilizar *Aprender a Viver Juntos*, mas não quero falar sobre questões religiosas; gostaria de discutir problemas sociais que são de maior importância para minha região.

Aprender a Viver Juntos foi concebido para envolver os jovens na transformação das injustiças e dos conflitos violentos, com especial ênfase nos conflitos ocasionados por diferenças religiosas. Esse enfoque tem como objetivo compreender a diversidade a partir de muitas perspectivas, embora a ênfase esteja basicamente nas diferenças religiosas.

-> Indice

Isto não deve impedir a utilização do material como modelo para abordar outros tipos de conflitos e diferenças. De fato, é possível utilizar *Aprender a Viver Juntos* para abordar qualquer questão vinculada à falta de respeito e de compreensão entre as pessoas. Não obstante, recomendamos o emprego deste material com grupos inter-religiosos mesmo quando o tema principal não for o entendimento entre as religiões, porque isso ajudará a estabelecer vínculos entre os participantes e a promover a cooperação inter-religiosa.

A seguir, algumas recomendações úteis:

> Selecione o tema social que deseja abordar (por exemplo, a violência entre grupos juvenis, questões relacionadas a deslocamento, migração, conflitos sobre recursos ou discriminação baseada no gênero).
> Utilize o primeiro módulo, *Compreensão de si mesmo e dos outros*, para enfatizar a diversidade cultural ou as diferentes maneiras de pensar; os preconceitos e estereótipos de grupos culturais e sociais; e a importância de valorizar os outros, sejam eles quem forem.
> Adapte o segundo módulo, *Transformar o mundo juntos*, ao tema escolhido, e enfatize como essa questão afeta as relações entre as pessoas e sua responsabilidade pela ação tanto individual quanto coletiva. Deixe que os participantes descubram que podem fazer parte da solução e não do problema.

Para ver como *Aprender a Viver Juntos* foi utilizado para abordar o deslocamento e situações violentas, consulte "Oficina no Equador" na página 210, "Oficina em El Salvador" na página 213 e "Oficina no Panamá" na página 216.

Há tensões no grupo devido às diferenças religiosas.

Quero utilizar *Aprender a Viver Juntos* com um grupo religiosamente diversificado; entretanto, alguns dos grupos religiosos têm um passado muito violento e houve enfrentamentos entre os participantes.

Aprender a Viver Juntos ajuda a aumentar a conscientização sobre a necessidade de compreensão mútua e de tolerância com as diferenças. Seu objetivo é construir pontes baseadas na confiança e desenvolver as atitudes de reconciliação dos participantes. Portanto, *Aprender a Viver Juntos* pode servir para abordar o tipo de problema descrito.

A seguir, algumas recomendações úteis:

> Gaste mais tempo no primeiro módulo, *Compreensão de si mesmo e dos outros*, a fim de estabelecer um ambiente seguro para a interação entre os participantes.
> Dê ênfase à importância de nossa natureza humana comum e à riqueza da diversidade. Isso lhe permitirá criar um sentimento de vinculação entre os participantes.
> Questione os estereótipos e os preconceitos dos participantes usando metodologias baseadas na vivência que lhes permitam experimentar a forma como outros vivem e pensam.
> Estabeleça espaços para o diálogo e para a troca de experiências. Enfatize a importância da receptividade a outros pontos de vista.
> Use atividades em que os participantes tenham que se colocar na posição do outro e permita que reflitam sobre seus próprios sentimentos e os dos outros.

- Levante com os participantes um mapa do conflito entre os grupos religiosos, escutando todos os pontos de vista e explorando os padrões e a história do conflito, as pessoas envolvidas, as relações que foram afetadas e o futuro do conflito. Deixe-os refletir sobre o conflito e sobre como ele é baseado em nossa incapacidade de relacionamento e em nossa falta de compreensão e de respeito pelos outros. Se perceber que os participantes desconhecem grande parte da história e das causas do conflito, use esse fator para questionar os preconceitos que mantêm apesar disso.
- Use estudos de casos concretos, artigos, filmes e músicas sobre a transformação dos conflitos em outras regiões e inicie uma discussão na qual se estabeleçam paralelismos com o próprio contexto dos participantes.
- Apresente casos de pessoas que estejam trabalhando em prol do entendimento entre diferentes grupos religiosos e deixe que os participantes discutam e reflitam sobre esse trabalho.
- Permita que os participantes reflitam sobre seus próprios conflitos pessoais com aqueles que pertencem a um grupo religioso diferente e reserve algum tempo para as atividades do quiosque A paz começa comigo, que faz parte do módulo *Transformar o mundo juntos*.
- Organize um grupo de facilitadores que representem a diversidade religiosa do grupo, a fim de estabelecer uma atmosfera equilibrada e neutralizar qualquer comportamento tendencioso nas discussões e nas atividades de facilitação.

Se quiser obter algumas ideias sobre como utilizar *Aprender a Viver Juntos* em contextos de violência e conflito religioso, leia o relato sobre a Oficina em Israel, *Massa – Massar* (*A jornada – O caminho*) em http://www.arigatou.ch/mm/file/massa-massar-report.pdf

Os participantes foram expostos a situações violentas.

Meu grupo de participantes enfrenta todos os dias situações violentas e faz parte de grupos minoritários excluídos da sociedade.

Aprender a Viver Juntos pode ser utilizado com grupos de diferentes procedências sociais, econômicas e culturais. As crianças e os adolescentes que foram, ou ainda são, afetados pela violência precisam de oportunidades de reforçar sua autoestima e deve ser empoderados com ferramentas que lhes permitam sobreviver melhor à situação e contribuir positivamente para um desfecho pacífico.

A seguir, algumas recomendações úteis:

- Dê ênfase ao quiosque *Reconhecer-se em relação aos outros*, que pertence ao módulo *Compreensão de si mesmo e dos outros*.
- Crie oportunidades para que os participantes reforcem sua autoconfiança e sua autoestima por meio de atividades que os estimulem a empregar a criatividade e a participar e interagir sem serem julgados. Certifique-se de que os grupos minoritários são ouvidos e também sentem que sua opinião é relevante.
- Prepare atividades que ajudem os participantes a visualizar as causas das injustiças em suas sociedades e a necessidade de empoderação a fim de que possam contribuir para uma solução pacífica da situação. Recorra a atividades que fortaleçam o pensamento crítico e as habilidades de solução de problemas.
- Ajude os participantes a descobrir alternativas não violentas para lidar com conflitos e injustiças sociais e dote-os dos meios e das ferramentas necessárias para responder pacificamente à sua própria situação. Você pode usar filmes que mostrem a luta pela justiça empreendida por diferentes líderes religiosos e sociais ou convidar organizações e pessoas que trabalhem com movimentos de resistência não violenta.[8]

8 Para obter mais informação sobre recursos, jogos e meios relacionados a conflitos não violentos, veja *A Force More Powerful* (Uma Força Mais Poderosa) em http://www.aforcemorepowerful.org/

> Ajude os participantes a refletirem sobre seus conflitos pessoais ou as situações violentas que sofreram e reserve tempo adicional, se necessário, para as atividades do quiosque Caminho da reconciliação no módulo Transformar o mundo juntos.

Para obter mais ideias sobre como utilizar *Aprender a Viver Juntos* nesse tipo de ambiente, consulte "Oficina na Tanzânia" na página 207 e "Oficina em El Salvador" na página 213.

Os temas da oficina provocam dificuldades emocionais entre os participantes.

Os temas, as sessões ou as atividades da oficina fazem com que os participantes se mostrem muito sensíveis em relação a seus próprios sentimentos, impedindo sua participação plena.

Aprender a Viver Juntos foi concebido para influenciar em questões muito pessoais: a identidade, os valores e a cultura. Portanto, o programa levará os participantes a refletirem sobre seus preconceitos, suas predisposições e suas experiências – olhando diretamente para sua alma e suas emoções. Espera-se que esse processo estimule a interiorização de atitudes positivas.

A seguir, algumas recomendações úteis:

> Proporcione um espaço para que os participantes expressem seus sentimentos, caso queiram ou precisem compartilhá-los com os outros.

> Fale em particular com os participantes que estejam enfrentando problemas emocionais e deixe claro que é natural que isso aconteça. Pergunte o que está lhes causando desconforto e por que se sentem tão afetados.

> Caso um participante descreva alguma situação grave que acarrete risco à sua vida, converse com ele após a oficina ou atividade e ajude-o a encontrar ajuda ou uma solução para o problema.

> Se o participante manifestar dificuldades emocionais durante uma sessão, demonstre empatia. Pergunte o que está acontecendo, permita que o participante expresse seus sentimentos e peça aos demais que escutem e tentem compreender as emoções dessa pessoa.

> Ajude os participantes a se acalmarem por meio de exercícios de respiração profunda, cânticos, canções ou simplesmente deixando que se deitem e relaxem.

> Prepare algumas atividades que lhes permitam expressar-se criativamente, como desenhar ou pintar.

> Se os participantes lhe contarem algo confidencialmente, é importante que essa confidencialidade seja respeitada.

-> Indice

Seção 2

Os Módulos de Aprendizagem

Módulo 1: Compreensão de si mesmo e dos outros
Módulo 2: Transformar o mundo juntos

Visão do Conselho Inter-religioso de Educação Ética para as Crianças
Vislumbramos um mundo em que todas as crianças sejam empoderadas para desenvolver sua espiritualidade, adotar valores éticos, aprender a viver solidariamente com pessoas de religiões e civilizações diferentes e consolidar sua fé no que conhecemos como Deus, Realidade Última ou Presença Divina.

Empoderar os jovens para transformar o mundo

Os quiosques dos dois Módulos de Aprendizagem conduzirão os participantes por uma jornada inter-religiosa e intercultural que os dotará de meios para construir pontes de confiança com o objetivo de transformar o mundo.

Por meio das atividades do programa, os participantes aprenderão o valor de cultivar relações com pessoas que são diferentes deles. Eles perceberão a importância de desenvolver o próprio ser e as relações com os outros e de fortalecer os valores éticos em suas vidas. Nesta jornada, os participantes encontrarão questões que desafiam sua compreensão do mundo e das pessoas que os rodeiam, desafios que os ajudarão a entender suas responsabilidades individuais e coletivas como cidadãos do mundo. Os participantes refletirão sobre suas próprias experiências, estabelecerão conexões entre valores diferentes e se encontrarão mais preparados para transformar a si mesmos e seu ambiente imediato. Por meio da diversão e da realização de trabalho coletivo, descobrirão formas pacíficas de transformar o seu mundo.

O primeiro módulo, **Compreensão de si mesmo e dos outros**, enfoca o indivíduo e sua identidade. Ajuda os participantes a descobrirem semelhanças, assim como diferenças, entre eles e as pessoas de religiões e culturas diferentes. Eles poderão se ver como outros os veem e aprenderão a reconhecer os outros com empatia, compreendendo e respeitando seus sentimentos, convicções e maneiras de viver. Ao final do primeiro módulo, os participantes terão refletido sobre sua responsabilidade individual de agir de forma pacífica e compassiva. Isto os ajudará a desenvolver sua espiritualidade.

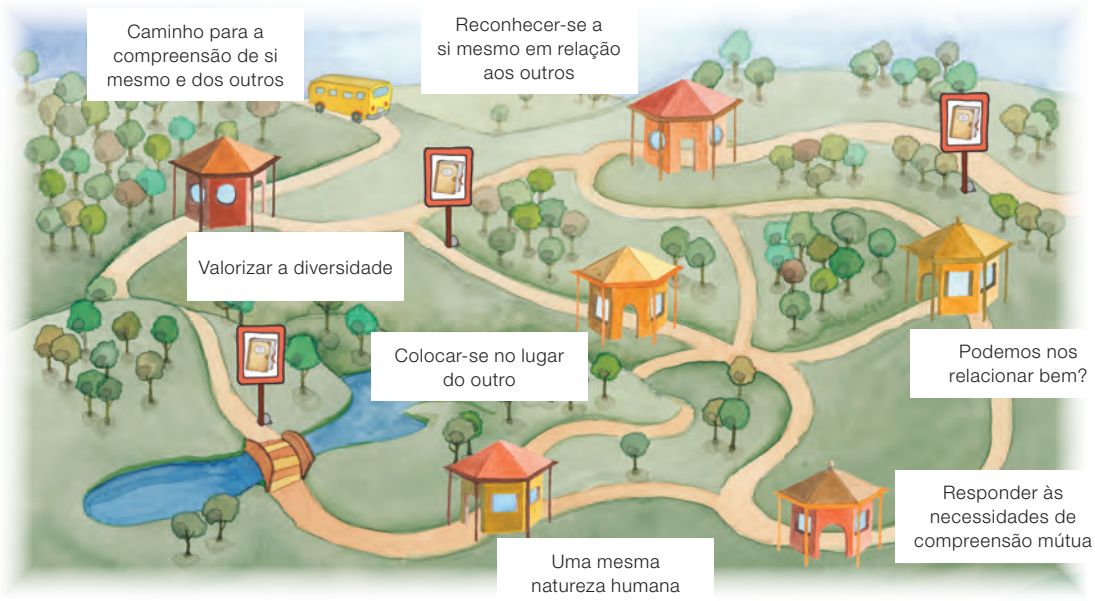
O segundo módulo, **Transformar o mundo juntos**, examina a importância de se relacionar com os outros para gerar mudanças. Conduz os participantes em uma jornada na qual podem analisar as raízes dos conflitos sociais, situações violentas e injustiças, adquirindo habilidades para descobrir soluções pacíficas para esses problemas. Eles descobrirão que, ao atingir a paz interior, poderão estabelecer uma atitude de reconciliação que os ajudará a construir pontes de confiança com os outros. Ao final do segundo módulo, as crianças e adolescentes estarão motivados para trabalhar juntos com os outros para responder eticamente à necessidade de transformar suas sociedades.

Em ambos os módulos, os facilitadores deverão escolher quais quiosques serão enfatizados e em que ordem serão experimentados.

Módulo 1
Compreensão de si mesmo e dos outros

PALAVRA-CHAVE: RESPEITO MÚTUO

O respeito mútuo cresce quando há uma maior compreensão mútua e uma valorização das diferenças e das semelhanças.



Por meio dos quiosques do Módulo 1, os participantes poderão aprender a conhecer a si mesmos em relação aos outros. Aprenderão a aceitar suas diferenças com os outros e a descobrir os elementos comuns que todos compartilhamos. Ao percorrer os diferentes caminhos, os participantes descobrirão como sua identidade é formada por suas raízes, pelas relações com sua família, seus amigos e as pessoas que os rodeiam. Essa jornada os ajudará a apreciar a diversidade, a questionar seus preconceitos e a compreender e respeitar outras pessoas.

Como facilitador, escolha os quiosques que deseja visitar e planeje a jornada de seu grupo rumo à Compreensão de si mesmo e dos outros!

Valorizar a diversidade

As atividades deste quiosque ajudam os participantes a observar o mundo em que vivemos. Os participantes aprenderão mais sobre os outros e descobrirão a diversidade e a riqueza dos outros. Este caminho lhes permitirá identificar o que nos torna diferentes e a valorizar essa diversidade sem recorrer aos preconceitos.

Atividades sugeridas

- Compartilhar fotografias, pág. 70.
- Desenhar mapas, pág. 76.
- Alcançar as estrelas, pág. 77.
- Visitas inter-religiosas, pág. 80.
- Comparar, pág. 82.
- Noites culturais, pág. 83.
- Questionário – O que sei sobre outras religiões?, pág. 112.

Antes de prosseguir, avalie o que os participantes aprenderam utilizando um ou mais modelos de avaliação. Ver a Seção 3, Monitoração do progresso.

Reconhecer a si mesmo em relação aos outros

As atividades deste quiosque ajudam os participantes a observar profundamente a si mesmos e analisar como se relacionam com os outros. Os participantes reconhecerão sua própria identidade e aprenderão a respeitar o direito de todos a uma identidade. Os participantes descobrirão a interconexão com os outros e verão como as relações e as experiências compartilhadas com os outros formam sua própria identidade.

Atividades sugeridas

- Minha árvore da vida, pág. 65.
- Compartilhar experiências pessoais, pág. 67.
- Alcançar as estrelas, pág. 77.
- Comparar, pág. 82.
- Noites culturais, pág. 83.
- A história de Pedro, pág. 103.
- Pintar camisetas, pág. 109.

Antes de prosseguir, avalie o que os participantes aprenderam utilizando um ou mais modelos de avaliação. Ver a Seção 3, Monitoração do progresso.

-> Indice

Uma mesma natureza humana

Por meio das atividades deste quiosque, os participantes descobrirão que, além de nossas diferenças, compartilhamos uma mesma natureza humana. Os participantes buscarão seu ser interior e escutarão as histórias dos outros para ajudá-los a estabelecer uma conexão com os demais. Descobrirão a necessidade de compartilhar responsabilidades como seres humanos.

Atividades sugeridas

- Narração de histórias, pág. 74.
- Alcançar as estrelas, pág. 77.
- Círculos de percussão, pág. 79.
- Reconhecimento prazeroso, pág. 105.

Antes de prosseguir, avalie o que os participantes aprenderam utilizando um ou mais modelos de avaliação. Ver a Seção 3, Monitoração do progresso.

Podemos nos relacionar bem?

As atividades deste quiosque ajudarão os participantes a aprender e valorizar o que significa respeitar os outros. Os participantes questionarão suas atitudes, sua maneira de pensar e seu comportamento e aprenderão a ver além das diferenças, preconceitos e estereótipos.

Atividades sugeridas

- Histórias para a alma, pág. 73.
- As ideias que defendo, pág. 78.
- O banco da ética, pág. 87.
- Grupos focais sobre o respeito, pág. 95.
- Cafés inter-religiosos, pág. 96.
- A história de Pedro, pág. 103.
- Diálogos inter-religiosos, pág. 122.

Antes de prosseguir, avalie o que os participantes aprenderam utilizando um ou mais modelos de avaliação. Ver a Seção 3, Monitoração do progresso.

-> Indice

Colocar-se no lugar dos outros

As atividades deste quiosque levarão os participantes a reconhecer seus preconceitos e tentar superá-los em benefício da compreensão mútua. Este quiosque conduz a um processo reflexivo de despertar espiritual para as necessidades e sentimentos dos outros, fortalecendo a espiritualidade e a capacidade para sentir empatia por outras pessoas.

Atividades sugeridas

> Sua silhueta é a minha, pág. 69.
> Visitas inter-religiosas, pág. 80.
> Dramatizações, pág. 85.
> Utilizar estudos de casos, pág. 86.

Antes de prosseguir, avalie o que os participantes aprenderam utilizando um ou mais modelos de avaliação. Ver a Seção 3, Monitoração do progresso.

Responder às necessidades de compreensão mútua

Neste quiosque, os participantes colocam em prática seu compromisso de serem mais respeitosos e tentarem compreender os outros. O quiosque se baseia nas descobertas realizadas durante a jornada e marca o começo de uma nova jornada de trabalho conjunto para transformar o mundo.

Atividades sugeridas

> Cafés inter-religiosos, pág. 96.
> Fazer um filme, pág. 110.
> Campanhas de aprendizagem inter-religiosa, pág. 117.
> Intercâmbios entre escolas, pág. 118.
> Semanas temáticas, pág. 119.
> Campanhas pelos direitos da criança, pág. 120.
> Diálogos inter-religiosos, pág. 122.

Antes de prosseguir, avalie o que os participantes aprenderam utilizando um ou mais modelos de avaliação. Ver a Seção 3, Monitoração do progresso.

-> Indice

Módulo 2
Transformar o mundo juntos

PALAVRA-CHAVE: RECONCILIAÇÃO

A reconciliação não é somente uma forma de cura quando as coisas vão mal; também é uma orientação para lidar com os problemas, diferenças e conflitos inevitáveis da vida em comunidade.

Partindo da **Compreensão de si mesmo e dos outros**, esta jornada motivará os participantes a construírem pontes de confiança e a trabalharem juntos, para que cada um deles possa contribuir para o fomento da paz em seus lugares de origem. Os participantes descobrirão que as injustiças e a violência surgem quando não conseguimos nos respeitar mutuamente e que, quando se trabalha com outras pessoas, frequentemente é necessário adotar uma atitude de reconciliação. Uma atitude de reconciliação incentiva e ajuda os participantes a restabelecer as relações desfeitas, encontrar a paz interior e cumprir suas responsabilidades individuais e coletivas.

Como facilitador, escolha os quiosques que deseja visitar e planeje a jornada de seu grupo para transformar o mundo juntos!

O que acontece quando não conseguimos nos respeitar mutuamente?

Este quiosque mostra que os conflitos são normais nas relações humanas, mas que também podem ser resolvidos pacificamente por meio da transformação construtiva. Os participantes explorarão como nossa incapacidade de compreensão e respeito mútuo pode levar à violência, à injustiça e à violação da dignidade humana.

Atividades sugeridas

> Hora do cinema, pág. 71.
> Aprender a partir de histórias da vida real, pág. 72.
> Situações injustas, pág. 75.
> Como seria o mundo se..., pág. 104.
> Mil grous de papel, pág. 107.
> Ilhas minguantes, pág. 114.

Antes de prosseguir, avalie o que os participantes aprenderam utilizando um ou mais modelos de avaliação. Ver a Seção 3, Monitoração do progresso.

Compreender os conflitos, a violência e as injustiças que me rodeiam

Este quiosque leva os participantes a compreender as raízes e as consequências dos conflitos, injustiças e situações violentas que os rodeiam. Os participantes explorarão os comportamentos e ações dos seres humanos e aprenderão sobre a capacidade humana de criar, destruir e transformar.

Atividades sugeridas

> Hora do cinema, pág. 71.
> Dramatizações, pág. 85.
> Utilizar estudos de casos, pág. 86.
> Dilemas, pág. 89.
> Mesas redondas, pág. 97.
> Debates, pág. 98.
> Mil grous de papel, pág. 107.
> Ilhas minguantes, pág. 114.

Antes de prosseguir, avalie o que os participantes aprenderam utilizando um ou mais modelos de avaliação. Ver a Seção 3, Monitoração do progresso.

-> Indice

A paz começa comigo mesmo

Este quiosque ajudará os participantes a refletir sobre como suas atitudes frequentemente podem contribuir para gerar violência e injustiça. Ao mesmo tempo, eles tomarão consciência de sua responsabilidade pela transformação dessas atitudes. Os participantes examinarão a si mesmos e refletirão sobre suas relações com os outros. Desenvolverão seu ser interior e fortalecerão sua capacidade de transformar o mundo.

Atividades sugeridas

> Círculos de percussão, pág. 79.
> Meditação sobre mim mesmo – uma jornada silenciosa, pág. 99.
> Reconhecimento prazeroso, pág. 105.
> Mandalas, pág. 106.
> Mil grous de papel, pág. 107.
> Pintar camisetas, pág. 109.

Antes de prosseguir, avalie o que os participantes aprenderam utilizando um ou mais modelos de avaliação. Ver a Seção 3, Monitoração do progresso.

Alternativas não violentas

Neste quiosque, os participantes serão inspirados e preparados para responder pacificamente às situações que afetam sua própria identidade e seus direitos. Os participantes descobrirão alternativas não violentas e conhecerão os movimentos de resistência não violenta que foram empregados para abordar injustiças e situações violentas. Refletirão sobre a importância de consolidar a paz para transformar as comunidades, as sociedades e o mundo.

Atividades sugeridas

> Visitas de campo, pág. 84.
> O banco ético, pág. 87.
> Solução de problemas em seis passos, pág. 91.
> Notícias sobre a paz, pág. 93.
> Líderes sociais e religiosos, pág. 101.

Antes de prosseguir, avalie o que os participantes aprenderam utilizando um ou mais modelos de avaliação. Ver a Seção 3, Monitoração do progresso.

-> Indice

Caminho da reconciliação

Este quiosque ajudará os participantes a valorizar a reconciliação como um método para reparar as relações desfeitas. Desenvolverão seu ser interior e aprenderão a escutar os outros, a perdoar, a sanar e a restaurar. O caminho permitirá aos participantes visualizar a natureza humana dos outros, reconhecendo a dor causada a eles e por eles e a necessidade de buscar e oferecer perdão.

Atividades sugeridas

- Histórias para a alma, pág. 73.
- Narração de histórias, pág. 74.
- Solução de problemas em seis passos, pág. 91.
- Líderes sociais e religiosos, pág. 101.
- Por que me faz sofrer?, pág. 102.

Antes de prosseguir, avalie o que os participantes aprenderam utilizando um ou mais modelos de avaliação. Ver a Seção 3, Monitoração do progresso.

Construir pontes de confiança

Neste quiosque, os participantes trabalharão com os outros para construir pontes de confiança e reconciliar as diferenças. Os exercícios também os ajudarão a melhorar suas habilidades de comunicação e escuta. Os participantes trabalharão juntos, e com outros, para alcançar objetivos comuns, examinando e explorando sua capacidade de transformar a sociedade.

Atividades sugeridas

- Dramatizações, pág. 85.
- Solução de problemas em seis passos, pág. 91.
- Cafés inter-religiosos, pág. 96.
- Fazer um filme, pág. 110.
- Bola no ar, pág. 115.
- Desenvolvimento de projetos, pág. 121.
- Diálogos inter-religiosos, pág. 122.

Antes de prosseguir, avalie o que os participantes aprenderam utilizando um ou mais modelos de avaliação. Ver a Seção 3, Monitoração do progresso.

-> Indice

Trabalhar juntos para transformar o mundo

Depois de terem percorrido os quiosques deste módulo, os participantes estarão motivados e equipados para começar a transformar seu mundo imediato. Estarão mais preparados para trabalhar com os outros a fim de transformar as situações que os rodeiam, trazer a paz e a transformação a suas sociedades e, a partir daí, ao mundo inteiro.

Atividades sugeridas

> Aprender prestando serviços, pág. 116.
> Campanhas de aprendizagem inter-religiosa, pág. 117.
> Semanas temáticas, pág. 119.
> Campanhas pelos direitos da criança, pág. 120.
> Desenvolvimento de projetos, pág. 121.

Antes de prosseguir, avalie o que os participantes aprenderam utilizando um ou mais modelos de Avaliação. Ver a Seção 3, Monitoração do progresso.

Seção 3

Monitoração do progresso

Aprender a Viver Juntos tem metas e objetivos claros. Seu propósito é motivar as crianças e adolescentes a trabalharem juntos para transformar a sociedade. Para alcançar esse objetivo, é importante que o impacto do seu programa seja monitorado e avaliado. Dentre os métodos de avaliação sugeridos nesta seção, o principal é o Caderno de Aprendizagem.

Caderno de Aprendizagem

O "Folheto do Participante", descrito na página 37, informa aos participantes que deverão manter um Caderno de Aprendizagem. Para tal fim, cada participante receberá ou deverá trazer consigo um caderno, que usará ao longo das atividades e módulos realizados. Esse Caderno é privativo e deverá ser usado em cada sessão pelo participante para anotar suas experiências e sentimentos. A finalidade do Caderno de Aprendizagem é fortalecer o processo de reflexão. O participante deverá preenchê-lo depois da sessão, quanto estiver sozinho e tiver tempo para refletir.

O Caderno de Aprendizagem é um elemento fundamental de *Aprender a Viver Juntos* e deve, se possível, ser utilizado no final de cada atividade. Em um processo de aprendizagem intercultural e inter-religioso, o Caderno de Aprendizagem pode ajudar os participantes a aprofundar sua compreensão da diversidade. Este processo às vezes requer que o participante "desaprenda" ou se distancie do que aprendeu anteriormente e considerava correto. Os Caderno de Aprendizagem, portanto, deverão ser privativos e só poderão ser compartilhados voluntariamente.

Oferecer às crianças a oportunidade de interagir com seu próprio ser, de se perguntar por que e como as coisas acontecem e de valorizar o que conhecem, percebem e experimentam é fundamental para o desenvolvimento de uma aprendizagem autocrítica. As perguntas que convidam à reflexão ajudam os jovens a ir além do seu próprio entendimento, desafiando sua percepção do mundo e estimulando-os a analisar seus pontos de vista e seus comportamentos.

São fornecidos a seguir alguns exemplos de perguntas que convidam à reflexão e frases que podem ser incluídas nos Caderno de Aprendizagem:

> O que aprendi com esta experiência?
> Minhas ideias mudaram? Em caso afirmativo, por quê?
> Algo saiu errado? Por quê? Como posso consertar isso? Como posso superar essa situação?
> Algo que aprendi hoje sobre mim é _____
> Hoje tive um problema quando tentei _____. Farei isto amanhã para resolvê-lo: _____
> O melhor de _____
> Antes pensava _____ agora penso _____
> Hoje mudei a forma de _____ porque _____

Estes são alguns exemplos de perguntas ou atividades que você pode sugerir para o Caderno de Aprendizagem depois de realizar uma atividade:

> O que o respeito significa para você? Escreva sobre situações nas quais você tenha mostrado respeito aos outros na escola, na família ou na comunidade.
> Pense também em situações em que você foi desrespeitoso com os outros.
> Escreva no seu Caderno de Aprendizagem sobre situações em que os outros lhe faltaram com o respeito.
> Anote em seu Caderno de Aprendizagem dois compromissos que você está disposto a assumir para ser mais respeitoso com os outros.
> Escreva em seu Caderno de Aprendizagem uma mudança que você precisa fazer na sua vida para mostrar mais empatia com os outros.
> Escreva em seu Caderno de Aprendizagem algo que você pode fazer agora para ajudar a solucionar uma situação à sua volta que está dificultando o entendimento mútuo.

Métodos para avaliar a aprendizagem dos participantes

Os cinco modelos de avaliação sugeridos aqui foram estruturados para ajudar as crianças e adolescentes a:

> Olhar para dentro de si próprios e refletir sobre como mudaram durante o programa.
> Observar suas relações com os outros e como elas foram afetadas pela interação com os outros.
> Refletir sobre quem são e quem desejam ser.
> Olhar para o seu interior e para suas relações e interações com o mundo.

Avalie a aprendizagem dos participantes!

Empregue o *Modelo Entre Pares* como forma de ajudar os participantes a avaliarem sua própria aprendizagem.

Modelo Entre Pares

Os participantes se reúnem em pares e aprendem uns com os outros, compartilhando suas experiências e o que aprenderam. Esse modelo cria uma experiência de aprendizagem compartilhada e desafia as ideias preconcebidas de cada um com relação às diferentes culturas e ambientes sociais e religiosos.

Organize as duplas ou permita que os próprios participantes as escolham. O ideal é juntar participantes de religiões e culturas diferentes.

Exemplos de perguntas ou atividades que podem ser aplicadas

Vocês podem aprender muito um com o outro. Dediquem 20 minutos para se conhecerem melhor.

> Falem sobre suas famílias, suas culturas, seus países, suas religiões e outros assuntos.
> Contem como vivem, quais são suas crenças religiosas, como as praticam e como acham que suas vidas podem ser enriquecidas.
> Há algo mais que queiram perguntar um ao outro?
> Compartilhem suas opiniões sobre o programa.

Para terminar, registrem o que aprenderam e experimentaram em seus Cadernos de Aprendizagem.

Avalie a aprendizagem dos participantes!

Empregue o *Modelo de Compartilhamento com o Grupo* como forma de ajudar os participantes a avaliarem sua própria aprendizagem.

Modelo de Compartilhamento com o Grupo

Este método oferece aos participantes a oportunidade de compartilhar com os outros o que estão aprendendo acerca de si mesmos, dos outros e do mundo. Permite-lhes também compartilhar o que aprenderam sobre o respeito, os direitos e as responsabilidades. O formato deve estimular os participantes a fazer conexões entre suas respectivas experiências.

Peça aos participantes para encontrem um momento durante a semana para compartilhar com o grupo como estão fortalecendo suas relações com os outros e como estão aprendendo a compreender e a respeitar os outros.

Exemplos de perguntas ou atividades que podem ser aplicadas

> Qual foi, em sua opinião, a parte mais valiosa da última sessão ou do programa?
> Por que você valorizou esse momento específico?
> Que importância você acha que ele teve?
> Pense em uma situação ocorrida em sua família, escola ou vizinhança que constitua uma violação da dignidade ou dos direitos humanos. Pense nas pessoas envolvidas nessa situação e imagine que você é uma delas.
> Diga-nos como se sentiria e como reagiria.
> O que você acha que pode ser feito para ajudar a resolver essa situação?

Para terminar, registre o que aprendeu e experimentou em seu Caderno de Aprendizagem.

-> Indice

Avalie a aprendizagem dos participantes!

Empregue o *Modelo O Mundo e Eu* como forma de ajudar os participantes a avaliarem sua própria aprendizagem.

Modelo O Mundo e Eu

Este modelo ajuda os participantes a compreender como a aprendizagem influencia sua percepção do mundo e a necessidade de transformar a sociedade. Esse método de autoavaliação pode ajudar a gerar ações concretas por meio da visualização de problemas da vida real e análise das colaborações individuais para soluções globais.

Os participantes passam a ter consciência da necessidade de uma transformação em escala local e global, mostrando empatia pelas pessoas afetadas e também discutindo soluções e possíveis contribuições. Este método ajuda os participantes a transpor sua situação "local" para um contexto "mundial", vendo a si mesmos como cidadãos do mundo.

Exemplos de perguntas ou atividades que podem ser aplicadas

> Prepare um mapa do mundo (tão grande como quiser) e coloque-o em lugar visível. Os participantes selecionam dois lugares (cidades, países ou regiões) que não conhecem ou sobre os quais gostariam de aprender. Marque cada um dos lugares com um alfinete e peça aos participantes que escrevam o que gostariam de saber sobre eles.

> Durante um mês, mais informações deverão ser obtidas sobre os dois lugares selecionados. Os participantes deverão consultar jornais, notícias da televisão e a Internet e pedir informações a seus pais e amigos. Tudo é relevante: política, assuntos de atualidade, cultura, a diversidade da população, suas práticas religiosas. A cada semana, os participantes compartilharão as informações que obtiveram e acrescentarão algumas delas ao mapa.

> Quando todos tiverem aprendido mais sobre o lugar, identifique uma situação que parece ser crítica nessa sociedade, algo que deve ser transformado ou que causa sofrimento à sua população. Escreva isso e coloque no mapa.

> Estimule os participantes a refletir sobre como o problema poderia ser solucionado. Quem pode solucioná-lo? Podemos ajudar a solucioná-lo?

Para terminar, registrem o que aprenderam e experimentaram em seus Cadernos de Aprendizagem.

Avalie a aprendizagem dos participantes!

Empregue o *Modelo do Mentor* como forma de ajudar os participantes a avaliarem sua própria aprendizagem.

Modelo do Mentor

Os participantes discutem suas ideias, temores, iniciativas e objetivos com seus modelos de comportamento. Esta ferramenta serve para compartilhar experiências e para animar cada participante a contribuir para gerar transformações em seu ambiente imediato. Além disso, ela ajuda os participantes a refletir sobre as experiências dos outros e pode motivá-los a assumir um maior controle sobre suas próprias vidas. Este modelo também permite que os adultos vistos pelos participantes como modelos de conduta os ajudem em sua aprendizagem ao demonstrar práticas éticas.

Na mitologia grega, um mentor era um amigo e conselheiro de confiança. Na Odisseia de Homero, Mentor era quem cuidava do filho de Ulisses, Telêmaco, ajudando-o a desenvolver suas responsabilidades na vida.

Exemplos de perguntas ou atividades que podem ser aplicadas

> Escolha pelo menos uma pessoa que acredite ser um modelo de conduta para alguns dos jovens em seu grupo, ou explique o que é um modelo de conduta e peça que indiquem alguém da comunidade. Esses modelos de conduta devem ser pessoas respeitadas e admiradas, mas que também consigam ouvir e dialogar com as crianças e jovens.

> Convite a pessoa escolhida como modelo de conduta para visitar o grupo e falar de algumas experiências de sua vida, de suas relações com os outros e de sua espiritualidade e suas crenças.

> Os participantes, por sua vez, poderão compartilhar com essa pessoa suas experiências, as situações difíceis que enfrentam, suas conquistas e seus desafios éticos. Há algo que tenha ocorrido com eles nos últimos meses que gostariam de compartilhar com o modelo de conduta?

> Se for estabelecida uma relação de confiança e a pessoa convidada simpatizar com o grupo, peça-lhe que o visite periodicamente.

> Estimule os participantes a encontrar seus próprios modelos de conduta fora do programa: uma pessoa que possa oferecer-lhes conselho, sabedoria e conhecimento e com quem o participante se sinta seguro, apoiado e estimulado a cumprir sua responsabilidade de participar da criação de um mundo melhor e mais justo.

-> Indice

Avalie a aprendizagem dos participantes!

Empregue o *Modelo do Quadro de Verificação* como forma de ajudar os participantes a avaliarem sua própria aprendizagem.

Modelo do Quadro de Verificação

Consiste em uma lista de perguntas para avaliação individual da aprendizagem. Permite que os participantes reflitam sobre seu ser interior e, com base no que aprenderam, encontrem maneiras de agir de forma responsável para transformar o seu ambiente.

Exemplos de perguntas ou atividades que podem ser aplicadas

Desenhe o Quadro de Verificação no seu Caderno de Aprendizagem

MEU QUADRO DE VERIFICAÇÃO				
Uma situação que eu gostaria de melhorar.	Por que quero melhorá-la?	Há algo que esteja me impedindo de melhorá-la?	Há outras pessoas envolvidas?	Posso colaborar com outras pessoas para melhorar essa situação?

Modelos de avaliação rápida para “medir a temperatura”

Os cinco modelos expostos anteriormente podem ser aplicados como métodos de autoavaliação ou de avaliação em grupo ao longo de todo o processo de aprendizagem. Porém, como facilitador, talvez você queira usar um método instantâneo para descobrir como as coisas andam. Estes são alguns métodos úteis:

> **Levantar as mãos:** Quando você faz uma pergunta aos participantes e lhes pede para levantarem as mãos (seja para falar ou para fazer uma contagem), a forma como erguem as mãos pode lhe proporcionar muitas informações sobre o seu grau de diversão e participação. Eles levantam as mãos totalmente, pela metade ou simplesmente não as levantam? Esse método também pode ser usado para verificar se compreenderam bem as informações transmitidas.

> **Pesquisa:** Entregue aos participantes um formulário e peça que marquem com um círculo três adjetivos que, na sua opinião, refletem seu grau de satisfação com uma sessão. Procure incluir palavras que eles mesmos empregariam para se expressar:

brilhante	maravilhoso	fantástico	ótimo	bom	OK	divertido	fabuloso
trabalhoso	difícil	faz pensar	muito longo		chato	monótono	

> **Algo de que eu gostei e algo de que não gostei:** Os participantes colocam suas mãos em um círculo e mencionam uma coisa de que gostaram e outra de que não gostaram com relação à sessão anterior.

Avaliação do impacto

Os objetivos de *Aprender a Viver Juntos* (veja a página X) podem se resumir nas seguintes atitudes e capacidades:

Responsabilidade para tomar decisões bem fundamentadas.	Sensibilidade às diferenças entre as pessoas.	Uma atitude de abertura para reconciliar diferenças com os outros.
Respeito pelas culturas e crenças dos outros.	Capacidade de mostrar empatia pelos outros.	Capacidade de responder a situações difíceis usando alternativas não violentas.

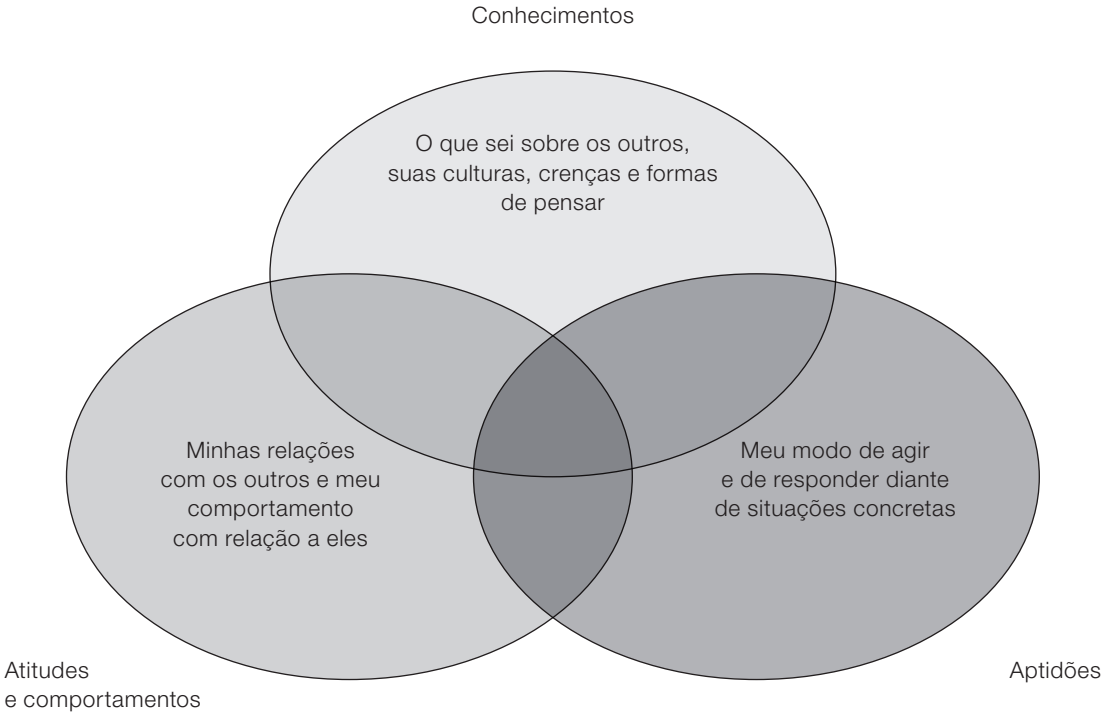
As matrizes de avaliação de impacto incluídas nos Anexos, páginas 230 a 232, são baseadas nos objetivos de *Aprender a Viver Juntos*. Elas o ajudarão a verificar se o programa influenciou ou não os conhecimentos, o comportamento ético, as atitudes e as aptidões dos participantes.

Mudanças de atitudes e de comportamentos são difíceis de medir devido aos dados qualitativos que devem ser avaliados e aos elementos subjetivos resultantes da avaliação. Essas matrizes só o ajudarão a compreender se os participantes mudaram suas percepções e estão dispostos a agir de forma pacífica e respeitosa com os outros.

As perguntas incluídas nas matrizes referem-se a três quesitos: conhecimentos, atitudes e aptidões. O conhecimento acerca de si mesmo, dos outros e da realidade do mundo afeta as atitudes e comportamentos das crianças para consigo mesmas e para com os outros. Consequentemente, isso gera modos de agir que tanto podem ser inclusivos, compassivos e solidários como discriminatórios e egoístas. O comportamento das crianças é influenciado em grande medida pelos valores que lhes são transmitidos e pelas oportunidades que lhes são proporcionadas para interagir com os outros.

Algumas das perguntas estão relacionadas a estereótipos, preconceitos e discriminação contra os outros. Estereótipos são generalizações sobre as características dos membros de um grupo. Preconceitos são atitudes (positivas ou negativas) adotadas com relação aos membros de um grupo com base unicamente no fato de pertencerem a esse grupo. Discriminação são ações positivas ou negativas voltadas para as pessoas que são objeto de preconceito. Esses tipos de questões lhe permitirão avaliar as atitudes das crianças com relação a si próprias e aos outros e a forma como estão correlacionadas às suas ações.

-> Indice



Instruções para aplicar as matrizes

As matrizes incluídas nos Anexos, nas páginas 230 a 232, foram projetadas para serem usadas antes e depois do programa *Aprender a Viver Juntos*.

Ao começar o programa, entregue a cada participante uma cópia das matrizes (A, B, C), e explique que a finalidade do exercício é levá-los a se conhecerem melhor. Deixe claro que não são obrigados a escrever seu nome nas folhas se não o desejarem e peça-lhes que, por enquanto, conservem a folha na sua pasta ou no seu Caderno de Aprendizagem.

Ao finalizar o programa, entregue aos participantes um segundo conjunto idêntico de matrizes e peça que as preencham. Explique que o propósito de preencher estas folhas é verificar se ocorreram mudanças em suas percepções, ideias e pontos de vista após a realização do programa.

Peça aos participantes que unam os dois conjuntos de folhas com um clipe quando terminarem de preenchê-las. Dê-lhes algum tempo para registrar em seu Caderno de Aprendizagem as mudanças que percebem ao comparar as segundas respostas com as primeiras.

Peça aos participantes que lhe entreguem suas folhas unidas com um clipe quando terminarem.

Compare, para cada participante, as primeiras respostas com as segundas (junte ambas as folhas com um clipe), e analise o resultado do programa, dando atenção às mudanças que se produziram:

1. Na percepção de si mesmos e dos outros.
2. Nos conhecimentos que possuem sobre outras culturas e crenças.
3. Nos conhecimentos que possuem sobre sua realidade social.
4. Em suas opiniões sobre as afirmações que aparecem na matriz.
5. Em como agiriam em situações concretas.

Seção 4
Atividades

Tabela de atividades

MÓDULO 1 Compreensão de si mesmo e dos outros

Quiosque	Atividade	Metodologia	Página
Valorizar a diversidade	Compartilhar fotografias	Aprendizagem baseada na experiência	70
	Desenhar mapas	Aprendizagem baseada na discussão	76
	Alcançar as estrelas	Aprendizagem baseada na discussão	77
	Visitas inter-religiosas	Aprendizagem baseada na experiência	80
	Comparar	Aprendizagem baseada na discussão	82
	Noites culturais	Aprendizagem baseada na experiência	83
	Questionário – O que sei sobre outras religiões?	Aprendizagem baseada na cooperação	112
Reconhecer a si mesmo em relação aos outros	Minha árvore da vida	Aprendizagem baseada na introspecção	65
	Compartilhar experiências pessoais	Aprendizagem baseada na experiência	67
	Alcançar as estrelas	Aprendizagem baseada na experiência	77
	Comparar	Aprendizagem baseada na experiência	82
	Noites culturais	Aprendizagem baseada na experiência	83
	A história de Pedro	Aprendizagem baseada na introspecção	103
	Pintar camisetas	Aprendizagem baseada na introspecção	109
Uma mesma natureza humana	Narração de histórias	Aprendizagem baseada na experiência	74
	Alcançar as estrelas	Aprendizagem baseada na experiência e na introspecção	77
	Círculos de percussão	Aprendizagem baseada na introspecção	79
	Reconhecimento prazeroso	Aprendizagem baseada na introspecção	105
Podemos nos relacionar bem?	Histórias para a alma	Aprendizagem baseada na discussão	73
	As ideias que defendo	Aprendizagem baseada na discussão	78
	O banco da ética	Aprendizagem baseada nos problemas	87
	Grupos de reflexão sobre o respeito	Aprendizagem baseada na discussão	95
	Cafés inter-religiosos	Aprendizagem baseada na discussão	96
	A história de Pedro	Aprendizagem baseada na introspecção	103
	Diálogos inter-religiosos	Aprendizagem baseada na discussão	122
Colocar-se no lugar dos outros	Sua silhueta é a minha	Aprendizagem baseada na introspecção	69
	Visitas inter-religiosas	Aprendizagem baseada na experiência	80
	Dramatizações	Aprendizagem baseada nos problemas e na experiência	85
	Utilizar estudos de casos	Aprendizagem baseada nos problemas e na experiência	86
Responder à necessidade de entendimento mútuo	Cafés inter-religiosos	Aprendizagem baseada na discussão	96
	Fazer um filme	Aprendizagem baseada na experiência	110
	Campanhas de aprendizagem inter-religiosa	Aprendizagem baseada na experiência	117
	Intercâmbios entre escolas	Aprendizagem baseada na experiência	118
	Semanas temáticas	Aprendizagem baseada na experiência	119
	Campanhas pelos direitos da criança	Aprendizagem baseada na experiência	120
	Diálogos inter-religiosos	Aprendizagem baseada na discussão	122

MÓDULO 2 Transformar o mundo juntos

Quiosque	Atividade	Metodologia	Página
O acontece quando não conseguimos nos respeitar mutuamente?	Hora do cinema	Aprendizagem baseada na discussão	71
	Aprender com histórias da vida real	Aprendizagem baseada na discussão	72
	Situações injustas	Aprendizagem baseada na experiência	75
	Como seria o mundo se...	Aprendizagem baseada na introspecção	104
	Mil grous de papel	Aprendizagem baseada na introspecção	107
	Ilhas minguantes	Aprendizagem baseada na experiência	114
Compreender os conflitos, a violência e as injustiças que me rodeiam	Hora do cinema	Aprendizagem baseada na discussão	71
	Dramatizações	Aprendizagem baseada nos problemas e na experiência	85
	Utilizar estudos de casos	Aprendizagem baseada nos problemas e na experiência	86
	Dilemas	Aprendizagem baseada na discussão	89
	Mesas redondas	Aprendizagem baseada na discussão e nos problemas	97
	Debates	Aprendizagem baseada na discussão	98
	Mil grous de papel	Aprendizagem baseada na introspecção	107
A paz começa comigo mesmo	Círculos de percussão	Aprendizagem baseada na introspecção	79
	Meditação sobre mim mesmo – uma jornada silenciosa	Aprendizagem baseada na introspecção	99
	Reconhecimento prazeroso	Aprendizagem baseada na introspecção	105
	Mandalas	Aprendizagem baseada na introspecção	106
	Mil grous de papel	Aprendizagem baseada na introspecção	107
	Pintar camisetas	Aprendizagem baseada na introspecção	109
Alternativas não violentas	Visitas de campo	Aprendizagem baseada na experiência	84
	O banco da ética	Aprendizagem baseada nos problemas	87
	Solução de problemas em seis passos	Aprendizagem baseada nos problemas	91
	Notícias sobre a paz	Aprendizagem baseada nos problemas e na experiência	93
	Líderes sociais e religiosos	Aprendizagem baseada na discussão e na introspecção	101
Caminho da reconciliação	Histórias para a alma	Aprendizagem baseada na discussão	73
	Narração de histórias	Aprendizagem baseada na introspecção	74
	Solução de problemas em seis passos	Aprendizagem baseada nos problemas	91
	Líderes religiosos e sociais	Aprendizagem baseada na introspecção e na discussão	101
	Por que me faz sofrer?	Aprendizagem baseada na discussão	102
Construir pontes de confiança	Dramatizações	Aprendizagem baseada nos problemas	85
	Solução de problemas em seis passos	Aprendizagem baseada nos problemas	91
	Cafés inter-religiosos	Aprendizagem baseada na discussão	96
	Fazer um filme	Aprendizagem baseada na experiência	110
	Bola no ar	Aprendizagem baseada na cooperação	115
	Desenvolvimento de projetos	Aprendizagem baseada na cooperação	121
	Diálogos inter-religiosos	Aprendizagem baseada na discussão	122
Trabalhar juntos para transformar o mundo	Aprender prestando serviços	Aprendizagem baseada na experiência	116
	Campanhas de aprendizagem inter-religiosa	Aprendizagem baseada na experiência	117
	Semanas temáticas	Aprendizagem baseada na experiência	119
	Campanhas pelos direitos da criança	Aprendizagem baseada na experiência	120
	Desenvolvimento de projetos	Aprendizagem baseada na cooperação	121

Minha árvore da vida

Objetivo: Estimular os participantes a refletirem sobre sua vida e sua identidade e reconhecerem o caráter único da identidade dos outros.

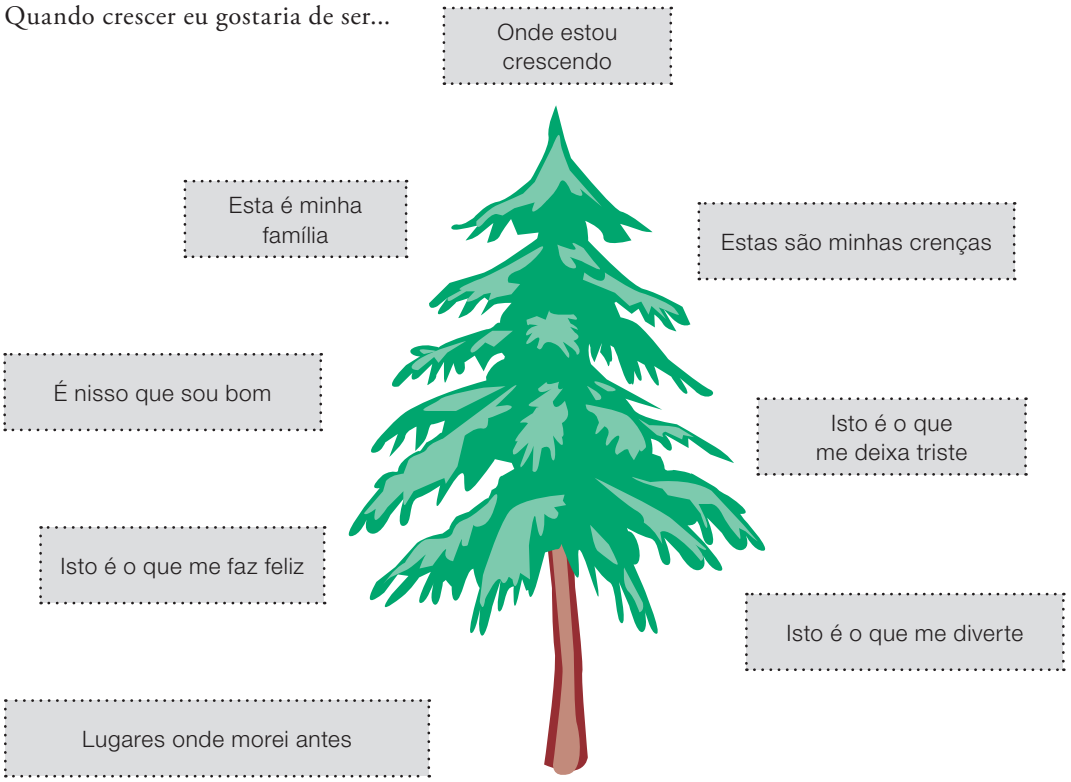
Resultados: Os participantes tornam-se mais conscientes de si mesmos e de sua própria identidade. Compartilhar as árvores da vida lhes permite conhecer melhor a vida e a identidade de outras pessoas, independentemente de quão semelhantes ou diferentes possam ter lhes parecido originalmente.

Material: Folhas de papel em branco para desenhar, canetas ou canetinhas coloridas.

Atividade

Entregue a cada participante uma folha de papel em branco e algumas canetinhas coloridas e peça a todos que desenhem uma árvore que os represente. Quando terminarem, peça-lhes que pensem nas informações sobre si mesmos que gostariam de escrever em volta da árvore. Faça uma lista das sugestões dos participantes no quadro ou em cartolina para que possam visualizar as informações. Estas são algumas das ideias que eles poderão sugerir:

- Onde moro.
- Lugares onde morei anteriormente.
- Membros de minha família.
- Amigos.
- Escola, inclusive nome e nível escolar.
- O que faço bem.
- O que gosto de fazer.
- O que me faz feliz.
- O que me deixa triste.
- No que acredito.
- Quando crescer eu gostaria de ser...



Antes que os participantes comecem a escrever, fale sobre a árvore. Qual é o propósito de suas raízes? Onde está crescendo? Que informações deveriam colocar nas raízes, nas extremidades dos galhos e na parte superior da árvore? Talvez alguns participantes precisem de ajuda para pensar sobre si mesmos e sobre seu futuro.

Esta atividade requer tempo para a introspecção e para a troca informal com os outros. Quando todos os participantes terminarem de acrescentar informações às suas árvores, solicite voluntários que queiram falar de sua árvore da vida para o resto do grupo. Depois de algumas apresentações, sugira aos participantes que se movam pelo grupo e tentem encontrar:

> Pelo menos uma pessoa que tenha crescido no mesmo lugar e outra que venha de um lugar diferente.
> Alguém que se entristece com a mesma coisa e alguém que se entristece com algo completamente diferente.
> Alguém que faça bem as mesmas coisas e alguém que faça bem algo diferente.

Estas são só sugestões; qualquer ideia nova que você tiver também será válida.

Termine a sessão com uma discussão sobre as semelhanças e diferenças e como fazem parte de nossa identidade. A que conclusões chegam os participantes? Reflita sobre a singularidade de cada um e sobre o respeito às diferenças mútuas.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Minhas anotações

-> Indice

Compartilhar experiências pessoais

Objetivo: Permitir que os participantes aprendam com espiritualidade dos outros e reflitam sobre suas próprias crenças.

Resultados: Os participantes exploram e compartilham suas experiências espirituais e refletem juntos.

Material: Papel e canetas ou canetinhas coloridas para os participantes. Prepare uma lista de perguntas – veja alguns exemplos a seguir – sobre como os participantes se relacionam com outras pessoas, o que fazem quando estão tristes ou alegres, quando querem refletir ou quando desejam estar a sós.

Exemplos de perguntas:

O que faz você sorrir, sentir-se vivo, emocionar-se?

O que o deixa de mau humor, irritado e sem vontade de se comunicar?

Você pode me falar sobre algumas das coisas que acontecem quando você se sente bem?

Você pode descrever o que é que vai mal quanto você se sente triste?

Você acha que existe alguma relação entre como você se sente por dentro e como se comunica com os outros?

Suas relações com os outros podem ajudá-lo a se sentir melhor interiormente?

Atividade

1. Reúna seu grupo em um lugar tranquilo e onde cada um possa se sentar e pensar sem distrações; pode ser um jardim, um parque ou uma sala com música suave.
2. Diga aos participantes que esta atividade requer que reflitam sobre seu ser interior, seus sentimentos e crenças, suas vivências do passado e sua relação com os outros. Informe que preparou uma lista de perguntas para orientá-los em sua reflexão e entregue uma cópia a cada um ou exponha a lista de modo que todos possam vê-la. Assegure-lhes que não se trata de uma prova, mas de um exercício para ajudá-los a refletir. Diga-lhes também que não serão obrigados a compartilhar seus pensamentos se não quiserem e que só eles verão o que está escrito nessa folha.
3. Entregue uma cópia da lista de perguntas aos participantes ou mostre-as de modo que todos possam vê-las bem. Peça aos participantes que busquem um lugar confortável e tranquilo onde possam estar a sós e respondam às perguntas na mesma folha ou em outra.
4. Reserve pelo menos 30 minutos para a reflexão e, em seguida, junte-os em um círculo de maneira que possam falar confortavelmente uns com os outros. Inicie a discussão perguntando-lhes como se sentiram respondendo às perguntas. Peça voluntários que queiram contar ao grupo o que responderam a cada uma das perguntas. Mantenha uma atmosfera tranquila e harmoniosa – ninguém deverá ser obrigado a compartilhar suas respostas se não quiser.
5. Finalmente, você poderá abordar a última pergunta e compartilhar com eles seus rituais, seus momentos de reflexão, seus sentimentos e suas crenças. Discuta como eles podem melhorar suas relações com os outros, seja qual for sua crença ou religião.

Para concluir, você pode ler o poema “Cada um com seu destino”, que pode ser encontrado na seção Recursos/Poemas na página 164.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Minhas anotações

Sua silhueta é a minha

Objetivo: Ajudar os participantes a compreender e valorizar os pontos de vista de outras pessoas por meio do uso de silhuetas.

Resultado: Os participantes aprendem sobre os "outros" ao compreender seus sentimentos. Os participantes refletem sobre como os "outros" agem ou por que pensam de uma determinada maneira.

Material: Folhas de papel suficientemente grandes para desenhar um corpo humano (você pode usar várias folhas de papel, o verso de um rolo de papel de parede ou algo similar), canetas ou canetinhas coloridas, música suave.

Atividade

Divida os participantes em duplas e explique-lhes que para esta atividade deverão trabalhar em parceria. Dê a cada participante uma folha de papel com as dimensões do corpo. Peça que coloquem o papel no chão e que cada um trace a silhueta do outro.

Quando terminarem de desenhar as silhuetas, peça a cada participante que escreva em sua própria silhueta as seguintes informações:

Na cabeça:	um pensamento
No peito (o coração):	um sentimento
No estômago:	uma necessidade
Nas mãos:	um desejo de fazer algo
Nas pernas:	uma atividade agradável ou prazerosa

Quando todos terminarem essa tarefa, peça aos participantes que compartilhem as informações com seus parceiros, descrevendo os pensamentos, sentimentos, necessidades, desejos ou as atividades de que gostam, sem explicar por quê.

Tendo compartilhado o que escreveram em suas silhuetas, peça que cada um se deite na silhueta do outro, feche os olhos e imagine que é a outra pessoa. Você pode colocar um pouco de música suave e iniciar a reflexão pedindo aos participantes que "abandonem sua mente e tentem penetrar na mente de seu parceiro", que tentem pensar o que o outro pensa, sentir suas necessidades, desejar o que o outro deseja e imaginar-se fazendo as atividades de que ele gosta.

Ao final, conceda cinco minutos para que todos reflitam em silêncio sobre o que significa colocar-se no lugar do outro. Você pode finalizar a atividade pedindo aos participantes que se abracem como mostra de compreensão mútua.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Compartilhar fotografias

Objetivo: Motivar os participantes para que aprendam mais sobre a realidade do mundo pedindo-lhes que o descrevam.

Resultado: Os participantes refletem sobre sua visão do mundo e sobre o que acontece quando as pessoas não conseguem se entender.

Material: Vários jornais e revistas velhos, tesoura e cola, aproximadamente dois metros ou mais de papel ou tecido (o verso de um rolo de papel de parede ou alguns lençóis velhos unidos podem servir), canetas ou canetinhas coloridas, *sprays* coloridos não-tóxicos.

Atividade

Coloque o pedaço de papel ou tecido na parede. Com uma canetinha preta, desenhe tijolos e outros detalhes no papel para que pareça um muro de rua.

Distribua as revistas e jornais entre os participantes e peça-lhes para elaborarem uma colagem de como veem o mundo. Eles podem usar palavras, imagens, desenhar a si mesmos, fazer grafitagem – qualquer coisa que, na sua opinião, reflita a realidade do mundo. Conceda 45 a 60 minutos para essa atividade e permita que trabalhem sozinhos, juntos ou em duplas.

Quando tiverem terminado a colagem, peça que a contemplem por alguns minutos.

Faça aos participantes perguntas como as seguintes:

> É neste mundo que você quer viver?
> É este mundo que você deseja deixar para seus filhos?
> Quem fez com que o mundo fosse assim?
> Quais são as causas dos eventos mostrados no muro?
> Poderíamos tomar as boas ações que aparecem no muro e reproduzi-las nos lugares em que há violência e injustiça?
> Somos responsáveis pelo que acontece no mundo?

Permita que a discussão leve a um compartilhamento de experiências, com os participantes descrevendo mais detalhadamente a realidade que experimentam em suas próprias sociedades.

Diga-lhes que isso não é mais que uma parte de sua jornada e convide-os a pensar sobre algo que possam fazer para ajudar a melhorar a situação.

Você pode finalizar a atividade acendendo uma vela e fazendo uma oração pela paz no mundo, se considerar apropriado, ou cantando uma canção pela paz.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Hora do cinema

Objetivo: Conscientizar os participantes sobre os conflitos, injustiças e situações violentas no mundo e sobre como as ações de alguns poucos podem fazer uma grande diferença.

Resultado: Os participantes aprendem sobre pessoas e lugares novos e sobre história. A coragem e o envolvimento daqueles cujas ações são mostradas nos filmes levarão aos participantes a se perguntarem sobre os motivos da violência, da pobreza e dos conflitos e sobre a necessidade permanente de transformar essas situações em algo melhor.

Material: Uma cópia em bom estado do filme, em vídeo ou DVD, e um lugar cômodo para assisti-lo. Se preferir levar o grupo ao cinema, tente encontrar um lugar tranquilo onde possam discutir o filme posteriormente antes de se dispersarem.

Atividade

Os filmes são um meio que pode ajudar os participantes a entrar em outro mundo ou outra vida para ver como as coisas eram, ou ainda são, para outras pessoas. Dependendo da habilidade do diretor, os espectadores também podem ser levados a considerar diferentes pontos de vista e motivações e a compreender a complexidade das situações que enfrentamos.

A Seção de Recursos, na página 149, contém uma lista com alguns filmes adequados, à qual muitos outros podem ser acrescentados.

Antes de "ir ao cinema" faça um breve resumo do enredo do filme e do período em que se situa. Pergunte-lhes por que acham que ver esse filme é importante para sua formação ética.

Depois do filme, faça aos participantes perguntas gerais questionando sua compreensão do filme e dos fatos e personagens mostrados. Pergunte sobre a motivação dos personagens; sobre como alguns fazem o que lhes é ordenado e outros usam sua consciência e iniciativa para agir de forma individual em nome dos outros. Você pode perguntar se acham que o filme tem alguma relação com sua própria realidade social ou com o que sabem sobre a atualidade mundial. Amplie a discussão analisando as causas dos conflitos e as injustiças no mundo. Você também pode perguntar aos participantes que posição adotariam se tivessem que enfrentar uma situação semelhante à do filme.

Finalmente, peça aos participantes que examinem os acontecimentos narrados no filme do ponto de vista dos direitos, do respeito e da responsabilidade. Quem teve seus direitos violados? Quais direitos estão sendo respeitados? Os personagens se respeitam uns aos outros? Responsabilizam-se por si próprios e pelos outros? Protegem os direitos dos outros?

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Aprender com histórias da vida real

Objetivo: Ajudar os participantes analisar situações de injustiça, conflito e desrespeito por meio de histórias da vida real.

Resultado: Os participantes passam a ter consciência de que todos temos a responsabilidade de respeitar o direito à dignidade humana, que é universal e inalienável.

Material: Escolha um dos estudos de casos (Recursos/Estudos de casos, página 139) ou, a partir de jornais ou revistas, selecione material relacionado a violações dos direitos humanos que estejam acontecendo na atualidade. Você pode optar por usar uma, duas ou várias histórias. Procure escolher histórias com extensão semelhante; talvez você queira que todas falem sobre o mesmo assunto, ou talvez prefira apresentar histórias sobre vários assuntos diferentes. Para esta atividade, o facilitador necessitará de cartolinas e canetinhas.

Atividade

1. Divida os participantes em pequenos grupos de três a cinco pessoas e entregue a cada grupo uma cópia da história.
2. Peça a cada grupo que leia sua história e discuta a causa da situação apresentada, os princípios éticos ou direitos humanos que estão sendo violados e as consequências.
3. Se houver tempo, peça ao grupo que prepare uma dramatização da história que leu. Não precisa necessariamente ser uma representação exata da história, mas uma interpretação dela. Se decidir eliminar esta etapa, siga diretamente para o ponto 5, a discussão.
4. Quando todos os grupos terminarem de debater e preparar suas dramatizações, junte-os para que as apresentem e depois as discutam.
5. Use as perguntas a seguir para iniciar uma discussão sobre a história. Enquanto formula as perguntas, resuma as respostas e as reflexões dos participantes nas cartolinas, para que possam visualizar sua própria aprendizagem. Você também pode aplicar técnicas de cartões ou mapas mentais para apresentar as conclusões dos diferentes grupos, de modo que aprendam uns com os outros.
   - > Quem são os protagonistas e qual era a relação que havia entre eles?
   - > Qual era a situação ou o fato principal da história? Qual era a causa?
   - > Quem teve seus direitos violados? Quais direitos foram respeitados? Os personagens se respeitam uns aos outros? São responsáveis por si mesmos e pelos outros? Protegem os direitos dos outros?
   - > Como essa situação poderia ser resolvida de uma forma ética?
   - > O que essa história nos ensina e que relação isso tem com nossas próprias vidas?

Estimule os participantes a descrever voluntariamente suas experiências pessoais para incorporá-las à discussão.

Finalize a atividade com uma reflexão sobre como nossas ações e atitudes podem afetar os outros de forma positiva ou negativa.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Histórias para a alma

Objetivo: Ajudar os participantes a analisar as atitudes e valores necessários para transformar situações difíceis.

Resultado: Os participantes refletem sobre as atitudes e valores necessários para que haja respeito, compreensão e paz em suas sociedades.

Material: Selecione em Recursos/Histórias, na página 123, histórias adequadas sobre o respeito, a ajuda aos outros, a reconciliação, o perdão, etc. Você pode optar por usar uma, duas ou várias histórias. Procure escolher histórias com a mesma duração que tratem de temas diferentes. O facilitador precisará de algumas folhas de cartolina e canetinhas.

Atividade

1. Divida os participantes em pequenos grupos de três a cinco pessoas e entregue a cada grupo uma cópia de uma história.
2. Peça aos membros de cada grupo que leiam a sua história e discutam a mensagem e o ensinamento moral que ela contém.
3. Em seguida, prepare uma dramatização para representar a história – sem ter que reproduzi-la exatamente – ou siga diretamente para o ponto 5.
4. Junte todos os grupos para apresentar as dramatizações. Conclua com uma discussão.
5. Faça as perguntas relacionadas a seguir para gerar uma discussão sobre a história. Enquanto formula as perguntas, resuma as respostas e reflexões dos participantes em uma cartolina, a fim de que possam visualizar sua própria aprendizagem. Você também pode usar técnicas de cartões ou mapas mentais para apresentar as conclusões dos grupos, de modo que possam aprender uns com os outros.
   - > O que nos ensina a história e que significado pode ter em nossas vidas?
   - > Quais são os valores que a história destaca?
   - > Podemos relacionar esta história com situações da vida real? Forneça alguns exemplos.

Estimule os participantes a descreverem voluntariamente suas experiências pessoais para incorporá-las à discussão.

Finalize a atividade com uma reflexão sobre como podem os ensinamentos provenientes das histórias ou dos textos sagrados podem ser aplicáveis à nossa vida. Estimule os participantes a refletir sobre como nossas ações e atitudes podem afetar aos outros de forma positiva ou negativa.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Narração de histórias

Objetivo: Desenvolver a capacidade de escutar e de nos conectarmos uns com os outros entrando juntos no mundo dos contos.

Resultado: Os participantes experimentam a sensação de abrir-se ao mundo da imaginação e cultivam sua capacidade de escutar. Aprendem a valorizar o patrimônio cultural que é transmitido através dos contos.

Material: Escolha histórias adequadas na seção Recursos/Histórias, página 123. Você também pode escolher contos populares de sua cultura ou de tradições religiosas. Crie uma atmosfera relaxante e cálida.

As diretrizes a seguir foram adaptadas do livro *Handbook for Story Tellers*.[1]

Atividade

Crie um ambiente adequado para contar histórias. Pode ser em volta de uma fogueira, em um parque onde os ouvintes estejam em contato com a natureza ou em um lugar tranquilo. Você pode usar velas, incenso, instrumentos musicais como violão ou bongôs ou colocar uma música tranquila para iniciar a narração.

Às vezes é necessária uma breve introdução ou alguma informação esclarecedora para que os ouvintes possam compreender o conto. Indique sempre a procedência da história: se provém de outro narrador de histórias, de um livro, etc.

Talvez seja útil definir uma frase padrão para iniciar ou terminar a história. Por exemplo, segundo o costume nas Índias Ocidentais, para apresentar o conto, o narrador diz: "*cric*", e os ouvintes respondem: "*crac*" (que significa "queremos escutar sua história").

Para finalizar pode-se usar algo como: "entrou pelo bico do pato, saiu pelo bico do pinto, quem quiser que conte cinco". E assim termina o conto.

O conto também pode ser iniciado com a frase mágica: "Era uma vez...". Em árabe se começa a contar uma história dizendo: "*ken ye me ken* " (foi e não foi), e assim todo mundo sabe que chegou o momento de ouvir um conto. No Irã, quando algumas pessoas vão contar um conto, começam dizendo: "*yeki bud, yeki nabud* " (houve uma vez e não houve).

Mantenha o contato visual com seus ouvintes. Fique atento a uma possível inquietude das crianças. Se o conto não vai bem, talvez você tenha escolhido uma história que não seja apropriado para esse grupo. Quando isso acontecer, tente encurtar a narrativa e terminá-la o quanto antes. Você também pode parar a narração onde achar conveniente e sugerir que as crianças descubram como a história termina lendo o livro.

Se as crianças desconhecerem determinadas palavras ou perguntarem o que significa uma palavra, tente incorporar uma breve definição no conto. Se todo o grupo começar a mostrar-se inquieto, não fique bravo com eles; não permita que a situação termine em uma experiência desagradável para todos. Analise o problema. Talvez o conto que escolheu não seja adequado para os ouvintes ou seja longo demais. Pode haver também fatores externos que estejam interferindo com a capacidade de concentração das crianças.

Com os menorzinhos pode ser divertido usar um avental para contar a história. Um avental de carpinteiro que tenha bolsos pode servir. Guarde em cada bolso um objeto que represente um conto; por exemplo, uma pedra para a história da sopa de pedras. Peça a uma das crianças que escolha um bolso e conte o conto correspondente. Você também pode usar alguns acessórios simples, mas não permita que distraiam a atenção da narração.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

1 Inez Ramsey, Professora Emérita da Universidade James Madison. http://falcon.jmu.edu/~ramseyil/storyhandbook.htm (em inglês)

-> Indice

Situações injustas

Objetivo: Motivar os participantes a aprender mais e refletir sobre as injustiças no mundo.

Resultado: Os participantes se perguntam o que causa as injustiças no mundo e o que poderiam fazer para ajudar.

Material: Várias imagens de situações de injustiça em diferentes lugares do mundo (condutas desrespeitosas, pessoas que sofrem, imagens de pobreza, imagens de conflitos), extraídas de revistas, jornais, cartazes, etc. Também pode ser usada uma apresentação em PowerPoint. Os *sites* de ONGs geralmente têm muitas fotografias relevantes que podem ser baixadas.

Atividade

Coloque algumas imagens nas paredes ou no chão e peça aos participantes que percorram a sala vendo as imagens. Depois reúna todos e sente-os em círculo de maneira que continuem vendo as imagens.

Peça aos participantes que contem o que sentiram enquanto viam as imagens.

- Pergunte-lhes que imagem lhes chamou mais a atenção e por quê.
- Peça a alguns deles que escolham uma imagem e contem o que acham que está acontecendo nela:
  - O que pode ter acontecido?
  - Quem fez isso?
  - Por que aconteceu?
  - Por que a pessoa tem essa expressão?
  - O que acha que ela está pensando ou sentindo?
  - O que acha que pode lhe acontecer agora?

Os participantes provavelmente terão muitas perguntas para fazer sobre algumas das situações mostradas nas fotografias. É importante que não saiam da sessão sentindo-se desamparados, impotentes ou até deprimidos.

Para finalizar a sessão, faça aos participantes perguntas que possam ajudá-los a entender os outros:

- Por que as pessoas ferem umas às outras?
- Por que as pessoas não respeitam a vida, as crenças e as ideias das outras?
- Qual é a causa do ódio, das injustiças e da violência no mundo?
- Que papel desempenham as religiões e as organizações laicas nos ambientes de violência ou injustiça?
- Como as religiões contribuem para a paz?
- O que podem fazer os participantes, em sua própria cidade ou aldeia, para ajudar os outros e tentar fazer do mundo um lugar melhor?

É possível que haja uma grande variedade de respostas em relação à última pergunta, desde ajudar a quem procura asilo político ou vive marginalizado na sociedade a rezar pelo mundo, realizar trabalhos de conscientização, escrever uma carta ao parlamento ou ao presidente de seu país, etc. É importante estimulá-los a pensar em termos de ações que eles mesmo podem realizar.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Desenhar mapas

Objetivo: Motivar os participantes a se interessarem mais pelo mundo e sua riqueza, entrando em contato com outras culturas e religiões de diferentes partes do mundo.

Resultado: Os participantes adquirem uma melhor compreensão de outras religiões e culturas, assim como da importância de aprender sobre a diversidade.

Material: Um mapa-múndi grande, um globo terrestre ou, na falta disso, um esboço do mundo. Folhas de anotações adesivas, pequenas etiquetas, alfinetes ou percevejos serão necessários para acrescentar comentários e anotações ao mapa.

Atividade

Divida os participantes em grupos de três ou quatro e peça a cada grupo que localize no mapa oito países que representem pelo menos quatro religiões diferentes.

Conceda aos participantes 15 minutos para discussão dentro do grupo e mais cinco minutos para que coloquem suas repostas no mapa.

Peça a todos que observem o mapa e compartilhem seus conhecimentos. Questione suas respostas perguntando-lhes sobre aquelas pessoas de grupos minoritários que têm outras crenças nos países que eles selecionaram.

Você pode concluir a sessão fazendo aos participantes todas ou algumas destas perguntas de caráter geral:

> Que religiões há no mundo? Faça uma lista para ver quantas eles conseguem citar.
> Proporcionalmente, quantas pessoas praticam cada uma das religiões mencionadas?
> Qual é a religião que predomina em seu país? Em sua cidade? Em sua escola? Também são praticadas outras religiões? O que você sabe sobre as pessoas que praticam outras religiões?
> As pessoas que praticam outras religiões em seu país, cidade ou escola enfrentam dificuldades como consequência de sua fé? Existem preconceitos ou discriminação? Em caso afirmativo, qual seria a razão? Podemos fazer algo para que diminua a intolerância e a falta de respeito mútuo?
> O que acontece com aqueles que não praticam nenhuma religião? Existem preconceitos ou discriminação contra eles? Discuta.
> Talvez os participantes façam propostas concretas – uma visita inter-religiosa, uma festa cultural ou uma visita de campo – que pode ser interessante aceitar.

Se desconhecerem a resposta a muitas das perguntas, tome nota das principais dúvidas para que todos possam pesquisar as respostas, em bibliotecas ou na Internet, e informar o grupo sobre o que encontraram na próxima sessão.

Seria útil exibir um vídeo ou DVD sobre diferentes religiões ou fazer uma apresentação mostrando os nomes de diferentes religiões, seus respectivos fundadores e suas principais crenças e costumes (por exemplo, vestimentas, ritos e textos sagrados).

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

-> Indice

Alcançar as estrelas

Objetivo: Permitir que os participantes descubram quem são os outros e quão diferentes ou semelhantes a si próprios eles podem ser.

Resultado: Os participantes tomam conhecimento de que os outros, mesmo sendo diferentes, podem ser também muito semelhantes. Os participantes reconhecem a si mesmos e aos outros, contemplando-os interna e externamente.

Material: Papel e canetas, vários rolos de fio colorido, fita crepe e várias tesouras.

Atividade

1. Cada participante desenha uma estrela de cinco pontas (dê-lhes um molde ou um modelo que possam copiar, para que todas as estrelas sejam semelhantes). Pergunte aos participantes quais informações sobre si próprios são fundamentais para a sua identidade e selecione cinco perguntas na lista. Peça-lhes para escreverem a resposta às perguntas em cada uma das pontas da estrela; por exemplo, sua religião, sua música favorita, seu lugar preferido, a pessoa mais importante para eles, sua atividade favorita. Outras opções podem ser escolhidas em função da composição do grupo.
2. Quando eles terminarem de escrever em suas estrelas, sente-os em círculo e deixe que cada um explique suas opções. Peça-lhes também que coloquem sua estrela na parede. Dê a cada participante um rolo de fio colorido que ele poderá usar para unir as pontas de sua estrela com as de outros que expressaram gostos semelhantes.
3. Cada pessoa deverá encontrar pelo menos uma semelhança com a pessoa que fez a apresentação anterior ou com qualquer pessoa que a tenha precedido. Você ou seu ajudante poderão ser os primeiros para que cada participante encontre pelo menos uma semelhança.
4. Uma vez feitas todas as uniões, peça aos participantes que tentem conhecer melhor os criadores das estrelas com quem agora estão unidos. Através de conversas breves, eles deverão descobrir mais semelhanças com essas pessoas, mas também algumas diferenças. Por exemplo, nós dois gostamos de comida indiana; eu gosto de futebol, mas ele ou ela não; ele ou ela gosta de cozinhar, mas eu não; moramos na mesma região da cidade, etc.
5. Observe quantas pontas das estrelas não estão unidas a outras: trata-se de interesses ou paixões exclusivas de determinadas pessoas? Reflita com eles sobre como é maravilhoso que haja tanta diversidade e riqueza no mundo; sobre como, mesmo que as estrelas pareçam todas iguais, sabemos que são diferentes e como isso é emocionante.
6. Peça aos participantes que falem sobre uma das pessoas que conheceram, explicando o que tinham em comum e em que eram diferentes.
7. Por último, inicie uma discussão geral sobre o que torna cada um de nós único. Saliente que todas as pessoas possuem coisas em comum, mas também diferem em aspectos importantes. Conclua a atividade com uma reflexão sobre a importância de conhecer o interior das pessoas e não somente o seu exterior.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

As ideias que defendo

Objetivo: Fazer os participantes defenderem aquilo em que acreditam. Permitir que reflitam sobre suas próprias crenças e descubram as dos outros.

Resultado: Os participantes descobrem em que medida suas crenças e opiniões diferem das de outras pessoas.

Material: Material adequado para traçar uma linha de ponta a ponta no centro da sala ou no pátio de recreio – por exemplo, giz, fita crepe ou uma tira de tecido. Dois cartazes grandes com os textos "Concordo" e "Discordo".

Atividade

Trace uma linha atravessando a sala de ponta a ponta e coloque um cartaz em cada lado. Peça aos participantes que se coloquem de frente para você ao longo da linha divisória. Diga-lhes que respondam a uma série de afirmações dirigindo-se para o cartaz adequado.

Leia em voz alta algumas frases, como, por exemplo:

> Todas as crianças deveriam ir à escola.
> Só os mais inteligentes têm direito a uma educação a partir dos 14 anos.
> Matar uma pessoa, por qualquer motivo, é errado.
> As pessoas têm direito a defender suas crenças.
> Todo mundo tem direito a viver em paz.
> Ninguém deveria ter que viver sob a ocupação de outro país.
> Todo mundo tem o direito de ser respeitado.
> Só respeito quem me respeita.
> A poluição é responsabilidade dos governos.
> É inútil jogar papel no lixo se os outros não jogam.
> Todo mundo tem direito de praticar sua religião.
> As religiões são uma das principais causas de conflitos no mundo.

Estas perguntas foram elaboradas com o objetivo de colocar os participantes em posições contraditórias que estimulem a reflexão. Quando terminar de ler as afirmações, sente os participantes em círculo e peça que alguns deles falem sobre suas respostas. Discuta alguns dos dilemas que enfrentaram e como se sentiram.

Se os participantes mostrarem dificuldades para responder às perguntas, pergunte-lhes por que acham que isso acontece. Uma conclusão importante que pode resultar da discussão é que o mundo não é simples e que nem sempre é fácil decidir em que acreditar e quando defender aquilo em que se acredita.

Pergunte aos participantes o que sentiram ao ver os que estavam do outro lado da linha. Como se sentiram sobre eles e suas crenças?

Finalize o exercício enfatizando a diversidade de crenças e as opiniões entre as pessoas e como essas crenças e opiniões devem ser respeitadas mesmo que não compartilhemos delas.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Círculos de percussão

Objetivo: Criar uma oportunidade e um espaço para que os participantes estabeleçam conexões por meio de uma experiência compartilhada em um ambiente diferente.

Resultado: Os participantes entram em contato uns com os outros de uma forma distinta, mais íntima, e aprendem mais sobre as vidas dos outros.

Material: Diversos tipos de instrumentos de percussão, lenha para fazer fogo, fósforo e combustível. Você encontrará instruções sobre como fazer uma boa fogueira em http://www.luontoon.fi/page.asp?Section=8497 (em inglês)

Atividade

Acenda a fogueira e prepare alguns instrumentos de percussão. Reúna os participantes em volta da fogueira e distribua os instrumentos. Se houver participantes que já saibam tocá-los, deixe que ensinem os outros. Procure planejar atividades de percussão que incorporem todos os participantes ou o maior número possível. O propósito é permitir que os participantes experimentem a emoção de criar um ritmo juntos. Quando todos tiverem se divertido e estiverem relaxados, crie um espaço para dialogar.

Estimule os participantes a falarem de qualquer coisa que lhes ocorra. Transforme essa ocasião em um espaço para aprender uns com os outros e descobrir o interior de cada um.

Atribua significado à música, ao fogo, à noite e a cada uma das pessoas que participam da atividade. Convide-as a refletir sobre tudo aquilo que torna esse momento único. Expanda o tema mencionando todas as pessoas extraordinárias que fazem parte de uma mesma natureza humana e vivem em um universo compartilhado.

Os círculos de percussão podem servir como um espaço íntimo e um momento de reflexão, tanto pessoal quanto compartilhada, sobre como as pessoas podem trabalhar juntas pela paz. Os participantes se sentem unidos e aprendem a conhecer melhor a si mesmos e aos outros, gerando sinergias que podem ser muito positivas para o trabalho em comum.

Se possível, programe todos os meses um círculo de percussão como atividade especial.

Os círculos de percussão podem ser utilizados conjuntamente com as seguintes atividades:

> Narração de histórias.
> Canto e dança.
> Meditação e reflexão.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Visitas inter-religiosas

Objetivo: Experimentar outras fontes de espiritualidade e aprender sobre outras religiões por meio de visitas de estudo a diferentes lugares religiosos: templos, mesquitas, sinagogas, igrejas, *gurdwaras*, etc.

Resultado: Os participantes ampliam seus conhecimentos sobre as crenças, rituais e manifestações espirituais de outras religiões.

Material: Alguns folhetos informativos para os participantes sobre as religiões que vão estudar. Eles também deverão fazer anotações sobre os lugares visitados.

Atividade

Os participantes realizam uma série de visitas a diferentes lugares de culto. As visitas podem ser agrupadas em um percurso de vários dias, de uma semana ou até mais. Todos, independentemente de sua identidade religiosa, e mesmo que não tenham religião, podem se beneficiar dessa experiência nova e possivelmente única de colocar-se no lugar do outro.

Os lugares religiosos podem ser visitados quando estiverem abertos ao público em geral ou durante o culto. Em qualquer caso, é aconselhável agendar a visita com o responsável pelo lugar. É importante conhecer a pessoa que vai organizar a visita para lhe explicar em que consiste o programa inter-religioso e qual é o propósito da visita. Informe seu anfitrião que, dado o espírito inter-religioso da visita, o programa deve conter informações mais descritivas e sem caráter promocional ou comparativo. A visita poderia incluir, por exemplo:

> Uma palestra ministrada por um membro do lugar de culto sobre as crenças principais da religião.
> Uma explicação sobre os diferentes rituais que são realizados no lugar de culto e sua importância.
> Uma oportunidade para que o grupo faça perguntas.
> Uma oportunidade para conversar com outros adolescentes que frequentam esse lugar.
> Uma oportunidade, se possível, de presenciar uma cerimônia de culto.
> Se for apropriado, peça a um dos anfitriões que recite uma oração segundo a tradição de sua religião.

Antes da visita, explique sua finalidade aos participantes: aprender mais sobre outras religiões. Enfatize também a necessidade de respeitar as normas relativas ao decoro e à vestimenta nos lugares que irão visitar.

Depois de cada visita e antes de prosseguir, reserve um tempo para que os participantes troquem impressões. Estimule-os a falar sobre o que aprenderam e estabelecer paralelismos com sua própria religião ou com outras religiões sobre as quais aprenderam. Convide-os a refletir sobre o que experimentaram e como se sentiram enquanto estavam no lugar religioso.

Estes são alguns exemplos do que os participantes poderiam anotar em seus Cadernos de Aprendizagem:

> O lugar religioso, incluindo seu nome e localização.
> Quem conheceram e o que aprenderam.
> Suas principais impressões sobre o lugar e o modo de render culto.
> As principais crenças das pessoas dessa religião.
> Semelhanças e diferenças com as próprias crenças, sejam elas religiosas ou não.

Orientação para preparar as visitas inter-religiosas

1. Obtenha informações sobre os lugares de culto que deseja que os participantes visitem. Leve em consideração as crenças religiosas dos participantes para incluí-las na visita. Discuta suas escolhas com os participantes.
2. Prepare uma lista de lugares de culto e pense na forma mais prática de visitá-los durante o tempo destinado à atividade. Lembre-se de reservar tempo suficiente para as visitas e o deslocamento de um lugar ao outro.
3. Entre em contato com a pessoa responsável de cada um dos lugares de culto que gostaria de visitar. Explique o propósito da visita e a importância de experimentar e conhecer as crenças dos outros. Certifique-se de que as informações recebidas pelos participantes em cada um dos lugares serão informativas e fornecidas em uma atmosfera de respeito por outras crenças.
4. Dê ênfase à natureza inter-religiosa do grupo, quer seja ele composto por jovens de diferentes religiões ou um grupo homogêneo em processo de aprendizagem sobre o respeito a outras crenças.
5. Marque a data e hora da visita com a pessoa que receberá os participantes. Combine com ela o tipo de visita: se será durante o culto, como os participantes deverão estar vestidos e se lhes será oferecido algum tipo de lanche. Pergunte se seria possível contar com a presença de outras crianças ou adolescentes que sejam membros do lugar de culto.
6. Prepare, se possível, um folheto para os participantes tratando das religiões sobre as quais irão aprender durante as visitas.
7. Informe aos participantes como deverão estar vestidos.
8. Faça uma reunião preparatória com os participantes antes das visitas. Peça-lhes que preparem suas perguntas e que observem o lugar e tudo o mais por dentro e por fora. Durante a reunião preparatória mantenha uma pequena conversa sobre as religiões e peça a alguns dos participantes que expliquem suas crenças aos outros. Ressalte aos participantes a importância ser respeitoso e manter a mente aberta.
9. Durante a visita, permita que os participantes explorem o lugar e reserve um tempo para que possam fazer perguntas antes de partir.
10. Depois da visita, peça aos participantes que anotem suas experiências e sensações e compartilhe com eles um tempo para a análise. Enfatize a importância de aprender mais sobre as crenças dos outros, bem como sobre as próprias.

Comparar

Objetivo: Explorar as diferenças e semelhanças entre diferentes lugares, credos, culturas e crenças. Pode ser útil realizar esta atividade antes da visita inter-religiosa (ou se necessário, em lugar dela).

Resultado: Os participantes expandem seus conhecimentos sobre a diversidade existente no mundo e são motivados a aprender mais sobre as crenças e práticas religiosas de outras pessoas.

Material: Material que descreva os diferentes credos e costumes religiosos.

Atividade

> Se não for possível organizar uma visita inter-religiosa – ou talvez como preâmbulo a uma série de visitas – prepare uma apresentação ou exposição de outras religiões. Inclua fotografias, imagens, palavras ou objetos (artefatos) reais que possam descrever os diferentes credos e costumes religiosos existentes no mundo. Se for possível, combine essa atividade com um vídeo sobre as diferentes religiões.

> É importante que as informações incluam dados sobre como as pessoas se vestem, o que fazem, onde vão, para quem rezam e o que não fazem.

> Depois da apresentação, divida os participantes em pequenos grupos e peça-lhes que indiquem pelo menos cinco diferenças e cinco semelhanças entre as tradições que estudaram.

> Finalize a atividade com uma reflexão sobre quão diferente e diverso é o mundo, assim como as pessoas que nele vivem, e como é importante e necessário aprender sobre as crenças dos outros para poder entendê-los.

Nota: Toda a atividade deverá ser realizada com uma atitude de respeito pelas tradições alheias.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Minhas anotações

-> Indice

Noites culturais

Objetivo: Criar oportunidades para que os participantes compartilhem suas diferentes culturas e costumes.

Resultado: Os participantes experimentam outras culturas e descobrem mais sobre si mesmos em relação aos outros.

Material: Um lugar adequado para realizar apresentações sobre diferentes culturas, com espaço para afixar cartazes, ministrar palestras, cantar e dançar, fornecer lanches e realizar outras atividades.

Atividade

As noites culturais são uma boa oportunidade para compartilhar e experimentar a tradição cultural de outro país ou religião. A festa pode incluir, por exemplo, pratos típicos, roupas, músicas e danças tradicionais, bem como exposições com informações geográficas, culturais, religiosas e econômica sobre o país. Você pode planejar várias noites, dedicando cada uma delas ao estudo de uma tradição, ou apenas uma noite abrangendo todos os grupos culturais. Considere a possibilidade de incluir um evento cultural especial, como um grupo de música ou de dança típico do país ou da religião que está sendo apresentada.

Essa é uma oportunidade para permitir que os participantes assumam a responsabilidade de organizar o evento, já que ele trata de suas culturas e suas vidas. Deixe que decidam e organizem todos os aspectos do programa. Para garantir uma boa participação, envie convites com antecedência para familiares, amigos e autoridades locais.

Se os participantes tiverem problemas para conseguir o material necessário para a festa, sugira que entrem em contato com embaixadas e restaurantes que possam patrocinar o evento. As embaixadas poderão oferecer informações, mapas e folhetos e os restaurantes poderão fornecer pratos tradicionais, se lhes for explicada a finalidade do evento.

Se várias culturas diferentes forem celebradas em uma mesma noite, sugira a ideia de uma feira em que cada país esteja representado por um estande. Assim, os convidados poderão ir de um estande a outro para observar os artefatos e objetos expostos, provar a comida e escutar a música de diferentes culturas.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Visitas de campo

Objetivo: Criar oportunidades para que os participantes visitem lugares onde talvez nunca tenham estado e conheçam pessoas que, de outro modo, jamais teriam conhecido. É provável que o que virem e experimentarem tenha um profundo efeito sobre a forma como veem o mundo.

Resultado: Os participantes experimentam uma comunidade diferente da sua. Refletem sobre o que essa comunidade faz para melhorar a vida de seus habitantes. Também identificam a necessidade de mudanças nessa comunidade, o tipo de ajuda necessária, de onde essa ajuda pode vir e como eles mesmos podem ser agentes de transformação.

Material: Organize uma visita a uma comunidade diferente e desconhecida para a maioria dos participantes do grupo; pode ser um lugar diferente em termos socioeconômicos, habitado por um grupo étnico distinto ou um lugar distante, talvez até em outro país. A visita pode exigir algumas horas, um dia, uma noite ou até um pernoite.

É importante que a visita seja bem organizada, de preferência em parceria com uma organização da região. Seja ela um evento social, uma sessão ou uma reunião de adolescentes para participar de atividades, procure não se concentrar unicamente na vida atual da comunidade, mas também em suas experiências prévias e nas mudanças que seus habitantes fizeram para melhorar suas vidas.

Atividade

Prepare os participantes envolvendo-os na organização da visita. Discuta com eles onde ir, quem encontrar e o que fazer lá.

Caso se trate de um programa interativo, certifique-se de que os participantes estão preparados. Talvez eles possam fazer uma representação teatral, tocar música, cantar canções ou preparar jogos para serem jogados com as crianças que irão visitar, se for este o caso. A interação dos participantes com a comunidade será muito mais fácil se eles realizarem alguma atividade conjunta. Se for possível designar outro grupo de jovens como anfitriões, de modo que possam passar algum tempo juntos, possivelmente realizando atividades conjuntas, eles poderão aprender coisas novas uns sobre os outros.

Se sua visita envolver pessoas que tenham gerado mudanças e transformações na comunidade, organize um grupo de discussão ou uma mesa redonda que inclua perguntas e respostas.

Como facilitador, esteja alerta para possíveis atitudes estereotipadas dos participantes em relação à comunidade que vão visitar e procure lidar com elas no programa de uma forma positiva.

O programa deve ser preparado juntamente com outro facilitador e, se possível, uma visita preparatória deve ser feita para que você esteja ciente da finalidade e da programação da visita.

Depois da visita de campo, organize uma discussão com os participantes que lhes permita refletir sobre seus sentimentos e reações e sobre como mudaram como resultado da visita.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Dramatizações

Objetivo: Apreender sobre as causas dos conflitos e os possíveis meios de resolver situações violentas. Esta atividade ajuda aos participantes a se colocarem no lugar dos outros e a refletirem sobre a sua própria situação.

Resultado: Os participantes aprendem pela experiência por que as pessoas agem de certa forma em circunstâncias específicas e analisam as causas das predisposições, dos preconceitos e dos conflitos. Os participantes analisam como as práticas não éticas podem afetar de forma negativa a sociedade e discutem possíveis maneiras de transformar ou atenuar o grau de violência em uma situação de conflito.

Material: Deixe que os participantes proponham eles mesmos as situações ou use os cartões de dramatizações fornecidos na seção de Recursos/Dramatizações, página 175. Você também pode preparar seus próprios cartões com base em um assunto da atualidade. Use um único cartão de dramatização para todos os participantes, ou vários cenários baseados no mesmo tema.

Atividade

Divida os participantes em grupos e peça a cada grupo que pense em um conflito ou uma situação violenta que tenha experimentado ou que tenha ocorrido na escola, na vizinhança, na família ou com seus amigos. Estimule a criatividade dos participantes fornecendo exemplos de possíveis conflitos: por exemplo, práticas discriminatórias nas escolas, situações violentas em sua vizinhança, problemas entre os membros da família ou problemas de coesão comunitária.

Peça aos participantes que façam uma dramatização do conflito de modo a representar o momento em que ele assume características violentas. Conceda algum tempo para que eles leiam seus respectivos papéis e pratiquem antes da representação.

Diga aos participantes que também terão que encontrar uma solução ou um modo de atenuar a violência nas situações interpretadas pelos outros grupos.

Quando cada uma das situações estiver sendo representada e ocorrer a intensificação do conflito, pare a dramatização dizendo: “Congela!” Nesse momento, peça aos participantes dos outros grupos que pensem rapidamente em uma maneira de transformar a situação ou reduzir o grau de violência. Se alguém tiver uma ideia, peça que ocupe o lugar do ator ou atriz que, em sua opinião, poderia ajudar a atenuar a violência da situação ou que introduza um novo personagem. Repita a dramatização, dessa vez com a possível solução, e estimule mais ideias dos outros participantes. Repita duas ou três vezes.

Depois de cada possível solução, mantenha uma breve discussão perguntando aos participantes:

> Foi uma boa solução?
> Todas as pessoas envolvidas consideram a solução justa?
> Isso seria possível em uma situação real?
> Uma solução unilateral é possível ou será necessário um acordo (o ponto central da representação)?
> O que aconteceria se... (faça-se de advogado do diabo para estimulá-los a pensar de maneira crítica).

Uma vez feitas todas as dramatizações, convide-os a refletir sobre como as práticas não éticas destroem as sociedades e prejudicam as relações entre as pessoas. Discuta com eles o significado da empatia e sua importância: como a empatia está relacionada ao respeito e como a compreensão dos outros ajuda a formar relações mais sólidas?

Peça aos participantes que escrevam em seus Cadernos de Aprendizagem sobre as práticas e condutas que podem adotar para promover a justiça e o respeito em suas sociedades.

Utilizar estudos de casos

Objetivo: Permitir que os participantes se coloquem no lugar dos outros e reflitam sobre a sua situação.

Resultado: Os participantes compreendem pela experiência por que as pessoas agem de certas maneiras em situações específicas. Os participantes analisam os efeitos negativos que as práticas não éticas podem acarretar em uma sociedade. Os participantes refletem sobre as causas dos conflitos violentos e das injustiças.

Material: Use os estudos de casos fornecidos na seção Recursos/Estudos de casos da página 138 ou prepare os seus baseando-se em um assunto da atualidade. Você pode usar o mesmo caso para todos os participantes ou vários casos baseados no mesmo tema.

Nota: Os estudos de casos enfocam situações que afetam minorias ou resultam em práticas não éticas entre os jovens. É preciso que os estudos de casos reflitam esse aspecto.

Atividade

Divida os participantes em grupos de quatro a seis pessoas e dê a cada grupo um estudo de um caso e algumas perguntas para auxiliar na discussão:

> O que está acontecendo no estudo?
> Quem são as vítimas?
> O que pode ser feito para ajudá-las?

Conceda algum tempo para que cada grupo leia seu caso e discuta suas implicações.

Inicie uma discussão plenária. Fale sobre o estudo de caso. Como as consequências negativas poderiam ter sido evitadas?

> Como eu me sentiria se estivesse nessa situação?
> Como eu reagiria?
> O que faltou a essas pessoas?

Quando finalizar a discussão, convide os participantes a refletir sobre como as práticas não éticas destroem as sociedades e prejudicam as relações entre as pessoas.

Discuta o significado da empatia e sua importância: como a empatia está relacionada ao respeito e como a compreensão dos outros ajuda a formar relações mais sólidas?

Peça aos participantes que escrevam em seus Cadernos de Aprendizagem sobre as práticas e condutas que podem adotar para promover a justiça e o respeito em suas sociedades.

-> Indice

O banco da ética

Objetivo: Ajudar os participantes a encontrar soluções para os preconceitos, a intolerância e a injustiça, empregando o conceito de "banco" como metáfora.

Resultados: Os participantes examinam maneiras de para promover o respeito em suas respectivas sociedades e descobrem como o entendimento mútuo ajuda a acumular capital social.

Material: Uma caixa para representar o banco. Alternativamente, o banco pode ser representado por um "quadro de balancete": uma folha grande com um registro de transações. Forneça papel de uma cor para representar os "saques" e de outra cor para representar os "cheques".

Terminologia

Saques – são os "problemas" identificados.

Cheques – soluções para os "problemas"', que podem ser depositadas no banco.

Quadro de balancete – um quadro público em que os "saques" são relacionados do lado esquerdo e os cheques são depositados do lado direito até que o saldo esteja "equilibrado".

Atividade

O banco da ética consiste em um banco fictício que começa com saldo negativo (devedor) devido a certos problemas, como a falta de entendimento e respeito em um determinado contexto (em uma escola, em um clube, nas famílias, com os amigos, em uma cidade ou no governo). A tarefa dos participantes é tentar compensar o saldo negativo do banco depositando soluções e ações para corrigir os problemas.

Essa atividade pode durar várias semanas, sendo que o grupo deverá concordar antecipadamente com o prazo em que se espera que o banco tenha um saldo credor.

Primeira fase: identificar os saques

Em uma ou mais sessões, os participantes identificam os "problemas" que estão causando o saldo devedor do banco; isso é feito trabalhando em grupo e discutindo os problemas existentes em diferentes contextos: na família, na vizinhança, na escola, na cidade ou no país.

Lembre os participantes dos documentos que versam sobre direitos humanos e do respeito e responsabilidade que acompanham esses direitos. Pergunte aos participantes quem está tendo seus direitos violados e se acham que as pessoas envolvidas estão assumindo a responsabilidade por si próprias e pelos outros e se estão respeitando os direitos dos outros. Essa análise pode ajudar a identificar as raízes dos problemas e sua possível solução?

Reúna os grupos para que compartilhem os "saques" identificados, que deverão ser anotados no papel com a cor relevante. Em seguida, os saques serão "contabilizados" – relacionados no quadro de balancete sob diferentes "contas", como "família", "vizinhança", "escola", "cidade" e "país".

Segunda fase: o banco está funcionando

Cabe aos participantes identificar soluções e propor medidas para lidar com os "saques" no banco. O saldo bancário continuará devedor até que os participantes façam algo que pelo menos contribua para a solução de uma das contas em que tenham ocorrido saques. Essas medidas ou soluções são anotadas na folha dos "cheques". Em sessões específicas, essas contribuições serão lidas, examinadas e discutidas, após o que o quadro de balancete será atualizado.

Estimule os participantes a compartilhar ideias e discutir como alguns dos problemas estão sendo abordados.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem.

Minhas anotações

Dilemas

Objetivo: Aprender a importância de tomar decisões baseadas em princípios éticos.

Resultado: Os participantes desenvolvem a capacidade de tomar decisões éticas por si mesmos.

Um **dilema ético** é uma situação na qual há um conflito aparente entre imperativos morais e a opção por um deles parece implicar na transgressão do outro.

Material: Cópias de um ou vários dilemas morais – consulte a seção Recursos/Dilemas morais, na página 143, ou escreva seus próprios dilemas (como é explicado a seguir); Diretrizes para tomar decisões éticas (ver a página 90).

Crie seu próprio dilema moral

1. Apresente uma situação em que os participantes tenham que decidir o que é certo e o que é errado.
2. Proponha um dilema em que a melhor solução parecer ser aquela que beneficia os participantes, mas acarreta efeitos adversos para outras pessoas.
3. Descreva uma situação que envolva oportunidades de ignorar certas regras.
4. É importante que o dilema se refira a uma situação em que os participantes devem tomar suas próprias decisões.

Atividade

Reúna os participantes em grupos de três a cinco pessoas e lhes entregue um dilema moral.

Conceda 30 minutos para que discutam o dilema e cheguem a uma solução de consenso. Em seguida, permita que compartilhem suas decisões com os outros grupos.

Apresente aos participantes as Diretrizes para Tomar Decisões Éticas (na próxima página) e deixe que discutam essas diretrizes e depois as usem para analisar suas decisões.

Pergunte se a introdução das diretrizes influenciou ou não a decisão do grupo. Seu conhecimento dos direitos humanos afetou suas decisões? Desejam revisar as Diretrizes para Tomar Decisões Éticas?

Convide-os a refletir brevemente sobre como um problema pode suscitar numerosos pontos de vista conflitantes. Discuta a necessidade de avaliar as questões sob diferentes pontos de vista, considerando cada um por seus próprios méritos.

Diretrizes para tomar decisões éticas: uma abordagem inter-religiosa

Quando você se encontrar diante de uma situação em que tenha que tomar uma decisão, tente usar as seguintes perguntas para que sua escolha seja adequada:

> Essa decisão afeta outras pessoas? Quem?
> Sua decisão afeta suas crenças?
> Sua decisão afeta as crenças de outros?
> Sua decisão pode levar outros a agirem contra sua vontade ou suas crenças?
> Sua decisão respeita os pontos de vista das pessoas de culturas ou crenças diferentes?
> Sua decisão pode transmitir uma imagem negativa de pessoas que são diferentes de você (em termos de gênero, filiação religiosa ou condição social)?
> Sua decisão degrada a dignidade humana?
> Você poderia compartilhar sua decisão abertamente com sua família, seus amigos ou seus professores?
> Sua decisão lida com o problema ou simplesmente o oculta?
> Sua decisão terá consequências negativas no futuro?

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Minhas anotações

-> Indice

Solução de problemas em seis passos

Objetivo: Apresentar aos participantes uma forma estruturada de solução de conflitos interpessoais.

Resultado: Os participantes aprendem alternativas não violentas de solução de problemas. Descobrem que é possível alcançar soluções mudando a si próprios e que uma atitude de reconciliação frequentemente pode ser de grande ajuda.

Atividade

São escolhidos dois voluntários para simular um conflito, como, por exemplo, uma discussão sobre um livro ou algum equipamento na escola; uma pessoa cujo aspecto ou vestuário é motivo de zombaria; uma tentativa de furto; alguém que emprestou algo e recebeu de volta em piores condições; uma pessoa a quem se obriga a fazer algo que não quer.

Os voluntários representam a simulação diante do resto do grupo. É importante que o tom da discussão seja exaltado e que não alcancem uma solução.

Explique aos participantes em que consiste o processo de solução de problemas em seis passos:

1. Identificar as necessidades:

"O que você quer (ou precisa)?"

Cada uma das pessoas envolvidas no conflito deverá responder a essa pergunta sem culpar nem acusar a outra.

2. Definir o problema:

"Como você vê o problema?"

O grupo pode contribuir para formular uma resposta que inclua as necessidades de ambas as pessoas, mas sem culpar ninguém. As pessoas envolvidas no conflito devem estar de acordo quanto à definição do problema.

3. Refletir a fundo sobre diversas soluções possíveis:

"Quem tem uma solução para este problema?"

Qualquer membro do grupo pode responder. Deverão ser anotadas as respostas, sem comentários, julgamentos ou avaliações. O propósito deste passo é encontrar todas as soluções possíveis.

4. Analisar as soluções:

"Você estaria satisfeito com esta solução?"

Cada uma das partes envolvidas no conflito lê a lista de possíveis soluções, explicando quais delas seriam ou não aceitas.

5. Decidir qual é a melhor solução:

"Ambos concordam com esta solução? Acham que resolve o problema?"

Certifique-se de que ambas as partes concordam e reconhecem mutuamente os esforços realizados para encontrar uma solução.

6. Verificar se a solução está funcionando:

"Dentro de dez minutos, falaremos novamente para ter certeza de que o problema de fato foi resolvido."

Este passo é fundamental. No caso do problema fictício representado em uma dramatização, evidentemente não será possível fazer uma avaliação real. Não obstante, pode ser conveniente voltar a abordar a solução adotada após algum tempo – que pode variar de alguns minutos ou uma hora até um dia ou uma semana, dependendo da natureza do conflito e da idade das crianças.

Nesse ponto, os participantes poderão ser divididos em grupos de quatro para colocar em prática a solução em diferentes situações simuladas.

Finalize a atividade com uma reflexão acerca de como reagimos diante dos outros quando existem diferenças entre nós e sobre a importância de buscar soluções em vez de culpar os outros.

Peça aos participantes que escrevam sobre esta atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Minhas anotações

-> Indice

Notícias sobre a paz

Objetivo: Permitir que participantes encontrem soluções quando falta o respeito e a compreensão.

Resultado: Os participantes exploram soluções positivas para situações envolvendo falta de respeito e aplicam esse método aos conflitos em suas próprias vidas.

Material: Cartões de notícias sobre a paz. Ver a seção Recursos/Cartões de notícias sobre a paz, página 177.

Atividade

Peça aos participantes que se dividam em grupos de quatro a cinco integrantes. Dê a cada grupo um cartão de notícias sobre a paz e diga-lhes que devem encontrar uma solução e informá-la como se fosse a matéria principal em um boletim noticioso na TV.

Cada grupo terá trinta minutos para encontrar a solução e preparar seu boletim noticioso. Peça-lhes que representem a situação ou que entrevistem as pessoas envolvidas e informem a solução.

Inicie uma discussão depois de cada boletim de notícias. Algumas das perguntas poderiam ser:

> Existem outras soluções possíveis para esta situação?
> E se a situação fosse agravada por…?
> A solução proposta não viola os direitos dos outros?
> O que você faria se estivesse nessa situação?
> Como as pessoas podem se reconciliar?
> A reconciliação é importante para obter paz no mundo?

Induza os participantes a exercitar sua mente e pensar livremente sobre as soluções, estimulando as ideias inovadoras e a controvérsia. Convide-os a pensar em soluções pacíficas que não prejudiquem outras pessoas.

Peça aos participantes que encarem os acontecimentos do ponto de vista dos direitos, do respeito e da responsabilidade. Estão violando os direitos de quem? Estão respeitando os direitos de quem? As pessoas estão se respeitando mutuamente? A solução permite que as pessoas assumam a responsabilidade por si mesmas e pelos outros? Estão protegendo os direitos de outras pessoas?

Finalize a sessão empregando a tabela das Doze Habilidades para a Transformação de Conflitos da próxima página, para refletir com os participantes sobre as melhores maneiras de transformação de conflitos. Por exemplo, explique como a mediação pode contribuir para a compreensão entre as partes envolvidas em um conflito. Pergunte se alguma vez foram mediadores em um conflito ou se já experimentaram uma situação na qual outros agiram como mediadores. Discuta, por exemplo, como expressar seus direitos pode criar situações em que todos ganham ou como é possível chegar a uma negociação pacífica mostrando-se gentil com as pessoas e duro com o problema.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Doze habilidades para a transformação de conflitos

TODOS GANHAM	RESPOSTAS CRIATIVAS	ENTENDIMENTO
Voltar às necessidades > Explorar oportunidades mutuamente benéficas	**O conflito como uma oportunidade** > Importância da mudança > Desenvolvimento de oportunidades	**Como é quando visto do outro lado?** > Ouvir os motivos, necessidades e interesses
Assertividade > Conhecer meus direitos > Expressar meus direitos corretamente	**Poder criativo** > Fazemos melhor juntos > Diferenças entre poder sobre e poder com	**Lidar com as emoções** > Sem indulgência > Não se negar > Criar relações enriquecedoras
Disposição para resolver problemas > Que ponto de vista estou adotando? > Entender minhas próprias motivações	**Mapear o conflito** > Quais são as necessidades? > Quais são os interesses? > Entender o contexto	**Desenvolver opções** > Novas alternativas para melhores soluções > Criar muitas ideias
Habilidade de negociação > Duro com os problemas, gentil com as pessoas > Preparar acordos	**Perspectiva ampla e tolerância** > Soluções que refletem todos os pontos de vista > Equilíbrio criativo > Acordos abrangentes	**Mediação** > Promover um ambiente de aprendizagem seguro > Encontrar e usar um agente neutro

Minhas anotações

-> Indice

Grupos focais sobre o respeito

Objetivo: Iniciar um debate sobre o conceito de "respeito", o que significa e como a falta de respeito pode afetar a sociedade.

Resultado: Os participantes descobrem como o reconhecimento do direito de todos a serem respeitados pode melhorar as relações, tanto na esfera mais íntima quanto em escala mundial.

Material: Cópias da Declaração Universal dos Direitos Humanos e da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (ver Recursos).

Atividade

Peça aos participantes que formem grupos focais para falar sobre o respeito.

Os grupos focais são semelhantes a entrevistas, mas realizadas em grupos de cinco a dez pessoas em vez de serem individuais. São dirigidos por um moderador, que desenvolve um sistema para que todas as pessoas tenham a oportunidade de se expressar. A interação entre os participantes pode suscitar um debate rico e esclarecedor, gerando dados qualitativos sobre o impacto e a eficácia de um programa. A duração de um grupo focal geralmente é menor que a de uma entrevista aprofundada. Esses grupos são usados para analisar os tipos de conceitos e valores que as crianças e adultos têm com relação à paz, suas ideias sobre como lidar com a violência e suas sugestões para promover a paz nas escolas e comunidades.

Este poderia ser o sumário de uma discussão sobre o respeito:

Sumário para o facilitador de um grupo focal sobre o respeito

A finalidade é averiguar o que as pessoas do Grupo Focal pensam sobre o respeito. Use estas perguntas para conduzir a discussão; não é necessário seguir essa mesma ordem.

> Quem o trata com respeito?
> Quem nem sempre o trata com respeito?
> Como você sabe se está sendo tratado com respeito?
> Você respeita os outros? Quem sempre merece o seu respeito?
> Quando e por que você não demonstra respeito pelos outros?
> Quais são os argumentos para respeitar sempre todas as pessoas?
> Quais são os argumentos para respeitar somente certas pessoas?

Se for necessário, faça os grupos se concentrarem em um dos seguintes temas:

Respeito na escola	– Há casos concretos que evidenciam uma falta de respeito?
Respeito nas cidades	– Há grupos sujeitos à falta de respeito, como imigrantes e minorias?
Respeito nas famílias	– Quanto de respeito os membros de uma família demonstram? Quem recebe mais respeito? Quem recebe menos?
Respeito religioso	– Respeitamos as crenças das outras pessoas? Em caso negativo, por que não?

Finalize a atividade compartilhando as conclusões de cada grupo focal. Você pode usar mapas mentais para visualizar como os participantes entendem o respeito e sua aplicação.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Cafés inter-religiosos

Objetivo: Permitir que os participantes discutam questões de interesse e aprofundem a compreensão e a aprendizagem mútuas.

Resultado: Os participantes assumem a responsabilidade pela organização de uma atividade em que as pessoas se reúnem para falar e refletir sobre questões de interesse e propor possíveis soluções para os problemas sociais.

Material: Lugares como escolas, centros comunitários, lugares de culto ou residências dos participantes, em que as pessoas possam se reunir, se possível periodicamente, para discutir assuntos da atualidade e questões religiosas a partir de diferentes pontos de vista.

Atividade

Explique aos participantes o que é um Café Inter-religioso: um lugar onde as pessoas, se possível de crenças diferentes, se reúnem para discutir questões de interesse e, como em um café, desfrutar de um lanche.

Diga aos participantes que a preparação de um ou mais Cafés Inter-religiosos pode ser parte de seu compromisso de promover o entendimento mútuo. Um pequeno grupo de voluntários pode formar um "comitê" cuja função seja cuidar para que os participantes dessas reuniões informais sintam-se à vontade para falar e aprender uns com os outros, envolvendo também pessoas que de outro modo não chegariam a conhecer.

Estes são os passos que o "comitê" deve seguir para organizar um Café Inter-religioso:

> Selecionar o tema.
> Decidir o método de apresentar a informação; por exemplo, um breve documentário, uma apresentação em PowerPoint, um palestrante convidado, uma exposição de fotografias ou notícias de jornais.
> Organizar um programa com aproximadamente duas horas de duração. O programa deve levar em conta aspectos como a hora em que os convidados começarão a chegar, o lanche, a possível necessidade de algumas técnicas para "quebrar o gelo" e fazer todos se sentirem à vontade, a apresentação de um tema e a necessidade de um turno de perguntas e respostas e/ou de uma discussão geral com a participação de toda a audiência.
> Decidir que lanche será servido, de onde virá, quem o fornecerá e em que ponto da sessão será servido.
> Alguém (não necessariamente um adulto) deve "presidir" informalmente o Café, encarregando-se da apresentação e das boas-vindas ao palestrante convidado, de conduzir a discussão, de receber as perguntas e de moderar as manifestações da "audiência".
> O presidente pode manter viva a discussão fazendo perguntas aos participantes ou ao palestrante, por exemplo, sobre o que seria necessário fazer em relação à situação e como ela pode ser modificada.
> Cabe ao presidente assegurar que as intervenções de todos os convidados sejam acolhidas com o devido respeito.
> O presidente deverá encerrar a sessão com um momento de silêncio pela paz. Se outros Cafés Inter-religiosos forem realizados no futuro, deverá informar aos convidados a data e o lugar antes que eles partam. Poderá também convidar os participantes a sugerirem temas para discussão.
> O comitê deverá divulgar os Cafés Inter-religiosos com cartazes, etc., sobretudo em lugares de culto, e inclusive nos meios de comunicação locais. Seus integrantes deverão também tentar envolver seus pais para que haja maior variedade de faixas etárias.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Mesas redondas

Objetivo: Discutir e aprender mais sobre questões e conflitos religiosos importantes por meio de um fórum onde todos são considerados iguais.

Resultado: Os participantes adquirem um maior conhecimento sobre diferentes conflitos religiosos, sobre como afetaram o mundo e sobre a necessidade de respeitar pessoas de diferentes culturas, credos e tradições.

Material: Uma mesa redonda ou algo semelhante, em que todos os participantes possam se sentar em círculo e ver os demais. Informação sobre o conflito ou tema a ser discutido. Algumas cartolinas e marcadores.

Atividade

1. Explique aos participantes em que consiste o método de discussão em mesa redonda. Como uma mesa redonda não tem "cabeceira" nem "lados", todos os que estão sentados à mesa são tratados como iguais e ninguém ocupa uma posição privilegiada. A ideia provém da lenda inglesa do Rei Artur e os Cavaleiros da Mesa Redonda de Camelot.
2. Juntamente com os participantes, selecione uma questão ou um conflito religioso para colocar em discussão na mesa redonda. Marque uma data para a discussão, para que os participantes tenham tempo para se preparar. Explique que o propósito da mesa redonda é facilitar a análise da situação a partir de todos os pontos de vista (econômico, político, social e religioso). Peça que se concentrem particularmente na capacidade humana de criar e destruir, mas também de transformar.
3. Forneça antecipadamente algumas informações sobre o assunto aos participantes, mas estimule-os também a fazer suas próprias pesquisas e trazer algo novo para a discussão.
4. Peça a um dos participantes para agir como moderador da mesa redonda. Para garantir a participação de todos, convide a falar aqueles que tenham informações para apresentar ou perguntas para fazer e tente atrair para a discussão os que se mostram mais tímidos.
5. Você pode usar cartolinas para desenhar diagramas e apresentar informações sobre o conflito. Essa tarefa pode ser realizada por um voluntário.
6. Como facilitador, envolva-se como se fosse um participante, mas não forneça informações; isso cabe aos participantes. Não corrija as opiniões ou interpretações dos participantes, mas esclareça possíveis interpretações equivocadas de conceitos.
7. Para que a discussão leve a uma conclusão, formule perguntas como:
   - > Por que as religiões geram conflitos?
   - > As pessoas desejam destruir aqueles que não professam as mesmas crenças?
   - > É impossível que pessoas de diferentes religiões vivam e trabalhem juntas?
   - > O que podemos fazer para que as pessoas de diferentes religiões, ou as pessoas não crentes, vivam juntas em harmonia?

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Debates

Objetivo: Permitir que os participantes compreendam os conflitos e injustiças a partir de diferentes pontos de vista e pratiquem a argumentação construtiva em um ambiente controlado.

Resultado: Os participantes refletem sobre situações, condutas e atitudes que afetam a dignidade humana e sobre seus próprios sistemas de valores.

O debate é uma confrontação verbal formal entre duas pessoas, equipes ou grupos que apresentam argumentos em favor dos lados opostos de uma questão, geralmente seguindo uma forma ou procedimento predeterminado. Os debates têm normas para permitir que as pessoas discutam e cheguem a uma conclusão sobre suas diferenças dentro de uma estrutura definida de interação.

As normas fornecidas aqui foram adaptadas de *World Schools Debating Championships*.[2] A realização de debates periódicos pode ser benéfica aos participantes, permitindo que todos tenham uma oportunidade de falar e desenvolvam a disciplina necessária para participar de um debate.

Atividade

Os participantes escolhem um assunto atual que esteja no noticiário ou que seja importante para eles. Geralmente isso é apresentado na forma de uma "moção": "é opinião desta parte...". Um lado, ou equipe de debatedores, propõe a moção, e o outro lado se opõe a ela. Deverá haver também um presidente, que será encarregado de cronometrar o tempo e manter a ordem.

1. Cada lado terá três debatedores.
2. Cada equipe deverá decidir a ordem de intervenção de seus debatedores. Antes de iniciar o debate, cada equipe deverá informar ao presidente os nomes dos três debatedores e a ordem em que falarão.
3. Os principais debatedores de cada equipe falam primeiro e por mais tempo que os demais. A equipe proponente da moção fala primeiro, seguida da equipe oponente.
4. Depois dos primeiros debatedores, falam os segundos debatedores de cada equipe, respondendo à exposição dos primeiros; a equipe oponente responde primeiro, seguida da proponente.
5. Chega a vez do terceiro debatedor de cada equipe. Mais uma vez, primeiro responde a equipe oponente, seguida da proponente.
6. O tempo para as primeiras falas é de oito minutos e de quatro para as réplicas.
7. No início do debate, o presidente deverá anunciar que as únicas pessoas autorizadas a falar durante o debate são os três debatedores de cada equipe.
8. Durante o debate, os debatedores não poderão se comunicar com nenhuma pessoa na audiência.
9. Pode-se concluir o debate pedindo à audiência que vote pelo argumento mais convincente.
10. Para encerrar, pode-se perguntar aos participantes se e como usaram suas crenças religiosas como guia em suas percepções, opiniões e condutas.

Determinar com antecedência o tema e os debatedores melhorará a qualidade do debate, já que permite prepará-lo com mais tempo.

Peça aos participantes que escrevam sobre esta atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

2 http://www.schoolsdebate.com/guides.asp

Meditação sobre mim mesmo – uma jornada silenciosa

Objetivo: Criar uma oportunidade para que os participantes reflitam sobre suas vidas, sobre quem são e sobre suas relações com os outros e com o seu ambiente.

Resultado: Os participantes passam a ter consciência da necessidade de autovalorização para poderem se relacionar com os outros de forma mais positiva.

Material: Uma sala com uma iluminação tênue ou seis áreas privativas; papel ou cartolina colorida (amarelo, vermelho, verde, preto, branco e azul). Crie uma atmosfera de paz com música suave, incenso, velas, fotografias de lugares tranquilos, citações de textos sagrados ou poemas nas paredes. Também são necessários seis facilitadores.

Atividade

Retire os móveis e crie seis áreas no chão ou em salas diferentes, colocando papel ou cartolina de diferentes cores sobre o piso. É necessário que haja seis facilitadores, um para cada cor. Para cada cor, o facilitador formulará algumas perguntas para reflexão (veja as sugestões a seguir).

Diga aos participantes que realizarão uma jornada silenciosa com o objetivo de aprender mais sobre si mesmos. Eles percorrerão seis zonas diferentes e, em cada uma delas, meditarão sobre sua vida e suas relações com os outros. Divida os participantes em seis grupos iguais com não mais de aproximadamente cinco membros. Para começar, dirija cada grupo a uma das seis zonas. Passados mais ou menos 15 minutos em cada zona, faça os grupos avançarem.

Os participantes poderão sentar-se ou deitar-se quando estiverem em cada uma das zonas. Poderão fechar os olhos, se quiserem, e tentar relaxar. O facilitador fará perguntas, mas não é necessário que respondam verbalmente nem que iniciem uma discussão; o propósito é que pensem sobre as perguntas em silêncio e as relacionem com sua própria vida.

Pode ser que alguns participantes se sintam um pouco perturbados depois da sessão; isso é algo para o qual você deverá estar preparado. Reserve também algum tempo para fazer uma análise geral do que eles acharam da sessão: do que eles mais gostaram, do que gostarem menos, o que recordam mais claramente e o que acham que a experiência lhes trouxe.

Sugestões para os facilitadores (o tom das perguntas é retórico, não interrogativo):

> Amarelo – reflexão sobre como achar luz em nosso interior. Suas relações com os outros são pacíficas? Às vezes você é a luz que guia os outros? Pense em como você pode trazer luz a situações difíceis. Como você pode encontrar a paz interior e trazer paz aos outros?

> Verde – a cor da natureza. Todos somos responsáveis pelo meio ambiente. Devemos também ter a esperança de que, mesmo entre tantas dificuldades, há algo em nosso interior que nos diz que tudo vai dar certo.

> Vermelho – a cor do amor. Quem é a pessoa que você mais ama? Escute as batidas do seu coração. Quando ele bate com mais força, tão forte que você pode senti-lo? Entregamos nosso amor a algumas pessoas de mão beijada, mas privamos dele outras que talvez precisem realmente. Como podemos aprender a cuidar daqueles que talvez não nos seja tão fácil amar?

- Preto – a cor da transformação e da força interior. Significa possibilidades e potencial. Aqui os participantes refletem sobre como julgamos outras pessoas Você é muito crítico na hora de julgar os outros? É especialmente crítico quando se trata de pessoas muito diferentes de você? É difícil compreender e apreciar alguém que você acha diferente?
- Branco – aqui é onde os participantes refletem sobre o quanto se amam e respeitam a si mesmos. Dizem que uma pessoa não pode amar os outros até que se ame. Até que ponto isso é verdade para você?
- Azul – aqui os participantes refletem sobre suas boas qualidades e seus talentos. O que o inspira? O que o torna único? Como suas qualidades e seus talentos afetam os outros? Como usa estas qualidades para ajudar ou servir aos outros? É importante viver em paz com os outros e contribuir para a harmonia no mundo.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Minhas anotações

Líderes sociais e religiosos

Objetivo: Aprender sobre os líderes sociais e religiosos que trouxeram paz ao mundo e sobre práticas espirituais que podem trazer paz à vida dos participantes e de outras pessoas.

Resultado: Os participantes exploram o comportamento e as atitudes de pessoas que são consideradas modelos de conduta e refletem sobre como desenvolver uma atitude de reconciliação em relação aos outros.

Material: Filmes (inclusive documentários televisivos, vídeos e longa-metragens) sobre a vida de um ou mais dos seguintes personagens exemplares: Aung San Suu Kyi, Dalai Lama, Mohandas Gandhi, Martin Luther King, Jr., Papa João Paulo II, Imán W. Deen Mohammed, Madre Teresa, Nelson Mandela, Cat Stevens (Yusulf Islam), Rabino Abraham Joshua Heschel, Moses Maimonides, Thich Nhat Hanh, Shirin Ebadi, Swami Vivekananda, ou qualquer outra pessoa que, em sua opinião, tenha deixado sua marca no mundo e trabalhado pela paz e pelo bem da humanidade.

Atividade

Prepare uma apresentação ou projete um filme que trate de um ou mais líderes sociais ou religiosos que tenham contribuído para a paz no mundo. Depois do filme (ver a seção Recursos/Filmes na página 149) ou apresentação, peça aos participantes que falem sobre o protagonista:

> Quais características faziam dele um ser tão extraordinário?
> Quais crenças motivavam seu trabalho?
> O que fez essa pessoa e como agiu para mudar uma situação injusta?
> Como essa pessoa praticou o perdão e o que fez para reconciliar a sociedade?

Talvez seja necessário discutir com os participantes o que significa para eles a reconciliação, como uma pessoa pode se reconciliar com os outros e por que isso é importante.

Para tornar a discussão mais pessoal, você pode perguntar aos participantes como lidam com o perdão e a reconciliação. Formule perguntas específicas, como:

> O que nos impede de perdoar os outros?
> O que nos "custa" sermos mais conciliadores, ou seja, agir de maneira pacífica?
> Como os ensinamentos dessas pessoas exemplares poderiam ser aplicados às nossas vidas?
> De que modo a reconciliação pode ser uma ferramenta para transformar o mundo?

Finalize a atividade pedindo a cada participante que anote as atitudes e condutas que gostaria de desenvolver para atingir a paz interior.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Por que me faz sofrer?

Objetivo: Estabelecer um espaço para "curar" os corações dos participantes e preencher o vazio com o conforto espiritual e a paz interior, afastando o sofrimento e a dor.

Resultado: Os participantes meditam sobre os sentimentos que enchem seu coração de dor e sofrimento e reconhecem a necessidade de reconciliação e paz interior.

Atividade

Indique aos participantes que essa é uma atividade de meditação sobre coisas que lhes tenham causado dor, bem como sobre a dor que possam ter causado aos outros. Você tentará ajudá-los a encontrar a reconciliação e a paz interior.

Comece com uma reflexão sobre o dano que podemos causar aos outros com nossas palavras, atitudes e comportamentos. Uma analogia adequada poderia ser a dos danos que podemos causar a uma parede quando batemos nela com um martelo e fazemos buracos, e como é difícil reparar posteriormente esses buracos para que a parede fique lisa e inteira como antes. Ou então, amasse um pedaço de papel com a mão e peça a um participante que tente alisá-lo de novo.

Explique-lhes como nossas atitudes, comportamentos e palavras também podem gerar buracos em nossas relações com as pessoas que não são preenchidos facilmente. Nosso coração se sente vazio quando tem buracos e é necessário preencher esse vazio com o perdão e a reconciliação.

Depois dessa reflexão, mostre as perguntas a seguir aos participantes em uma folha de cartolina ou distribua-as em uma folha de papel. O propósito destas perguntas é ajudar os participantes a meditar sobre o que lhes causa dor e sofrimento.

Por que me faz sofrer?

Aconteceu algo recentemente em sua vida que está doendo no seu coração? O quê?

Como você se sente interiormente? Quais são os sentimentos que lhe provocam dor e angústia? São sentimentos físicos? Emocionais? Descreva-os.

Você quer continuar se sentindo assim? Estes sentimentos machucam só você e mais ninguém?

Você quer continuar gastando sua energia nesses sentimentos dolorosos?

Você imagina como poderia ser feliz se pudesse preencher os buracos que há no seu coração? Você imagina como sua vida poderia ser se deixasse de se apegar à dor? Pode fazê-lo agora?

Feche os olhos e imagine sua vida sem esses sentimentos e pensamentos. Imagine-se em um lugar tranquilo. Deixa que esses sentimentos dolorosos se dissipem.

Você é o único que pode "curar" seu coração e o único que pode dar paz a seu espírito. Perdoe-se. Perdoar não é o mesmo que reconciliar, mas pode prepará-lo para enfrentar a situação com uma atitude de reconciliação.

Conclua a atividade dando a cada participante uma vela para que a acenda. A vela simboliza encontrar a paz e representa a vontade de se reconciliar com aqueles que lhes causaram dano e sofrimento. Peça aos participantes que façam um momento de silêncio para preencher seu vazio com perdão e reconciliação.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

-> Indice

A história de Pedro

Objetivo: Descobrir o valor de cada pessoa observando os outros e o seu próprio interior.

Resultado: Os participantes descobrem que eles mesmos podem ser a pessoa a quem julgaram. Os participantes refletem sobre seus preconceitos e sobre como também podem ser vítimas de preconceitos.

Atividade

Reúna-se com os participantes e conte-lhes a história de Pedro.

A história de Pedro

Todos conhecem Pedro. Não é considerado o menino mais simpático da escola e chama a atenção por sua aparência física. Pedro pesa pelo menos 12 quilos a mais que o resto dos estudantes e sempre é um desastre. Sua roupa está fora da moda e às vezes cheira mal. Tem os dentes feios e muitas espinhas no rosto.

Você já viu o Pedro antes? É aquele menino que todo mundo evita nos corredores. É aquele que está sempre sozinho no refeitório ou durante o recreio. Às vezes, alguns colegas gentis pensam em se sentar perto dele, mas temem que os outros zombem deles. Entretanto, um dia eu me sentei ao lado de Pedro, conversei com ele e descobri que se parece muito com você e comigo.

Pergunte aos participantes:

> O que faz com que as pessoas se sintam atraídas por você?
> O que faz com que algumas pessoas se afastem de você?
> Como as coisas ruins que dissemos sobre o Pedro podem ajudá-lo?
> Você acha que evitando o Pedro nós o ajudamos a sair de seu próprio mundo?
> Que qualidades o Pedro pode ter?
> Você acha que nós podemos ter algo em comum com o Pedro?

Quando os participantes terminarem de falar, apresente-lhes o Pedro. Pedro será representado por uma bola ou um balão. Diga-lhes que passem a bola ou balão de uns aos outros com muita delicadeza, pois Pedro é muito sensível e podemos machucá-lo. Quando a bola ou o balão tiver passado por todos, permita que os participantes se reúnam em pequenos grupos para falar sobre o modo como tratam os outros ou contribuem para perpetuar os preconceitos.

Junte todos de novo e convide-os a refletir sobre a necessidade de valorizar a si mesmo e aos outros, independentemente de suas virtudes e defeitos. Reflita sobre a importância de olhar para o interior dos outros e não se limitar à sua aparência externa.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Como seria o mundo se...

Objetivo: Criar uma oportunidade para os participantes pensarem nas consequências dos conflitos no mundo e nos valores que devemos ter para ajudar a construir um mundo melhor.

Resultado: Os participantes refletem sobre as causas e consequências dos conflitos e a importância do entendimento mútuo. Visualizam como podem contribuir para estimular o entendimento mútuo.

Material: Cartolinas, canetas, cartões postais, revistas, jornais, cola. Junte todos os materiais que considerar necessários.

Atividade

1. Peça aos participantes que formem duplas e usem o material fornecido para fazer um desenho ou uma representação do que seria o mundo:
   - > Se não houvesse conflitos violentos.
   - > Se eu mudasse_____ ou fizesse____.
   - > Ou qualquer outra frase, em função do que deseje destacar na discussão.
2. Reúna todo o grupo e permita que cada dupla explique seu respectivo desenho.
3. Inicie uma discussão com base nas questões apresentadas nos desenhos. Considere também:
   - > O que podemos fazer para promover o entendimento mútuo entre pessoas de diferentes religiões e crenças?
   - > Como podemos promover a reconciliação entre pessoas de crenças e culturas diferentes?
   - > Que qualidades ou valores são necessários para sermos mais compreensivos?
   - > Você acha que a religião pode ajudar as pessoas a serem mais compreensivas e respeitosas?
   - > Como você pode contribuir para construir um mundo no qual as pessoas se respeitem umas às outras?

Esta atividade poderia ser realizada como uma campanha escolar, com uma exposição dos desenhos.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Minhas anotações

Reconhecimento prazeroso

Objetivo: Fortalecer a autoestima e celebrar o reconhecimento prazeroso.

Resultado: Os participantes aumentam sua confiança e autoestima e experimentam o apoio moral e o reconhecimento prazeroso entre as pessoas do grupo.

Material: Dois copos de plástico e alguns grãos de feijão para cada participante (qualquer tipo de feijão serve).

Atividade

1. Sente os participantes em um círculo. Peça que fechem os olhos e respirem profundamente, deixando para trás as experiências do dia e suas preocupações.
2. Dê a uma das pessoas do grupo dois copos de plástico, um contendo feijões e outro vazio.
3. Peça aos participantes que pensem nas boas ações que realizaram na última semana, como, por exemplo, comportar-se bem, falar bem de alguém, ajudar alguém, etc.
4. Para cada boa ação o participante deverá transferir um feijão do copo cheio para o outro – o copo vazio. Isto deverá ser feito em silêncio e o facilitador também deverá participar. Reserve cerca de cinco minutos para essa parte do exercício.
5. Percorra o círculo pedindo a cada pessoa que compartilhe histórias de bondade com o grupo, enquanto os demais praticam a escuta "positiva" – ou seja, escutar com empatia e sem preconceitos.
6. Ao participar de um círculo cheio de bondade, felicidade e reconhecimento prazeroso, as pessoas tornam-se mais autoconfiantes.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Minhas anotações

-> Indice

Mandalas

Objetivos: Dar aos participantes a oportunidade de explorar seu interior e encontrar paz dentro de si mesmos.

Resultado: Os participantes refletem sobre suas vidas em um determinado momento e sobre o significado da transformação e da mudança em si próprios.

Material: Lápis de cor, canetinhas, giz de cera coloridos, papel para desenhar, música relaxante, incenso.

Atividade

O termo "mandala" provém do sânscrito, um idioma clássico indiano. Uma tradução livre seria "círculo", mas é muito mais que uma simples figura. Representa a plenitude e pode ser considerado um modelo da estrutura organizadora da própria vida: um diagrama cósmico que nos recorda nossa relação com o infinito, com o mundo que penetra e ao mesmo tempo transcende nosso corpo e nossa mente. Para obter mais informações sobre mandalas, acesse http://www.mandalaproject.org/Index.html.

Os mandalas são usados para contemplar o mundo a partir do próprio interior e experimentar a unidade com o universo e a criação. Bailey Cunningham, diretor executivo e criador do Projeto Mandala, uma organização não-governamental dedicada à promoção da paz através da arte e da educação, diz: "O conhecimento do mandala pode mudar a forma como vemos nossa própria pessoa, nosso planeta e talvez até a finalidade de nossas vidas."[3]

> Encontre um lugar silencioso onde os participantes não sejam perturbados e possam refletir. Peça que explorem seu estado mental para ativar o hemisfério direito do cérebro, sede da intuição e da criatividade. Isto os ajudará a entrar em um estado de introspecção que os levará a refletir sobre como se sentem nesse instante e a desenhar figuras que representem seu estado mental.

> Use música relaxante ou incenso para estimular seus sentidos. Peça aos participantes que desenhem um círculo usando um prato ou um compasso e marquem o centro do círculo com um pequeno ponto. Começando pelo centro, eles deverão preencher o círculo com "desenhos" figurativos ou abstratos, signos, palavras, figuras geométricas, etc., como melhor lhes parecer.

> Quando os participantes terminarem de desenhar, convide-os a refletir sobre como se sentem agora. Peça que pensem no que cada forma e cor representa para eles e em como se sentiram enquanto desenhavam. Explique-lhes que os mandalas são uma representação de como nos sentimos por dentro. Estimule os participantes a levarem seu mandala para casa e colocá-lo onde possam observá-lo frequentemente.

> Você pode repetir essa atividade depois de algumas semanas para que os participantes possam comparar seus mandalas ao longo do tempo e observar as mudanças que se produziram em seu interior.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de aprendizagem

3 *Mandala: Journey to the Center*. Bailey Cunningham. DK Publishing. 2002

Mil grous de papel

Objetivo: Refletir sobre as consequências mundiais da falta de entendimento mútuo; levar os participantes a criar símbolos concretos de paz.

Resultado: Os participantes tornam-se parte da rede mundial de pessoas que lembram o lançamento da bomba atômica sobre Hiroshima fabricando grous de papel. Refletem sobre como podem se converter em agentes de mudanças e promotores da paz.

Material: Papel de origami cortado em quadrados de aproximadamente 20 x 20 cm. Instruções sobre a dobradura de um grou podem ser encontradas na seção Recursos/Como dobrar um grou de papel, na página 183.

Atividade

> Conte aos participantes a história de Sadako.

A história de Sadako

O grou de papel tornou-se um símbolo internacional da paz como resultado da história de uma menina japonesa chamada Sadako Sasaki, nascida em 1943.

Sadako tinha dois anos quando a bomba atômica caiu sobre Hiroshima, Japão, no dia 6 de agosto de 1945. Sadako cresceu como uma menina corajosa, forte e atlética. Mas em 1955, aos 11 anos, quando treinava para uma importante corrida, ficou tonta e caiu. O diagnóstico foi de leucemia, um tipo de câncer frequentemente chamado de doença "da bomba atômica".

A melhor amiga de Sadako lhe contou uma antiga lenda japonesa segundo a qual se uma pessoa fabricasse mil grous de papel, um desejo lhe seria concedido. O desejo de Sadako era ficar boa para poder correr outra vez. Começou a fabricar os grous de papel e conseguiu fazer mais de mil antes de morrer em 25 de outubro de 1955, aos 12 anos.

Inspirados por sua coragem e sua força, os amigos e colegas de escola de Sadako juntaram todas as cartas de Sadako em um livro e o publicaram. Nasceu neles o sonho de erguer um monumento em honra de Sadako e de todas as crianças que morreram por causa da bomba atômica. Jovens do Japão inteiro contribuíram para arrecadar fundos para esse projeto.

Em 1958, uma estátua de Sadako com um grou de ouro na mão foi inaugurada no Parque da Paz de Hiroshima e as crianças também pediram um desejo, que aparece escrito ao pé da estátua: "**Este é nosso clamor, esta é nossa prece: paz no mundo**".

Atualmente, pessoas do mundo todo fabricam grous de papel e as enviam ao monumento de Sadako em Hiroshima.

> Inicie uma discussão sobre como a violência e os conflitos entre as pessoas e os países podem afetar pessoas inocentes. Extraia conclusões sobre a importância de promover a paz e o entendimento mútuo. Fale de como a história de Sadako contribui para sensibilizar o mundo sobre a importância de aprender a viver juntos em um clima de respeito e dignidade.

> Dê aos participantes um papel e os ensine a fabricar seus próprios grous. Antes que comecem a fazer os grous, conceda algum tempo para que escrevam sua própria oração pela paz no papel. Convide-os a pensar na história de Sadako e nos efeitos do desastre nuclear de Hiroshima.

> Finalize a atividade com um momento de silêncio pela paz no mundo e pelas vítimas da guerra e da falta de entendimento entre as pessoas e entre as nações.

Embora essa atividade possa ser realizada a qualquer momento, a data mais adequada é perto de 6 de agosto, para coincidir com a homenagem anual às vítimas do ataque nuclear a Hiroshima e Nagasaki.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Minhas anotações

Pintar camisetas

Objetivo: Envolver os participantes em uma atividade que os ajudará a refletir sobre sua identidade.

Resultado: Os participantes refletem sobre sua identidade e sobre a imagem que querem mostrar ao mundo. Ao mesmo tempo, criam algo atraente e valioso que podem conservar e usar.

Material: Cada participante recebe ou traz uma camiseta branca. Material para pintura de tecido, tintas adequadas, pincéis de diferentes tamanhos, possivelmente moldes de estampas, etc. Papel e canetas coloridas para fazer os rascunhos dos desenhos.

Atividade

É importante que os participantes disponham de algum tempo para refletir e discutir o que querem mostrar em suas camisetas antes de começarem a pintar.

Explique em que consiste a atividade de pintar camisetas. Convide-os a pensar sobre o que gostariam de expressar em suas camisetas acerca de si mesmos e das coisas que valorizam. Lembre aos participantes que outras pessoas verão suas camisetas e poderão tirar conclusões sobre eles rapidamente com base no que veem. Será útil já ter realizado várias das **atividades de Intercâmbio de Experiências**, para que os participantes se sintam à vontade falando abertamente sobre sua identidade.

Dê aos participantes papel e canetas coloridas para fazerem seus rascunhos; lembre que o que desenharem deverá caber na camiseta.

Quando estiverem satisfeitos com seus desenhos, deverão reproduzi-los em suas camisetas.

Os participantes vestirão as camisetas e compartilharão o que pintaram com o restante do grupo.

Antes de finalizar a sessão, convide-os a refletir durante alguns instantes sobre o que desenharam, sobre o que as camisetas dizem sobre sua identidade e sobre a importância de valorizarmos quem somos e quem os outros são.

Além disso, como as camisetas transmitem mensagens, você também pode mencionar o que outras pessoas, como as que vivem em zonas de conflito, poderiam escrever em uma camiseta.

Talvez seja uma boa ideia tirar uma foto de cada participante com sua camiseta como recordação desta oficina.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Fazer um filme

Objetivo: Incentivar os participantes a refletir sobre um assunto de interesse e sensibilizar outras pessoas sobre ele por meio de um filme.

Resultado: Os participantes fazem um filme que possa ser exibido para aumentar a conscientização sobre o assunto escolhido.

Material: Câmera de vídeo, fitas de vídeo e software para edição.

Atividade

Explique aos participantes que fazer um filme é um meio de sensibilizar as pessoas sobre um determinado tema. Informe que terão a oportunidade de filmar um curta-metragem e que você tentará encontrar lugares em que possa ser exibido – para seus colegas, em uma projeção pública ou para formadores de opinião.

Os participantes poderão usar diversos métodos para escolher o tema a ser abordado: sessões de troca de ideias, debates, mesas redondas. Estimule-os a escolher um tema relacionado aos problemas sociais ou que possa ajudá-los a aprender mais sobre a diversidade em escala local ou global.

Existem recursos especializados que podem ajudar seus participantes a produzir um filme (consulte http://www.filmyourissue.com/making/index.shtml, disponível somente em inglês); seria útil também se você pudesse trazer alguém com conhecimentos técnicos para ajudá-los. Assegure-se de que os participantes tenham o máximo controle possível sobre as decisões que tomarem e de que trabalharão de maneira cooperativa – uma dimensão básica desta atividade.

Antes de começar

1. Decida quais são os objetivos do filme.
2. Decida a que tipo de público será dirigido.
3. Leve em conta as possíveis limitações, inclusive o tempo, oportunidades de filmagem e possibilidades de edição.
4. Desenhe um roteiro visual (a sequência do vídeo).
5. Discuta o que os participantes gostariam de incluir no vídeo (entrevistas, desenhos, cartuns, imagens, músicas).
6. Distribua as tarefas entre os participantes. Alguns se encarregarão de realizar entrevistas, outros de obter informações, o que talvez possa incluir a realização de uma pesquisa; outros se encarregarão da parte artística, buscando imagens e música; outros cuidarão da filmagem e alguns da edição.

Após a filmagem

Discuta o processo de montagem com os participantes para que todos possam contribuir para o produto final. Depois de finalizar e exibir o filme, é importante também que os participantes reflitam sobre as descobertas que fizeram durante a realização do filme.

-> Indice

Esta iniciativa pode durar alguns meses, de modo que é importante manter todos os participantes motivados. Realize reuniões periódicas para revisar o trabalho realizado e marque uma data para a estreia. Talvez seja aconselhável começar com uma projeção privada apenas para pais e amigos. Com base nos resultados dessa sessão, você poderá discutir a forma mais conveniente de mostrar o filme ao público-alvo.

Os vídeos podem ser colocados na Internet e inscritos em festivais de cinema ou enviados para sites interativos, como o YouTube. O Dia Internacional do Rádio e Televisão para Crianças é comemorado todo segundo domingo de dezembro. Durante este dia, produtores de televisão de todo o mundo costumam dedicar espaços a filmes realizados por jovens, em reconhecimento ao artigo 12 da Convenção sobre os Direitos da Criança, que alude a seu direito de serem escutados.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Minhas anotações

Questionário:
O que sei sobre outras religiões?

Objetivo: Aprender sobre as crenças dos outros e as diferenças religiosas de um modo divertido.

Resultado: Os participantes aprendem sobre as diferentes práticas e costumes religiosos.

Material: Perguntas, pequenos pedaços de papel, fotografias ou objetos relacionados a diferentes religiões.

Atividade

Os jovens geralmente apreciam questionários. Este questionário não pretende ser uma avaliação, mas um processo de autoconhecimento. Use-o de forma criativa e interativa.

Prepare uma série de perguntas sobre diferentes religiões. Na seção Exemplos de perguntas sobre outras religiões, na página 113, você encontrará algumas ideias. Mas o melhor é pedir aos participantes que preparem perguntas para um teste sobre as religiões do mundo. Você poderá juntar todas as perguntas e atuar como mestre-de-cerimônias ou deixar que os participantes se dividam em equipes e façam perguntas uns aos outros. É conveniente que cada grupo traga muitas perguntas, já que provavelmente algumas se repetirão várias vezes.

Outro método consiste em escrever as perguntas em um papel e numerá-las. Coloque o papel na parede com fita crepe e junto a ele, de cabeça para baixo, a resposta, de modo que não possa ser lida de longe.

Divida os participantes em grupos de três ou quatro e deixe que respondam às perguntas por turnos. Indique um membro do grupo para responder a cada pergunta. A pessoa indicada escolherá as perguntas na parede, mas o resto do grupo poderá ajudá-la a responder. À medida que o jogo avance, o número de perguntas diminuirá.

Se possível, complemente as respostas mostrando aos participantes fotografias, imagens ou objetos tangíveis, como a bandeira budista, uma cruz, a Bíblia, uma fotografia da Torá, imagens de Buda ou fotografias de uma mesquita.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Minhas anotações

Exemplos de perguntas sobre outras religiões

1. Quem foi Maomé?
2. Quem foi Buda?
3. O que significa a palavra “Cristo”?
4. Quem foi Jesus?
5. O que é um quipá?
6. O que é reencarnação?
7. O que é um Tirthankara para os jainistas?
8. O que é uma peregrinação?
9. Qual é o nome que os muçulmanos e os hebreus dão a Deus?
10. Quantos discípulos tinha Jesus?
11. Quando nasceu o profeta Maomé?
12. O que significa Brâmane para os hindus?
13. O que são os Vedas?
14. Como se chama o livro sagrado dos muçulmanos?
15. Como se chama o lugar onde os judeus rezam?
16. O que é um guru?
17. Quem foi Sidarta Gautama?
18. O que significa a palavra “Buda”?
19. Que idioma falava Jesus?
20. O que significa o termo sânscrito Tripitaka?
21. Quais são as cores da bandeira budista?
22. O que é meditação?
23. Como se chama o livro sagrado dos judeus?
24. Quem foi Bahá’u’lláh?
25. Como e por que os hindus celebram a Divali?
26. O que é Hannukah e como se pratica?
27. O que é o Ramadã e como se pratica?
28. Quem é Shiva no hinduísmo?
29. Como se chamam os textos sagrados do Siques?
30. Quais são os cinco pilares do islamismo?

Ilhas minguantes

Objetivo: Apresentar o tema da transformação de conflitos e das alternativas não violentas.

Resultado: Os participantes refletem sobre os conflitos e suas causas e exploram a importância de criar situações nas quais todos saem ganhando.

Material: Folhas de jornal e música gravada.

Atividade

Espalhe folhas de jornal pelo chão, deixando espaços entre elas. Comece com muitas folhas de jornal. Cada folha representa uma ilha. Ponha música e peça aos participantes que caminhem em volta das ilhas sem pisá-las. Peça-lhes que entrem em uma ilha cada vez que a música parar. Pare a música periodicamente.

Cada vez que a música voltar, remova uma ilha para que seu número diminua gradualmente e elas fiquem cada vez mais cheias. Em certo momento, não haverá espaço para todos os participantes. Aqueles que não conseguirem entrar em nenhuma ilha serão eliminados. Continue até que só reste uma ilha e a maioria dos participantes esteja fora do jogo.

Discuta a atividade

Quando o jogo terminar, discuta o que aconteceu com os participantes. Estas são algumas das perguntas que você pode fazer:

> O que aconteceu quando havia menos ilhas?
> Como as pessoas reagiram?
> Como você se sentiu quando não encontrou uma ilha e saiu do jogo?
> Como você protegia o seu próprio espaço?
> Você ajudou os outros?
> Essa situação é semelhante ao que acontece na vida real?

Estabeleça paralelismos entre o jogo e situações da vida real e inicie uma discussão com os participantes sobre os recursos e as causas dos conflitos. Explique aos participantes que é normal que haja conflitos, mas que eles podem se tornar violentos quando as pessoas são incapazes de compartilhar, cooperar e viver de maneira solidária. Tendemos a resolver os conflitos pensando apenas em nós mesmos, mas não seria melhor transformar as situações de maneira que ninguém saia perdendo?

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Bola no ar

Objetivo: Desenvolver a capacidade de trabalhar em equipe e construir pontes de confiança entre os participantes.

Resultado: Os participantes aprendem a se comunicar melhor com os outros e desenvolvem sua capacidade de trabalhar juntos em prol de um objetivo comum.

Material: uma bola pequena e outra grande.

Atividade

Explique aos participantes que jogarão um jogo que consiste em manter a bola no ar o maior tempo possível. Em um grupo com 10 pessoas no mínimo e 40 no máximo, eles deverão rebater a bola com as mãos para evitar que bata no chão. O objetivo é manter a bola no ar com o maior número possível de toques consecutivos.

Comece o jogo com uma bola pequena. Você perceberá que a princípio a maioria dos participantes baterá na bola sem prestar atenção à comunicação com o resto dos membros da equipe ou à necessidade de aprender a alcançar juntos o objetivo. Sempre que a bola tocar no chão, estimule os participantes a conseguir um número maior de toques e buscar um objetivo mais ambicioso.

Quando os participantes descobrirem o modo de conseguir toques consecutivos, substitua a bola pequena por uma maior. Sendo maior a bola, será mais difícil dar os toques sem que caia no chão. Estimule todos os membros a participar, prestando atenção às maneiras de melhorar a pontuação.

Quando conseguirem uma boa pontuação e estiverem satisfeitos com o resultado, reflita com eles sobre o que aprenderam com o jogo. Estes são alguns exemplos do que você pode perguntar:

1. Como se sentiram enquanto jogavam?
2. Qual era o objetivo do jogo?
3. Quais eram os fatores determinantes para um bom resultado?
4. Por que no começo não conseguiam um número de toques maior?
5. Qual foi a contribuição de cada membro da equipe?
6. Por que todos os membros eram importantes para alcançar o objetivo?
7. Qual foi a técnica adotada pela equipe?
8. A cooperação foi importante para alcançar o objetivo?

Estimule cada participante a compartilhar sua experiência e destaque a importância de desenvolver habilidades comunicativas para poder trabalhar melhor em equipe. Conclua a sessão perguntando aos participantes como cooperam com os outros e por que a cooperação é importante nas sociedades diversificadas.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Aprender prestando serviços

Objetivo: Criar uma oportunidade para que os participantes experimentem a magia de ajudar pessoas que são diferentes deles e cujos direitos foram menosprezados.

Resultado: Os participantes passam a ter consciência das necessidades dos outros e refletem sobre como a falta de respeito leva à violação dos direitos humanos.

Atividade

Estimule os participantes a prestarem serviços voluntários em atividades que tenham relação com pessoas cujos direitos tenham sido ignorados ou violados, como:

> Refugiados.
> Pessoas desabrigadas.
> Portadores de deficiência.
> Pessoas marginalizadas.
> Imigrantes vivendo em condições insalubres.
> Pessoas em situação de extrema pobreza.

As atividades podem fazer parte de sua aula ou serem incorporadas ao plano de estudos da escola como um meio para promover o serviço social e a espiritualidade.

Recomendações para preparar e desenvolver uma atividade de aprendizagem pela prestação de serviços

> Obtenha informações sobre situações de violação dos direitos humanos em sua cidade.
> Elabore uma lista de organizações em sua cidade que trabalhem com pessoas marginalizadas ou violações dos direitos humanos.
> Entre em contato com uma ou duas organizações nas quais acredite que os jovens de seu grupo possam realizar atividades de voluntariado.
> Chegue a um acordo com a organização ou organizações para preparar um programa de atividades de voluntariado com os jovens de seu grupo.
> Peça ao diretor ou à pessoa de contato da organização que ministre uma palestra aos participantes sobre o trabalho que realizam e as pessoas atendidas.
> Decida que tipo de ajuda é necessário e que tipos de serviços os participantes poderão oferecer: organizar atividades de entretenimento, tocar música, preparar uma peça teatral, ensinar (por exemplo, aulas de pintura, costura, música, matemática, alfabetização) ou ajudar de maneira geral (por exemplo, fazer compras ou escrever cartas).
> Determine com os participantes um ou dois objetivos que deverão tentar atingir ao final do programa ou em um determinado prazo.
> Prepare sessões de reflexão com os participantes para analisar suas experiências:
  • O que aprenderam realizando essas atividades voluntárias.
  • Como se sentem servindo ou ajudando aos outros.
  • As diferenças e semelhanças que compartilham com essas pessoas.
  • Como podem evitar a violação dos direitos humanos.
  • Por que acham que as minorias sofrem discriminação.
  • Estabeleça um paralelismo com a discriminação religiosa e seus efeitos.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

-> Indice

Campanhas de aprendizagem inter-religiosa

Objetivo: Fornecer oportunidades para que os participantes preparem campanhas criativas de promoção da aprendizagem inter-religiosa.

Resultado: Os participantes promovem a prática de atividades inter-religiosas como meio para fomentar o respeito pelas crenças dos outros. Os participantes se comprometem a realizar ações que contribuam para fomentar a confiança mútua entre as pessoas.

Atividade

Estimule os participantes para que organizem, em sua escola ou organização, campanhas cujo tema central seja a importância do respeito aos diferentes credos e crenças.

Essas campanhas poderão assumir diferentes formas, como:

Campanhas de comunicação e aprendizagem

Murais de informações

Prepare um mural de informações contendo notícias e dados sobre as crenças, celebrações e festivais de outras pessoas. Um grupo de estudantes deverá coletar informações para manter e atualizar regularmente o mural.

Rádio inter-religiosa

Promova um programa de rádio na escola em que os alunos possam ser entrevistados sobre suas crenças.

Feiras inter-religiosas

Organize uma feira para a aprendizagem inter-religiosa. O bazar pode ter barracas com informações sobre outras religiões, salas de projeção para exibição de filmes relevantes, barracas com música religiosa e discussões em mesa redonda com a participação de pessoas de diferentes religiões. A feira também pode ser uma oportunidade para expor os desenhos e redações dos participantes sobre questões inter-religiosas.

Debate/café inter-religioso mensal

Convide estudantes de diferentes religiões a irem até sua escola para compartilhar suas crenças ou para participar de discussões sobre temas relevantes.

Apresente as campanhas como um meio de manter os jovens motivados: um motivo para aprender, adquirir mais conhecimentos sobre os outros e experimentar as crenças dos outros.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Intercâmbio entre escolas

Objetivo: Permitir que os participantes realizem atividades escolares em uma escola diferente da sua e com pessoas de diferentes religiões.

Resultado: Os participantes promovem e experimentam a compreensão mútua e o respeito pelas crenças dos outros.

Atividade

Dois estudantes do mesmo curso, mas de escolas e ambientes religiosos diferentes, trocam de lugar durante um período de tempo determinado.

Se essa atividade for realizada entre escolas, será necessário o consentimento da direção e dos professores envolvidos. A troca também poderá ser realizada entre diferentes organizações religiosas ou grupos de jovens. Outra forma de promover a familiaridade entre estudantes de escolas e religiões diferentes consiste em convidar outros estudantes a visitar sua escola em ocasiões ou atividades especiais.

Os intercâmbios de estudantes não só contribuem para fomentar o entendimento mútuo entre pessoas de diferentes religiões, como também ajudam a criar vínculos duradouros entre comunidades diferentes que podem contribuir para um futuro mais pacífico.

Os intercâmbios entre diferentes organizações juvenis podem ser realizados no contexto de um projeto que requeira a cooperação de duas ou mais organizações, onde os participantes de cada grupo assumam responsabilidades específicas. Pode ser, por exemplo, um projeto que exija a participação de pessoas de diferentes religiões durante um mês.

Você pode organizar um programa especial de intercâmbio voltado para uma tarefa específica: participação em um comitê que promova o diálogo inter-religioso, participação nas aulas da outra escola, debates ou organização de atividades inter-religiosas.

No contexto do programa de intercâmbio, dedique algum tempo ao estudo das duas tradições, religiões ou culturas que entrarão em contato através do intercâmbio. Esse estudo pode envolver apresentações de vários tipos, redações ou desenhos.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Minhas anotações

-> Indice

Semanas temáticas

Objetivo: Promover a conscientização sobre práticas éticas com o objetivo de contribuir para transformar o mundo.

Resultado: Os participantes organizam iniciativas destinadas a promover a conscientização sobre práticas éticas em suas comunidades, com o objetivo de melhorar a compreensão e o respeito mútuos.

Atividade

As semanas temáticas que promovem práticas éticas podem estimular a compreensão entre as pessoas e contribuir para que haja paz em suas sociedades.

As semanas temáticas podem girar em torno de temas como a reconciliação, o perdão, a compaixão, a honestidade, etc. A ideia é promover práticas éticas demonstrando como a compreensão e o respeito mútuos beneficiam as sociedades e ajudam a fazer do mundo um lugar melhor.

Permita que os participantes liderem a organização das semanas temáticas. Se necessário, eles podem planejar várias semanas temáticas para serem realizadas periodicamente. Para cada semana deve haver um comitê organizador integrado por voluntários.

Estimule os jovens organizadores a planejarem uma ampla gama de atividades, mas não se esqueça de obter a aprovação das autoridades escolares. Aqui estão algumas ideias:

> Painéis de discussão sobre o tema, com a participação de convidados especiais ou de pessoas da escola.
> Fórum cinematográfico, com projeção e discussão de filmes relacionados ao tema.
> Dramatizações preparadas pelos estudantes.
> Murais de informações fazendo referência a acontecimentos passados que ilustrem o tema.
> Apresentações musicais voltadas para o tema.
> Concursos com prêmios para os melhores desenhos, poemas ou redações sobre a questão.
> Orações pela paz.

Incorpore as semanas temáticas ao programa de atividades de sua escola ou grupo e divulgue-as em sua cidade.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Minhas anotações

Campanhas pelos direitos da criança

Objetivo: Aumentar a conscientização sobre a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança.

Resultado: Os participantes aprendem sobre seus direitos e sobre como promovê-los. Passam a ter consciência da necessidade de promover estes direitos em favor de todas as crianças, de qualquer religião ou cultura.

Atividade

Esta atividade contribui para o aumento da conscientização sobre a Convenção sobre os Direitos da Criança, a carta internacional de direitos ratificada por 193 dos 195 países do mundo.

Os adolescentes podem experimentar um vínculo de união com seus pares de todo o mundo, aprendendo que todos gozam de direitos claramente definidos e reconhecidos em escala mundial.

As campanhas periódicas de conscientização em escolas e grupos de jovens contribuem para difundir o conhecimento dos direitos e de sua importância para proteger todas as crianças, de qualquer raça, cultura ou religião. Essas campanhas podem ser de diferentes tipos: podem abordar um direito específico, um grupo de direitos, ou crianças que vivam em circunstâncias difíceis. Recomenda-se a cooperação com outras escolas, organizações ou grupos de diferentes religiões.

Exemplos de eventos mensais:

O mês de participação das crianças (baseado no artigo 12)

As crianças podem participar de debates, fóruns e reuniões de especialistas organizados pelas escolas, grupos de liderança ou outras organizações para promover a democracia e o entendimento mútuo. É importante que as autoridades estejam presentes para ouvir as crianças.

O mês das opiniões e crenças da infância (baseado nos artigos 13 e 14)

As crianças falam sobre suas ideias, crenças e culturas.

O mês da diversidade (baseado no artigo 30)

As crianças organizam atividades para promover a interação com minorias religiosas, grupos indígenas e imigrantes, com o propósito de aprender uns com os outros.

Deverá ser enfatizada a natureza holística e global da Convenção sobre os Direitos da Criança. Os participantes deverão compreender também que seus direitos à proteção, sustento, desenvolvimento e participação são monitorados pelo Comitê dos Direitos da Criança, ao qual os países devem apresentar relatórios.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Desenvolvimento de projetos

Objetivo: Capacitar os participantes para que se envolvam na transformação das situações que ocorrem à sua volta.

Resultados: Os participantes são estimulados a contribuir para a promoção da paz e da justiça no mundo.

Atividade

Peça aos participantes que criem um projeto cujo objetivo seja ajudar a transformar sua sociedade. O projeto deverá ser concluído em uma data estabelecida de comum acordo.

Os participantes formam grupos de dez pessoas no máximo e devem criar um projeto voltado para a transformação de um problema ou situação existente na sociedade – seja em sua escola, sua família, bairro, cidade ou país – que possa ser implementado em alguns meses.

Alguns projetos precisarão da ajuda da direção da escola ou dos dirigentes de sua organização e deverão ser implantados como programas oficiais. Isso, por sua vez, permitirá que mais pessoas participem do projeto. Talvez seja necessário também obter financiamento para o projeto.

Os projetos deverão cumprir critérios específicos, que poderão ser estabelecidos pelos participantes. Por exemplo, um projeto pode ter os seguintes requisitos:

> Que seja de natureza inter-religiosa.
> Que seja concreto e claro.
> Que defenda práticas éticas.
> Que contribua para transformar uma situação específica.
> Que seja inovador.
> Que proponha soluções.

O programa de desenvolvimento de projetos poderia ser incorporado ao plano de estudos da escola, no caso dos estudantes de mais idade, podendo, mediante os trâmites adequados, contar como créditos em determinadas matérias.

Prepare um evento especial, com a participação dos pais e outros convidados, durante o qual os participantes apresentarão seus projetos.

Os filmes podem ser uma boa forma de motivar os estudantes e estimular sua imaginação.

Alguns dos filmes recomendados são *A lista de Schindler* e *A corrente do bem*.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Diálogos inter-religiosos

Objetivo: Promover o entendimento mútuo congregando pessoas de diferentes religiões em um diálogo sobre como ajudar a transformar o mundo.

Resultado: Os participantes contribuem para gerar um maior entendimento entre pessoas de diferentes religiões e exploram a possibilidade de transformar o mundo por meio uma atitude de reconciliação.

Material: Material promocional, pedaços de papel e canetas.

Atividade

O propósito dos diálogos inter-religiosos é fortalecer o entendimento mútuo e gerar vias para a cooperação entre pessoas de diferentes religiões. Os diálogos inter-religiosos giram em torno de determinados temas, como a falta de respeito, o preconceito, as relações entre as religiões, a reconciliação e o perdão, o modo como cada religião entende e trabalha pela paz, a proteção dos direitos da criança, etc.

Os participantes de suas atividades inter-religiosas podem ajudá-lo a organizar diferentes diálogos inter-religiosos.

Como organizar um diálogo inter-religioso:

> Selecione um tema de interesse.
> Divulgue os diálogos inter-religiosos em diversos ambientes, como escolas, lugares religiosos ou grupos de jovens, em função do grau de formalidade ou informalidade que o evento deverá ter.
> É importante contar com a presença de representantes de diferentes religiões.
> Prepare perguntas amplas e abertas que ajudem a levar a discussão a um desenlace positivo.
> Designe um moderador para a discussão, que deverá introduzir o tema, fornecendo algumas informações sobre ele, e fazer perguntas-chave. Talvez o moderador deva também apresentar os debatedores.
> Peça que os participantes se sentem em um círculo, de modo que todos se considerem iguais e possam ouvir e ver os outros.
> Conclua o diálogo inter-religioso formulando a seguinte pergunta: “O que podemos fazer juntos agora?”

Finalize a reunião com uma oração pela paz e o entendimento mútuo. Você pode pedir aos participantes que escrevam sua oração e a leiam em voz alta, se preferirem.

Peça aos participantes que escrevam sobre essa atividade em seus Cadernos de Aprendizagem

Seção 5
Recursos

Histórias

Escutai o meu ensino, povo meu;
inclinai os vossos ouvidos às palavras da minha boca.
Abrirei a minha boca numa parábola;
proporei enigmas da antiguidade,
coisas que temos ouvido e sabido,
e que nossos pais nos têm contado.
Não os encobriremos aos seus filhos,
cantaremos às gerações vindouras
os louvores do Senhor, assim como a sua força
e as maravilhas que tem feito.

Estes versos da Bíblia hebraica (Salmo 78:1-4) trazem à luz uma das dimensões do que significa ser humano: a fim de chegar ao que há de mais profundo em cada um de nós, não há nada como uma história para cruzar o umbral e penetrar em nosso interior. Deus, ou o Supremo, ou a Realidade, ou a Sabedoria, ou o Transcendente, ou o Incognoscível, ou o Incomparável, tudo isso é mediado pelas histórias. As histórias ecoam tradições do passado, o que nós escutamos e o que nossos antepassados nos disseram. As histórias são transmitidas de uma geração a outra. Sobrevivem unicamente graças à memória, e nisso consiste sua autoridade. Por meio delas, as novas gerações adquirem conhecimentos. Não pretendem ser fatos irrefutáveis; não têm porque sê-lo, já que os ouvintes as aceitam como um tipo diferente de verdade do que a que aparece nos preceitos e nas teorias. De fato, em uma história de ficção pode haver uma grande dose de verdade, e muita falsidade em uma história que utiliza fatos concretos. A narração de histórias, diz Hannah Arendt, revela o significado sem cometer o erro de defini-lo.[1] Nisso reside a força da história. O significado é sugerido e não imposto sobre nós como uma camisa de força. É percebido, mas não conceitualizado. Está lá, mas não pode ser visto.

As histórias conectam o céu à terra, a realidade concreta a essa outra realidade que é muito mais difícil de articular ou compreender. As histórias podem abrir as portas para o passado; fazem o presente reverberar em uma eternidade sem limites e contêm uma referência do futuro. O poeta e romancista nigeriano Ben Okri diz: "Saiba que as histórias podem conquistar o medo. Elas podem tornar o coração maior."

Todos adoramos ouvir histórias. A criança na cama antes de dormir, as pessoas reunidas em torno de um contador de histórias ao pé da lareira, saboreando as palavras, assentindo com a cabeça, sorrindo, gargalhando e cutucando satisfeitos uns aos outros. Quando se escuta a narração de uma história, surge um sentimento de comunhão e uma sensação de pertencer a uma comunidade. Embora provavelmente seja verdade que a tecnologia, os meios interativos e os jogos eletrônicos disponíveis em muitas culturas oferecem histórias mais avançadas, situações mais coloridas, detalhes mais explícitos, a fascinação diante das narrativas faz parte do ser humano. Na tradição judaica, diz-se que o ser humano não é o único que aprecia a narração de histórias. Quando se pergunta: "Por que Deus criou o homem?", a resposta é: "Porque Deus adora escutar uma boa história."

1 Hannah Arendt (1906 -1975), pensadora política e filósofa alemã: *Origins of Storytelling*, Bartlett's Book of Quotations.

A história permite que a criança entre em outro mundo, que lhe é ao mesmo tempo familiar e desconhecido. Uma história começa com palavras mágicas: "Era uma vez". Em árabe, as histórias começam dizendo: *Ken ye me ken*, que pode ser traduzido como "foi e não foi", e todo mundo sabe que chegou o momento de escutar uma história. Quando algumas pessoas no Irã contam uma história, começam dizendo: *Yeki bud, yeki nabud*, "houve uma vez e não houve", e todos se sentam para escutar e se preparam para entrar em um universo onde tudo isso é possível. As histórias não são contos de fadas, mas expressões em todos os níveis do que realmente significa ser humano. Ninguém sonharia em extrair dogmas ou proposições teóricas de uma história. As histórias acontecem em uma dimensão onde há alguém e não há ninguém, ou onde algo acontece e ao mesmo tempo não acontece.

A narração de histórias ocorre no mundo real, mas a história em si não é o mundo real. É um tipo diferente de mundo, que tem muito a ver com o crepúsculo. Dois tipos de luzes se encontram, a luz do dia e a luz da noite, e somos incapazes de dizer onde começa uma e termina a outra. A pessoa se encontra no umbral, quando não está dentro nem fora. Somente no umbral podemos compreender que dois tipos de verdades contraditórias não se excluem, mas podem ser mantidos juntos em uma tensão criativa para nos conduzir, cada vez mais profundamente, ao nosso próprio ser.

-> Indice

Eco e Narciso

Eco era uma ninfa que morava em um bosque junto a outras ninfas amigas e gostava de caçar, por isso era uma das favoritas da deusa Artemísia.

Mas Eco tinha um grave defeito: Era muito conversadora. Em qualquer conversa ou discussão, sempre queria ter a última palavra.

Certo dia, a deusa Hera saiu em busca de seu marido Zeus, que gostava de se divertir entre as ninfas. Quando Hera chegou ao bosque das ninfas, Eco a entreteve com sua conversa enquanto as ninfas fugiam.

Quando descobriu sua trapaça, Hera a condenou dizendo: – Por ter me enganado, a partir deste momento você perderá o uso da língua. E, já que gosta tanto de ter a última palavra sozinha, poderá responder com a última palavra que escutar. Jamais poderá voltar a falar primeiro.

Eco, com sua maldição, dedicou-se à caça, percorrendo montes e bosques. Um dia viu um formoso jovem chamado Narciso e se apaixonou perdidamente por ele. Desejou poder conversar com ele, mas tinha a palavra vedada. Então começou a persegui-lo esperando que Narciso lhe falasse em algum momento.

Em certo momento, Narciso estava sozinho no bosque, escutou um ranger de ramos às suas costas e gritou: – Tem alguém aqui?

Eco respondeu: – Aqui.

Como não viu ninguém, Narciso gritou de novo: – Vem!

E Eco respondeu: – Vem!

Como ninguém se aproximava, Narciso disse: – Por que foges de mim? Unamo-nos!

A ninfa, louca de amor, lançou-se em seus braços dizendo: – Unamo-nos!

Narciso deu um salto para trás dizendo: – Afaste-se de mim! Prefiro morrer a te pertencer!

Eco respondeu: – Te pertencer.

Diante da forte rejeição de Narciso, Eco sentiu uma vergonha tão grande que, chorando, se enclausurou nas cavernas e nos picos das montanhas. A tristeza consumiu seu corpo até pulverizá-la. Só ficou sua voz para responder com a última palavra a qualquer pessoa que lhe falasse.

Narciso rejeitou Eco e sua crueldade se manifestou também entre outras ninfas que se apaixonaram por ele. Uma dessas ninfas, que havia tentado ganhar seu amor sem conseguir, suplicou à deusa Hera que Narciso sentisse algum dia o que era amar sem ser correspondido, e a deusa respondeu favoravelmente à sua súplica.

Escondida no bosque, havia uma fonte de água cristalina. Tão clara e mansa era a fonte que parecia um espelho. Um dia, Narciso se aproximou para beber e, ao ver sua própria imagem refletida, pensou que era um espírito da água que habitava esse lugar. Ficou extasiado ao ver esse rosto perfeito, os cabelos louros ondulados, o azul profundo de seus olhos, e se apaixonou perdidamente por essa imagem.

Desejou se afastar, mas a atração que exercia sobre ele era tão forte que não conseguiu se separar. Muito pelo contrário, desejou beijá-lo e abraçá-lo com todas as suas forças. Tinha se apaixonado por si mesmo.

Desesperado, Narciso começou a falar: – Por que foges de mim, formoso espírito das águas? Se sorrio, você sorri. Se estico meus braços em sua direção, você também estica. Não compreendo.

Todas as ninfas me amam, mas não queres aproximar-te. – Enquanto falava, uma lágrima caiu de seus olhos. A imagem refletida ficou nublada e Narciso suplicou: – Rogo que fiques junto de mim. Já que me é impossível tocar-te, deixa que te contemple.

Narciso continuou apaixonado por si mesmo. Não comia nem bebia para não se separar da imagem, até que terminou se consumindo e morreu.

As ninfas quiseram dar-lhe sepultura, mas não encontraram o corpo em nenhuma parte. No lugar, apareceu uma flor formosa de folhas brancas que, para conservar sua lembrança, leva o nome de narciso.

(Pedro Calderón de la Barca, 1961)

Uma lenda hindu

Em uma antiga cidade da Índia viviam seis cegos. Eles sempre ouviam falar do majestoso elefante do Rajá (príncipe). Até que um dia resolveram examinar diretamente o grande animal.

Chegando perto do elefante, o primeiro cego conseguiu colocar a mão na barriga do elefante e disse:

– O elefante é como um muro.

Porém, o segundo cego segurou uma das presas e, ouvindo o amigo, disse:

– Não, o elefante é pontiagudo e duro como uma lança.

O terceiro cego, agarrando com força a tromba, discordou:

– O elefante é como uma serpente.

O quarto cego, pegando a enorme perna do elefante, disse:

– Vocês estão todos enganados, parece que estão loucos! O elefante é como um tronco de árvore!

O quinto cego, ouvindo a confusão dos amigos, decidiu saltar por cima do animal. Segurou, então, uma das grandes orelhas do elefante e disse:

– Todos vocês são mesmo uns idiotas, não perceberam que o elefante é um grande leque de abano.

Por fim, o sexto cego segurou a cauda cuidadosamente e disse:

– Calem-se todos! O elefante é uma enorme corda resistente.

Os cegos, pegando uma parte do corpo do elefante, conheceram apenas uma parte do animal. Entretanto, cada cego era muito orgulhoso. Pensava que sua parte correspondia ao todo do corpo do animal, criando toda a confusão.

(adaptação, Kuo, Louise e Kuo, Yuan-Hsi (1976), “Chinese Folk Tales”. Celestial Arts. pp. 83-85.)

A mandioca

Nenhum homem a havia tocado, mas uma criança cresceu no ventre da filha do chefe.

Chamaram-no Mani. Poucos dias depois de nascer, já corria e conversava. Dos mais remotos cantos da selva, vinham conhecer o prodigioso Mani.

Não sofreu de nenhuma doença, mas ao completar um ano, disse: "Vou morrer"; e morreu.

Passou um tempo e uma planta jamais vista brotou na sepultura do Mani, que a mãe regava todas as manhãs. A planta cresceu, floresceu, deu frutos. Os pássaros que a bicavam andavam ao léu pelo ar, batendo as asas em espirais loucas e cantando como nunca.

Um dia a terra se abriu onde Mani jazia.

O chefe afundou a mão e arrancou uma raiz grande e carnosa. Ralou-a com uma pedra, fez uma pasta, a espremeu e ao calor do fogo assou pão para todos.

Deram o nome de *mani oca* a essa raiz, "casa do Mani", e mandioca é o nome que tem esse alimento na bacia amazônica e em outros lugares.

(*Benjamin Péret*, extraído de *Anthologie des mythes, légendes et contes populaires d'Amérique*, Paris, Albin Michel, 1960)

A raposa e a cegonha

Um dia a raposa foi visitar a cegonha e convidou-a para jantar.

Na noite seguinte, a cegonha chegou à casa da raposa.

– Que bem que cheira! – disse a cegonha ao ver a raposa fazendo o jantar.

– Vem, vamos comer – disse a raposa, olhando o comprido bico da cegonha e rindo-se para si mesma.

A raposa, que tinha feito uma saborosa sopa, serviu-a em dois pratos rasos e começou a lamber a sua. Mas a cegonha não conseguiu comer: o bico era muito comprido e estreito e o prato muito plano. Era, porém, muito educada para se queixar e voltou para casa cheinha de fome.

Claro que a raposa fez piada da situação!

A cegonha pensou, voltou a pensar e achou que a raposa merecia uma lição. E convidou-a também para jantar. Fez uma apetitosa e bem cheirosa sopa, tal como a raposa tinha feito. Porém, desta vez serviu-a em jarros muito altos e estreitos, totalmente apropriados para enfiar o seu bico.

– Anda, vem comer, amiga Raposa, a sopa está simplesmente deliciosa – falou a cegonha, fazendo o ar mais cândido deste mundo.

E foi a vez de a raposa não conseguir comer nada: os jarros eram muito altos e muito estreitos.

– Muito obrigado, amiga Cegonha, mas não tenho fome nenhuma – respondeu a raposa com um ar muito pesaroso. E voltou para casa de mau humor, porque a cegonha lhe tinha dado o troco.

(*Félix María Samaniego, Fabula*)

As Três Penas

Era uma vez um rico senhor de terras que tinha três filhos. Os dois mais velhos eram muito habilidosos e inteligentes; o terceiro, porém, não falava muito e era humilde, sendo conhecido como Simplório. Quando estava velho e debilitado, o fazendeiro começou a pensar sobre seu final, não sabendo a qual dos filhos deveria deixar a fazenda. Então ele os chamou e disse:

– Saiam pelo mundo. Aquele que me trouxer o tapete mais belo herdará minha fazenda – e, para que não houvesse disputa entre eles, levou-os para fora do palácio, lançou três penas ao ar e disse: – Sigam na direção em que forem as penas.

Uma voou para o leste, outra para o oeste, mas a terceira subiu e, sem sair do lugar, caiu de novo ao chão. Um dos filhos mais velhos seguiu para o leste e o outro para o oeste, ambos rindo de Simplório, que não teve outra alternativa senão ficar onde a terceira pena havia caído. Ele se sentou no chão, entristecido, mas ao fazer isso percebeu que próximo da pena, no solo, havia um alçapão. Ao levantá-lo, encontrou uma escadaria e desceu por ela. Mais abaixo, chegou a outra porta, bateu e escutou dentro uma voz que dizia:

– Donzela verdinha,

saltando aqui e acolá,

salte até a porta

para ver quem será.

A porta se abriu e ele se deparou com uma rã grande e gorda, cercada por uma porção de rãs menores. A rã gorda lhe perguntou o que queria. Ele disse:

– Gostaria de obter o tapete mais belo e fino do mundo.

Então ela chamou uma das rãs pequenas e lhe disse:

– Donzela verdinha,

saltando aqui e acolá,

salte rápido e traga

aquele baú para cá.

A rãzinha trouxe o baú e a rã gorda o abriu, dando a Simplório um tapete tão fino e tão belo que ninguém no mundo poderia ter nada igual. Ele a agradeceu pelo favor e subiu novamente. Os outros irmãos, porém, achavam seu irmão tão ingênuo que não acreditavam que ele pudesse trazer alguma coisa.

– Para que vamos nos incomodar procurando tanto? – eles pensaram, e, pegando alguns panos rústicos feitos pelas esposas de pastores que encontraram pelo caminho, eles os levaram para a casa de seu pai. Ao mesmo tempo, chegou Simplório trazendo o belíssimo tapete. Ao vê-lo, o fazendeiro se surpreendeu e disse:

– Para ser justo, a fazenda pertencerá ao mais novo.

Os outros, porém, não deixavam seu pai em paz, dizendo que era impossível que Simplório, tão tolo em muitas outras coisas, pudesse ser o novo proprietário da fazenda. Finalmente eles convenceram o pai a fazer um novo acordo entre eles. Então o pai disse:

– Aquele que me trouxer o anel mais belo herdará minha fazenda.

Levou-os para fora, jogou as três penas para cima e indicou qual deveriam seguir. As penas dos dois mais velhos seguiram para o leste e o oeste, mas a de Simplório novamente subiu e desceu perto da porta que ele já conhecia. Então ele desceu novamente até a rã gorda e lhe disse que desejava o anel mais belo. Imediatamente, ela ordenou que trouxessem o baú e dele retirou um formoso anel, com joias brilhantes, tão belo que nenhum joalheiro seria capaz de fazer algo parecido.

Enquanto isso, os dois irmãos mais velhos riam-se ao imaginar Simplório em busca de um anel dourado. E nem se preocuparam muito com a tarefa. Pegaram o primeiro anel que encontraram em uma venda do povoado e o levaram ao pai. Porém, quando Simplório apresentou o anel que trazia, seu pai disse novamente:

– A fazenda será de Simplório.

Os dois mais velhos não se cansavam de atormentar o pai para que impusesse uma terceira condição: dar a fazenda a quem trouxesse para casa a mulher mais formosa. Por fim, ele cedeu e novamente lançou ao ar as penas, que voaram como antes.

Então, Simplório, sem ter mais o que fazer, desceu até a rã gorda e lhe disse:

– Agora tenho que levar a mulher mais bela para casa.

– Oh! – respondeu a rã – A mulher mais bela! Não a tenho à mão neste momento, mas de qualquer maneira você a terá.

A rã lhe deu um nabo oco puxado por seis ratos em arreios. Simplório, um tanto confuso, perguntou:

– Mas o que posso fazer com isso?

A rã respondeu:

– Simplesmente coloque uma de minhas rãzinhas dentro do nabo.

Dizendo isso, pegou ao acaso uma das rãs à sua volta e a pôs dentro do nabo. Imediatamente, o nabo se converteu em uma luxuosa carruagem, os ratos em fogosos cavalos e a rã em uma belíssima donzela. Então Simplório a beijou e partiu junto com ela na carruagem rumo à casa de seu pai.

Os irmãos logo chegaram, já que não haviam se esforçado muito para procurar mulheres belas. Traziam consigo as primeiras camponesas que encontraram pelo caminho. Quando viu todas, o fazendeiro disse:

– Depois de minha morte, a fazenda será de meu filho mais novo.

Imediatamente, os dois mais velhos insistiram que fizesse algo mais, dizendo:

– Não podemos concordar tão facilmente que Simplório seja o herdeiro. Queremos que o escolhido seja aquele cuja esposa consiga saltar através de um arco colocado no centro da sala.

Ao fazer essa exigência, eles pensavam: “Nossas mulheres camponesas farão isso com facilidade, enquanto a refinada donzela cairá e se machucará.”

O pai aceitou essa última proposta. Então as duas camponesas saltaram através do arco, mas eram tão corpulentas que caíram e machucaram seus braços e pernas. Quando chegou a vez da bela donzela trazida por Simplório, ela saltou tão habilmente quanto uma rã, sem sofrer qualquer acidente.

Nesse ponto, os filhos mais velhos não se opuseram mais. Simplório recebeu a fazenda e a administrou com total sabedoria pelo resto de sua vida. Os irmãos o aceitaram como patrão e viveram em paz desse dia em diante.

Moral da história:

Nunca se deve julgar pelas aparências. Dentro de um espírito aparentemente simples pode haver uma imensa grandeza.

(Irmãos Grimm)

Um bonito conto de Paulo Coelho

Um homem, o seu cavalo e o seu cão iam por um caminho.
Quando passavam perto de uma árvore enorme, caiu um raio e os três morreram fulminados.
Mas o homem não se deu conta de que já tinha abandonado este mundo, e prosseguiu o seu caminho com os seus dois animais (às vezes os mortos andam um certo tempo antes de tomarem consciência da sua nova condição…)
O caminho era muito comprido e, colina acima, o Sol estava muito intenso; eles estavam suados e sedentos.
Numa curva do caminho viram um magnífico portal de mármore, que conduzia a uma praça pavimentada com portais de ouro.
O caminhante dirigiu-se ao homem que guardava a entrada e travou com ele o seguinte diálogo:
- Bons dias.
- Bons dias – respondeu o guardião.
- Como se chama este lugar tão bonito?
- Aqui é o Céu.
- Que bom termos chegado ao Céu, porque estamos sedentos!
- Você pode entrar e beber quanta água queira. E o guardião apontou a fonte.
- Mas o meu cavalo e o meu cão também têm sede…
- Sinto muito – disse o guardião – mas aqui não é permitida a entrada de animais.
O homem levantou-se com grande desgosto, visto que tinha muitíssima sede, mas não pensava em beber sozinho.
Agradeceu ao guardião e seguiu adiante.
Depois de caminhar um bom pedaço de tempo encosta acima, já exaustos os três, chegaram a um outro sítio, cuja entrada estava assinalada por uma porta velha que dava para um caminho de terra ladeado por árvores…
À sombra de uma das árvores estava deitado um homem, com a cabeça tapada por um chapéu. Dormia, provavelmente.
- Bons dias – disse o caminhante.
O homem respondeu com um aceno.
- Temos muita sede, o meu cavalo, o meu cão e eu.
- Há uma fonte no meio daquelas rochas – disse o homem apontando o lugar.
- Podeis beber toda a água que quiserdes.
O homem, o cavalo e o cão foram até a fonte e mataram a sua sede.
O caminhante voltou atrás, para agradecer ao homem.
- Podeis voltar sempre que quiserdes – respondeu este.
- A propósito, como se chama este lugar? – perguntou o caminhante.
- CÉU.
- O Céu? Mas, o guardião do portão de mármore disse-me que ali é que era o Céu!
- Ali não é o Céu, é o inferno – contradisse o guardião.
O caminhante ficou perplexo.
- Deverias proibir que utilizem o vosso nome! Essa informação falsa deve provocar grandes confusões! – advertiu o caminhante.
- De modo nenhum! – respondeu o guardião – na realidade, fazem-nos um grande favor, porque ficam ali todos os que são capazes de abandonar os seus melhores amigos…

(*Paulo Coelho*)

A oração do alfabeto

Tarde da noite, um pobre lavrador no caminho de volta do mercado viu-se sem o livro de orações. A roda da carroça tinha se soltado justo no meio da floresta e ele estava aflito porque o dia ia se acabar sem que tivesse suas orações. Por isso, esta é a oração que fez: Fiz uma coisa muito imprudente, Senhor. Esta manhã saí de casa sem o meu livro de orações e minha memória é tal que não consigo dizer uma única oração sem ele. Por isso, eis o que vou fazer: recitarei cinco vezes o alfabeto, bem devagar, e o senhor, que conhece todas as orações, poderá juntar as letras e formar as orações que não consigo lembrar. E o Senhor disse aos seus anjos: De todas as orações que ouvi hoje, essa foi, sem dúvida, a melhor, porque veio de um coração simples e sincero!

(*Anthony de Mello*, extraído de *La oração de la rana I*)

A criação

A mulher e o homem sonhavam que Deus estava sonhando com eles.

Deus sonhava com eles enquanto cantava e agitava suas maracas, envolto por fumaça, e se sentia feliz e também estremecido pela dúvida e o mistério.

Os índios **makiritare** sabem que se Deus sonha com comida, frutifica e dá de comer. Se Deus sonha com a vida, nasce e dá nascimento.

A mulher e o homem sonhavam que no sonho de Deus aparecia um grande ovo brilhante. Dentro do ovo, eles cantavam e dançavam e faziam muita festa, porque estavam loucos de vontade de nascer. Sonhavam que no sonho de Deus a alegria era mais forte do que a dúvida e o mistério; e Deus, sonhando, os criava, e cantando dizia:

– Quebro este ovo e nasce a mulher e nasce o homem. E juntos viverão e morrerão. Mas nascerão novamente. Nascerão e voltarão a morrer e outra vez nascerão. E nunca deixarão de nascer, porque a morte é mentira.

(*Marc de Civrieux*, extraído de *Watunna. Mitología makiritare*)

O tempo

O tempo dos maias nasceu quando não existia o céu nem havia despertado ainda a terra.

Os dias partiram do oriente e começaram a caminhar.

O primeiro dia tirou de suas entranhas o céu e a terra.

O segundo dia fez a escada por onde desce a chuva.

Obras do terceiro foram os ciclos do mar e da terra e a uma porção de coisas.

Por vontade do quarto dia, a terra e o céu se inclinaram e puderam se encontrar.

O quinto dia decidiu que todos trabalhassem.

Do sexto saiu a primeira luz.

Nos lugares onde não havia nada, o sétimo dia pôs terra.

O oitavo cravou na terra suas mãos e seus pés

O nono dia criou os mundos inferiores. O décimo dia destinou os mundos inferiores a quem tivesse veneno na alma.

Dentro do sol, o décimo-primeiro dia modelou a pedra e a árvore.

Foi o décimo-segundo que fez o vento. Soprou vento e o chamou espírito, porque não havia morte dentro dele.

O décimo-terceiro dia molhou a terra e com barro amassou um corpo como o nosso.

Assim se lembra em Yucatán.

(*Demetrio Sodi*, extraído de *La literatura de los mayas*)

Estrela de mar

Certo dia, caminhando pela praia, reparei em um homem que se agachava a cada momento, pegava algo da areia e o lançava no mar. Fazia a mesma coisa uma e outra vez.

Assim que me aproximei percebi que o que o homem agarrava eram estrelas de mar que as ondas depositavam na areia, e uma a uma as jogava de novo no mar.

Intrigado, o interroguei sobre o que estava fazendo, e ele me respondeu:

– Estou lançando estrelas marinhas novamente no oceano. Como você vê, a maré está baixa e estas estrelas ficaram na margem, se não as jogar de novo no mar morrerão por falta de oxigênio.

– Entendo – lhe disse – mas deve haver milhares de estrelas-do-mar sobre a praia. Você não consegue lançar todas, são muitas. E talvez não perceba que isso acontece provavelmente em centenas de praias ao longo da costa... Não está fazendo algo que não tem sentido?

O nativo sorriu, se inclinou e pegou uma estrela marinha e, enquanto a lançava de volta ao mar, me respondeu:

– Para esta, sim, teve sentido!

(Adaptado de *The Star Thrower*, de *Loren Eiseley*)

-> Indice

O milho

Os deuses fizeram de barro os primeiros **maias-quiches**. Duraram pouco. Eram moles, sem força; se desmoronaram antes de caminhar.

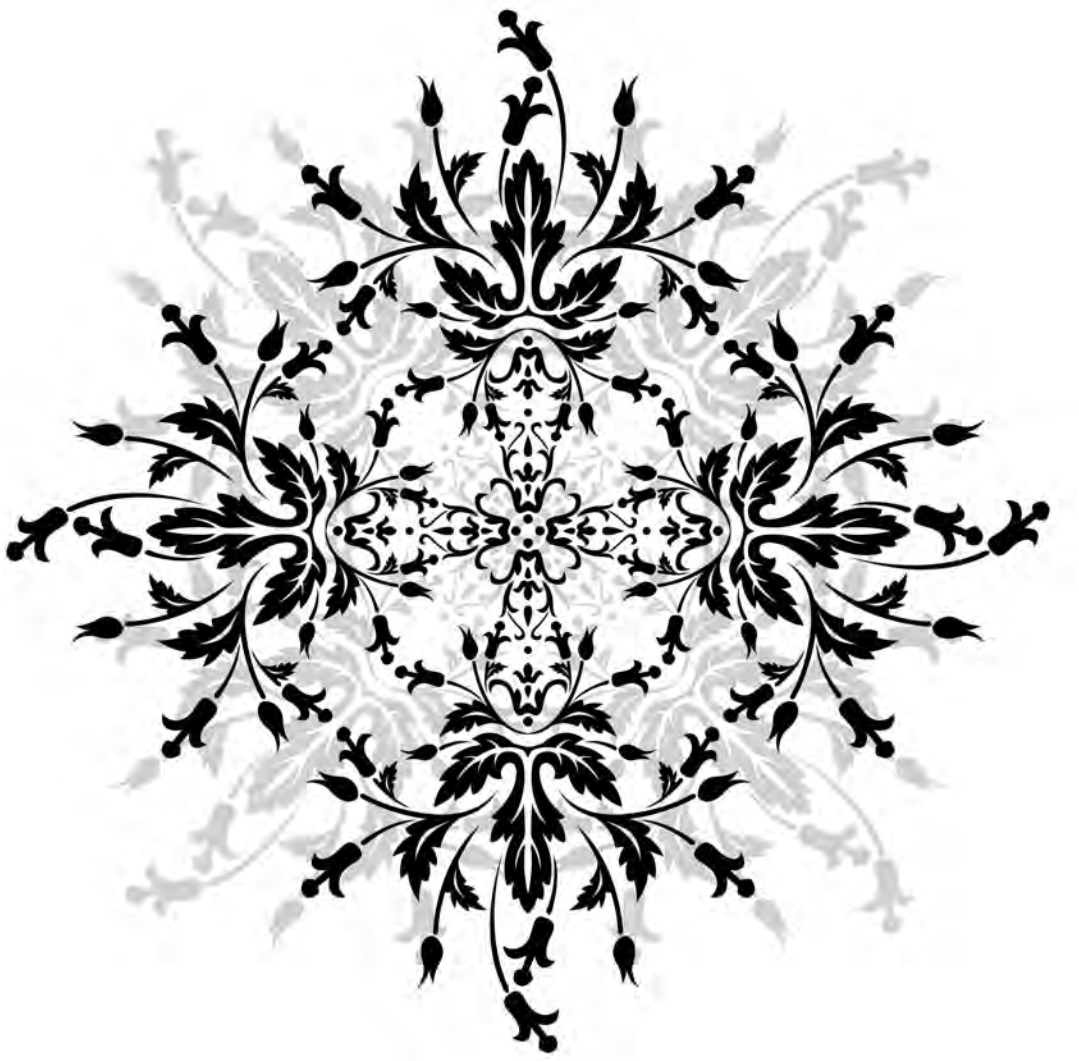
Depois tentaram com a madeira. Os bonecos de pau falaram e andaram, mas eram secos: não tinham sangue nem substância, memória nem rumo. Não sabiam falar com os deuses, ou não encontravam nada para lhes dizer.

Então os deuses fizeram de milho as mães e os pais. Com milho amarelo e milho branco amassaram sua carne.

As mulheres e os homens de milho viam tanto quanto os deuses. E seu olhar se estendia por todo o mundo.

Os deuses soltaram vapor e lhes deixaram os olhos nublados para sempre, porque não queriam que as pessoas vissem além do horizonte.

(*Adrián Racinos*, extraído de *Popol Vuh. Las antiguas histórias de Quiché*)



A fábula do beija-flor

Relata a fábula que havia uma imensa floresta onde viviam milhares de animais, vivendo todos em paz e desfrutando daquele lugar maravilhoso. Num certo dia, uma enorme coluna de fumaça foi avistada ao longe e, em pouco tempo, embaladas pelo vento, as chamas já eram visíveis através das copas das árvores. Os animais, para se salvarem do incêndio, começaram a correr, fugindo... Eis que, naquele momento, uma cena muito estranha acontecia. Um beija-flor voava da cachoeira ao fogo, levando gotas d'água em seu pequeno bico, tentando amenizar o grande incêndio. O elefante, admirado com tamanha coragem, aproximou-se e perguntou ao beija-flor:

– Seu beija-flor, o senhor está ficando louco? Não está vendo que não vai conseguir apagar esse incêndio com gotinhas d'água? Fuja enquanto é tempo! Não percebe o perigo que está correndo? Se retardar a sua fuga, talvez não haja mais tempo de salvar a si próprio! O que você está fazendo de tão importante?

E o beija-flor respondeu:

– Sei que apagar este incêndio não é apenas problema só meu, senhor elefante. Eu apenas estou fazendo a minha parte! Preciso deste lugar para viver e estou dando a minha contribuição para salvá-lo! O senhor elefante tem razão quando diz que há mesmo um grande perigo em meio àquelas chamas, mas acredito que se eu conseguir levar um pouco de água em cada voo que fizer da cachoeira até lá, estarei fazendo o melhor que posso para evitar que nossa floresta seja destruída. Em menos de um segundo, o enorme animal marchou rapidamente atrás do beija-flor e, com sua vigorosa capacidade, acrescentou centenas de litros d'água às pequenas gotinhas que ele lançava sobre as chamas.

Notando o esforço dos dois, em meio ao vapor que subia dentre alguns troncos carbonizados, outros animais lançaram-se para a cachoeira, formando um imenso exército de combate ao fogo. E venceram o incêndio... Ao cair da noite, os animais da floresta estavam exaustos pela dura batalha vivida, mas vitoriosos porque permaneceram sobre a relva que duramente haviam protegido.

(*León Cadogan, versão*)

A consciência

Quando baixavam as águas do Orenoco, as canoas traziam os **caribes** com seus machados de guerra.

Ninguém podia com os filhos do jaguar. Arrasavam as aldeias e faziam flautas com os ossos de suas vítimas.

Não tinham medo de ninguém. Só tinham pânico de um fantasma que havia brotado de seus próprios corações.

Ele os esperava atrás dos troncos. Ele quebrava as pontes e colocava no caminho cipós enredados que os faziam tropeçar. Viajava de noite; para despistá-los, pisava ao contrário. Estava na colina que desprendia a rocha, na lama que se afundava sob os pés, na folha da planta venenosa e no roçar da aranha. Ele os desmoronava soprando, lhes dava febre pelas orelhas e lhes roubava suas sombras.

Não era a dor, mas doía. Não era a morte, mas matava. Chamava-se Kanaima e havia nascido entre os vencedores para vingar os vencidos.

(*María Manuela de Cora*, extraído de *Kuai-Mare, Mitos aborígenes de Venezuela*)

O templo no bosque

Era uma vez um bosque em que os pássaros cantavam de dia e os insetos de noite. As árvores cresciam, as flores prosperavam e criaturas de todos os tipos se reproduziam livremente.

Tudo que entrava ali se via levado à Solidão, que é o lar de Deus, que habita no silêncio e na beleza da Natureza.

Mas chegou a Idade da Inconsciência, justamente quando os homens viram a possibilidade de construir arranha-céus e destruir em um mês rios, bosques e montanhas. Foram levantados edifícios para o culto com a madeira do bosque e com as pedras do subsolo florestal. Pináculos, agulhas e minaretes apontavam para o céu e o ar se encheu com o som dos sinos, de orações, cânticos e exortações.

E Deus se encontrou de repente sem lar.

(*Anthony De Mello*, *La oração de la rana I*)

O colibri

A aurora cumprimenta o sol. Cai a noite e ainda trabalha. Anda zumbindo de ramo em ramo, de flor em flor, veloz e necessário como a luz. Às vezes duvida e fica imóvel no ar, suspenso; às vezes voa para trás, como ninguém consegue. Às vezes anda bebadozinho, de tanto beber o mel das coroas. Ao voar, lança relâmpagos de cores.

Ele traz as mensagens dos deuses, se faz de raio para executar suas vinganças e sopra as profecias ao ouvido dos profetas. Quando morre uma criança **guarani**, ele resgata sua alma, que jaz no cálice de uma flor, e a leva em seu longo bico de agulha, em direção à Terra sem Mal. Conhece esse caminho desde o princípio dos tempos. Antes que nascesse o mundo, ele já existia: refrescava a boca do Primeiro Pai com gotas de orvalho e acalmava a fome com o néctar das flores.

Ele conduz a longa peregrinação dos **toltecas** à cidade sagrada de Tula, antes de levar o calor do sol aos **astecas**.

Como capitão dos chontais, plana sobre os acampamentos inimigos, mede a sua força, desce em rasante e dá morte ao chefe enquanto dorme. Como sol dos quechíes, voa até a lua, a surpreende em seu aposento e faz amor com ela.

Seu corpo tem o tamanho de uma amêndoa. Nasce de um ovo não maior que um feijão, dentro de um ninho que cabe em uma noz. Dorme no abrigo de uma folhinha.

(*León Cadogan*, *La literatura de los guaraníes*)

A dama ou o tigre?

Havia antigamente um Rei bárbaro e criativo que inventou uma forma estranha de fazer justiça nos casos importantes: convocava o povo ao anfiteatro e colocava o acusado na arena. O réu se deparava com duas portas hermeticamente fechadas. Atrás de uma delas estava uma dama, da outra um tigre. Ele abria uma das duas portas, selando assim sua sorte: se abrisse a da dama, deveria casar-se com ela, mesmo que já fosse casado; se abrisse a outra... já sabemos o que aconteceria. Falta dizer que o pobre réu não tinha qualquer oportunidade de prever qual das portas era a do tigre e qual era a da dama.

Esse Rei tinha uma linda filha, que era a menina de seus olhos. E, como nas histórias de amor mais complicadas, um plebeu (homem de baixa linhagem) apaixonou-se pela filha do Rei e era por ela correspondido. O Rei, ao saber desse amor proibido, ordenou a prisão do namorado de sua filha e marcou a data para que o infeliz comparecesse à arena e enfrentasse a justiça incerta dessa estranha forma de julgar os culpados. O Rei escolheu o tigre mais forte e feroz que havia em seu extenso reino e também a mulher mais bela de toda a sua população.

Chegou o dia marcado. Devemos advertir que a filha do Rei tem privilégios: logo descobriu em que porta estava o tigre e em que porta estava a dama. Mas o caso se complicou porque a Princesa também descobriu quem era a dama destinada a seu namorado, caso ele sobrevivesse ao julgamento fatídico. Essa donzela era uma camponesa graciosa, quase tão bela e inteligente quanto ela. Isso fez o coração da Princesa escurecer. Para ela, seria horrível que seu amado fosse destroçado pelo animal feroz, mas pior ainda ela se sentia ao pensar em seu amado nos braços da bela camponesa.

No dia do julgamento, o jovem pretendente entrou na arena. Caminhando de forma decidida e orgulhosa, dirigiu-se ao camarote principal, onde o Rei presidia o evento acompanhado da Princesa. Fixou seus olhos nos olhos de sua amada e imediatamente confirmou o que pressentia: a Princesa sabia claramente em que porta estava a morte e em que porta estava a dama.

Com um gesto discreto, o rapaz perguntou à filha do Rei qual porta deveria abrir. Sem que ninguém percebesse, a Princesa fez um leve movimento com a mão direita indicando a seu amado a porta que deveria abrir. Ele captou imediatamente o gesto imperceptível da princesa e, com firmeza, encaminhou-se para a porta esquerda.

O problema da decisão da Princesa deve ser considerado com inteligência e sensatez, já que o narrador desta história não pretende ser a única pessoa capaz de resolver o dilema. Por isso abro a discussão, para que todos vocês respondam: quem saiu pela porta aberta, a dama ou o tigre?

(Adaptação do conto *A dama ou o tigre?*, do escritor norte-americano Frank R. Stockton, (1834 –1902))

Estudos de casos

Os educadores e os facilitadores podem utilizar estudos de casos baseados em situações e em pessoas da vida real como material para discussões sobre questões e situações éticas que afetam a dignidade das pessoas e os direitos humanos. Estudos de casos bem redigidos podem conduzir as crianças e os adolescentes a um outro mundo, que é descrito a partir do ponto de vista da pessoa envolvida. Os estudos de casos servem também para apresentar questões que são familiares aos participantes, o que pode ajudá-los a refletir sobre suas próprias situações sem a necessidade de identificá-las.

Por meio dos estudos de casos, as crianças e os adolescentes analisam uma situação que tanto lhes pode ser relativamente familiar como completamente desconhecida. Os estudos de casos podem ser um instrumento importante para desenvolver a empatia, já que a informação é apresentada do ponto de vista da pessoa afetada e não simplesmente como um "relato noticioso". Pensar sobre o estudo de caso e as opções apresentadas pode contribuir para estabelecer uma forte identificação com o tema.

O uso de estudos de casos estimula o pensamento crítico e as habilidades analíticas, desenvolvendo a capacidade das crianças e dos adolescentes de fazer perguntas e discutir alternativas. Os estudos de casos também ajudam os participantes a examinarem suas próprias atitudes e comportamentos através da vida dos outros.

Os estudos de casos não requerem necessariamente uma solução; eles descrevem uma situação que talvez já tenha um "final" ou conclusão. Geralmente o material que aparece nesses estudos é extraído da vida real.

Se você utilizar um estudo de caso sobre a violência contra as crianças, poderá recorrer ao material reunido no Relatório Mundial sobre a Violência contra as Crianças.[2]

2 Estudo do Secretário-Geral das Nações Unidas sobre a Violência contra as Crianças. http://www.violencestudy.org/r236

-> Indice

Estudo de caso 1 – A história de Ana

"Eu morava no Alto Baudó até quarta-feira, 5 de fevereiro, dia em que resolvi deixar a aldeia para me refugiar em Esmeraldas, Equador. Chamo-me Ana.

Na véspera, eram 6 da manhã, chegaram ao povoado integrantes de um grupo armado que atua na região e nos chamaram todos para uma reunião. Entre os assistentes estava Andrés, meu irmão. Tiraram-no da reunião e começaram a maltratá-lo, acusando-o de colaborar com o outro bando. Andrés tentou se explicar, mas não o deixaram. Mataram-no com um tiro de fuzil na cabeça. Deixou uma esposa de 20 anos e três garotos.

Eu tive mais sorte: salvei minha vida! Mas deixaram claro que eu deveria ir embora e que se pegassem minha filha, eles a matariam! Foi o que disseram.

Tenho 49 anos e oito filhos. Um que estudava em Quibdó foi embora com um grupo armado, o mesmo grupo que me ameaçou e matou meu irmão. E essa filha que foi embora com o outro bando. Imaginem o dia em que esses dois se encontrarem frente a frente! Que tristeza é a guerra!

Então, sem ter tempo sequer de pegar uma roupa, fui embora com meus seis filhos menores, minha cunhada e meus sobrinhos. Preferi escapar e deixar tudo o que tinha em vez de ficar à mercê dos grupos armados que desde 2001 brigam pelo controle da região.

Nas outras vezes, a briga não havia chegado ao povoado e nós nos escondíamos nas fazendas ou na montanha até que passasse o momento crítico. Às vezes esperávamos até dois meses. Mas o que aconteceu agora foi horrível: os dois grupos entraram em combate no próprio povoado, ameaçaram as pessoas e até mataram uma. Um bando também pegou um inimigo e, depois de matá-lo e destroçá-lo, o jogaram no rio. A situação estava muito perigosa e decidimos fugir do Alto Baudó.

Cheguei com meus seis filhos a Esmeraldas. Não foi fácil. Temos medo de que nos tirem daqui. Eu vendo frutas e o que ganho dá para pagar um quartinho onde vivo com meus filhos. Um dos meus filhos trabalha como mensageiro, mas não o pagam há três meses. Jorge, de 19 anos, foi preso na semana passada porque o acusaram de ter roubado um relógio. Mas é que não tínhamos o que comer.

Os outros não conseguiram trabalho. Às vezes os vizinhos nos chamam de narcotraficantes, guerrilheiros, e até nos tratam mal, mas prefiro isso a voltar para a Colômbia para viver na guerra. Eu não acho que o governo colombiano vai solucionar esse problema. Nunca regressarei a meu povoado enquanto estes grupos armados estiverem na região. Encontramos refúgio em Esmeraldas. Do que vamos viver? Não sei, mas que opções tenho? Estou preocupada com minhas crianças menores: não há vagas nas escolas estaduais e eu não posso pagar seus estudos em uma escola privada. O que vão fazer o dia todo?"

> O que você sente por Ana?
> O que Ana poderia fazer para melhorar sua situação e a de seus filhos?
> A quem poderia pedir ajuda?
> O que você faria se estivesse na situação de Ana?
> Há pessoas como Ana em sua cidade?
> Você poderia ajudá-las de alguma maneira? Como?

Estudo de caso 2 – Em busca de melhores oportunidades

Jaime é um pai de família que trabalhava com construção e ganhava o suficiente para sustentar sua família. Com a crise econômica e a violência em seu país, o setor da construção se deteriorou e muitas pessoas foram afetadas por essa situação. Jaime foi demitido depois de dez anos de trabalho na empresa de construção que o empregava. Durante um ano, Jaime procurou trabalho, mas não encontrou nada. Sua esposa Cláudia decidiu buscar trabalho como empregada doméstica para ajudar a pagar os gastos da casa e a escola de seu filho Carlos.

A situação ficou mais difícil; mesmo com o trabalho de Cláudia, o dinheiro não era suficiente. Um amigo de Jaime o aconselhou a ver outras opções fora do país. Nessa ocasião, muitos saíam e cruzava a fronteira para buscar um futuro melhor. Não era fácil, mas era muito melhor que ficar nessa situação. Jaime não tinha certeza, porque começar do zero em outro país e deixar sua família não era fácil para ele, mas a situação econômica era crítica.

Depois de muito pensar, Jaime e sua esposa Cláudia chegam à conclusão de que o melhor era que ele se vá. Para isso, Jaime teria que pegar o pouco de dinheiro que a família ainda tinha. Jaime promete a Cláudia que encontrará um trabalho rápido e mandará dinheiro para ela e para Carlos.

Passam-se alguns meses e Cláudia não sabe nada de Jaime. Sua situação econômica se complica e Cláudia se vê obrigada a conseguir outro trabalho de noite e nos finais de semana. Carlos já quase não vê sua mãe e nada sabe nada de seu pai nos últimos meses. Essa situação afeta seu rendimento escolar e emocional e Carlos começa a faltar à escola e a sair com um grupo de jovens de seu bairro que consome drogas.

A professora de Carlos percebe a mudança drástica em seu comportamento e rendimento acadêmico e fala com Cláudia, que não entende o que acontece com Carlos e, ao falar com a professora, começa a chorar. Ela diz que tudo melhorará quando Jaime começar a enviar dinheiro.

Entretanto, a situação não mudou para Cláudia. Carlos não quis voltar para a escola; pelo contrário, refugiou-se ainda mais com seus amigos, em quem encontrava companhia, apoio e distração. Depois de alguns meses, Carlos entrou no negócio de venda de drogas e fugiu de sua casa. De seu pai não se soube mais nada.

- Você acha que Carlos poderia ter evitado unir-se a esse grupo de jovens?
- Você acha que Carlos tinha outras opções? Quais?
- O que você acha que Cláudia poderia ter feito para não ficar fora de casa o dia todo?
- Você acha que a escola poderia ter ajudado Cláudia ou Carlos?
- Você acha que Jaime tinha outras opções?
- Você conhece o caso de outros jovens que tenham passado por situações semelhantes ou que tenham se refugiado nas drogas? O que os levou a isso?
- Qual é o papel da família e dos amigos numa situação como esta?
- Se sua família estivesse em uma situação econômica semelhante e seus pais tivessem que se ausentar, qual seria a sua responsabilidade? A quem poderia pedir ajuda?

-> Indice

Estudo de caso 3 – O caso de Oscar

Oscar é um excelente estudante e um dos melhores jogadores de futebol de sua escola. Em sua casa, sempre é muito educado e ajuda seus pais nas tarefas domésticas. Seus amigos e conhecidos o chamam "o negro" devido à cor de sua pele. Oscar é de uma família modesta e trabalha nos fins de semana com sua mãe no mercado para ajudar nos gastos de sua família.

Um dia, o diretor da escola comunica a Oscar e à sua mãe que talvez Oscar ganhe uma bolsa para continuar seus estudos de ensino médio em uma escola privada que fomenta a prática dos esportes para os estudantes, onde Oscar teria a possibilidade de receber treinamento adequado e especializado em técnicas de futebol. Oscar mostra grande interesse e sua mãe pensa que é uma excelente oportunidade para ele.

Oscar ingressa na nova escola, mas os primeiros dias são muito difíceis para ele. Nas aulas, é participativo e ágil, mas isso incomoda os outros estudantes, que riem e murmuram toda vez que Oscar participa. A maioria dos estudantes pertence a famílias de classe alta e sempre levam para a escola jogos eletrônicos e fazem alusão a jogos de que Oscar nunca ouviu falar. Oscar não sabe como interagir com seus companheiros.

Oscar vai aos treinamentos de futebol toda semana e trabalha duro. Depois de um mês, o treinador o nomeia titular da equipe graças à rapidez e à agilidade de Oscar no campo de futebol. Mas seus companheiros de equipe não desejam jogar com ele e o ignoram completamente, às vezes escondem seu uniforme ou sua chuteira, e o insultam com comentários racistas. Oscar acredita que com o tempo a situação mudará e decide não dizer nada ao treinador ou à sua mãe.

A situação não muda e Oscar se sente rejeitado e sozinho na escola, o que afeta seu desempenho nos jogos de futebol. Os jogos intercolegiais começam e Oscar pede ao treinador que não o coloque para jogar. Entretanto, o treinador sabe que Oscar é um excelente jogador e deve estar nos jogos. Em um dos jogos, Oscar faz um gol contra e a equipe perde, o que causa a eliminação da equipe para as semifinais.

Dias depois, alguns estudantes esperam por Oscar na saída do colégio, batem nele e o insultam. Depois de ficar hospitalizado por três semanas, Oscar nunca mais voltou ao colégio.

- Oscar poderia ter feito algo a respeito da situação?
- Você acha que foi uma boa decisão entrar nessa escola privada, conhecendo as diferenças econômicas entre Oscar e seus companheiros?
- Você acha que os comportamentos dos companheiros de Oscar são aceitáveis? Por que agiram dessa forma?
- O que você acha que o treinador poderia ter feito?
- O que podemos fazer quando nossos direitos são violados?
- Como podemos nos defender e nos fazer respeitar de forma pacífica?
- Você conhece algum caso de discriminação em sua escola ou bairro? Você pode fazer algo a respeito?

Estudo de caso 4 – Essa gente que vem de fora!

Carlos Andrés nasceu em Villa Montes, uma pequena cidade boliviana perto da fronteira com a Argentina, e acaba de completar 24 anos. Faz cinco anos que vive sem papéis legais em San Salvador de Jujuy, cidade do norte da Argentina. Não tem um trabalho estável, mas se defende como vendedor ambulante de mercadorias chinesas. Economizando, conseguiu adquirir uma moto.

Ángela, uma bonita jovem de 18 anos nativa de Jujuy, venceu os preconceitos e há um ano sai ocasionalmente com Carlos Andrés, escondida de sua família. Ángela tem medo dos seus três irmãos, sobretudo de Jorge, o mais velho, que a proibiu terminantemente de se envolver com "esse índio desgraçado".

Ángela aparece grávida de três meses e se nega a dizer quem é o pai. Jorge, sem pensar duas vezes, espera Carlos Andrés na entrada da casa onde ele aluga um pequeno quarto. Quando Carlos Andrés desce de sua moto, Jorge o apunhala pelas costas, toma sua moto e foge velozmente.

Jorge é engenhoso: leva a moto até um precipício, joga-a no fundo do vale e volta para sua casa. Carlos Andrés está no hospital e sua vida corre perigo. Jorge se dirige à Delegacia e testemunha que presenciou o assalto: conta que o indígena foi assaltado por dois homens, que o apunhalaram para roubar a moto. Insiste que presenciou o fato mas não agiu em defesa da vítima por medo de ser agredido pelos ladrões.

Enquanto isso, Ángela sente amarga tristeza pelo que aconteceu a seu amigo, mas não suspeita quem possa ter cometido o crime. Depois de quatro dias, Carlos Andrés morre. Ángela confessa à sua família que o pai de seu futuro filho é um professor de seu colégio, onde ela cursa o último ano de estudos.

Passam os dias e os meses e Ángela dá à luz uma preciosa criança. O professor de Ángela nega sua paternidade e Jorge continua sua vida como se nada tivesse acontecido. A jovem mãe batiza seu filho com o nome de Carlos Andrés, em homenagem a esse boliviano que sempre foi seu amigo, leal e respeitoso. Seu irmão Jorge não pode dizer nada a respeito, mas sua consciência ainda o impede de esquecer que não só cometeu um crime, como foi também o artífice de um imenso engano.

- Pode-se justificar de alguma forma o que Jorge fez?
- Se Jorge não concordava com a amizade de Carlos Andrés e Ángela, você acha que havia outras formas de deixar isso claro à sua irmã?
- Que preconceitos temos de outras pessoas?
- Que alternativas não violentas existem para resolver situações de conflito?

Dilemas morais

Um dilema moral descreve uma situação que é necessário resolver. Quando um problema é um dilema, isso significa que há diferentes soluções, mas todas parecem insatisfatórias, seja a curto ou a longo prazo. A solução de um dilema frequentemente envolve questões éticas complexas.

Aqui estão algumas diretrizes para construir seus próprios dilemas morais:

> É importante que o dilema se refira a uma situação em que os participantes tenham que tomar suas próprias decisões. Lembre-se da importância de deixar que os próprios jovens escolham.
> Descreva uma situação que ofereça oportunidades de ignorar as regras.
> Apresente uma situação em que os participantes tenham que questionar o que é certo e errado.
> Conduza-os a um ponto em que a melhor solução pareça ser aquela que os beneficia mas também afeta outras pessoas.

Dilema moral 1 – Amizade

Jorge e Laura são bons amigos. A família de Laura enfrentou dificuldades econômicas nos últimos meses e seus pais tiveram que cortar gastos. O pai de Laura perdeu o trabalho por problemas de saúde e sua mãe não trabalha. Laura quer comprar um lindo vestido para a festa do colégio, na qual, segundo Laura, todas as meninas estarão usando roupas novas. Seus pais disseram que não têm dinheiro para comprá-lo e que ela poderia pedi-lo emprestado a suas primas.

Jorge e Laura visitam uma loja e Laura prova um vestido maravilhoso que quer comprar. Entretanto, como Laura não tem dinheiro, não é possível comprá-lo. Jorge, comovido pela tristeza de Laura, lhe propõe que leve o vestido sem pagá-lo. Laura o questiona sobre como seria difícil e sobre a possibilidade de serem apanhados. Ela diz que não é certo roubar e que é um vestido muito caro. Jorge lhe diz para deixar de ser moralista e que ele mesmo vai guardá-lo em sua mochila e sairá primeiro da loja. Laura tenta convencer Jorge, mas não consegue. Quando Jorge sai da loja, o alarme dispara e ele sai correndo com o vestido sem ser visto. Laura também tenta sair correndo, mas é segurada pelos empregados da loja.

Laura é interrogada sobre o roubo. O administrador da loja pede que dê o nome de seu amigo, mas Laura não quer dizer o nome e insiste que não o conhece. O administrador diz que se ela não informar o nome, chamará a polícia e seus pais.

Jorge é seu melhor amigo e, se o denunciar, Laura está certa de que perderá sua amizade. Laura acha que não deveria fazer isso porque Jorge pegou o vestido da loja para ela. Entretanto, sabe que se seu pai ficar sabendo do que aconteceu, isso pode afetar sua saúde. Além disso, seus pais ficariam muito decepcionados.

> O que Laura deve fazer?
> Deve mentir para que seu amigo não seja preso?
> Deve denunciá-lo e evitar assim uma decepção para seus pais?
> Você acha que as razões de Jorge para pegar o vestido sem pagá-lo são válidas?
> Jorge deveria ser preso por ter feito algo para beneficiar Laura?

Dilema moral 2 – Tomada de decisões

Os Jogos Olímpicos de Basquetebol serão realizados em sua cidade dentro de quatro meses. Vocês fazem parte da equipe mista do colégio que ganhou as olimpíadas no ano anterior e foi agraciada com uma medalha de ouro por jogo limpo.

Neste ano, infelizmente dois dos melhores jogadores da equipe de vocês, Andrés e Ismael, saíram da equipe por motivos pessoais e a equipe necessita urgentemente de dois substitutos. O treinador estará fora da cidade por três semanas e transferiu à equipe a responsabilidade de selecionar dois novos jogadores, com base em sua própria avaliação coletiva. Entretanto, o treinador fez algumas recomendações: vocês devem certificar-se de que os jogadores selecionados entendem e concordam com as regras da equipe antes de serem aceitos, levar em consideração o equilíbrio de gêneros e escolher os melhores.

Vocês abriram o processo de seleção e somente três pessoas mostraram interesse em fazer parte da equipe. Vocês não têm mais tempo para iniciar um novo processo e decidem realizar o processo de seleção com os que se apresentaram.

Os três candidatos são:

1. Cristina. 14 anos. Nenhuma experiência jogando basquete. Ela gostaria de aprender. Disponibilidade para treinar: 4 dias por semana.
2. Luis Carlos. 16 anos. Três anos de experiência. Fez parte da segunda melhor equipe das olimpíadas do ano passado (foi expulso da equipe por jogo desleal e desde sua expulsão as pessoas comentam que esteve consumindo drogas). Disponibilidade para treinar: todos os dias.
3. Yotam. 15 anos. Um ano de experiência. Disponibilidade para treinar: três dias por semana.

Durante a entrevista, vocês explicam as regras da equipe a todos os candidatos:

1. Os membros da equipe devem ter no mínimo 15 e no máximo 18 anos.
2. Os treinamentos são realizados três vezes por semana e duram três horas.
3. Todos os sábados, a equipe recebe treinamento de liderança. Esses treinamentos são obrigatórios para todos os membros da equipe.
4. Todos os membros devem participar dos acampamentos de construção de equipe realizados no primeiro fim de semana de cada bimestre.
5. As ausências só serão justificáveis em caso de doença ou de problemas familiares.

Cristina disse que ela completará 15 anos em quatro meses e que nas tardes de sexta-feira não poderá comparecer aos treinamentos porque é líder de um grupo juvenil no colégio que se reúne às sextas-feiras.

Luis Carlos não teve nenhum problema com as regras.

Yotam informou que não poderá comparecer aos programas dos sábados. Ele é judeu e pratica o Sabbath. (O Sabbath é um dia de descanso para os judeus e aqueles que o praticam não podem realizar nenhuma atividade física nesse dia.)

> Quem vocês escolheriam e por quê?
> As regras da equipe e as indicações do treinador são suficientes para tomar uma decisão?
> Cristina e Yotam não podem cumprir todas as regras. Se escolherem algum dos dois,

como poderão conciliar a decisão com as recomendações feitas pelo treinador? "Certifiquem-se de que os jogadores selecionados entendem e concordam com as regras da equipe antes de serem aceitos, levem em consideração o equilíbrio de gêneros e escolham os melhores."

> Se vocês decidirem não aceitar Luis Carlos, qual será a razão? A expulsão de Luis Carlos de sua equipe anterior pode ser uma razão suficiente para impedi-lo de fazer parte da equipe de vocês? Os rumores sobre o consumo de drogas podem ser uma razão para não aceitá-lo?

> Se decidirem não aceitar Yotam, qual será a razão?

Dilema moral 3 – Negar um favor

Cláudia e Teresa estão caminhando quando veem que um senhor que está esperando o ônibus deixa cair no chão, sem perceber, 30 reais. Cláudia quer entregar o dinheiro ao senhor antes de pegar o ônibus, mas Teresa diz a Cláudia que não seja boba, que seguramente o pobre senhor nem perceberá que o perdeu. Teresa diz a Cláudia que com esse dinheiro poderia comprar os remédios para sua mãe, que está doente e não pode comprá-los. Cláudia entende que a mãe de Teresa sofreu muito com a doença e que esse dinheiro poderia ajudar a uma boa causa. Entretanto, sente que o senhor também pode precisar dele. Teresa pede que, por favor, não o entregue, dizendo que seguramente 30 reais não são nada para o senhor e ninguém perceberia.

> O que Cláudia deve fazer?

> Você acha que as razões de Teresa são suficientes para pegar os 30 reais?

> Cláudia deveria ajudar sua melhor amiga ou beneficiar alguém que não conhece?

> Cláudia poderia negar à sua melhor amiga um favor, sabendo que beneficiaria imensamente sua mãe?

Dilema moral 4 – Empresas multinacionais

Há alguns anos, a imprensa internacional denunciou que grandes empresas multinacionais (entre elas, algumas das principais marcas de roupas e tênis) utilizavam crianças em suas fábricas instaladas em países do terceiro mundo.

Segundo as reportagens publicadas, as condições de exploração do trabalho nessas fábricas eram escandalosas. Dessa maneira, as empresas conseguiam fabricar o produto a um preço muito menor do que pagariam se essas peças fossem fabricadas em países com legislações que respeitem os direitos humanos e protejam os direitos trabalhistas e sindicais dos trabalhadores.

Algumas destas multinacionais se justificaram argumentando que não fabricavam diretamente as peças, já que concediam a patente (ou seja, subcontratavam a fabricação) a empresas nacionais desses países, que se encarregavam de todo o processo. Elas afirmavam ignorar que nessas fábricas trabalhavam crianças e que fossem violados sistematicamente os direitos trabalhistas; ao que se parece, souberam pela imprensa da exploração econômica e pessoal de seus trabalhadores.

As empresas multinacionais devem conhecer as condições de trabalho das empresas que subcontratam para a fabricação?

Muitas das crianças que trabalham nestas fábricas mantêm suas famílias com o pouco dinheiro que ganham. Que opções terão se forem proibidas de trabalhar nesses lugares?

Se você soubesse que uma empresa multinacional de roupas esportivas adota essas práticas, compraria roupas dessa marca, mesmo que fossem mais baratas e do seu agrado? Justifique sua resposta.

Adaptado de Arca de la Sabiduría. Laureano J. Benítez Grande-Caballero http://sapiens.ya.com/laurecaballero/dilemas_morales.htm

Dilema moral 5 – Puro amor... ou *doping*?

Patrícia é uma das melhores atletas da América do Sul e se prepara para representar seu país nas Olimpíadas da China em 2008. Sua especialidade é o salto em distância. Uma atleta alemã tem o recorde mundial: 893 centímetros, enquanto o recorde de Patrícia só alcança 885 centímetros. Ela trabalha como professora de educação física em uma escola pública de seu país e também dá aulas na Universidade Pública. O treinamento que recebe talvez não seja o mais avançado e a alimentação tampouco é a mais apropriada. Afinal de contas, ela é sul-americana e nossos países não alcançaram ainda o desenvolvimento tecnológico suficiente para conquistar campeonatos mundiais (com honrosas exceções). Ela está consciente de que se ganhasse uma medalha de ouro na China seria transformada na melhor atleta de todos os tempos em seu país e seria reconhecida como heroína nacional.

Ela lutou muito para chegar onde está: 15 longos anos dedicados ao atletismo – Patrícia está prestes a completar 26 anos – durante os quais fez imensos sacrifícios para poder treinar e estudar ao mesmo tempo, renunciando ao que normalmente fazem as adolescentes: namorados, amigas, amigos, balada, noite… Inclusive, já rejeitou duas propostas de casamento para se dedicar por inteiro ao atletismo.

Na universidade, Patrícia conhece um professor de 34 anos, bioquímico, que fez novas investigações sobre plantas endêmicas da região amazônica. Auqui Gabriel – assim se chama o professor de raízes indígenas – se apaixona perdidamente por ela e rapidamente percebe que deve ajudar Patrícia a alcançar sua meta esportiva.

Um mês depois de se conhecerem, a confiança entre os dois é grande. Uma noite, depois do treinamento e a caminho da casa dela, Auqui Gabriel lhe diz:

– Patrícia, sei o que você deve fazer para ganhar sua medalha.
– Não te entendo, amor. Isso é quase impossível. Nem que pudesse me dar algo para poder voar – ela responde.
– Tenho algo parecido. É uma planta sagrada que conheci na selva – ele responde com serenidade.
– Nem pensar. Me acusarão de *doping*. Quero ganhar com meu próprio esforço.
– Vai ganhar com seu esforço. Esta planta só vai dar asas à sua alma. Nunca te farei sofrer porque te amo mais que a minha própria vida – as palavras de Auqui soavam sinceras e sábias. – Deixe-me dar asas à sua alma; assim você vencerá o medo e saltará mais longe. Não é *doping*, é medicina natural para sua alma.

Patrícia deve dar atenção a Auqui Gabriel e usar a planta que ele lhe está recomendando? Se for assim, e Patrícia ganhar o ouro olímpico, será justo o que fizeram? Ela terá ganho com seu próprio esforço? O bioquímico fez bem? Podem existir plantas que permitam "vencer o medo"? O medo pode impedir que uma pessoa chegue mais longe em seus esforços? Por que muitos atletas recorrem ao *doping*? Ganhar o ouro olímpico é a única coisa importante na vida?

Dilema moral 6 – Jornalismo sensacionalista

Um dos negócios mais rentáveis nos últimos tempos é o jornalismo sensacionalista relacionado à chamada "imprensa marrom". As revistas de fofocas ou programas de rádio e televisão onde aparecem celebridades vendem matérias exclusivas milionárias revelando segredos íntimos, assuntos sexuais ou fotografias comprometedoras. Está claro que muitas dessas reportagens atentam diretamente contra a honra e o direito à intimidade de algumas pessoas.

Imagine que você é o diretor de uma cadeia de televisão e tem que autorizar ou proibir a criação de um programa desse tipo. Você sabe que a audiência desses programas é altíssima (o que é um assunto importante para os acionistas da sua empresa, já que aumenta as receitas com anúncios), embora pessoalmente considere imoral vender segredos íntimos de terceiros.

Dentre as seguintes decisões, qual você escolheria e por quê:

> Autorizar o programa, já que o importante é conquistar audiência. Afinal, isso é o que deseja a maioria dos acionistas e são eles que pagam o seu salário.

> Autorizar o programa, argumentando que isso é o que a opinião pública deseja e, portanto, trata-se de uma decisão democrática.

> Proibir o programa por motivos morais.

> Proibir o programa para criar uma imagem de cadeia televisiva séria e assim atrair espectadores contrários a esse tipo de veiculação.

Adaptado de Arca de la Sabiduría. Laureano J. Benítez Grande-Caballero http://sapiens.ya.com/laurecaballero/dilemas_morales.htm

Filmes e vídeos

Filmes e vídeos podem ajudar os participantes a entrar em outro mundo e a aprender sobre as vidas e situações dos outros. Dependendo da habilidade do realizador, os participantes também podem examinar diferentes pontos de vista, as motivações para diferentes ações e a complexidade das situações que enfrentamos.

Os educadores e os facilitadores podem estabelecer facilmente uma comunicação com as crianças e os adolescentes mediante a utilização de filmes ou documentários que apresentem temas da atualidade social. Ver um filme convida os participantes a fazer perguntas sobre a realidade em diferentes partes do mundo, os expõe a questões relacionadas aos direitos humanos e os ajuda a refletir sobre as alternativas não violentas aos conflitos.

Os filmes fazem parte da cultura popular e desempenham uma função importante nas atividades recreativas dos jovens; portanto, podem aproximar as crianças e os adolescentes de um tema da realidade de uma maneira interessante e inspiradora. A discussão sobre um filme pode ajudar os participantes a expressarem seus temores, ideias, sentimentos e compreensão das situações. Um aspecto adicional é discutir o papel que os meios de comunicação desempenham em uma cultura consumista.

Selecionamos a lista de filmes a seguir para ajudar os facilitadores e os professores a utilizar filmes relacionados aos direitos humanos, à educação sobre a paz e à aprendizagem intercultural e inter-religiosa. Eles são classificados segundo os critérios da Motion Picture Association (MPA), que leva em conta tema, linguagem, violência, nudez, sexo e uso de drogas, entre outros fatores, para tomar uma decisão sobre a classificação. Um grupo de pais e mães geralmente é encarregado da classificação, o que pode ser um bom guia para tomar uma decisão sobre a adequação de um filme para a faixa etária do grupo com o qual você está trabalhando. Alguns filmes não estão classificados pela MPA; nesses casos, a decisão de utilizar ou não o filme depende do facilitador.

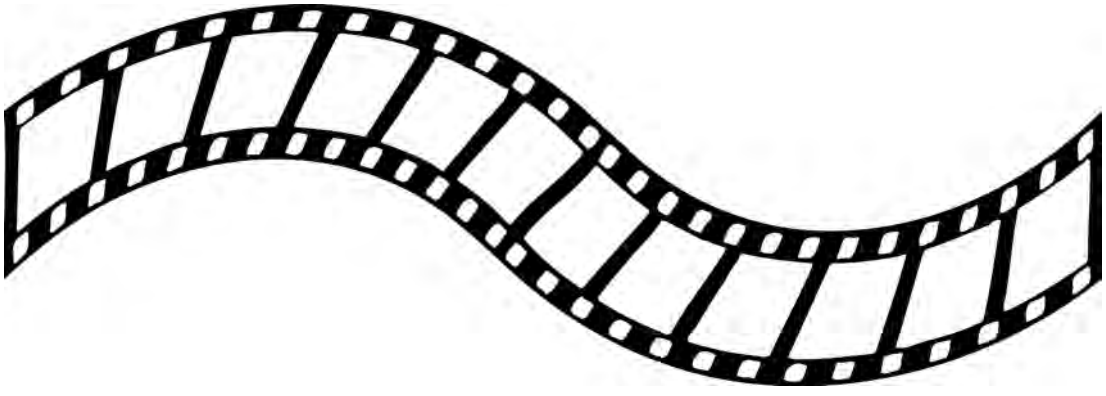
Os filmes estão classificados da seguinte forma:

G Público em Geral, adequado para todas as idades.

PG Orientação dos Pais Sugerida, parte do material pode ser inadequado para crianças.

PG-13 Aviso Enérgico aos Pais, parte do material pode ser inadequado para menores de 13 anos.

R Restrito, menores de 17 anos devem ser acompanhados por seus pais ou por um adulto responsável.



-> Indice

NC-17 Proibido para menores de 17 anos.

Nome	Diretor	Classificação	Breve descrição
Hotel Ruanda (Hotel Rwanda)	Terry George	PG-13 – Violência, algumas imagens e a linguagem podem ser fortes	Hotel Ruanda narra a exemplar história de um herói da vida real, Paul Rusesabagina (Don Cheadle), gerente de um hotel de Ruanda que recorreu à sua coragem e astúcia para salvar mais de mil refugiados da morte certa durante a guerra civil entre tutsis e hutus. Enquanto o resto do mundo fechava os olhos, Paul abria seu coração e demonstrava que um homem bom pode mudar as coisas.
Gandhi	Richard Attenborough	G	Mahatma Gandhi não foi um militar, nem um grande governante, sequer um grande intelectual, mas se transformou em um símbolo de paz, conseguindo o que outros não haviam conseguido antes. Uma obra épica que retrata o pensamento e alma de um homem que forneceu esperança ao seu povo através de um modo de sentir e de viver diferente, o único caminho que conhecia para conquistar o tesouro maior do ser humano: a liberdade.
Ilha das Flores	Jorge Furtado	Documentário	O curta mostra como a economia gera relações desiguais entre os seres humanos. O filme descreve como os seres humanos, numa escala de prioridade, se encontram depois dos porcos. Recebeu o Prêmio Margarida de Prata (CNBB), como melhor curta brasileiro do ano em 1990. Em 1995, Ilha das Flores foi eleito pela crítica europeia como um dos 100 mais importantes curtas-metragens do século.
Diários de motocicleta	Walter Salles	R – Linguagem forte	É uma adaptação do diário escrito por Ernesto "Che" Guevara de la Serna quando tinha 23 anos. O filme mostra suas viagens através da América do Sul com seu amigo Alberto Granado em uma motocicleta Norton 500. Em sua rota, foram à província argentina de Córdoba, a Buenos Aires, à Patagônia, à cidade chilena de Valparaíso, ao deserto de Atacama, a Machu Picchu e à colônia San Pablo, o maior leprosário da América Latina. Diários de motocicleta não é a história da radicalização de um revolucionário, é a crônica de um jovem que abandona seu lar e experimenta e é despertado pelo mundo à sua volta.
Diamante de sangue (Blood Diamond)	Edward Zwick	R – Cenas de violência e linguagem forte	Em 1999, Serra Leoa se encontra no meio de uma guerra civil. Leonardo Di Caprio interpreta um contrabandista de pedras preciosas cujo lucro financia terroristas e rebeldes. Sua vida mudará ao se encontrar com um granjeiro cujo filho desapareceu, unindo-se a um exército de crianças soldados.

Nome	Diretor	Classificação	Breve descrição
Madre Teresa: em nome de Deus (Mother Teresa: In the Name of God's Poor)	Kevin Connor	G	1946, Calcutá. A irmã Teresa é professora de geografia no convento de Loreto. Consciente dos privilégios que recebe como representante da igreja, recebe o chamado de Deus: sua vontade é ajudar os mais necessitados.
Central do Brasil	Walter Salles	R – Linguagem violenta	Dora, uma mulher madura que vive dos pequenos golpes que realiza fingindo escrever cartas por encomenda, vê-se obrigada a se responsabilizar por uma criança cuja mãe morre atropelada na própria porta da estação Central do Rio de Janeiro. Depois de tentar em vão se desfazer do garoto, Dora é encarregada de acompanhá-lo por todo o Brasil ao encontro de seu pai. As experiências que acumulam ao longo de dias e quilômetros de penúrias os unirão em uma relação de afeto muito particular.
500 Almas	Joel Pizzini	Documentário	Documentário que discute o delicado processo de reconstrução da memória e da identidade dos índios Guató, tribo nômade dada como extinta. Num recenseamento realizado pelo Império no século 19, a tribo, do Pantanal, somava 500 pessoas. Hoje, o número permanece mais ou menos o mesmo, mas muitos deles estão aculturados, vivendo na periferia das cidades pantaneiras. O número dos que ainda falam a língua nativa não chega a trinta.
A viagem (El viaje)	Fernando E. Solanas	G	Martín mora na Terra do Fogo com a mãe e o padrasto. Depois de muitas reflexões, Martín decide empreender uma viagem pela América Latina em busca de seu pai. Ao longo do trajeto, descobre as carências e os sonhos de todo um continente. Projeta a imagem da cultura latino-americana vista pelos olhos de um jovem sonhador.
Cidade de Deus (Cidade de Deus)	Fernando Meirelles	R – Cenas de violência, drogas e sexo e linguagem forte	Dadinho, Bené e Caneira são jovens delinquentes em uma favela perigosa do Rio de Janeiro, chamada «Cidade de Deus». Buscapé é um dos poucos jovens que não querem compartilhar o destino de todos e, transitando entre a honestidade e a ilegalidade, se transforma em fotógrafo. Para isso, deve, antes de tudo, superar o estigma territorial que pende sobre ele por haver nascido em uma cidade sem Deus.

Nome	Diretor	Classificação	Breve descrição
Bwana	Imanol Uribe	PG	Antonio é um taxista madrileno que chega a uma praia solitária para buscar ostras acompanhado de sua mulher e seus filhos. Ali se encontrarão com Ombassi, um imigrante clandestino que chegou até o litoral acompanhado de seu amigo Yambo. Durante a escura e fria noite, compartilharão do calor do fogo e da esperança dos sonhos, mas a realidade é muito mais dura do que parece. Uma reflexão sobre a xenofobia. Por um lado, a estupidez e a covardia encarnadas em um taxista e sua mulher; por outro, a maldade absoluta representada por um grupo de neonazistas.
À Margem da Imagem	Evaldo Mocarzel	Documentário	Documentário sobre as rotinas de sobrevivência, o estilo de vida e a cultura dos moradores de rua de São Paulo, abordando temas como exclusão social, desemprego, alcoolismo, loucura, religiosidade e, como sugere o próprio título, o roubo da imagem dessas comunidades, promovendo assim uma discussão ética dos processos de estetização da miséria.
A vendedora de rosas (La vendedora de Rosas)	Víctor Gaviria	PG	Mónica tem treze anos e já se rebelou contra tudo. Criou seu próprio mundo na rua, onde luta com coragem para defender o pouco que tem: suas amigas, tão pequenas quanto ela, seu namorado, um traficante de drogas, e seu orgulho, sem concessões a ninguém. Na noite de Natal, como em todas as noites, vende rosas para ganhar a vida e para comprar o sonho de uma balada com roupa nova e uma saída com seu namorado, mas a vida lhe prepara um novo encontro com a solidão, a pobreza, a droga e a morte. Mónica é a outra cara de uma cidade intensa e cruel como Medellín, ou qualquer cidade onde as crianças de rua não têm lugar neste mundo, vivendo o tempo inútil de sua existência.

-> Indice

Nome	Diretor	Classificação	Breve descrição
A Negação do Brasil	Joel Zito	Documentário	O documentário é uma viagem pela história da telenovela no Brasil e particularmente uma análise do papel nelas atribuído aos atores negros, que sempre representam personagens mais estereotipados e negativos. Baseado em suas memórias e em fortes evidências obtidas em pesquisas, o diretor aponta as influências das telenovelas nos processos de identidade étnica dos afro-brasileiros e faz um manifesto pela incorporação positiva do negro nas imagens televisivas do país.
Salaam Bombay	Mira Nair	PG	Descreve o círculo vicioso da pobreza por meio de diversos fatos que ilustram a vida cotidiana na Índia, através do constante sacrifício pela sobrevivência tanto de crianças quanto de adultos. Trabalhos desumanos e até imorais, como a prostituição, a venda de jovens por parte de seus pais, o tráfico de drogas e a violência. A marcada desigualdade entre as poucas famílias ricas e a maioria de gente carente determina o crescimento deste círculo interminável, no qual nascem cada vez mais pessoas condenadas à falta de prosperidade, ao analfabetismo e a um alto risco de mortalidade infantil.
Billy Elliot	Stephen Daldry	P-13	Billy, uma criança de onze anos, filho de um mineiro do norte da Inglaterra, casualmente descobre como sua vida poderia ser diferente depois de se ver fascinado pelos movimentos de algumas bailarinas de sua idade. Decide mudar suas aulas de boxe pelas de balé. A coisa se complica quando a família descobre essa paixão pouco masculina.
O teto do mundo (El techo del mundo)	Felipe Vega	G	Um operário espanhol, viúvo, acaba de conseguir a nacionalidade suíça. Sofre um acidente de trabalho e perde a memória. Suas duas filhas o levam à cidade natal para que se recupere. Uma parábola antirracista que se desenvolve entre Genebra e uma cidadezinha de León.

Nome	Diretor	Classificação	Breve descrição
Escritores da Liberdade (Freedom Writers)	Richard LaGravenese	PG-13 – Algum conteúdo violento	Uma jovem professora recém-formada é designada para dar aulas de idiomas para um grupo de alunos de um instituto em que só há estudantes ruins de zonas marginais. Depois de um mau começo, encontrará a maneira de se aproximar: ela lhes falará de Anne Frank e outros adolescentes menos afortunados que eles, que viveram grandes tragédias e escreveram sobre elas. Conseguirá motivá-los a fazer redações sobre suas experiências cotidianas e configurar assim seus diários pessoais, através dos quais encontrarão a maneira de articular a forma de melhorar suas vidas.
A voz do coração (Les choristes)	Christophe Barratier	R – Linguagem forte e cenas de violência, drogas e sexo	Depois da Segunda Guerra Mundial, Clément Mathieu, professor de música desempregado, aceita um cargo de vigilante em uma escola interna de reeducação de menores. O sistema repressivo aplicado pelo diretor incomoda Mathieu. Pouco a pouco, começa a se aproximar dos meninos, usando a música e o carinho como instrumento para educá-los e formá-los como pessoas.
A língua das mariposas (La lengua de las mariposas)	José Luis Cuerda	R – Fortes cenas de sexo	Em 1936, Don Gregorio transmite a Moncho, com dedicação e paciência, toda a sua sabedoria sobre os conhecimentos, a literatura, a natureza e até as mulheres. Mas a situação é de ameaça política que subsistirá sempre, especialmente quando Don Gregorio é atacado por ser considerado um inimigo do regime fascista. Assim irá se abrindo entre estes dois amigos uma brecha, imposta pela força do contexto que os rodeia. A política e a guerra se interpõem entre as pessoas e desembocam na tragédia.
Oliver Twist	David Lean	PG-13	Adaptação da novela de Dickens. Oliver é uma criança órfã abandonada ainda bebê nas portas do orfanato por uma mãe solteira. Ele se transforma em um peso para o malvado diretor da instituição, que decide vendê-lo a um empresário como aprendiz para sua oficina. Cansado dos maus tratos, foge e se encontra com a companhia de ladrões. Entretanto, depois de várias aventuras, terá a sorte de cair em mãos de pessoas honradas, que o ajudarão a descobrir suas origens.

Nome	Diretor	Classificação	Breve descrição
Kundun	Martin Scorsese	PG-13 – Imagens violentas	Em 1937, uma criança tibetana é escolhida por um grupo de monges para representar seu povo e transformar-se no décimo-quarto Dalai Lama, a mais alta figura do budismo no Tibete. O sistema é severo: a criança de dois anos é arrebatada de sua família e levada ao palácio de Potala para ser educada e preparada para assumir a liderança política e espiritual.
A lista de Schindler (Schindler's List)	Steven Spielberg (1993)	R – Linguagem forte e algumas cenas de sexo e violência	Oskar Schindler (Liam Neeson), um homem de enorme astúcia e talento para as relações públicas, traça um ambicioso plano para ganhar a simpatia dos nazistas mais poderosos. A Alemanha acaba de invadir a Polônia e, graças à sua influência, ele consegue a propriedade de uma fábrica na Cracóvia. Ali emprega centenas de operários judeus, cuja exploração laboral o ajuda a prosperar rapidamente. Seu gerente (Ben Kingsley), também judeu, é o verdadeiro diretor na sombra, pois Schindler não tem o menor conhecimento industrial.
O silêncio da água (Silent Waters)	Sabiha Sumar	PG	Mostra a vida no Paquistão em 1979 sob a lei marcial do General Zia-ul-Haq. Enfoca a vida de Ayesha, uma viúva que dedica sua vida a seu filho Saleem, de 18 anos, que está apaixonado por Zubeida. Saleem se envolve fortemente com um grupo islâmico fundamentalista e deixa Zubeida. Um grupo de sijistas da Índia chega à cidade e um deles busca sua irmã: Ayesha. Isto desperta emoções fortes nela e problemas com seu filho.
Devoção	Sergio Sanz	PG	Do mesmo diretor de Soldado de Deus (2004), o documentário questiona o mito do sincretismo religioso no Brasil. Relativiza esse conceito polêmico e enfatiza a fé, manifestada em um ou em outro sistema de crença, com frequência em ambos. O documentário traz depoimentos de pesquisadores, autoridades do candomblé, freis e devotos do catolicismo, que apresentam um painel dos pontos principais de cada uma das religiões apresentadas.

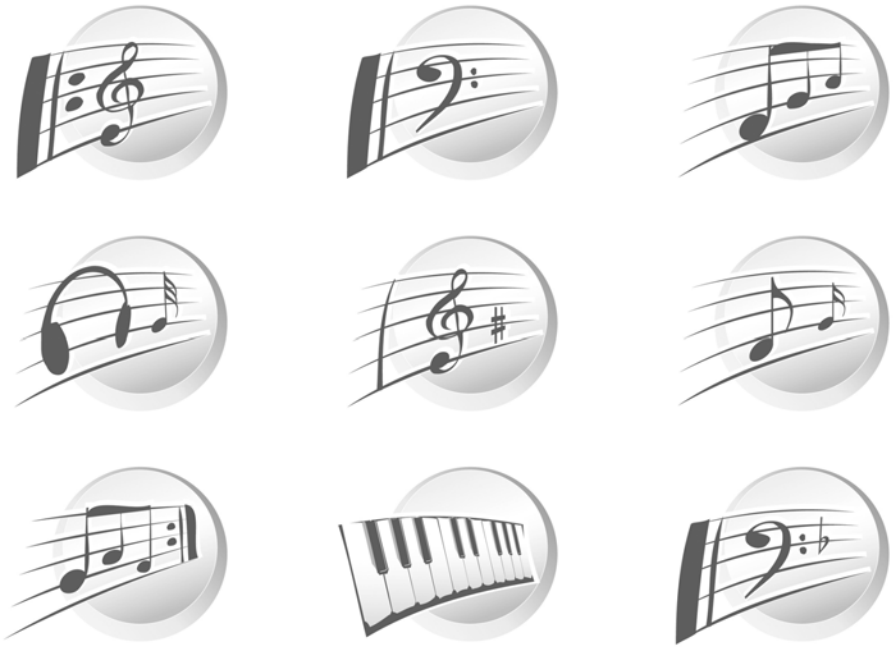
Músicas

O uso da música nos programas educativos estimula a concentração e a criatividade das crianças. Ajuda-as a relaxar e reduz os níveis de tensão que inibem sua aprendizagem. Escutar determinados tipos de música pode desencadear a liberação de endorfinas e produzir um estado tranquilo que leva a uma aprendizagem mais rápida.

Por meio da música, as crianças podem expressar seus sentimentos, recuperar memórias e pensamentos e experimentar sensações de liberdade, tranquilidade e prazer. Ela pode contribuir para melhorar os canais de comunicação não-verbal e promover nas crianças um sentimento de unidade com pessoas que não conhecem. Os professores e facilitadores podem utilizar canções como uma alternativa não violenta de protesto contra as injustiças e a violência.

Escutar uma canção pode gerar discussões sobre questões que são importantes para as crianças e os adolescentes hoje em dia. Pode ajudar a para preparar o espaço para que os participantes se escutem, dialoguem, compartilhem ideias e se relacionem de uma maneira respeitosa.

A seguinte lista de músicas pode ser utilizada no programa de aprendizagem intercultural e inter-religioso para motivar os participantes a aprender sobre as crenças dos outros, sobre outras culturas e outras religiões. Essas músicas podem servir também como ponto de partida para discutir os problemas que ocorrem hoje em dia no mundo, assim como os sentimentos e a falta de compreensão entre as pessoas.



-> Indice

Título da música	Cantor	Álbum	País
A Daniel, un chico de la guerra	Alberto Cortez	Entre líneas, 1985	Argentina
Color esperanza	Diego Torres	Un mundo diferente, 2001	Argentina
Gracias a la vida	Mercedes Sosa	Zamba para no morir, 1966	Argentina
Todo cambia	Mercedes Sosa	Será posible el sur, 1984	Argentina
Los dinosaurios	Charly García	Clics modernos, 1983	Argentina
Sólo le pido a Dios	León Gieco	Cuarto LP, 1978	Argentina
Sobreviviendo	Víctor Heredia	Sólo quiero la vida, 1984	Argentina
O que é o que é ?	Gonzaguinha	Caminhos do coração, 1982	Brasil
Aquarela	Toquinho	Aquarela, 1983	Brasil
Planeta Água	Guilherme Arantes	MPB Shell – Planeta Água	Brasil
Seu sorriso é meu	Scracho	Seu sorriso é meu	Brasil
Mundo da criança	Toquinho	Toquinho no Mundo da Criança, 2005	Brasil
Plegaria de un labrador	Quilapayun	Quilapayun 4, 1970	Chile
Ahí le va	Juanes	Fíjate bien, 2000	Colômbia
500 años después	Hansel Camacho	Verdades, 1992	Colômbia
Bandera de manos	Juanes	La vida… es un ratico, 2007	Colômbia
Raza	Ekhymosis	Ekhymosis, 1998	Colômbia
Derecho humano	Silvio Rodríguez	Mariposas, 1999	Cuba
Más allá	Gloria Estefan	Abriendo Puertas, 1995	Cuba
Yo viveré	Celia Cruz	Regalo del alma, 2003	Cuba
L'estaca	Lluís Llach	Els èxits de Lluis Llach, 1968	Espanha
Niños	Pedro Guerra	Ofrenda, 2001	Espanha
No dudaría	Antonio Flores	Antología, RCA-BMG,1996	Espanha
Si Peter Pan viniera	Ismael Serrano	La traición de Wendy, 2002	Espanha

Título da música	Cantor	Álbum	País
Canto del fogo del pueblo bantú	Martínez Fivee, Rogelio	EDUCA, 1973	Espanha
Himno de la alegría	Miguel Ríos	1969	Espanha
A toda esa gente	Medina Azahara	A toda esa gente,1996	Espanha
Se molestan	Alejandro Sanz	El tren de los momentos, 2007	Espanha
Enséñame tus manos	Alejandro Sanz	El tren de los momentos, 2007	Espanha
La muralla	Ana Belén e Víctor Manuel	Víctor y Ana en vivo, CBS 1983	Espanha
Clandestino	Manu Chao	Clandestino, 1998	França
Fe	Maná	Revolución de amor, 2007	México
Me voy a convertir en un ave	Maná	Sueños líquidos, 1997	México
Desapariciones	Rubén Blades	Buscando América, 1984	Panamá
Canción por la paz	Luis Enrique Ascoy	Hasta cuando salga el sol, 1990	Peru
Visa para un sueño	Juan Luis Guerra	Grandes éxitos, 1995	República Dominicana
Niágara en bicicleta	Juan Luis Guerra	Ni es lo mesmo ni es igual, 1998	República Dominicana
Puedes llegar	Gloria Estefan, Roberto Carlos, Julio Iglesias, Patricia Sosa, Ricky Martin, Carlos Vives, Placido Domingo e outros	Voces unidas, álbum oficial dos Jogos Olímpicos da Atlanta, 1996	Vários países
Cantaré, cantarás	Julio Iglesias, Roberto Carlos, José Feliciano, Maria Conchita Alonso e outros	1985	Vários países

Poemas

A poesia, do grego "πο ησις", *poiesis*, algo que se faz ou se cria, é uma forma de arte na qual a linguagem é usada por suas qualidades estéticas e evocativas além de, ou em lugar de, seu significado aparente.

Ler poesia para as crianças e os jovens lhes proporciona qualidades criativas, artísticas e emocionais de uma maneira que às vezes os livros de contos não conseguem transmitir. O ritmo e a rima oferecem um contexto confortável no qual as crianças podem prever quais serão as novas linhas do poema. Graças a seu ritmo tranquilizador, expressam uma segurança que é essencial para desenvolver a paz e a tranquilidade interior.

Os poemas contribuem para ampliar o significado literal das palavras e evocam respostas emocionais à fantasia ou à realidade. A utilização da ambiguidade, do simbolismo ou da ironia faz com que o poema fique aberto a múltiplas interpretações e, portanto, estimula a criatividade da criança e sua capacidade de buscar diferentes possibilidades.

Os poemas traçam linhas de oposição e absorção, de rejeição e acolhida, de dar e tomar, que colocam a mente frente a contradições que somente têm sentido no contexto do mundo criado pelo poema. Isso melhora a capacidade das crianças de compreender a realidade a partir de perspectivas diferentes, por mais contraditória que essa realidade possa ser.

É possível perceber a poesia como uma conversa única e contínua, um tipo de conto em cadeia que se refere tanto à natureza da poesia quanto à própria vida da pessoa.

Tendo se visto refletida em um poema, a criança pode começar a descobrir as maravilhas do mundo e o poder da poesia. Um poema pode ser memorizado ou cantado, ou transportado momentaneamente em um pequeno compartimento da mente e do coração.

Os poemas podem ser utilizados antes, durante ou depois de atividades de introspecção, ou para introduzir um momento de reflexão e silêncio antes de iniciar o programa.

Crianças

Não há que desesperar dos homens.
Temos ainda - arca de surpresas - os meninos,
e é proibido antecipar a sorte.
Degustam bem-aventurados um naco de melancia,
acomodam-se numa caixa de biscoitos,
aderem ao Carnaval.
Seus olhos profundos indagam:
- Que fazes por mim?
Não sabemos responder - mas os meninos continuam,
esperança de todos os dias, promessas de humanidade.

(*Carlos Drummond de Andrade)*

De todos os modos

As pessoas são irracionais,
inconsequentes e egoístas,
ame-as de todos os modos.
Se fizer o bem, te acusarão de ter
obscuros motivos egoístas,
faça o bem de todos os modos.
Se tiver sucesso e ganhar amigos falsos
e inimigos verdadeiros,
lute de todos os modos.
O bem que fizer hoje
será esquecido amanhã,
faça o bem de todos os modos.
A sinceridade e a franqueza
te fazem vulnerável,
seja sincero de todos os modos.
O que demorou anos para construir
pode ser destruído em uma noite,
construa de todos os modos.
Alguém que necessite ajuda de verdade
pode te atacar se o ajudar,
ajude-o de todos os modos.
Dê ao mundo o melhor que tens
e te golpearão apesar disso,
dê ao mundo o melhor que tens de todos os modos.
Deus conhece nossas debilidades,
e nos ama de todos os modos.

(De um cartaz no muro de Shishu Bhavan, a Casa Infantil de Calcutá.)

Canto do fogo do povo bantu

Fogo que contemplam os homens à noite,
Na noite profunda.
Fogo que ardes sem queimar, que brilhas sem arder.
Fogo que voas sem corpo.
Fogo sem coração, que não conheces
lar nem tens cabana.
Fogo transparente de palmeiras:
um homem te invoca sem medo.
Fogo dos feiticeiros, teu pai onde está?
Tua mãe onde está?
Quem te alimentou?
És teu pai e tua mãe.
passas e não deixas rastros.
A lenha seca não te engendra,
não tens por filhas as cinzas.
Morres e não morres.
A alma errante se transforma em ti,
e ninguém o sabe.
Fogo dos feiticeiros,
Espírito das águas inferiores
e dos ares superiores.
Fogo que brilhas,
vagalume que iluminas o pântano.
Pássaro sem asas, coisa sem corpo,
Espírito da Força do Fogo.
Escuta minha voz:
um homem te invoca
sem medo.

(*Fivee Martínez*, extraído de Rogelio (Seleção) *Poesía Anónima Africana*)

Augusto Cury

Posso ter defeitos, viver ansioso e ficar irritado algumas vezes, mas não esqueço de que minha vida é a maior empresa do mundo. E que posso evitar que ela vá à falência.
Ser feliz é reconhecer que vale a pena viver, apesar de todos os desafios, incompreensões e períodos de crise.
Ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas e se tornar um autor da própria história.
É atravessar desertos fora de si, mas ser capaz de encontrar um oásis no recôndito da sua alma.
É agradecer a Deus a cada manhã pelo milagre da vida.
Ser feliz é não ter medo dos próprios sentimentos.
É saber falar de si mesmo.
É ter coragem para ouvir um não. É ter segurança para receber uma crítica, mesmo que injusta.

Augusto Cury

Desejo que você
Não tenha medo da vida, tenha medo de não vivê-la.
Não há céu sem tempestades, nem caminhos sem acidentes.
Só é digno do pódio quem usa as derrotas para alcançá-lo.
Só é digno da sabedoria quem usa as lágrimas para irrigá-la.
Os frágeis usam a força; os fortes, a inteligência.
Seja um sonhador, mas una seus sonhos com disciplina,
Pois sonhos sem disciplina produzem pessoas frustradas.
Seja um debatedor de ideias. Lute pelo que você ama.

Paulo Coelho

Todos nós já tivemos, de uma maneira ou de outra, experiências difíceis na vida. Isto faz parte de nossa viagem por esta Terra – e embora muitas vezes pensemos que "as coisas podiam ter acontecido de outra maneira", o fato é que não podemos mudar nosso passado.

Por outro lado, é uma mentira pensar que tudo que nos acontece tem o seu lado bom; existem coisas que deixam marcas muito difíceis de superar, feridas que sangram muito.

Como, então, nos livrarmos de nossas experiências amargas?

Só existe uma maneira: vivendo o presente. Entendendo que, embora não possamos mudar o passado, podemos mudar a próxima hora, o que acontecerá durante à tarde, as decisões a serem tomadas antes de dormir.

Como diz o velho provérbio hippie: "hoje é o primeiro dia do resto da minha vida".

-> Indice

Saber Viver

Não sei... Se a vida é curta
Ou longa demais pra nós,
Mas sei que nada do que vivemos
Tem sentido, se não tocamos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser:
Colo que acolhe,
Braço que envolve,
Palavra que conforta,
Silêncio que respeita,
Alegria que contagia,
Lágrima que corre,
Olhar que acaricia,
Desejo que sacia,
Amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo,
É o que dá sentido à vida.
É o que faz com que ela
Não seja nem curta,
Nem longa demais,
Mas que seja intensa,
Verdadeira, pura... Enquanto durar

(Autoria desconhecida)

Da comensalidade

Shibumi é uma palavra japonesa difícil de traduzir. Meu mestre a utilizou certa vez para descrever um jantar simples, mas delicioso, que comemos numa aldeia francesa.

- Os japoneses usam esta palavra para a sua arquitetura - disse ele. - Significa a total simplicidade, de repente quebrada por um arranjo floral, um vaso decorado, um detalhe que enfeita todo o ambiente. Por causa disto, a beleza das casas japonesas - aparentemente vazias - é muito mais sofisticada que a das casas ocidentais, sempre cheias de pratarias, objetos, quadros, confusão visual.

"Um bom guerreiro da luz precisa ter shibumi; simplifica sua vida, mas mantém o detalhe, a elegância, e a delicadeza".

(*Paulo Coelho*)

Das perguntas

Postado por *Paulo Coelho* em 20 de janeiro de 2009 às 00:08

Sempre estamos muito ocupados em procurar respostas que consideramos importantes para compreender o sentido da vida. É muito mais importante viver plenamente, e deixar que o próprio tempo se encarregue de nos revelar os segredos de nossa existência. Se estamos ocupados demais em encontrar um sentido, não deixamos a natureza atuar, e nos tornamos incapazes de ler os sinais de Deus.

Em um remoto bar da Espanha, perto de uma cidade chamada Obite, existe um cartaz escrito por seu dono:

"Justamente quando consegui encontrar todas as respostas mudaram todas as perguntas".

Cada um com seu destino

Um samurai, conhecido por todos pela sua nobreza e honestidade, veio visitar um monge Zen em busca de conselhos. Entretanto, assim que entrou no templo onde o mestre rezava, sentiu-se inferior, e concluiu que, apesar de toda a sua vida lutando por justiça e paz, não tinha sequer chegado perto ao estado de graça do homem que tinha à sua frente.

– Por que estou me sentindo tão inferior? – perguntou, assim que o monge acabou de rezar. – Já enfrentei a morte muitas vezes, defendi os mais fracos, sei que não tenho nada do que me envergonhar. Entretanto, ao vê-lo meditando, senti que minha vida não tinha a menor importância.

– Espere. Assim que eu tiver atendido todos que me procurarem hoje, eu lhe darei a resposta. Durante o dia inteiro o samurai ficou sentado no jardim do templo, olhando as pessoas entrarem e saírem em busca de conselhos. Viu como o monge atendia a todos com a mesma paciência e o mesmo sorriso luminoso em seu rosto. Mas o seu estado de ânimo ficava cada vez pior, pois tinha nascido para agir, não para esperar.

De noite, quando todos já haviam partido, ele insistiu:

– Agora o senhor pode me ensinar?

O mestre pediu que entrasse, e conduziu-o até o seu quarto. A lua cheia brilhava no céu, e todo o ambiente inspirava uma profunda tranquilidade.

– Está vendo esta lua, como é linda? Ela vai cruzar todo o firmamento, e amanhã o sol tornará de novo a brilhar. Só que a luz do sol é muito mais forte, e consegue mostrar os detalhes da paisagem que temos à nossa frente: árvores, montanhas, nuvens. Tenho contemplado os dois durante anos, e nunca escutei a lua dizendo: por que não tenho o mesmo brilho do sol? Será que sou inferior a ele?

– Claro que não – respondeu o samurai. – Lua e sol são coisas diferentes, e cada um tem sua própria beleza. Não podemos comparar os dois.

– Então, você sabe a resposta. Somos duas pessoas diferentes, cada qual lutando à sua maneira por aquilo que acredita, e fazendo o possível para tornar este mundo melhor; o resto são apenas aparências.

(Paulo Coelho)

Quem Morre?

Morre lentamente quem se transforma em escravo do hábito, repetindo todos os dias os mesmos trajetos, quem não muda de marca, não se arrisca a vestir uma nova cor ou não conversa com quem não conhece.
Morre lentamente quem faz da televisão o seu guru.
Morre lentamente quem evita uma paixão, quem prefere o negro sobre o branco e os pontos sobre os "is" em detrimento de um redemoinho de emoções, justamente as que resgatam o brilho dos olhos, sorrisos dos bocejos, corações aos tropeços e sentimentos.
Morre lentamente quem não vira a mesa quando está infeliz com o seu trabalho, quem não arrisca o certo pelo incerto para ir atrás de um sonho, quem não se permite, pelo menos uma vez na vida, fugir dos conselhos sensatos.
Morre lentamente quem não viaja, quem não lê, quem não ouve música, quem não encontra graça em si mesmo.
Morre lentamente quem destrói o seu amor-próprio, quem não se deixa ajudar.
Morre lentamente quem passa os dias queixando-se da sua má sorte ou da chuva incessante.
Morre lentamente quem abandona um projeto antes de iniciá-lo, não pergunta sobre um assunto que desconhece ou não responde quando lhe indagam sobre algo que sabe.
Evitemos a morte em doses suaves, recordando sempre que estar vivo exige um esforço muito maior que o simples fato de respirar. Somente a perseverança fará com que conquistemos um estágio esplêndido de felicidade.

(Martha Medeiros)

A rosa de Hiroxima

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroxima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A anti-rosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada.

(Vinícius de Moraes)

Poema de Natal

Para isso fomos feitos:
Para lembrar e ser lembrados
Para chorar e fazer chorar
Para enterrar os nossos mortos —
Por isso temos braços longos para os adeuses
Mãos para colher o que foi dado
Dedos para cavar a terra.
Assim será nossa vida:
Uma tarde sempre a esquecer
Uma estrela a se apagar na treva
Um caminho entre dois túmulos —
Por isso precisamos velar
Falar baixo, pisar leve, ver
A noite dormir em silêncio.
Não há muito o que dizer:
Uma canção sobre um berço
Um verso, talvez de amor
Uma prece por quem se vai —
Mas que essa hora não esqueça
E por ela os nossos corações
Se deixem, graves e simples.
Pois para isso fomos feitos:
Para a esperança no milagre
Para a participação da poesia
Para ver a face da morte —
De repente nunca mais esperaremos...
Hoje a noite é jovem; da morte, apenas
Nascemos, imensamente.

(Vinicius de Moraes)

-> Indice

Orações pela paz

"Afirmamos, nos opomos e nos comprometemos…"

Durante uma reunião inter-religiosa organizada pelo Conselho Mundial de Igrejas em 2005, um grupo de representantes de diversas religiões se reuniu com uma profunda preocupação sobre o tipo de mundo que deixaremos para nossos jovens e crianças. Estavam profundamente perturbados pela violência generalizada e a cultura da exclusão e a cobiça que predominam no mundo. "Nós, consequentemente", declararam, "reconhecemos a importância crucial que reveste a educação religiosa orientada para transmitir os tesouros de nosso patrimônio às gerações seguintes. É imprescindível que cada comunidade religiosa entenda a necessidade de facultar aos jovens a participação na transformação permanente de sua herança…"

"Buscamos também um processo de aprendizagem que crie uma atitude de inclusão, abertura e compaixão para com os outros, conforme a fé de cada um. Além disso, a nosso ver, é indispensável contar com um entendimento informado das outras tradições religiosas com o objetivo de evitar as concepções deformadas e carregadas de preconceitos que os meios de comunicação divulgam."

Reconhecendo que a relação entre a religião e a violência é um dos temas contemporâneos mais urgentes, o grupo afirmou: "Estamos convencidos de que nenhuma tradição religiosa considera a violência como virtude ou valor religioso, e sabemos que a violência não é a essência de nenhuma religião. Pelo contrário, o amor, a compaixão e a coexistência pacífica são os valores que todas as nossas tradições convidam a respeitar. Em consequência, nos opomos a que se atribua a violência às religiões e velamos para que se atualize o potencial da paz e não-violência, que consideramos valores básicos de nossas tradições".

Compromissos comuns

"Reconhecemos que os desafios mundiais que encaramos são tão grandes que nenhuma de nossas tradições poderá enfrentá-los sozinha, e que, dado nosso empenho por fazer esta luta, nos necessitamos mutuamente. Logo, não façamos separadamente o que podemos fazer juntos. Mediante o discernimento e a atuação conjunta, conseguiremos de verdade descobrir uns aos outros e, através dos compromissos que tenhamos em comum, poderemos crescer juntos. Assim, fazemos as seguintes afirmações e compromissos:

Afirmamos que a natureza humana, constituída de muitos povos, nações, raças, cores, culturas e tradições religiosas, é uma só família humana.

Portanto, **nos opomos** a toda tentativa de imobilizar as tradições religiosas apresentando-as como comunidades mutuamente excludentes.

Comprometemo-nos a aprender mais sobre o outro, a aprender uns dos outros e a nos descobrir e redescobrir em relação ao outro.

Afirmamos que, no centro de nossas tradições religiosas, estão o amor, a compaixão, a abnegação e os valores que sustentam a vida e a vida comunitária.

Portanto, **nos opomos** a todas as interpretações de ensinos religiosos que promovam a inimizade, o ódio ou a exclusão.

Comprometemo-nos a exaltar os ensinos e práticas de nossas tradições religiosas que alimentam a vida e promovem a comunidade.

-> Indice

Afirmamos que a violência e a guerra são incompatíveis com nossos ensinamentos religiosos e que nenhuma de nossas tradições religiosas apoia a solução de diferenças por meios violentos.

Portanto, **nos opomos** a toda violência utilizada em nome da religião, a toda interpretação religiosa que apoie a guerra, assim como a toda tentativa de interpretar nossas escrituras para o apoio dos conflitos.

Comprometemo-nos a interpretar, ensinar e praticar nossas tradições religiosas para a promoção da paz e da harmonia.

Afirmamos que a discriminação baseada na raça, casta, condição social, capacidades físicas e mentais, etnia, gênero, etc., contradiz nossos ensinamentos religiosos. Portanto, **nos opomos** a todas as formas de discriminação e exclusão.

Comprometemo-nos a trabalhar em prol de uma comunidade de caráter inclusivo e a lutar contra as interpretações de nossa fé e escrituras que justifiquem a discriminação.

Afirmamos que a justiça e a equidade são o eixo da vida religiosa; que a pobreza, a privação, a fome e a doença são forças que sufocam a dignidade e o potencial humano.

Portanto, **nos opomos** à organização de uma vida política e econômica que fomente injustiças, desigualdades e a exploração desmedida da terra em nome da cobiça humana.

Comprometemo-nos a defender juntos a dignidade, os direitos humanos, sociais e econômicos de todos os povos e a integridade da terra.

Afirmamos os direitos dos jovens e crianças, assim como os dons que eles trazem ao entendimento e a prática da vida religiosa.

Portanto, **nos opomos** a toda tentativa de excluir a infância da linha de ação principal da vida religiosa.

Comprometemo-nos a promover comunidades de caráter inclusivo que integrem jovens e crianças com o objetivo de habilitá-los plenamente a colaborar com seus dons à nossa vida em comum.

Diz-se que uma viagem de mil quilômetros só começa dando o primeiro passo. Os compromissos citados são passos que damos vislumbrando um mundo que viva em justiça e paz. Pedimos a todas as comunidades religiosas que realizem seus próprios atos de compromisso e promovam a visão de uma espiritualidade que trará cura e plenitude a nosso mundo que sofre e pede ajuda."[3]

É eloquente o fato de que pessoas de diferentes tradições religiosas ratifiquem estas afirmações de forma urgente, dada a necessidade de se expressar e agir conjuntamente em torno de temas que afetam suas vidas comuns. Entretanto, as comunidades religiosas não são as únicas que experimentam essa urgência, já que também a sentem as pessoas inspiradas em valores e espiritualidades humanos não interpretados em termos religiosos.

3 Do documento *Religious Life: A Commitment and Calling*, desenvolvido mediante um processo inter-religioso coordenado pelo Conselho Mundial das Igrejas. Genebra, Suíça. 2005

-> Indice

Oração inter-religiosa pela paz

Oh Deus, tu és a fonte da vida e da paz.
Louvado seja para sempre teu nome.
Sabemos que é o Senhor que planta a paz em nosso pensamento.
Ouve nossa oração neste tempo de tribulação.
Transforma com teu poder os corações.

Muçulmanos, cristãos e judeus se manifestam convencidos
como seguidores do único Deus,
como descendentes de Abraão, como irmãos e irmãs;
os inimigos começam a dialogar um com o outro;
aqueles que estavam separados unem suas mãos em sinal de amizade;
as nações buscam juntas o caminho para a paz.

Fortalece nossa determinação para que testemunhemos
essas verdades por meio do nosso modo de viver.
Concede-nos o entendimento que ponha fim ao conflito,
a piedade que sufoque o ódio
e o perdão que derrote a vingança.
Que todos possamos viver conforme tua lei do amor,
Amém.

(Pax Christi)

Oh Senhor, sabedoria eterna

Oh Senhor, sabedoria eterna
A quem em parte conhecemos
E em parte não;
Oh Senhor, justiça eterna
A quem em parte reconhecemos
Mas nunca obedecemos por completo;
Oh Senhor, amor eterno
A quem amamos um pouco
Mas tememos amar demais;
Abre nossas mentes
Para que compreendamos;
Opera em nossa vontade
Para que obedeçamos;
Ilumina nossos corações
Para que te amemos.

(Oração oferecida pela celebração inter-religiosa do 70º aniversário do Bispo Emérito Krister Stendahl, em 21 de abril de 1991)

Oração de São Francisco de Assis

Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz.
Onde houver ódio, que eu leve o amor,
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão,
Onde houver discórdia, que eu leve a união,
Onde houver dúvida, que eu leve a fé,
Onde houver erro, que eu leve a verdade,
Onde houver desespero, que eu leve a esperança,
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria,
Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, fazei que eu procure mais
consolar que ser consolado;
compreender que ser compreendido,
amar, que ser amado.

Pois é dando que se recebe
é perdoando que se é perdoado
e é morrendo que se nasce para a vida eterna.

(São Francisco de Assis)

Que eu seja em todo momento

Que eu seja em todo momento,
Agora e para sempre,
o protetor dos indefesos,
o guia dos que estão perdidos,
o navio dos que sulcam o oceano,
e a ponte dos que atravessam o rio;
o santuário dos que estão em perigo,
a luz dos que vivem na escuridão,
o refúgio dos que precisam de proteção,
e o servidor de todos os necessitados.

(Dalai Lama)

Sejam generosos

Sejam generosos na prosperidade e gratos na adversidade. Sejam justos em seus julgamentos e cuidadosos com suas palavras. Sejam a tocha dos que caminham na escuridão e o lar do estrangeiro. Sejam os olhos para o cego e a luz que guie os passos do errante. Sejam um sopro de vida para o corpo da natureza humana, o orvalho na terra do coração humano, e um fruto na árvore da humildade.

(Bahá'u' lláh)

Paz no mundo

Para que haja paz no mundo,
Deve haver paz nas nações.

Para que haja paz nas nações,
Deve haver paz nas cidades.

Para que haja paz nas cidades,
Deve haver paz entre os vizinhos.

Para que haja paz entre os vizinhos,
Deve haver paz no lar.

Para que haja paz no lar,
Deve haver paz no coração de cada um.

(Lao-Tsé)

O caminho à divindade

Se alguém falar mal de ti,
Fala sempre bem dele.
Se alguém te faz sofrer,
Serve-o com amabilidade.
Se alguém te perseguir,
Ajuda-o de todas as formas possíveis.
Isto te dará
Uma força imensa.
Dominarás a ira e o orgulho.
Gozarás da paz, do equilíbrio e da serenidade.
Alcançarás a divindade.

(Swami Sivananda)

A oração universal pela paz

Leve-me da morte à vida;
Da falsidade à verdade.
Leve-me da desesperança à esperança;
Do medo à confiança.
Leve-me do ódio ao amor;
Da guerra à paz.
Que a paz inunde nosso coração,
Nosso mundo, nosso universo.

(Semana de Oração pela Paz Mundial, adaptação de um antigo cântico jainista)

Concede-nos a paz verdadeira

Oh Deus! Oh nosso mestre! Tu, em virtude de tua essência e tuas qualidades, és a vida eterna e a paz perpétua. A paz eterna nos vem de Ti, e a Ti regressa. Tu és nosso sustento! Concede-nos uma vida de paz verdadeira e conduze-nos à morada da paz. Oh Ser Glorioso e Bondoso! Bendito e sublime és.

Allahumma ya mowlana antas-salaam, wa minkas-salaam, wa ilaika yarjaus-salaam, haiyyina rabbana bis-salaam, wa adkhilna daras-salaam, tabarakta rabbana wa-ta' laita, ya zal jalali wal ikram

Oração pela paz

E se os outros se inclinam pela paz, faça-o você também, e confie em Deus, pois Ele é quem tudo conhece e tudo ouve.

Surat 8, al-Anfal (O botim da guerra), verso 61.

Tradução para o inglês de A. Yusuf Ali.

Os ensinamentos de Buda sobre a bondade

Isso é o que deve fazer
Quem pratica a bondade,
E quem conhece o caminho para a paz...

Que ninguém engane outro ser,
Nem o deprecie de modo algum.
Que não deseje o sofrimento do outro
Com cólera ou inimizade.
Assim como uma mãe protege com sua vida
Seu filho, seu único filho,
Com o mesmo sentimento ilimitado
Devemos amar todos os seres vivos:
Que nossos pensamentos de amor levem a todo o mundo,
Acima, ao céu,
Abaixo, ao abismo;
E por toda à nossa volta, sem limite,
Livres de malícia e de ódio.
Parados, caminhando, sentados ou deitados,
Sempre bem acordados,
Devemos cultivar a meditação amorosa.
Esta, se diz, é a conduta sublime.
Sem cair em opinião imutável,
O puro de coração, dotado de uma visão clara,
Uma vez livre do apego aos sentidos
Não haverá de regressar mais ao mundo.

(Sutta Nipata, 145)

Os “Dias de Penitência”

do calendário judeu são os dias próximos à festa santa de Yom Kippur, o momento para se arrepender dos pecados.

Oh fonte de paz, leve-nos à paz, profunda e verdadeira;
Ajude-nos a sanar e a dominar tudo aquilo que nos conduz à guerra,
dentro de nós mesmos e com os outros.
Que por nossos feitos sejamos lembrados no Livro da vida e da benção, da justiça e da paz!
Nossa fonte de tranquilidade, abençoe-nos com a paz.

(Chaim Stern, (ed.) Gates of Repentance)

Oração inter-religiosa pronunciada na Cúpula Mundial do Milênio para a Paz de líderes religiosos e espirituais, realizada na sede da Organização das Nações Unidas em agosto de 2000

Que enterremos nossas armas de guerra
A fim de que se convertam em flores de tranquilidade e felicidade;
Que deponhamos as armas
Liberando nossos braços para alcançar o Criador
Que nossas orações e meditações transformem este mundo
Em um jardim de eterna alegria;
E que cada um de nós propague a luz e o amor,
Trazendo a paz ao mundo inteiro.

(Sant Rajinder Singh Ji Maharaj)

Oração oferecida no lugar da explosão da bomba atômica em Hiroshima, Japão

A ti, Criador do homem e da natureza, rezo na verdade e na beleza:

Ouve minha voz, pois é a voz das vítimas de todas as guerras e da violência entre pessoas e nações.

Ouve minha voz, pois é a voz de todas as crianças que sofrem e que continuarão sofrendo enquanto a fé do homem descansar nas armas e na guerra.

Ouve minha voz quando te imploro que plantes no coração de todos os seres humanos a sabedoria da paz, a força da justiça e a alegria da amizade.

Ouve minha voz, pois falo em nome das multidões de todos os países e todas as épocas históricas que não desejam a guerra e que estão preparadas para andar pelo caminho da paz.

Ouve minha voz e concede-nos a sabedoria e a força para que possamos sempre responder ao ódio com amor, à injustiça com plena dedicação à paz, à necessidade com a generosidade de compartilhar, à guerra com a paz.

(Papa João Paulo II)

-> Indice

Que haja paz

Que haja paz, meu filho; não permitas que prevaleça a guerra.
Depõe tua lança, e a deixa como lembrança.
Para que tua posteridade a contemple.
Vai junto a teu avô, a Auruia
Para que te instrua no korero.
Que não haja guerra, porque o homem de guerra não se sacia jamais;
Antes que meu filho seja um homem sábio e culto.
O guardião das tradições em seu lar.
Que não haja guerra.
Planta no mais profundo o espírito da paz
Que teu reino seja conhecido
Como um domínio de paz onipresente.

(Canção da ilha de Rarotonga, Polinésia)

Meu coração é capaz

Meu coração é capaz de todas as formas;
É o pasto das gazelas e o claustro dos monges cristãos,
O templo dos ídolos, a Kaaba do peregrino,
As tábuas da Lei e o livro do Corão.
Amor é meu credo, e onde quer que dirija seus passos,
O Amor continua sendo meu credo e minha fé.

(Ibn Arabi, 1165-1240)

Dramatização

A dramatização é uma forma útil de ajudar os participantes a verem as coisas a partir de outra perspectiva.

"Caminhe uma milha com meus sapatos" é um bom conselho. Nossas crianças aprenderão a respeitar os outros quando se acostumarem a se imaginar no lugar dos outros.[4]

A dramatização é ao mesmo tempo interessante e útil, já que obriga os participantes a abordarem problemas complexos que não têm uma única resposta "correta" e a utilizarem múltiplas habilidades.

Os exercícios de dramatização exigem preparação e sensibilidade na sua execução, mas a tarefa geralmente motiva os participantes e os satisfaz.

É importante definir os objetivos ao estabelecer os temas que serão incluídos no exercício. Identifique um problema relacionado ao(s) tema(s) escolhido(s) e um ambiente para os personagens. É uma boa ideia estabelecer um ambiente realista, mas não necessariamente real.

Defina os objetivos dos personagens e o que aconteceria se o personagem não conseguisse alcançá-los. Elabore informações sobre o passado de cada personagem.

Envolva os participantes no cenário, descrevendo o ambiente e o problema. Forneça informações sobre os personagens: seus objetivos e sua história passada. Determine quantos participantes já têm experiência em representação e explique como isso funcionará no exercício.

Os participantes que deverão interpretar os personagens necessitarão de algum tempo para se familiarizar com eles e "entrar no papel" para o exercício. Talvez os participantes tenham algumas reservas sobre o personagem que lhes foi atribuído ou sobre seus motivos. Procure descobrir isso antes da dramatização.

A dramatização deverá ser seguida de uma discussão para que os participantes definam e reforcem o que aprenderam. Isso pode ser feito por meio de um debate, de um momento de reflexão ou de um intervalo para que os participantes escrevam individualmente em seus Cadernos de Aprendizagem.

Aqueles que estiverem representando personagens podem falar sobre seu papel e indicar se estavam expressando o que realmente sentiam ou falando do ponto de vista do personagem. Os espectadores podem dirigir perguntas tanto aos personagens representados quanto às pessoas que os representaram, perguntando como se sentiram desempenhando um determinado papel.

Alguns exercícios de dramatização são fornecidos aqui, mas com prática será fácil criá-los com base em temas da atualidade.

4 Neil Kurshan, *Raising Your Child to Be a Mensch*, cap. 4, 1987

-> Indice

Cartão de dramatização 1

Jorge tem 17 anos e é filho único. Seu pai é contador em uma empresa e sua mãe administra um comércio de flores. Seus pais saem de casa todos os dias às oito horas da manhã e só voltam às nove horas da noite.

Jorge acaba de terminar uma relação de um ano e meio com sua namorada e se sente muito triste. Desde que isso aconteceu, começou a beber com os amigos e todos os fins de semana chega bêbado à sua casa.

Seus pais não percebem a situação, até que um dia seu pai descobre acidentalmente algumas garrafas de álcool e maconha em seu quarto. O pai se enfurece e, quando Jorge chega, grita com ele e o critica por não levar em consideração todo o esforço que tanto ele quanto sua mãe fazem para a sua educação. Jorge, que se encontra em estado de embriaguez, grita com seu pai, acusando-o de nunca ter tempo para ele e dizendo não tem o direito de criticá-lo por beber quando sequer tem tempo para conversar com ele. Nesse momento a mãe chega e, ao saber da situação, começa a chorar. O pai de Jorge continua enfurecido e pede para Jorge sair de casa.

Cartão de dramatização 2

Andrea, Lina e Ruth são as melhores amigas na escola. Elas sempre estão juntas e se divertem zombando de outras meninas que são tímidas ou que fazem coisas de que elas não gostam.

Clara e Ornella são novas na escola. Ainda não têm amigos, mas são muito simpáticas com os outros estudantes.

Um dia Clara e Ornella estão jogando basquete na quadra quando Andrea, Lina e Ruth se aproximam e pedem de forma ríspida que deixem a quadra e a bola porque querem jogar. Ornella diz que elas acabaram de começar a jogar e que gostariam de ter um pouco mais de tempo. Andrea se enfurece e imediatamente empurra Ornella de forma brutal.

Ornella reage empurrando Andrea com força e, nesse momento, Lina e Ruth se envolvem na briga. Clara, temendo que elas possam machucar Ornella, joga a bola violentamente na cabeça de Andrea, fazendo-a cair ao chão. Andrea se enfurece, levanta-se e bate em Laura.

Cartões de Notícias de Paz

Esses cartões devem ser utilizados com a atividade Notícias sobre a paz da página 93. O objetivo dos cartões é descrever situações envolvendo falta de respeito e/ou discriminação, para as quais os participantes devem buscar soluções positivas. Os participantes devem informar sua solução como se fosse uma matéria em um noticiário de TV. A notícia deverá ser apresentada por meio de uma dramatização da situação ou de entrevistas com as pessoas envolvidas.

Você poderá criar seus próprios cartões de notícias sobre a paz a partir de situações que estejam ocorrendo em sua cidade ou bairro.

Cartão de Notícias de Paz 1

5% dos habitantes de sua cidade são imigrantes. Há poucas semanas, alguns incidentes violentos aconteceram entre imigrantes e residentes.

Três crianças filhas de imigrantes que moram em um bairro da cidade foram apanhadas roubando uma bolsa em uma loja. Os residentes revoltaram-se, afirmando que não era a primeira vez que isso acontecia, e pediram que não houvesse mais imigrantes no bairro.

Confrontos violentos ocorreram nos últimos dias entre imigrantes e moradores locais. Estes pedem ao governo que transfira os imigrantes para outro local e que os deixe ter seu próprio espaço, longe dos residentes locais. Eles argumentam que o nível de insegurança e criminalidade aumentou na localidade desde que os imigrantes começaram a chegar.

Os imigrantes reclamam que são discriminados e que não é fácil conseguirem trabalho e se integrarem à sociedade. Eles realizaram protestos na frente da prefeitura todos os dias durante a última semana.

O governo encontrou uma solução, que se transformou em manchete dos telejornais de hoje…

Cartão de Notícias de Paz 2

Três novos estudantes chegaram à sua escola. Eles vêm de outros países e têm costumes religiosos diferentes da maioria dos estudantes. Seus pais reclamaram com as autoridades da escola que a alimentação fornecida na cantina não cumpre os requisitos vegetarianos da dieta de seus filhos e filhas.

Os pais pediram às autoridades da escola que incluíssem uma opção vegetariana na alimentação. Entretanto, o diretor da escola não aceitou essa proposta, argumentando que seria muito caro para a escola proporcionar outro tipo de alimentação adicional só para três estudantes. Afirmou também que não havia uma dotação orçamentária para este fim. Ele propôs aos pais que as crianças trouxessem seu próprio alimento de casa.

A família acusou a escola de comportamento racista e ameaçou o diretor, afirmando que processaria a escola se não proporcionasse uma opção vegetariana para seus filhos e filhas.

A situação foi resolvida e se transformou em manchete nos telejornais de hoje…

Cartão de Notícias de Paz 3

Uma empresa de alimentos foi afetada pela recessão econômica no país, que reduziu suas vendas em 30% nos últimos três meses e dificultou o pagamento dos salários de seus empregados.

Alguns trabalhadores da empresa pararam suas atividades para protestar. Durante dois dias, fizeram piquetes fora da empresa exigindo o pagamento de seus salários. O diretor da empresa ignorou os protestos e enviou um memorando a todos os empregados dizendo que aqueles que paralisassem suas atividades seriam demitidos.

Os líderes do protesto argumentaram que não poderiam ser despedidos. Mais empregados se uniram aos protestos e ameaçaram incendiar o setor de produção da empresa se suas demandas não fossem atendidas.

Foi encontrada uma solução, que se transformou em manchete dos telejornais de hoje…

Cartão de Notícias de Paz 4

Uma escola está agitada devido à chegada de um grande número de estudantes indígenas que não falam muito bem o português.

Os pais dos estudantes estão preocupados com a possibilidade de que a instrução fornecida a seus filhos e filhas não seja boa, já que os professores estão ocupados tentando integrar os estudantes indígenas.

Os estudantes, também preocupados porque o nível educacional pode cair e eles talvez não sejam preparados adequadamente para o vestibular, começaram a se comportar de forma rude com os estudantes indígenas, o que levou a vários episódios violentos entre ambos os grupos.

Foi encontrada uma solução, que se transformou em manchete dos telejornais de hoje…

Resumo da Convenção dos Direitos da Criança (do artigo 1 ao 42)

Na Convenção se entende por criança todo ser humano menor de dezoito anos de idade.

Artigo 1º
Todas as pessoas menores de 18 anos são protegidas pelos direitos descritos nesta Convenção.

Artigo 2º
Todas as crianças têm os mesmos direitos; não interessa a sua cor, raça ou sexo, a língua que falam ou o país em que vivem. Não devem ser tratadas de forma diferente por terem mais ou menos capacidades, serem ricas ou pobres ou pelas opiniões políticas ou religiosas dos seus pais.

Artigo 3º
As decisões que os adultos tomam sobre a vida das crianças devem garantir sempre o seu bem-estar.

Artigo 4º
Os Estados signatários são responsáveis por fazer com que os direitos das crianças sejam cumpridos.

Artigo 5º
As crianças têm direito a que o Estado signatário em que vivem ajude os seus pais a dar-lhes as melhores condições de vida.

Artigo 6º
Todas as crianças têm direito a viver e a crescer.

Artigo 7º
Todas as crianças têm direito a um nome próprio e aos sobrenomes dos pais; têm direito a um aniversário e a uma nacionalidade, e tudo isto deve ficar escrito num livro especial que está guardado em um local chamado Cartório do Registro Civil. Têm também o direito de saber quem são os seus pais e de serem educadas por eles.

Artigo 8º
Se uma criança não conhecer os seus pais ou não souber onde e quando nasceu, o Estado deve fazer tudo o que puder para conseguir essas informações.

Artigo 9º
As crianças não devem ser separadas dos pais; só se eles as maltratarem. Têm sempre o direito de ver e falar com os pais, mesmo que estes não vivam juntos. Se, por qualquer razão, pais e filhos se separarem, tanto os pais como os filhos têm o direito de saber onde uns e outros estão.

Artigo 10º
Todas as crianças que vivam em países diferentes dos pais têm o direito de se encontrar ou de irem viver com eles.

Artigo 11º
Nenhuma criança pode ser levada para outra terra sem o conhecimento e a autorização dos pais. Se isso acontecer, os Estados devem fazer tudo o que estiver ao seu alcance para libertá-las.

Artigo 12º
As crianças têm o direito de dar a sua opinião e de serem ouvidas, tendo em conta a sua idade, nas decisões que lhes digam respeito.

Artigo 13º
As crianças têm direito de dizer o que pensam e sentem, através da fala, da escrita ou de outro meio, desde que não prejudiquem os direitos das outras pessoas.

Artigo 14º
As crianças têm o direito de pensar livremente e de pertencer a uma religião. Os pais devem ajudá-las a compreender melhor o mundo e a tomar as suas decisões.

Artigo 15º
As crianças têm o direito de se reunir com outras pessoas e de criar grupos, desde que não prejudiquem outras pessoas.

Artigo 16º
As crianças têm direito a ser respeitadas, e ninguém, sem motivo justo, deve meter-se na sua vida, na sua família, nas coisas que lhes pertencem ou nos seus segredos.

Artigo 17º
As crianças devem saber o que acontece no mundo. Por isso, os meios de comunicação social (a televisão, a rádio, os jornais e as revistas) devem informá-las sobre estes e outros assuntos do seu interesse. Os adultos devem ajudá-las a compreender o que veem, leem e ouvem.

Artigo 18º
A educação e o desenvolvimento das crianças é da responsabilidade dos pais ou, se não for possível, das pessoas que cuidam delas.

Artigo 19º
Nenhum adulto pode maltratar uma criança. O Estado deve proteger as crianças contra todas as formas de violência.

Artigo 20º
As crianças têm direito a que cuidem delas. Se, por qualquer razão, os pais não o puderem fazer, compete ao Estado garantir a sua proteção.

Artigo 21º
As crianças que não possam viver com a sua própria família podem ter uma nova família se forem adotadas. A nova família passa a ser responsável pelo bem-estar da criança que adota.

Artigo 22º
Se uma criança tiver de fugir do seu país para proteger a sua vida e garantir a sua segurança, o país para onde ela for é obrigado a cumprir todos os direitos escritos nesta Convenção.

Artigo 23º
As crianças deficientes têm direito a receber cuidados especiais para poderem viver como os outros meninos e meninas.

Artigo 24º
As crianças têm direito a ser saudáveis. Devem ter assistência médica e os cuidados necessários para crescerem com saúde.

Artigo 25º
O Estado deve ter a certeza de que as crianças que vivem em lares, hospitais, etc., estão recebendo os cuidados de que precisam.

Artigo 26º
Todas as crianças têm direito à segurança social.

Artigo 27º
Todas as crianças devem ter condições para crescerem saudáveis e felizes. Têm direito a viver numa casa, a terem roupa, a uma boa alimentação e cuidados de higiene.

Artigo 28º
Ir à escola é um direito das crianças. O ensino básico é obrigatório e gratuito; por isso, todas as crianças devem frequentá-lo. Se quiserem, também podem ir para o ensino secundário e para a universidade.

-> Indice

Artigo 29º
A educação que os adultos dão às crianças é muito importante para elas. Permite-lhes desenvolver as suas capacidades, aprender a respeitar as pessoas, os seus costumes e tradições, defender o meio ambiente. Além disso, prepara-as para viver em sociedade com as outras pessoas.

Artigo 30º
Nem todas as crianças falam a mesma língua, praticam a mesma religião ou têm os mesmos costumes. Mas todas têm direito a viver de acordo com a sua cultura e tradições.

Artigo 31º
As crianças devem ter tempo livre. Têm direito a brincar e a descansar, a criar, descobrir e divertir-se. Devem poder participar em jogos e atividades adequadas à sua idade.

Artigo 32º
As crianças não devem fazer trabalhos que não sejam próprios para a sua idade, porque podem prejudicar a sua saúde, o seu desenvolvimento e os estudos.

Artigo 33º
As drogas são substâncias que prejudicam as pessoas e podem matá-las. Por isso, as crianças não podem consumir drogas nem vendê-las ou distribuí-las a outras pessoas.

Artigo 34º
Todas as pessoas devem respeitar o corpo das crianças. Ninguém pode abusar dele, fotografá-lo ou filmá-lo, se elas não souberem para que são essas fotografias e esses filmes e quem os vai ver. Ninguém pode levar uma criança a mostrar ou usar o seu corpo para ganhar dinheiro.

Artigo 35º
As pessoas não são coisas. Por isso, nenhuma criança pode ser raptada, vendida, dada ou trocada seja pelo que for.

Artigo 36º
As crianças não podem ser usadas para proveito dos adultos. O Estado deve protegê-las de todas as formas de exploração.

Artigo 37º
Se uma criança cometer um crime ou ameaçar a segurança e o bem-estar de outras pessoas, só deve ir presa se não houver outra maneira de resolver a situação. Em qualquer caso, tem direito a ser respeitada e a ter um advogado que defenda os seus interesses.

Artigo 38º
As crianças que vivam num país que está em guerra têm direito a proteção e assistência especiais do Estado.

Artigo 39º
Todas as crianças que tenham sofrido maus-tratos físicos ou psicológicos têm direito a receber cuidados especiais.

Artigo 40º
Se uma criança for acusada de ter cometido um crime, o Estado deve fazer tudo para que ela aprenda a ter em conta os direitos das outras pessoas, tratando-a sempre com respeito.

Artigo 41º
Para além dos direitos escritos nesta Convenção, as crianças de cada país podem ainda ter outros direitos criados pelo Estado.

Artigo 42º
Todas as crianças devem saber quais são os seus direitos. Os Estados devem dar a conhecer esta Convenção às crianças e aos adultos.

-> Indice

Resumo da Declaração Universal dos Direitos Humanos

Adotada pela Assembléia Geral das Nações Unidas em 1948

Todas as pessoas...

Nascem livres e são iguais diante da lei.

São iguais sem distinção de raça, cor, sexo, idioma, religião ou opinião política.

Têm direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal e social.

Têm direito a não serem submetidas à escravidão.

Têm direito a não serem submetidas a torturas nem ao sofrimento ou a tratamentos cruéis.

Têm direito ao reconhecimento de sua personalidade jurídica.

São iguais diante da lei.

Têm direito a recurso diante dos tribunais contra atos que violem seus direitos fundamentais.

Têm direito a não serem presas ou exiladas arbitrariamente.

Têm direito a serem ouvidas em condições de igualdade e justiça por um tribunal independente.

Têm direito à presunção de inocência até que sejam consideradas culpadas.

Têm direito a que se respeite sua privacidade.

Têm direito a circular livremente e a escolher sua residência no território de um país.

Têm direito a buscar asilo e a usufruir dele em qualquer país.

Têm direito a uma nacionalidade.

A partir da idade apropriada, têm direito a se casar e a fundar uma família.

Têm direito a não serem privadas de sua propriedade arbitrariamente.

Têm direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião.

Têm direito à liberdade de opinião e de expressão.

Têm direito à liberdade de reunião e de associação pacíficas.

Têm direito a participar no governo do seu país, diretamente ou por meio de representantes livremente escolhidos.

Têm direito, como membros da sociedade, à segurança social.

Têm direito ao trabalho, a condições iguais e satisfatórias de trabalho e a fundar sindicatos e sindicalizar-se.

Têm direito ao descanso, ao lazer e a férias periódicas pagas.

Têm direito a um nível de vida adequado que lhes assegure, assim como à sua família, alimentação, vestuário, moradia e assistência médica.

Têm direito à educação.

Têm direito a participar da vida cultural da comunidade.

Têm direito a estabelecer uma ordem social e internacional na qual estes direitos e liberdades se façam plenamente efetivos.

Têm deveres em relação à comunidade e devem respeitar os direitos dos outros.

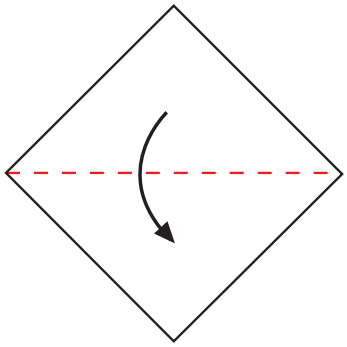
Os direitos e liberdades não poderão, em nenhum caso, ser exercidos em oposição aos propósitos e princípios das Nações Unidas.

Como dobrar um grou de papel

Extraído de http://www.sadako.org/foldingcranes.htm

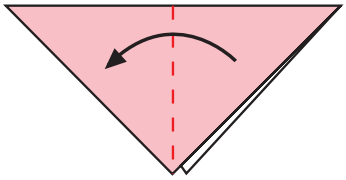
Passo 1

Dobre o papel ao meio em sentido diagonal.



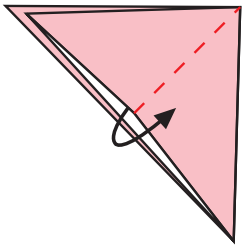
Passo 2

Dobre novamente ao meio em sentido diagonal.



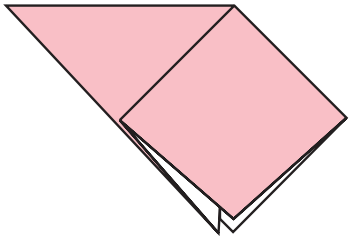
Passo 3

Puxe o bolso para fora e dobre-o para fazer um quadrado pequeno.



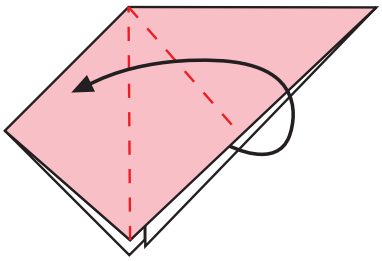
Passo 4

Vire a dobradura.



Passo 5

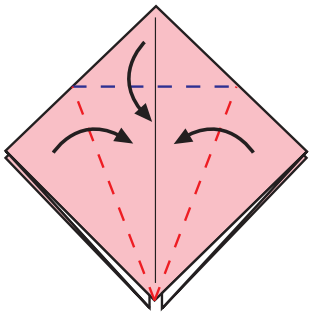
Faça o mesmo que no passo 4.



Passo 6

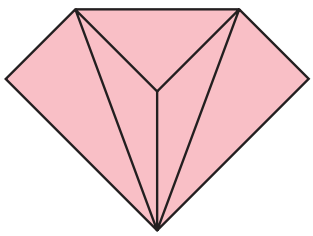
Esta é a parte difícil (que, teoricamente, poderia ser adiada até o passo 9).

Dobre os cantos esquerdo e direito até a linha do centro, ao longo da linha vermelha, e depois dobre o canto superior sobre a linha azul. Observe que as dobras são só para fazer uma marca.



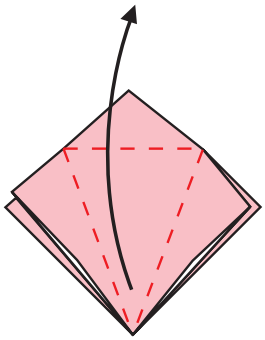
Passo 7

A figura deve ficar assim.



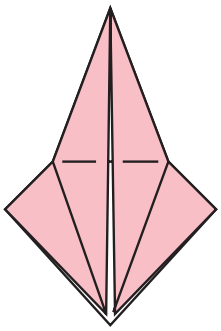
Passo 8

Agora, abra o bolso levando o canto inferior para cima e dobre para dentro ao longo da marca (algumas marcas serão invertidas).



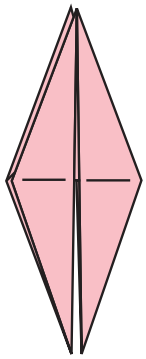
Passo 9

A figura deve ficar assim. Tenha o cuidado de marcar as bordas e os cantos. Vire a dobradura e faça o mesmo do outro lado (passos 6, 7, 8).



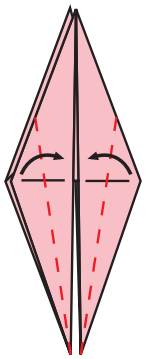
Passo 10

Agora você tem a base. Já está na metade do caminho, o resto é muito fácil!



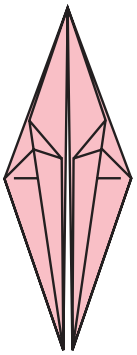
Passo 11

Certifique-se de que o lado certo está virado para cima. Dobre a superfície nas linhas pontilhadas, usando somente a camada superior.



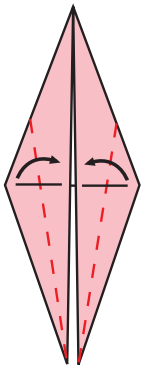
Passo 12

A figura deve ficar assim. Vire a dobradura para o outro lado.



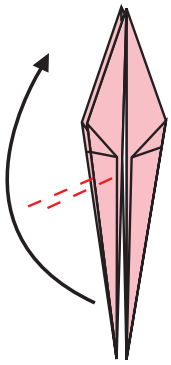
Passo 13

Faça o mesmo que no passo 11. Está ficando difícil para dobrar? Já está quase terminando.



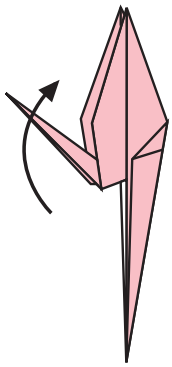
Passo 14

Dobre ao contrário nas linhas pontilhadas para formar a cabeça.



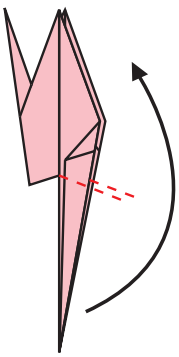
Passo 15

Abra ligeiramente o lado e leve a cabeça para cima, como é mostrado aqui:



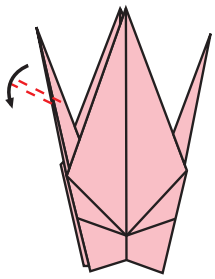
Passo 16

Faça o mesmo que no passo 11. Está ficando difícil para dobrar? Já está quase terminando.



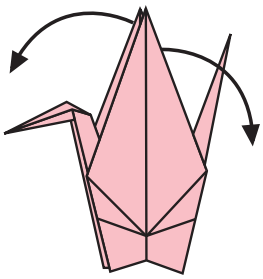
Passo 17

Dobre ao contrário sobre as linhas pontilhadas para formar o bico. Você pode decidir o comprimento do bico.



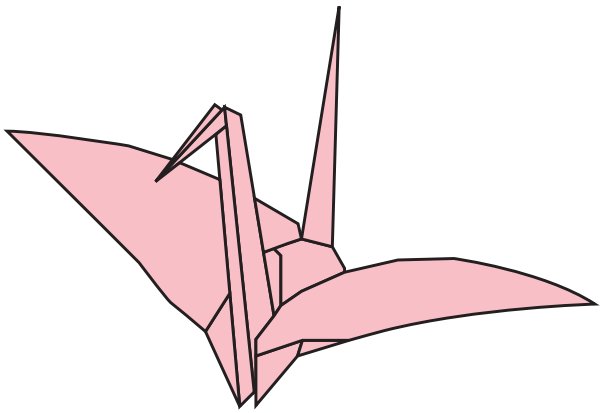
Passo 18

Dobre as asas para fora na posição apropriada. Você pode soprar dentro suavemente a partir da parte inferior.



Passo 19

Você terminou o grou.



-> Indice

Seção 6

Assim fizemos

Como utilizamos *Aprender a Viver Juntos* e seus métodos em diferentes regiões e ambientes e com pessoas de culturas e crenças diferentes.

O processo de preparação deste conjunto de recursos levou bastante tempo. É o fruto da colaboração entre pessoas de muitas religiões e culturas diferentes. *Aprender a Viver* Juntos foi testado em cinco regiões, dez países e em diferentes ambientes, com mais de 300 participantes da Argentina, Azerbaijão, Bolívia, Canadá, Colômbia, Costa Rica, Dinamarca, Espanha, Equador, El Salvador, Finlândia, Gana, Guatemala, Honduras, Índia, Israel, Japão, Jordânia, Quênia, Líbano, Maldivas, Nepal, Panamá, Reino Unido, República Unida de Tanzânia, Sri Lanka, Suécia e Venezuela.

Representantes das religiões tradicionais da África, da comunidade Bahá'í, do budismo, do cristianismo, do hinduísmo, das tradições indígenas, do islamismo, do judaísmo, membros do Brahma Kumaris e pessoas laicas participaram das oficinas-piloto, que serviram como uma valiosa oportunidade para aprender sobre os outros. Este conjunto de recursos se enriqueceu enormemente graças às suas colaborações, que contribuíram para a criação de um material flexível e estruturado que mantém um enfoque global e ao mesmo tempo permite a implementação local.

A esta versão final foram incorporadas as experiências adquiridas em cada oficina: colaborações dos facilitadores; sugestões de adultos que participaram de reuniões paralelas; a aprendizagem das crianças e dos adolescentes; as recomendações de especialistas em educação, ética e aprendizagem inter-religiosa, assim como de membros da GNRC; e as descobertas feitas durante o processo de realização das oficinas.

Nas próximas páginas, você encontrará uma descrição de cada oficina-piloto, com os métodos usados, a aprendizagem obtida pelos participantes, o impacto das oficinas e as principais colaborações que foram incorporadas ao conjunto de recursos. Você comprovará como cada oficina contribuiu para o resultado final. Também poderá visualizar o processo seguido desde a primeira oficina e como cada uma delas contribuiu para a preparação de um material inter-religioso e intercultural que pode ser utilizado em diferentes ambientes.

Esta seção lhe dará também uma melhor ideia de como o programa foi posto em prática em diferentes regiões e o ajudará a usá-lo para suas próprias finalidades.

Nós o convidamos a registrar as oficinas que vier a realizar usando o conjunto de materiais e seu impacto sobre os participantes. Esperamos que isso se converta em um recurso útil, com base no qual sua organização poderá documentar seu programa de educação ética e examinar o processo de aprendizagem dos participantes.

-> Indice

Oficina de educação ética

Lidingö, Suécia

18 a 20 de novembro de 2005

Durante três dias, participantes da Dinamarca, Finlândia, Reino Unido e Suécia se reuniram para discutir questões relacionadas ao *respeito*, à *empatia* e à *responsabilidade*. Os participantes foram divididos em três grupos, um para cada um destes valores. Cada grupo, composto por adolescentes e adultos, discutiu um dos valores, a maneira como é aplicado em suas sociedades e como pode ser promovido.

O primeiro grupo explorou a **empatia** a partir de diversas perspectivas. Com base em uma análise de fotografias que mostravam sofrimento, falta de respeito, ódio, amor, compreensão e ajuda, os participantes foram estimulados a explorar a importância da empatia em nossa sociedade e a necessidade de realizar práticas que fomentem a compaixão e o respeito pelos outros.

Ao se colocarem fisicamente nos sapatos dos outros e em exercícios baseados na confiança, durante os quais se colocou uma venda nos olhos dos participantes, eles descobriram o que significa ter empatia e como essa atitude pode desencadear ações concretas para ajudar os outros. Um estudo de caso sobre questões de imigração na Europa serviu de base para uma discussão sobre a empatia na sociedade.

O segundo grupo se concentrou no valor da **responsabilidade**. Os participantes analisaram, a partir de sua própria perspectiva, suas funções, posições e experiências na sociedade. Discutiram questões que afetam os países nórdicos e as responsabilidades individuais e coletivas que eles mesmos têm como cidadãos. Por meio de estudos de caso e discussões, a atividade os ajudou a reconhecer sua capacidade para responder às injustiças e tentar ajudar a transformar as necessidades de seus países.

O último grupo examinou o tema do **respeito**. Depois de analisarem o que o respeito significa, como se desenvolve e como é violado, os participantes prepararam um filme de animação sobre o tema usando materiais básicos como canetas, cartões e tesouras. Esse método estimulou a criatividade e o pensamento crítico dos participantes sobre o seu próprio comportamento.

A oficina terminou com uma oração inter-religiosa preparada pelos participantes, durante a qual cada um deles rezou, cantou ou recitou um texto de sua religião particular. Foi um momento para meditar sobre sua participação, sobre o que aprenderam e sobre a experiência em geral.

Aprendizagem e impacto

Os participantes consideraram que as discussões ampliaram sua compreensão de algumas das questões sociais que os países nórdicos enfrentam hoje em dia. A interação com pessoas de religiões diferentes também questionou seus pontos de vista e os ajudou a comprovar como os três valores destacados na oficina são importantes ao interagir com outras pessoas. Outros pontos de aprendizagem estão relacionados à importância de se colocar no lugar dos outros e questionar seus próprios preconceitos.

De que maneira essa oficina contribuiu para o desenvolvimento do conjunto de recursos?

Essa foi a primeira vez que se colocou à prova o rascunho do material; nesse ponto, somente a seção introdutória havia sido redigida. A avaliação da oficina ofereceu muitos pontos de aprendizagem importantes que contribuíram para a configuração do conjunto de recursos e do seu conteúdo. Estas foram as principais ideias incorporadas à versão final do material:

> As metodologias ativas e participativas são fundamentais para desenvolver valores éticos.
> Proporcionar às crianças e aos adolescentes seu próprio espaço para trocar ideias e aprender.
> Os valores não devem ser compartimentalizados, mas interconectados.
> O material deve ter uma abordagem mais regional e deve ter espaço para colaborações e recursos regionais.
> É preciso que o material aborde questões sociais e ajude as crianças e os adolescentes a compreender os problemas que afetam suas sociedades.
> Os valores podem ser reforçados, mas não ensinados.
> É necessário dar mais espaço para que os indivíduos desenvolvam sua espiritualidade.
> Deve-se incluir recursos como esboços de atividades, histórias e estudos de casos.

Informações sobre a oficina	
Lugar	Instituto Ecumênico, Lidingö
Número de participantes/facilitadores	33/3
Número de adultos	27
Número de adolescentes (15 a 19 anos)	6
Duração	3 dias
Idioma utilizado	Inglês
Países de origem dos participantes	Chile, Dinamarca, Equador, Finlândia, Índia, Israel, Japão, Jordânia, Reino Unido, República Unida da Tanzânia, Sri Lanka e Suécia
Crenças dos participantes	Budismo, cristianismo, hinduísmo, islamismo e judaísmo. Pessoas laicas.
Técnicas pedagógicas	Arte Compartilhamento de experiências Mesas redondas

Oficina sobre migração e deslocamento

Bogotá, Colômbia

5 a 8 de dezembro de 2005

Crianças, adolescentes e adultos da Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador e Venezuela se reuniram durante quatro dias e examinaram como o *respeito*, a *empatia*, a *reconciliação* e a *responsabilidade* podem ser aplicados ao contexto de seus países, e especificamente às questões relacionadas com deslocamento e migração que afetam a região andina.

Essa oficina foi elaborada para que os educadores aprendessem novas metodologias e atividades práticas baseadas nos valores propostos, e, adicionalmente, para solicitar sugestões sobre como melhorar o conjunto de recursos.

No primeiro dia, os participantes exploraram sua própria **identidade**. Descobriram mais sobre si próprios em relação aos outros enquanto desenhavam um diagrama em forma de árvore que explicava suas raízes, quem eram e o que queriam conquistar em suas vidas. Também foi realizada uma atividade dinâmica para encontrar **diferenças e semelhanças** entre os participantes, com o fim de explorar o tema da compreensão mútua.

A **empatia** foi explorada por meio de uma atividade de meditação sobre os sentimentos dos participantes. Esse exercício lhes permitiu conectar-se com a Terra e com as pessoas à sua volta. Colocando-se fisicamente na silhueta do outro, os participantes puderam refletir sobre a importância da empatia. Depois das atividades, uma discussão revelou como é difícil sentir empatia por pessoas que violaram nossos direitos. Os participantes refletiram sobre a necessidade de **reconhecer a natureza humana do outro**, inclusive daqueles que cometeram crimes terríveis.

Por meio da análise do processo de **reconciliação**, os participantes reconheceram que os conflitos fazem parte de nossa realidade e que é necessário **transformá-los pacificamente**. Os participantes utilizaram um estudo de caso sobre a reconciliação e enfatizaram a importância do **diálogo** para que as pessoas possam viver juntas.

No último dia, os participantes analisaram a questão do deslocamento na região. Foram mapeadas as funções e responsabilidades de cada agente social. Isso levou a um plano de ação para implementar a educação ética no contexto do deslocamento. A oficina começava toda manhã com orações pela paz, nas quais os participantes cantavam e uniam-se em momentos de silêncio.

Aprendizagem e impacto

Depois de cada atividade, o grupo se reunia para interiorizar os valores e refletir sobre a aprendizagem. A maioria dos adultos afirmou que a oficina lhes serviu de inspiração, expressando interesse em aprender a desenvolver programas de educação ética baseados em metodologias participativas. Enquanto refletiam sobre a dificuldade de sentir empatia e compaixão por pessoas que cometeram atos de violência, uma das crianças chamou a atenção dos adultos ao perguntar: "Onde está Deus em tudo isto?" A criança convidou os participantes a reconhecerem a natureza humana dos outros e a perdoarem para trazer a paz às sociedades.

De que maneira essa oficina contribuiu para o desenvolvimento do conjunto de recursos?

Os resultados da oficina, as metodologias que foram utilizadas, as contribuições dos participantes e as reflexões do grupo contribuíram para a criação dos módulos que aparecem atualmente no conjunto de recursos didáticos. Estas são as principais contribuições que foram incorporadas à versão final do material:

> Combinar crianças e adultos é benéfico para algumas atividades.
> Introduzir atividades e exercícios dinâmicos e participativos como música, jogos, dramatização e filmes.
> Os quatro valores podem ser divididos em módulos para aumentar a flexibilidade e facilitar sua interconexão.
> O compartilhamento de experiências e os momentos de reflexão foram apreciados e devem ser priorizados.
> A importância de metodologias que ofereçam às crianças um espaço para descobrirem umas às outras e para refletirem sobre si próprias e sobre e o mundo.

-> Indice

Descrição da oficina	
Lugar	Centro de retiro San Pedro Claver, Bogotá
Número de participantes/facilitadores	49/4
Número de adultos	35
Número de crianças (9 a 13 anos)	5
Número de adolescentes (14 a 18 anos)	9
Duração	3 dias
Idioma utilizado	Espanhol
Países de origem dos participantes	Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, França e Venezuela
Crenças dos participantes	Cristianismo (anglicanos, católicos, luteranos, menonitas e presbiterianos)
Técnicas pedagógicas	Compartilhamento de experiências Jogos Meditação Mesas redondas

-> Indice

Construir juntos a Rede Global de Religiões pelas Crianças

Genebra, Suíça

13 a 15 de julho de 2006

Com o objetivo de testar a primeira versão completa do material, foi organizada uma oficina internacional com representantes do Azerbaijão, Colômbia, Honduras, Índia, Israel, Jordânia, Quênia, Líbano, Reino Unido, República Unida da Tanzânia, Sri Lanka e Suécia.

Jovens de 14 a 16 anos participaram de discussões sobre sua identidade religiosa. Ao compartilhar suas ideias sobre religião e rituais religiosos, eles se envolveram em um intenso diálogo que os ajudou a se interconectarem. Foram organizadas **visitas inter-religiosas** que ofereceram aos participantes a oportunidade de se colocarem no lugar dos outros.

Os participantes refletiram sobre suas relações com os outros e as situações que enfrentam através do exercício de **pintar camisetas**. Expressaram seu desejo de trazer paz ao mundo por meio da unidade, a preocupação com os outros, o amor e o respeito. **Grupos focais** sobre o respeito mútuo nas escolas, na família e nos bairros os ajudaram a analisar como o respeito pode ser colocado em prática.

Foi organizada uma **noite cultural** com a participação de alguns jovens de Genebra. Os participantes tiveram a oportunidade de compartilhar informação sobre sua própria cultura e suas crenças religiosas. Os adolescentes representantes de Israel deixaram uma mensagem de paz quando falaram sobre as atividades de que participam atualmente para fomentar a coexistência e a compreensão mútua em sua comunidade em Israel.

-> Indice

No último dia, os participantes aprenderam sobre os diferentes tipos de conflitos e como estes podem chegar a se transformar em situações violentas. Refletiram sobre a necessidade de **atitudes de reconciliação** para serem capazes de transformar esses conflitos. Um dos jovens pôs à prova os participantes do grupo ao lhes perguntar o que fariam se fossem vítimas da violência por parte de outros jovens.

Alguns dos participantes lembraram experiências nas quais foi muito difícil responder pacificamente e indicaram que às vezes é difícil evitar a violência. Durante as discussões, uma das participantes da Índia chamou a atenção sobre as alternativas não violentas e destacou como Gandhi trouxe a paz a seu país por meio da **resistência pacífica**. Ao final, os participantes refletiram sobre a necessidade de fomentar a paz interior para poderem responder a situações difíceis.

Ao final da oficina, os participantes se comprometeram a realizar reuniões com outros jovens em seus países para discutir os valores que exploraram durante a oficina.

Aprendizagem e impacto

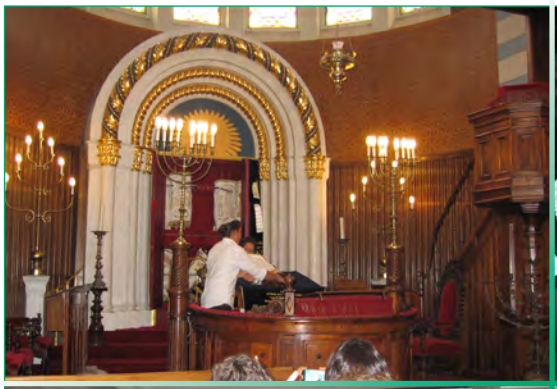
Para a maioria dos participantes, as visitas inter-religiosas foram muito enriquecedoras e aumentaram seus conhecimentos sobre as crenças de outras pessoas. A noite cultural os ajudou a estabelecer uma relação com a realidade dos outros e a reconhecer suas identidades e culturas. Depois da oficina, quando voltaram a seus países, os participantes do Quênia e da República Unida da Tanzânia iniciaram Clubes da Paz em suas escolas. Os participantes do Azerbaijão compartilharam sua aprendizagem com seu grupo juvenil em Baku e os participantes da Jordânia e do Líbano compartilharam sua aprendizagem com o Programa Fishers da Jordânia.

Como essa oficina contribuiu para o desenvolvimento do material?

Pela primeira vez, os módulos de aprendizagem foram testados em um ambiente multicultural e multirreligioso. Isso nos permitiu definir os pontos fundamentais e os desafios na implementação do pacote de recursos. Estas foram as principais colaborações incorporadas ao material:

> Desenvolver uma transição mais fluida entre o primeiro e o segundo módulos.
> Sessões separadas para os adultos com o fim de que eles conheçam o material.
> Mais espaço para fomentar a espiritualidade por meio de atividades introspectivas.
> Oferecer espaço aos participantes para que falem sobre sua própria cultura e suas crenças.
> Necessidade de vincular as atividades ao ambiente e às realidades sociais locais.
> Utilizar mais técnicas pedagógicas para fomentar a reflexão dos participantes.

Descrição da oficina	
Lugar	Centro John Knox, Genebra
Número de participantes/facilitadores	16/4
Número de adolescentes (15 a 19 anos)	16
Duração	3 dias
Idioma utilizado	Inglês/Espanhol
Países de origem dos participantes	Azerbaijão, Colômbia, Honduras, Índia, Israel, Jordânia, Quênia, Líbano, Reino Unido, República Unida da Tanzânia, Sri Lanka e Suécia
Crenças dos participantes	Budismo, cristianismo (anglicanos, católicos, ortodoxos), hinduísmo, islamismo e judaísmo
Técnicas pedagógicas	Arte Compartilhamento de experiências Grupos focais Jogos Visitas de campo



Oficina de educação ética

Coimbatore, Índia

2 a 5 de agosto de 2006

A Índia foi um lugar muito especial para essa oficina-piloto. O ambiente inter-religioso, a sociedade dinâmica, as questões sociais que afetam o país e o empreendedorismo de sua gente criaram um ambiente excelente para a imersão dos participantes da oficina em uma experiência de aprendizagem espiritual.

Participantes do Canadá, Índia, Jordânia, Líbano, Maldivas, Nepal e Sri Lanka embarcaram em uma jornada de autodescoberta em relação aos outros e de desenvolvimento da própria espiritualidade. Todas as manhãs, os participantes se reuniam para um momento de oração e meditação. No primeiro dia, trabalharam em grupos para **discutir** a necessidade de respeito em suas sociedades e as atitudes e comportamentos que são necessários para viver em um ambiente de diversidade.

Foram organizadas **visitas inter-religiosas** e os participantes tiveram a oportunidade de visitar uma mesquita, um templo jainista, um Gurudwara sikh, uma igreja e um templo hinduísta. Em cada visita, os participantes fizeram perguntas, experimentaram um momento de oração, música ou silêncio e identificaram diferenças e semelhanças entre diferentes religiões.

Foi organizada uma **atividade**, *Questionário – O que sei sobre outras religiões?*, na qual os participantes, reunidos em grupos, responderam a perguntas sobre os lugares religiosos que visitaram. Os participantes discutiram a necessidade de reconciliação e respeito.

Eles também registraram em seus *cadernos de aprendizagem* o que aprenderam, o que experimentaram e o que os afetou mais durante a oficina.

-> Indice

No terceiro dia foi organizada uma visita aos povoados locais. As crianças tiveram a oportunidade de conhecer projetos dirigidos por membros da comunidade, programas educativos organizados pelas ONGs locais e iniciativas realizadas por indivíduos desejosos de transformar sua comunidade. Essa **atividade baseada na experiência** permitiu aos participantes descobrir que as responsabilidades individuais e coletivas podem transformar o mundo.

A música, a dança e a poesia se combinaram em uma **noite cultural**, na qual os participantes mostraram seus talentos e compartilharam aspectos de sua cultura. No último dia, os participantes juntaram-se ao Festival da Paz de Coimbatore e, com mais de 250 crianças, **discutiram** a necessidade de valores éticos em sua sociedade e como eles podem atuar como promotores da paz. A oficina terminou com apresentações musicais e com os participantes cantando uma **canção** para a promoção da fraternidade e da paz que aprenderam durante a oficina.

Aprendizagem e impacto

Durante uma **sessão de compartilhamento** da aprendizagem no final da oficina, os participantes expressaram o quanto aprenderam e como sua percepção do mundo e de outras religiões foi colocada à prova pela interação com pessoas de outras culturas e religiões. Um dos participantes disse: *"Quando cheguei, eu sabia o que era respeitar aos outros, mas agora comecei a aprender o que isso significa na realidade e o que é necessário em termos de atitudes e ações se, como jovens hinduístas, muçulmanos e cristãos, queremos fazer coisas juntos para melhorar nossas comunidades."*

Como essa oficina contribuiu para o desenvolvimento do material?

Os métodos utilizados e o ambiente espiritual que rodeou a oficina nos ajudaram a definir uma série de elementos fundamentais que foram incluídos no conjunto de recursos didáticos:

- Envolvimento dos participantes na realidade social e nas comunidades locais por meio de visitas de campo e interação com os habitantes.
- Visitas inter-religiosas e maneiras de organizar atividades baseadas na experiência.
- Mais tempo para as atividades de silêncio, música, orações e reflexão para desenvolver a espiritualidade.
- Necessidade de descobrir a aplicação dos valores em situações reais.
- A possibilidade de aplicar o programa de ética a questões sociais relevantes.

-> Indice

Descrição da oficina	
Lugar	Ashram Shanti, Coimbatore
Número de participantes/facilitadores	65/5
Número de adolescentes (10 a 19 anos)	65
Duração	3 dias
Idioma utilizado	Inglês/intérpretes de tamil
Países de origem dos participantes	Canadá, Jordânia, Índia, Líbano, Maldivas, Nepal e Sri Lanka
Crenças dos participantes	Budismo, cristianismo, hinduísmo e islamismo
Técnicas pedagógicas	Arte Discussões Compartilhamento de experiências Visitas de campo Jogos Meditação Narração de histórias

-> Indice

Oficina de educação ética

Salamanca, Espanha

31 de agosto a 2 de setembro de 2006

A oficina realizada na Espanha reuniu adultos e adolescentes de diferentes partes do país, que representavam o cristianismo, a comunidade Bahá'í e a organização Brahma Kumaris. Foi a primeira vez que se colocou à prova o conjunto de recursos com participantes de só um país.

Os adultos e os adolescentes foram divididos em dois grupos diferentes. Ambos trabalharam com o primeiro módulo do conjunto de recursos didáticos, *Compreensão de si mesmo e dos outros*, e tiveram a oportunidade de discutir seu conteúdo e oferecer suas colaborações para melhorar o material.

No primeiro dia, os adolescentes exploraram a diversidade global por meio da atividade *Desenhar mapas* e analisaram diferentes religiões e as regiões onde são praticadas. Eles expandiram seus conhecimentos sobre como a diversidade religiosa configurou o mundo e como os países que tradicionalmente praticavam apenas uma religião vêm incorporando muitas outras.

Por meio de um **jogo**, os participantes discutiram a dignidade humana e descobriram a necessidade de respeito mútuo e compreensão.

Em um momento de compartilhamento de experiências, os participantes falaram sobre os **preconceitos** contra outras culturas e religiões e a necessidade de conhecer pessoas diferentes. **Analisaram** as causas dos problemas sociais na Espanha e como afetam a sociedade em geral. Discutiram como serem mais receptivos às pessoas excluídas ou marginalizadas.

À tarde, os adultos e os adolescentes se reuniram em um **café inter-religioso**, no qual analisaram os princípios, o comportamento e as atitudes necessários para viver em harmonia com pessoas de diferentes crenças e culturas. Posteriormente foi realizada uma **noite cultural**, na qual os adolescentes participaram de atividades e danças e contaram histórias típicas de suas religiões.

No último dia, os participantes refletiram sobre a necessidade de encontrar a paz interna e de se colocar no lugar dos outros. Por meio de uma **caminhada de meditação**, os participantes descobriram conexões com a natureza e com os outros participantes e refletiram sobre seus sentimentos e sua responsabilidade de contribuir para a solução dos problemas e de responder pacificamente às necessidades dos outros.

Aprendizagem e impacto

Os participantes católicos expressaram como foi importante para eles a oportunidade de conhecer jovens da comunidade Bahá'í e mostraram seu entusiasmo em cooperar e preparar juntos atividades para promover a compreensão mútua. Os participantes da comunidade Bahá'í se comprometeram a compartilhar o que aprenderam na oficina com outros membros de sua comunidade quando voltassem para suas casas e cidades, e também afirmaram sua vontade de realizar atividades inter-religiosas que contribuam para promover a paz e a unidade na Espanha.

Como essa oficina contribuiu para o desenvolvimento do material?

A oficina permitiu testar novas atividades e metodologias que foram incorporadas ao conjunto de recursos didáticos. Também ofereceu uma boa oportunidade para revisar o conteúdo e incorporar novas ideias. Estas foram algumas das principais contribuições obtidas:

> *Aprender a viver juntos* pode ser utilizado também com adultos. As atividades podem ser adaptadas para diferentes idades.
> É preciso abordar no material discussões sobre a atualidade e a realidade social dos adolescentes.
> Utilizar atividades baseadas na experiência ao discutir as realidades sociais para tornar a aprendizagem mais relevante.
> Ideias para utilizar o conjunto de recursos didáticos em um grupo religioso homogêneo.
> As atividades introspectivas ajudam os participantes a interiorizar a aprendizagem e a refletir sobre suas próprias experiências.

-> Indice

Descrição da oficina	
Lugar	Residência Tilanococo, Salamanca
Número de participantes/facilitadores	20/3
Número de adultos	12
Número de adolescentes (14 a 18 anos)	8
Duração	3 dias
Idioma utilizado	Espanhol
Países de origem dos participantes	Espanha
Crenças dos participantes	Comunidade Bahá'í, cristianismo (anglicanos, católicos) e membros da Organização Brahma Kumaris
Técnicas pedagógicas	Compartilhamento de experiências Grupos focais Jogos Meditação Mesas redondas

Oficina de educação sobre a ética

Kioto, Japão

Agosto de 2006

Em Kioto foi organizada uma oficina de um dia de duração para crianças de várias regiões e diferentes países da Rede Global de Religiões pelas Crianças, entre eles Gana, Israel, Japão, Jordânia, República Unida da Tanzânia e Sri Lanka. A oficina foi realizada em paralelo à 8ª Assembléia Mundial da Conferência Mundial de Religiões pela Paz (WCRP).

Seis crianças representando religiões tradicionais africanas, budismo, cristianismo, hinduísmo, islamismo e judaísmo se reuniram para aprender, de maneira interativa, sobre si próprios e sobre os outros. Por meio de metodologias introspectivas, refletiram sobre suas relações com os outros.

A oficina começou com várias atividades mediante as quais os participantes se conheceram e discutiram por que se encontravam ali e quais eram suas expectativas com relação à oficina. A sessão introdutória contribuiu para criar um espaço seguro para um posterior intercâmbio de experiências.

Foi pedido às crianças que desenhassem uma árvore representando suas raízes, suas famílias, seus interesses, aquilo que os fazia felizes ou tristes e as coisas de que mais gostavam. A atividade **Minha árvore da vida** possibilitou um momento de silêncio para a reflexão e a introspecção. Ao final do exercício, os participantes trocaram seus desenhos e exploraram suas **diferenças e semelhanças**.

Por meio da atividade **Ilhas minguantes**, as crianças descobriram a necessidade de compartilhar e ajudar as pessoas com necessidades. Discutiram como fazem parte de uma mesma natureza humana e a importância de respeitar os outros e colocar-se no lugar deles.

As crianças exploraram os conflitos e como as pessoas respondem a eles em diferentes situações. Aprenderam sobre **alternativas não violentas** e realizaram vários exercícios para descobrir diferentes maneiras de ajudar a transformar o mundo agora e no futuro.

Em um momento de **compartilhamento e de reflexão coletiva**, foi apresentada às crianças a **História de Sadako**, uma menina japonesa que morreu de leucemia devido aos efeitos do desastre nuclear de Hiroshima. Durante o último ano de sua vida, Sadako fez mais de 1.000 grous de papel com a esperança de que se cumprisse um desejo. As crianças escutaram atentamente a história e depois aprenderam a **fazer grous de papel**.

As crianças refletiram sobre como os grous de papel se transformaram em um símbolo de oração pela paz em todo o mundo. Gastaram algum tempo escrevendo sua própria oração pela paz no papel utilizado para confeccionar os grous. Isso lhes proporcionou um espaço para a reflexão e fez da elaboração dos grous um momento espiritual, no qual os participantes puderam pensar sobre a história de Sadako e os efeitos do desastre nuclear ocorrido em Hiroshima.

Aprendizagem e impacto

As crianças falaram sobre a ideia de que muitos dos problemas do mundo se devem à falta de compreensão. Reconheceram a necessidade de buscar vias pacíficas para transformar os conflitos, tanto pessoais quanto sociais. Comprometeram-se a ter mais compaixão pelos outros e a respeitar as pessoas que são diferentes delas.

Como essa oficina contribuiu para o desenvolvimento do material?

Foi a primeira vez que o material foi testado com um grupo reduzido de crianças de caráter multicultural. Foi uma oficina de curta duração que trouxe ideias muito interessantes ao programa:

> A importância de utilizar histórias reais para propiciar a reflexão.
> Flexibilidade para adaptar as metodologias à faixa etária dos participantes.
> Inclusão de metodologias que fomentem a criatividade e a sensibilidade artística dos participantes.
> Necessidade de estabelecer um espaço seguro para que as crianças falem com outras crianças da mesma idade sem interrupções ou distrações.

Descrição da oficina	
Lugar	Centro Internacional de Conferências, Kioto
Número de participantes/facilitadores	6/2
Número de crianças (9 a 13 anos)	6
Duração	1 dia
Idioma utilizado	Inglês
Países de origem dos participantes	Gana, Israel, Japão, Jordânia, República Unida da Tanzânia e Sri Lanka
Crenças dos participantes	Budismo, cristianismo, hinduísmo, islamismo, judaísmo e religiões tradicionais africanas
Técnicas pedagógicas	Arte Compartilhamento de experiências Discussões Jogos

-> Indice

Jornada Coletiva pela Paz

Dar Es Salaam, República Unida da Tanzânia

7 a 10 de dezembro de 2006

Jornada Coletiva pela Paz foi o nome da oficina realizada em Dar es Salaam, onde participantes do Quênia, República Unida da Tanzânia e Uganda se reuniram para descobrir como podem se transformar em promotores da paz e fomentar a compreensão mútua em seus países.

A oficina foi adaptada ao ambiente e à cultura regionais e vinculada às atividades locais e às questões sociais no contexto da África oriental. Representantes de diferentes religiões, que também participam do diálogo inter-religioso na região, se dirigiram aos participantes e os exortaram a acolher a diversidade e a serem abertos e compassivos com os outros.

A jornada se iniciou com uma sessão de autoconhecimento em relação aos outros. Foram realizadas atividades que enfatizaram a **identidade** dos participantes e suas **diferenças e semelhanças** com os outros. As **discussões** sobre suas diferenças fizeram com que os participantes refletissem sobre os problemas que surgem em suas sociedades devido à falta de respeito mútuo. Por meio de uma atividade de **solução de problemas**, o **Banco da ética**, os participantes identificaram problemas sociais, como a corrupção e a violência contra as crianças, e refletiram sobre como esses problemas ameaçam a natureza humana. Também discutiram métodos criativos para ajudar a transformar essas situações.

Os participantes prepararam **dramatizações** para mostrar como é possível transformar pacificamente situações difíceis. Discutiram a intimidação nas escolas, a exclusão social e a discriminação, entre outras questões, e refletiram sobre seus próprios comportamentos e atitudes. Destacaram a necessidade de mostrar empatia e, por meio de **jogos** e **simulações**, aprenderam a se colocar no lugar das pessoas de outras culturas, a questionar seus próprios preconceitos e a aprender com a riqueza da diversidade.

Os participantes tiveram a oportunidade de visitar diferentes lugares religiosos e refletir sobre suas próprias percepções e ideias. Eles indicaram que as **visitas inter-religiosas** os levaram a descobrir como a Presença Divina pode se manifestar de várias formas e ser entendida de maneiras diferentes por outras pessoas.

No último dia, os participantes aprenderam sobre a transformação de conflitos e como é necessário compreendê-los e analisá-los. A atividade **Ilhas minguantes** testou os participantes e os fez examinar como às vezes excluímos inconscientemente outras pessoas para conseguirmos o que necessitamos ou queremos. Eles refletiram sobre a importância de compartilhar com os outros e aceitá-los. Foi concedido algum tempo para que compartilhassem suas experiências e conversassem com o fundador dos Clubes de Paz da GNRC na República Unida da Tanzânia. Esse jovem participante, cuja vida foi marcada por muitas situações difíceis e problemáticas, compartilhou suas experiências e explicou como sua determinação o levou a promover os direitos da infância e iniciativas de paz entre outros jovens da República Unida da Tanzânia.

A oficina terminou com uma **sessão em torno da fogueira**, na qual os adolescentes e os adultos se reuniram em torno de uma tradicional fogueira africana, usando instrumentos de percussão como forma de comunicação e entretenimento. O ambiente criado foi uma memória da herança africana, na qual os mais velhos criavam um espaço espiritual para transmitir valores éticos importantes e atemporais e reconciliar as partes em conflito.

Aprendizagem e impacto

Os adolescentes, em sua maioria, afirmaram que haviam ampliado sua compreensão de outras culturas e religiões. Alguns se comprometeram a criar Clubes da Paz em suas escolas; desde então, os participantes estabeleceram um novo Clube da Paz em Dar es Salaam. Todos se comprometeram a compartilhar o que haviam aprendido com seus amigos e sua família e expressaram sua firme vontade de participar de atividades futuras.

Como essa oficina contribuiu para o desenvolvimento do material?

Os diversos tipos de atividades que foram realizadas na oficina ofereceram muitas contribuições ao conjunto de recursos didáticos. As seguintes ideias foram de especial ajuda:

> Proporcionar aos participantes oportunidades de interação com pessoas que possam servir como modelos de conduta e inspirá-los a realizar mudanças.

> Inclusão de atividades que fomentem o sentido de comunidade, como fogueiras e círculos de percussão.

> Inclusão de metodologias que estimulem o raciocínio crítico e criativo dos participantes.

Descrição da oficina	
Lugar	Centro Episcopal de Conferências de Tanzânia, Dar Es Salaam
Número de participantes/facilitadores	24/3
Número de adolescentes (15 a 19 anos)	24
Duração	3 dias
Idioma utilizado	Inglês
Países de origem dos participantes	Quênia, República Unida da Tanzânia e Uganda
Crenças dos participantes	Fé Bahá'í, cristianismo, hinduísmo, islamismo e budismo
Técnicas pedagógicas	Compartilhamento de experiências Dramatização Jogos Solução de problemas Visitas de campo

Oficina sobre Deslocamento e Migração

San Lorenzo, Equador

23 a 25 de janeiro de 2007

Essa oficina sobre o tema do deslocamento e migração reuniu pais e mães, jovens e crianças da Colômbia e Equador. O material foi adaptado ao tema da oficina; os participantes, de diferentes denominações cristãs e da Fé Bahá'í, discutiram os problemas éticos enfrentados pelas pessoas que vivem na volátil região fronteiriça entre Colômbia e Equador.

Todas as manhãs, antes de começarem as atividades, os participantes se juntavam em um momento de silêncio, meditação e oração pela paz em sua região. Algumas sessões foram realizadas conjuntamente com crianças e adultos, enquanto outras, que exigiam mais exploração e tempo de compartilhamento, foram realizadas separadamente.

A oficina foi iniciada com uma sessão sobre **identidade** cultural. Os participantes foram divididos em grupos e foi-lhes solicitado que desenhassem um mapa da Colômbia ou do Equador, identificando os itens, atividades, alimentos e imagens mais representativos do país. Os participantes embarcaram em uma discussão sobre as raízes de ambos os países e suas **diferenças e semelhanças**. Essa atividade contribuiu para estabelecer um ambiente de conexão e compartilhamento.

À tarde, os participantes realizaram atividades sobre a **diversidade**. Refletiram sobre questões relacionadas ao deslocamento e à migração com base em suas próprias experiências, opiniões religiosas e antecedentes étnicos e sociais. A diversidade foi afirmada como uma realidade que enriquece a todos e que é preciso apreciar e aceitar.

-> Indice

Foi organizada uma **noite cultural** e, ao ritmo da música do Equador e da Colômbia, os participantes dançaram, cantaram e narraram histórias. Foi uma oportunidade única de troca e de estabelecimento de laços de amizade entre os participantes em uma festa tipicamente latina. No dia seguinte, os participantes visitaram uma das comunidades locais perto de San Lorenzo. Isso aumentou sua conscientização sobre a situação enfrentada pelos habitantes colombianos e equatorianos. Eles tiveram uma oportunidade de interagir com a população local, discutir questões sociais com os líderes comunitários e conhecer suas iniciativas e projetos.

No último dia, os participantes mapearam os diferentes conflitos que surgem entre os colombianos e os equatorianos da região. Por meio de **estudos de casos** e **dramatizações**, analisaram as possíveis causas e consequências e conheceram **alternativas não violentas** de transformação desses conflitos. As crianças compartilharam situações violentas que enfrentam diariamente nas escolas e na comunidade. Discutiram possíveis soluções e refletiram sobre suas próprias responsabilidades.

Aprendizagem e impacto

Os efeitos do violento conflito que afeta a Colômbia estão, infelizmente, enraizados no comportamento e nas atitudes de algumas das crianças diretamente afetadas pela situação. Isso pode torná-las rancorosas e intolerantes. Durante a oficina, as crianças compartilharam suas experiências e temores e propuseram meios de mostrar maior respeito pelos outros, aceitar as diferenças e responder de maneira não violenta mesmo quando seus direitos são violados. Elas descobriram que podem fazer parte da solução e não do problema.

Como essa oficina contribuiu para o desenvolvimento do material?

Foi a primeira vez que o material foi aplicado a um tema social específico. Esse enfoque contribuiu para aumentar a flexibilidade dos recursos didáticos e explorar outras maneiras de usá-los. Estas foram as contribuições mais importantes incorporadas ao conjunto de recursos didáticos:

> Diretrizes para preparar visitas de campo.
> Como usar o material para um tema específico, como o deslocamento.
> Como usar o material para promover a cooperação inter-religiosa em torno de um tema social específico.
> Inclusão de mais metodologias que promovam a participação e a integração.
> Importância de preparar os adultos, os professores e os facilitadores para o uso do conjunto de recursos didáticos em diferentes situações.

Descrição da oficina	
Lugar	Hotel San Lorenzo, San Lorenzo
Número de participantes/facilitadores	37/4
Número de adultos	25
Número de adolescentes (14 a 18 anos)	12
Duração	3 dias
Idioma utilizado	Espanhol
Países de origem dos participantes	Colômbia e Equador
Crenças dos participantes	Fé Bahá'í e cristianismo (luteranos, menonitas, católicos, presbiterianos e evangélicos)
Técnicas pedagógicas	Arte Compartilhamento de experiências Dramatização Jogos Solução de problemas Visitas de campo

-> Indice

Oficina sobre violência juvenil

San Salvador, El Salvador

1 a 5 de novembro de 2007

Um total de 25 adolescentes de El Salvador, representando a comunidade Bahá'í, o budismo, o cristianismo, as tradições indígenas, o islamismo e o judaísmo, se reuniram com adultos representantes de organizações religiosas para desenvolverem sua espiritualidade e aprenderem a se entender melhor. Por meio da oficina, descobriram mecanismos pacíficos para transformar situações violentas e desenvolveram sua capacidade de trabalhar juntos para promover a paz em suas sociedades, apesar das diferenças.

No primeiro dia, os participantes desenharam suas **silhuetas** e exploraram quem eram e como suas experiências formam e moldam suas identidades. Compartilharam suas reflexões. Foi organizado um **jogo cooperativo** para explorarem diversas formas de trabalhar juntos em prol de objetivos comuns e refletirem sobre o caráter único de cada indivíduo. Os participantes chegaram à conclusão de que é possível trabalhar juntos quando se aprende a respeitar aos outros e a apreciar sua alteridade com a mente e o coração abertos

Depois dessa atividade, os participantes se dividiram em grupos e pediu-se que elaborassem um escudo de armas para indicar as **diferenças e semelhanças** entre os membros de cada grupo. Essa atividade os ajudou a se conhecerem melhor e a olhar além das aparências físicas. Ao final, os participantes discutiram a importância da diversidade no mundo e em sua sociedade.

As discussões sobre a realidade social e as dificuldades que enfrentam tornaram os participantes mais receptivos e dispostos a compartilhar suas experiências pessoais. Os participantes discutiram seus problemas familiares, os casos de irmãos que pertencem a *Maras* (gangues), e refletiram sobre situações violentas que os afetam.

Foram realizadas várias sessões para discutir os conflitos violentos que ocorrem em El Salvador e as **alternativas não violentas** para transformá-los. Essas sessões estimularam o raciocínio criativo e crítico dos participantes para resolverem suas diferenças com os outros e os levaram a questionar seus próprios preconceitos e estereótipos. Por meio de **estudos de casos**, **dramatizações** e **discussões**, eles mapearam os conflitos que os afetam e identificaram possíveis maneiras de transformá-los pacificamente.

Por meio de uma **jornada silenciosa**, os participantes percorreram as diferentes zonas do lugar, cada uma representada por uma cor diferente. Cada cor os fez refletir sobre suas vidas, suas relações com os outros e a natureza e as atitudes de reconciliação necessárias para trazer paz às suas sociedades. Aromas, sons e música os ajudaram no processo de introspecção e permitiram que os participantes se distanciassem da rotina complexa de suas vidas cotidianas.

As orações de diferentes tradições espirituais e os **momentos de silêncio** contribuíram para criar um ambiente propício ao desenvolvimento da espiritualidade e à descoberta da necessidade de encontrar a paz interior para poder levá-la às suas sociedades.

Aprendizagem e impacto

Foi feita uma proposta de visita a lugares religiosos como compromisso para continuar essa jornada inter-religiosa e seguir explorando diversas maneiras de trabalhar juntos em questões que afetam as crianças e os adolescentes. Os participantes sugeriram a inclusão de mais jogos e de mais tempo para orações nas próximas oficinas e os adultos sugeriram a realização de reuniões sobre educação ética destinadas aos pais e mães. Depois da oficina, os jovens participantes criaram um blog (http://www.gnrcelsalvador.blogspot.com/) para compartilhar experiências e se manterem em contato.

Como essa oficina contribuiu para o desenvolvimento do material?

Estas foram as principais contribuições incorporadas ao conjunto de recursos didáticos:

> Práticas silenciosas para promover a introspecção e motivar as crianças e adolescentes a refletirem sobre suas atitudes e relações com os outros.

> A importância de oferecer um espaço para orações como meio de compreender as crenças dos outros.

> Inclusão de metodologias de dramatização como maneira de descobrir alternativas não violentas para transformar os conflitos.

-> Indice

Descrição da oficina	
Lugar	Templo do Sol, comunidade budista, San Salvador
Número de participantes/facilitadores	43/5
Número de adultos	18
Número de adolescentes (14 a 18 anos)	25
Duração	3 dias
Idioma utilizado	Espanhol
Países de origem dos participantes	El Salvador, Guatemala e Honduras
Crenças dos participantes	Fé Bahá'í, tradições indígenas, cristianismo (católicos, evangélicos, luteranos, menonitas e presbiterianos), islamismo e judaísmo
Técnicas pedagógicas	Arte Compartilhamento de experiências Dramatização Jogos Meditação Solução de problemas

-> Indice

Oficina sobre violência juvenil

Capira, Panamá

21 a 23 de janeiro de 2008

Um total de 38 adultos e adolescentes, representantes da comunidade Bahá'í, de diferentes denominações cristãs, do movimento Hare Krishna e do judaísmo, reuniram-se durante três dias para analisar e refletir sobre o tema da violência juvenil no Panamá.

No primeiro dia foi organizada uma **fogueira** para dar as boas-vindas aos jovens participantes. Músicas, violões, címbalos, risadas, orações, poemas e cantos se combinaram para estabelecer uma atmosfera de conexão e respeito mútuo.

Os participantes discutiram a necessidade de respeitar as opiniões e as ideias dos outros por meio de uma atividade denominada **As ideias que defendo**. Eles expressaram seus diferentes pontos de vista sobre temas que os afetam e defenderam aquilo em que acreditam. Isso os levou a questionar suas opiniões e os estimulou a respeitar as opiniões dos outros, mesmo quando não concordam com elas.

Os participantes discutiram também diferentes **dilemas éticos** e refletiram sobre como tomar decisões éticas. Por meio do compartilhamento de experiências, refletiram sobre a necessidade da empatia e das atitudes respeitosas para poder tomar decisões bem fundamentadas.

Mapearam os tipos de violência que os adolescentes experimentam, infligem ou sofrem em seus próprios ambientes. Analisaram as causas, consequências e possibilidades de transformar estas situações. Indicaram que as famílias disfuncionais, os pais e mães violentos e as influências negativas são as principais causas da violência juvenil. Por meio de **dramatizações**, os participantes analisaram **alternativas não violentas** para responder a situações violentas e reduzir o nível de violência que os afeta na vida cotidiana.

Foi organizada uma **noite cultural** na qual os participantes apresentaram os costumes da Colômbia, Costa Rica, Panamá e Uruguai. Os jovens participantes cantaram e dançaram danças típicas do Panamá e aprenderam com as diferentes tradições culturais presentes.

No último dia da oficina, foi realizada uma **atividade introspectiva** para permitir que os participantes meditassem e refletissem sobre suas vidas, suas relações com os outros e suas atitudes. Os participantes compartilharam suas reflexões e, ao concluir, ressaltaram a importância de ter consciência da própria identidade e da forma como se relacionam com os outros.

Aprendizagem e impacto

Durante uma das sessões de troca de experiências, uma jovem participante relatou a história do *Cavaleiro da armadura enferrujada* para explicar os tipos de armaduras que utilizamos para nos proteger uns dos outros e que nos impedem de mostrar quem verdadeiramente somos. Ela exortou os participantes a se mostrarem sinceros com os outros e a descobrirem sua verdadeira identidade e o significado que tem a vida para eles. Foi uma boa oportunidade para que os adolescentes refletissem sobre sua própria identidade e suas interações com outras pessoas.

Os adultos pediram que fossem desenvolvidos programas de educação ética para as famílias e que os pais fossem incluídos nas discussões sobre ética com as crianças. Representantes do Ministério de Assuntos Sociais e Saúde do Panamá demonstraram interesse em cooperar com a GNRC na promoção da educação ética para prevenir a violência juvenil no Panamá.

Como essa oficina contribuiu para o desenvolvimento do material?

Essa foi a última oficina realizada para testar o conjunto de recursos didáticos. Ela ofereceu uma oportunidade única para ensaiar o material melhorado e utilizar novas atividades e técnicas. Foram incluídas as seguintes ideias no conjunto de recursos didáticos:

- A utilização da investigação apreciativa para analisar problemas e conflitos.
- A utilização de mandalas para ajudar os adolescentes a refletirem sobre suas vidas e seus objetivos.
- A utilização de dilemas morais para promover o pensamento crítico e colocar à prova os pontos de vista dos adolescentes sobre o que significa uma decisão ética.

-> Indice

Descrição da oficina	
Lugar	Hogar Javier, Capira
Número de participantes/facilitadores	38/3
Número de adultos	18
Número de adolescentes (14 a 18 anos)	20
Duração	2 dias
Idioma utilizado	Espanhol
Países de origem dos participantes	Costa Rica e Panamá
Crenças dos participantes	Fé Bahá'í, cristianismo (católicos, Igreja União Balboa e menonitas), judaísmo e movimento Hare Krishna
Técnicas pedagógicas	Compartilhamento de experiências Dramatização Investigação apreciativa Jogos Meditação Solução de problemas

-> Indice

Seção 7

Referências

Recursos

Histórias

Eco e Narciso. Pedro Calderón de la Barca. 1961.

Uma lenda hindu. Adaptação, Kuo, Louise e Kuo, Yuan-Hsi. 1976. “Chinese Folk Tales”. Celestial Arts. Pp. 83-85.

A mandioca. Benjamin Péret. Anthologie des mythes, légendes et contes populaires d’Amérique. Albin Michel. Paris, 1960.

A raposa e a cegonha, uma fabula. Félix Maria Samaniego. Lectorum Pubns. 1980.

As três penas. Jacob Grimm e Wilhelm Grimm. Todos los cuentos de los hermanos Grimm (2ª ED.). Edição de bolso, Madrid, 2000.

Um bonito conto de Paulo Coelho. Paulo Coelho.

A oração do alfabeto. Anthony de Mello. A oração da rana, Vol. I. Santander. Editorial Sal Térrea. 1988.

A criação. Marc de Civrieux, Watunna: Mitología makiritare. Monte Ávila. Caracas. 1970.

O tempo. Sodi Demetrio. La literatura de los mayas. Joaquín Mortiz. México. 1964.

Estrela de mar. Loren Eiseley. Adaptação de O Arremessador de estrelas. 1978.

O Milho. Adrián Recinos. Extraído de Popol Vuh. Las antiguas histórias de Quiché. México. Fondo de Cultura Económica. 1976.

A fábula do beija-flor. Adaptação de León Cadogan. La literatura de los guaraníes. Joaquín Mortiz. México. 1965.

A consciência. María Manuela de Cora. Extraído de Kuai-Mare. Mitos aborígenes de Venezuela. Monte Ávila. Caracas. 1972.

O templo no bosque. Anthony de Mello. A oração da rana, Vol. I. Santander. Editorial Sal Térrea. 1988.

O colibri. Adaptação de León Cadogan. La literatura de los guaraníes. Joaquín Mortiz. México. 1965.

A dama ou o tigre. Adaptação do escritor norte-americano Frank R. Stockton (1834-1902).

Poemas

Crianças. Carlos Drummond de Andrade CORPO. 1984

De todos os modos. De um cartaz no muro de Shishu Bhavan, a casa infantil de Calcutá.

Canto do fogo do povo bantu. Fivee Martínez, extraído de Rogelio (Seleção) Poesía Anónima Africana.

Augusto Cury. 2 poemas. http://clubeaugustocury.ning.com/

Da comensalidade. Paulo Coelho. http://colunas.g1.com.br/paulocoelho/2009/01/page/2/ Postado por Paulo Coelho em 21 de janeiro de 2009 às 00:27

Cada um com seu destino. Paulo Coelho. http://colunas.g1.com.br/paulocoelho/2009/05/18/cada-um-com-seu-destino/

Quem morre? Martha Medeiros. Porto Alegre. 1961.

A rosa de Hiroxima. Vinícius de Moraes. Rio de Janeiro. Editora A Noite. 1954.

Poema de Natal. Vinícius de Moraes. Poemas, sonetos e baladas. São Paulo. Gaveta. 1946.

Orações pela paz

Oração inter-religiosa pela paz. Pax Christi.

Oh Senhor, sabedoria eterna. Oração oferecida pela celebração inter-religiosa do 70º aniversário do Bispo Emérito Krister Stendahl, em 21 de abril de 1991

Oração de São Francisco de Assis. São Francisco de Assis.

Que eu seja em todo momento. Dalai Lama.

Sejam generosos. *Bahá'u' lláh.*

Paz no mundo. Lao-Tsé.

O camino à divinidade. Swami Sivananda.

A oração universal pela paz. Semana de Oração pela Paz Mundial, adaptação de um antigo cântico jainista

Concede-nos a paz verdadeira.

Oração pela paz. Surat 8, al-Anfal (O botim da guerra), verso 61. Tradução para o inglês de A. Yusuf Ali.

Os ensinamentos de Buda sobre a bondade. (Sutta Nipata, 145)

Os "Dias de Penitência" do calendário judeu são os dias próximos à festa santa de Yom Kippur, o momento para se arrepender dos pecados. Chaim Stern, (ed.) Gates of Repentance

Oração inter-religiosa pronunciada na Cúpula Mundial do Milênio para a Paz de líderes religiosos e espirituais, realizada na sede da Organização das Nações Unidas em agosto de 2000. Sant Rajinder Singh Ji Maharaj

Oração oferecida no lugar da explosão da bomba atômica em Hiroshima, Japão. Papa João Paulo II

Que haja paz. Canção da ilha de Rarotonga, Polinésia

Meu coração é capaz. Ibn Arabi, 1165-1240

Religious Life: A Commitment and Calling. Desenvolvido através de um processo inter-religioso organizado pelo Conselho Mundial das Igrejas. Genebra, Suíça. 2005.

Biblioteca de Orações em http://www.beliefnet.com

Orações pela Paz em http://www.peaceabbey.org/abbey/prayer.htm

Chaim Sterm (ed). Shaarei Teshuva: *Gates of Repentance: The New Union Prayerbook for the Days of Awe.* Conferência Central de Rabinos Americanos; 1978, 1999.

Estudos de casos

Estudo de caso 1. *A história de Ana.* Adaptado do *site* do Comitê Internacional da Cruz Vermelha na Colômbia. http://www.cicr.org/Web/Spa/sitespa0.nsf/html/colombia-press-article-050907

Dilemas morais

Dilema moral 4 – *Empresas multinacionais.* Adaptado de Arca de la Sabiduría. Laureano J. Benítez Grande-Caballero http://sapiens.ya.com/laurecaballero/dilemas_morales.htm

Dilema moral 6 – *Jornalismo sensacionalista.* Adaptado de Arca de la Sabiduría. Laureano J. Benítez Grande-Caballero http://sapiens.ya.com/laurecaballero/dilemas_morales.htm

Material de apoio para as atividades

Resumos da Convenção sobre os Direitos da Criança e da Declaração Universal dos Direitos Humanos, nas páginas 179 e 182, respectivamente, foram adaptados de *Under the UN Flag, Assemblies for citizenship in Secondary Schools*, UNICEF Reino Unido, 2005.

Convenção sobre os Direitos da Criança. Disponível em: http://www.onu-brasil.org.br/doc_crianca1.php

Declaração Universal de Direitos Humanos. Disponível em: http://www.onu-brasil.org.br/documentos_direitoshumanos.php

Estudo das Nações Unidas sobre a Violência contra as Crianças. Disponível em inglês em: http://www.violencestudy.org

Handbook for Story Tellers. Ramsey Inez, Professor Emérito da Universidade James Madison. Disponível em inglês: http://falcon.jmu.edu/~ramseyil/storyhandbook.htm

Como fazer uma fogueira. Disponível em espanhol em http://es.wikihow.com/construir-una-fogata

Doze habilidades para a transformação de conflitos. Adaptado da versão utilizada por Amada Benavides. Escolas de Paz, Colômbia.

World Schools Debating Championships. Disponível em inglês em: http://www.schoolsdebate.com/guides.asp

Para obter mais informações sobre a investigação apreciativa, consulte www2.sjsu.edu/faculty/fvarona/IAUnivESNEBurgos2001.pdf

Para obter mais informação sobre debates, visite http://idebate.org/es/

"Princípios, métodos e técnica de argumentação e debate", MCBURNEY, James Howard; HANCE, Kenneth Gondon. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, [1959]. 450 p.

Para obter mais informações e exemplos de jogos cooperativos, consulte em espanhol http://www.ctv.es/USERS/avicent/Juegos_paz/index.htm

Informações sobre mandalas. Disponíveis em: http://www.free-mandala.com/es/

Para obter mais informações sobre a técnica de aprender prestando serviços, consulte *Service Learning: Lessons, Plans and Projects. Human Rights Education Program*, Anistia Internacional e Human Rights Education Associates, HREA. Março de 2007. Visite http://www.hrea.org/index.php?doc_id=225

A História de Sadako. Disponível em inglês: www.sadako.org

Fazer um filme. Disponível em inglês em: http://www.filmyourissue.com/making/index.shtml

Safe you, Safe Me, um recurso sobre a segurança das crianças. Save the Children. Contribução para o Estudo do Secretário-Geral das Nações Unidas sobre a Violência contra as Crianças. 2006. http://www.violencestudy.org/IMG/pdf/safeyoufinal.pdf

Os esporte como metodologia para a paz e a reconciliação. Disponível em: http://www.toolkitsportdevelopment.org

Reconhecimentos e referências para as atividades

Minha árvore da vida, página 65 – Adaptada de Jag & Du, Dioceses de Lund, 2004.

Sua silhueta é a minha, página 69 – Adaptada de uma versão utilizada pela Fundação Escolas de Paz, Bogotá – Colômbia.

Alcançar as estrelas, página 77 – Adaptada de uma versão utilizada pela Fundação Escolas de Paz, Bogotá – Colômbia.

Dramatizações, página 85 – Adaptada de uma versão utilizada pelo Centro San Bartolomé de las Casas. El Salvador.

Reconhecimento prazeroso, página 105 – Adaptada de uma lição do Dhamma ensinada por um mestre tailandês.

Ilhas minguantes, página 114 – Adaptada de uma versão utilizada pelo Dr. Mustafa Ali, República Unida da Tanzânia.

Bola no ar, página 115 – Adaptada de uma versão utilizada pelo Centro San Bartolomé de las Casas. El Salvador.

Glossário

Ética: A ética (do latim ethicus e do grego clássico ethikós, «moral, relativo ao caráter») é um dos grandes ramos da filosofia. Tem como objeto de estudo a moral e a ação humana. Seu estudo remonta às origens da filosofia moral na Grécia clássica e seu desenvolvimento histórico foi diverso.

Inter-religioso: Refere-se à interação positiva e cooperativa entre pessoas de diferentes tradições religiosas. Tal interação se realiza tanto a nível institucional quanto individual e implica a tolerância e o respeito mútuo. Distingue-se do sincretismo ou religião alternativa, já que o diálogo promove a compreensão entre diferentes religiões com o fim de fortalecer o respeito ao outro, em vez de sintetizar novas crenças.

Moral: A palavra "moral", vem do termo latino "mores", cujo significado é "costumes".

A moral é o conjunto de costumes, crenças, valores e normas de uma pessoa ou grupo social determinado que serve de guia para o agir, ou seja, que orienta sobre o bem ou o mal – o certo ou o errado – de uma ação.

A moral também se identifica com os princípios éticos, orientações ou valores que uma comunidade concorda em respeitar.

Valor: Considera-se como "valor" aquelas qualidades ou características dos objetos, das ações ou das instituições atribuídas e preferidas, selecionadas ou eleitas de maneira livre e consciente que servem ao indivíduo para orientar seus comportamentos e ações na satisfação de determinadas necessidades.

Valores Pessoais

Os valores pessoais se desenvolvem a partir das experiências que as pessoas adquirem no contato com o mundo externo e podem mudar com o transcorrer do tempo. A integridade na aplicação dos valores se refere à sua continuidade; uma pessoa é íntegra se aplica seus valores apropriadamente apesar dos argumentos ou afirmações negativas por parte de outras pessoas. Os valores pessoais estão implicitamente relacionados às escolhas. Eles guiam as decisões, permitindo estabelecer comparações entre as escolhas individuais e os valores associados a cada escolha.

Os valores pessoais desenvolvidos a partir de uma tenra idade podem ser difíceis de mudar. Estes podem derivar de grupos ou sistemas particulares, como a cultura, a religião e os partidos políticos. Entretanto, os valores pessoais não são universais; estes são determinados pelos genes de cada indivíduo, a família, a nação e o ambiente histórico. Isto não quer dizer que os conceitos de valor não sejam universais por si mesmos, mas que cada indivíduo possui uma concepção única sobre eles, isto é, um conhecimento pessoal dos valores que são adequados para seus próprios genes, sentimentos e experiência.

-> Indice

Valores culturais

Os grupos, as sociedades, as religiões e as culturas têm valores que são amplamente compartilhados por seus membros. Os membros compartilham a cultura mesmo que os valores pessoais de cada membro não coincidam completamente com os valores normativos sancionados em tal cultura. Isto se reflete na habilidade individual de sintetizar e extrair aspectos que cada pessoa considera importantes das múltiplas subculturas às quais pertença.

Se um indivíduo expressa um valor que se encontra em conflito com as normas de seu grupo, a autoridade do grupo pode adotar várias medidas de estigmatização ou fazer com que o indivíduo cumpra as leis. Por exemplo: o encarceramento pode ser o resultado do desacordo com as normas sociais que foram estabelecidas como lei.

Todos os valores estão baseados em sentimentos subconscientes e em condicionamentos individuais.

Virtude: Uma virtude é uma qualidade positiva de um ser, pessoa ou coisa, expondo por meio de qualificativos as vantagens desse ser.

Acrônimos

CDC	Convenção sobre os Direitos da Criança
GNRC	Rede Global de Religiões pelas Crianças
CMI	Conselho Mundial das Igrejas
MPA	Motion Picture Association
DUDH	Declaração Universal dos Direitos Humanos
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
WCRP	Conferência Mundial de Religiões para a Paz

Lista dos membros do Conselho Inter-religioso de Educação Ética para as Crianças

Conselheiro Honorário

S.A.R. Príncipe El Hassan bin Talal
Presidente, Instituto Real de Estudos Inter-religiosos, Jordânia

Membros do Conselho

Dr. A. T. Ariyaratne
Fundador e Presidente do Movimento Sarvodaya Shramadana, Sri Lanka

Sr. Adolfo Pérez Esquivel
Presidente do Serviço Paz e Justiça, laureado com o Prêmio Nobel da Paz, Argentina

Sr. Kul Gautam
Subdiretor Executivo do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), Estados Unidos da América

Dr. Hans Kung
Presidente da Fundação Ética Mundial, Alemanha

Sra. Bibifatemeh Mousavi Nezhad
Diretora, Instituto para o Diálogo Inter-religioso, Irã

Dr. Alice Shalvi
Ex-Diretora e Presidente do Instituto Schechter de Estudos Judaicos, Israel

Sra. Didi Athavale Talwalkar
Líder do Movimento Swadhyay Parivar, Índia

Reverendíssimo Anastasios Yannoulatos
Arcebispo de Tirana, Durres e Toda Albânia, Igreja Ortodoxa Grega, Albânia

Membros do Conselho Jovem

Srta. Nour Ammari
Membro do Fisher's Youth Programme, Jordânia

Sr. Emanuel Mathias
Fundador do Movimento Jovem e do Clube da Paz para as Crianças, Tanzânia

Lista dos membros do Comitê do Conselho Inter-religioso de Educação Ética para as Crianças

S.Exa. Embaixador Hasan Abu Nimah
Diretor, Instituto Real de Estudos Inter-religiosos
Assessor do S.A.R Príncipe El Hassan bin Talal, Jordânia

Swami Agnivesh
Ex-presidente do Fundo Voluntário das Nações Unidas contra as Formas Contemporâneas de Escravidão, Índia

Sra. Charanjit AjitSingh
Inspetora Independente/ Consultora Administrativa e Educacional e Vice-presidente do Centro Inter-religioso Internacional, Oxford, Reino Unido

Sra. Farida Ali
Oficial de Programa, Departamento de Parcerias Públicas, UNICEF, Estados Unidos da América

S.Exa. o Sr. Ibrahim Al-Sheddi
Secretário-Geral da Comissão Nacional Saudita para a Educação, a Cultura e a Ciência.
Arábia Saudita

Dr. Kezevino Aram
Diretor, Movimento Shanti Ashram, Índia

Dr. Wesley Ariarajah
Professor de Teologia Ecumênica, Faculdade e Escolas de Teologia da Universidade Drew, Estados Unidos da América

Professora Alicia Cabezudo
Diretora, Cidades Educadoras, América Latina, Argentina

Sra. Meg Gardinier
Diretora Geral, Educação e Parcerias com a Comunidade, Fundo dos Estados Unidos da América para o UNICEF, Estados Unidos da América

Sr. Andrés Guerrero
Diretor de Parcerias, Departamento de Parcerias Públicas, UNICEF, Genebra, Suíça

Dr. Magnus Haavelsrud
Professor, Departamento de Educação, Universidade de Ciência da Noruega, Noruega

Dra. Heidi Hadsell
Presidente, Seminário Hartford, Estados Unidos da América

Sr. Vinod Hallan
Diretor de Projeto, Departamento de Educação e Qualificação, Reino Unido

Dr. Stuart Hart
Subdiretor, Instituto Internacional para o Desenvolvimento dos Direitos da Criança, Estados Unidos da América/Canadá

Dr. Azza Karam
Assessor Superior de Cultura, Fundo de População das Nações Unidas, Estados Unidos da América

-> Indice

Bispo Method Kilaini
Bispo Auxiliar de Dar es Salaam, República Unida da Tanzânia

Sra. Marlene Silbert
Diretora de Educação, Centro do Holocausto da Cidade do Cabo, África do Sul

Reverendo Dr. Hans Ucko
Secretário de Programa, Relações Inter-religiosas, Conselho Mundial de Igrejas, Suíça

Dra. Deborah Weissman
Ex-diretora do Instituto Kerem para a Formação de Professores em Educação Humanista Judaica, Israel

Dr. Sunil Wijesiriwardhana
Consultor (paz, cultura, meios de comunicação), Movimento Sarvodaya Shramadana, Sri Lanka

Coordenadores da GNRC

África
Dr. Mustafa Yusuf Ali
Coordenador do Escritório da GNRC, Secretaria da GNRC África

América Latina e Caribe
Sra. Mercedes Román
Departamento de Mulheres e Crianças, Escritório Maryknoll para Assuntos Globais

Ásia Central e Cáucaso
Sra. Razia Sultan Ismail Abbasi
Coordenadora Internacional e Sócia Fundadora, Coalizão de Mulheres para a Paz e o Desenvolvimento com Dignidade

Ásia Meridional
Dr. Vinya S. Ariyaratne
Diretor Executivo, Movimento Sarvodaya Shramadana de Sri Lanka

Europa
Sra. Marta Palma
Assessora em Questões da Infância junto à Secretaria Geral do Conselho Mundial de Igrejas

Israel
Sra. Dorit Shippin
Coordenadora Doumia ~ Sakinah. Centro Pluralista Espiritual, Neve-Shalom/Wahat al-Salam

Região Árabe
Reverendo Dr. Qais Sadiq
Presidente do Centro de Estudos Ecumênicos, Jordânia

ANEXOS

FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO

LOGÍSTICA

	Pontuação 1 – 5	Comentários
Lugar da reunião		
Alojamento		
Refeições		
Materiais		
Outros comentários		

CONTEÚDO

O objetivo da oficina foi claro?	
O conteúdo das sessões foi pertinente para você?	
A metodologia utilizada foi apropriada para os temas?	
Você encontrou alguma dificuldade durante as sessões? Especifique.	

APRENDIZAGEM

Qual foi o principal ensinamento da oficina?	
Você pode aplicar o que aprendeu em seu próprio contexto? (pessoal, social, profissional, institucional)	
RECOMENDAÇÕES	

MATRIZES PARA A AVALIAÇÃO DO IMPACTO

A. O que sei			
	Sim	Não	Comentários
Sei quais são minhas capacidades e habilidades			Se sua resposta for sim, como você as utiliza?
Tenho orgulho de mim mesmo, de minha família, de minha cultura e de minhas crenças			Explique
Conheço pessoas de outras culturas e crenças			Se sua resposta for sim, o que sabe deles?
Conheço as diferenças entre minha própria cultura e minhas crenças religiosas e as dos outros			Se sua resposta for sim, mencione duas diferenças com algumas das culturas e crenças religiosas de que você tenha ouvido falar
Estou a par dos problemas de violência e falta de compreensão em minha escola e meu bairro			Se sua resposta for sim, quais são?
Compreendo as causas dos principais conflitos e injustiças em minha sociedade			Se sua resposta for sim, mencione um e descreva suas causas
Conheço iniciativas em favor da paz em minha comunidade			Se sua resposta for sim, quais são?

B. Responda se as afirmações a seguir são verdadeiras ou falsas e justifique suas respostas			
Afirmação	Falso	Verdadeiro	Por quê?
É melhor ocultar minhas ideias e crenças quando a maioria das pessoas à minha volta tem pontos de vista e ideias diferentes			
Quando alguém fala comigo, além das palavras, também presto a mesma atenção à sua linguagem corporal, postura, contato visual, entonação, tom de voz, expressão facial, etc.			
É mais fácil ser amigo de alguém que compartilhe minhas próprias crenças e minha maneira de pensar			
É melhor ignorar as ideias dos outros quando são contrárias às minhas crenças e princípios			
É mais provável que uma pessoa que esteja mal vestida me agrida ou me roube algo na rua			
Antes de tomar uma decisão, devo examinar se afeta outras pessoas			
Quando estou irritado, paro para refletir e me acalmar antes de fazer qualquer coisa			

C. Pense nas seguintes situações e descreva como você agiria ou responderia a elas	
Alguém ri de suas crenças e dos costumes culturais de sua família. Como você reagiria?	
Na equipe em que você precisa trabalhar, há uma pessoa de cujas ideias você discorda e cuja forma de agir o incomoda. Como você lidaria com a situação? O que faria para que fosse possível trabalhar com essa pessoa?	
Você discutiu com um amigo que fez algo que o feriu. Você não entende por que seu amigo agiu assim. Você tentaria resolver o problema? Nesse caso, o que faria para resolvê-lo?	
Em sua escola, há um problema de discriminação na sua classe que não o afeta diretamente. Você tentaria fazer alguma coisa a respeito? Em caso afirmativo, o que faria e por quê?	
Uma pessoa de uma cultura diferente e com diferentes crenças religiosas chegou à sua escola. A maioria dos alunos fala mal dela. A pessoa age e se veste de forma diferente da maioria dos estudantes da escola. Você não se sente à vontade com essa pessoa, mas ela tenta ser sua amiga. Você sabe que se for amigo/a dela seus outros amigos podem negar sua amizade. O que faria?	
Você tomou uma decisão que afeta negativamente outras pessoas. Você não será punido se decidir não fazer nada a respeito. Você faria algo para reparar o dano causado? O que faria?	

-> Indice

Anotações

-> Indice

Anotações

-> Indice

Aprender a Viver Juntos é um programa intercultural e inter-religioso de educação ética concebido com o fim de contribuir para tornar realidade o direito da criança a um desenvolvimento físico, psíquico, espiritual, moral e social íntegro e saudável, bem como seu direito à educação, como estabelecem a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (CDC), o Artigo 26.1 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), a Declaração Mundial sobre Educação para Todos e os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM).

Aprender a Viver Juntos proporciona aos líderes e educadores de jovens em todo o mundo as ferramentas necessárias para a implementação de um programa intercultural e inter-religioso que permita às crianças e aos adolescentes o desenvolvimento de um sólido sentido de ética. Foi concebido com o fim de ajudar os jovens a compreenderem e respeitarem pessoas de outras culturas e religiões e estimular sua percepção de que pertencem a uma comunidade global. A criação deste recurso é fruto de uma estreita colaboração com a UNESCO e o UNICEF.